

Best-seller do New York Times



SERAPHINA

A GAROTA COM CORAÇÃO DE DRAGÃO

“LINDAMENTE ESCRITO. ALGUNS DOS DRAGÕES MAIS INTERESSANTES
QUE EU JÁ VI EM LIVROS DE FICÇÃO FANTÁSTICA.”

– CHRISTOPHER PAOLINI,
AUTOR DO BEST-SELLER *ERAGON*

RACHEL HARTMAN


JANGADA

DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe [X Livros](#) e seus diversos parceiros, com o objetivo de disponibilizar conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

Sobre nós:

O [X Livros](#) e seus parceiros disponibilizam conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: xlivros.com ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados neste link.

Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade enfim evoluirá a um novo nível.

RACHEL HARTMAN

SERAPHINA

A GAROTA COM CORAÇÃO DE DRAGÃO

Criação ePub:
Reliquia

Tradução:
Denise de C. Rocha Delela



Título Original: Seraphina

Copyright do Texto © 2012 Rachel Hatman.

Copyright da edição brasileira © 2013 Editora Pensamento-Cultrix Ltda.

Publicado mediante acordo com Random House Children's Books, uma divisão da Random House, Inc., New York.

Texto de acordo com as novas regras ortográficas da língua portuguesa.

1a. edição 2013.

A Editora Jangada não se responsabiliza por eventuais mudanças ocorridas nos endereços convencionais ou eletrônicos citados neste livro.

Esta é uma obra de ficção. Todos os personagens, organizações e acontecimentos retratados neste romance são também produto da imaginação do autor e são usados de modo fictício.

Design e ilustração da capa: Chris Nurse

Editor: Adilson Silva Ramachandra

Editora de texto: Denise de C. Rocha Delela

Coordenação editorial: Roseli de S. Ferraz

Preparação de originais: Maria Theresa Ornellas

Produção editorial: Indiará Faria Kayo

Assistente de produção editorial: Estela A. Minas

Revisão: Nilza Agua e Yociko Oikawa

Editoração eletrônica: Fama Editora

Criação ePub: Relíquia

**Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)**

Hatman, Rachel

Seraphina : a garota com coração de dragão / Rachel Hartman ; tradução

Denise de C. Rocha Delela. - São Paulo : Jangada, 2013.

Título original: Seraphina.

ISBN 978-85-64850-28-6

1. Ficção - Literatura infantojuvenil I. Título.

13-01707

CDD-028.5

Índices para catálogo sistemático:

1. Ficção : Literatura infantojuvenil 028.5
2. Ficção : Literatura juvenil 028.5

Jangada é um selo editorial da Pensamento-Cultrix Ltda.

Direitos de tradução para o Brasil adquiridos com exclusividade pela EDITORA PENSAMENTO-CULTRIX LTDA., que se reserva a propriedade literária desta tradução.

Rua Dr. Mário Vicente, 368 - 04270-000 - São Paulo, SP

Fone: (11) 2066-9000 - Fax: (11) 2066-9008

E-mail: atendimento@editorajangada.com.br

<http://www.editorajangada.com.br>

Foi feito depósito legal.

SUMÁRIO

PRÓLOGO

UM

DOIS

TRÊS

QUATRO

CINCO

SEIS

SETE

OITO

NOVE

DEZ

ONZE

DOZE

TREZE

QUATORZE

QUINZE

DEZESSEIS

DEZESSETE

DEZOITO

DEZENOVE

VINTE

VINTE E UM

VINTE E DOIS

VINTE E TRÊS

VINTE E QUATRO

VINTE E CINCO

VINTE E SEIS

VINTE E SETE

VINTE E OITO

VINTE E NOVE

TRINTA

TRINTA E UM

[TRINTA E DOIS](#)

[TRINTA E TRÊS](#)

[TRINTA E QUATRO](#)

[TRINTA E CINCO](#)

[TRINTA E SEIS](#)

[TRINTA E SETE](#)

[CAST](#)

[NA CASA DOS DOMBEGH](#)

[A FAMÍLIA REAL DE GOREDD](#)

[NA CORTE](#)

[NOSSOS AMIGOS DRAGÕES](#)

[NOBRES CAVALEIROS BANIDOS](#)

[NA CIDADE](#)

[NA CABEÇA DE PHINA](#)

[NAS LENDAS E NA FÉ](#)

[GLOSSÁRIO](#)

[CAPÍTULO BÔNUS](#)

[A AUDIÇÃO](#)

Em memória de Michael McMechan.
Dragão, professor, amigo.

PRÓLOGO

Eu me lembro do dia em que eu nasci.

Na Verdade, lembro-me de um período anterior a esse. Não havia luz, mas havia música: articulações rangendo, sangue bombeando, a canção de ninar em *staccato* do coração, uma rica sinfonia de indigestão. O som me envolvia, e eu me sentia segura.

Então meu mundo se rompeu e fui atirada na direção de uma claridade fria e silenciosa. Tentei preencher o vazio com gritos, mas o espaço era vasto demais. Eu me enfureci, mas não havia como Voltar.

Não me lembro de mais nada. Eu era um bebê, embora peculiar. Sangue e pânico não significavam quase nada para mim. Não me lembro da parteira horrorizada, do meu pai chorando ou do padre encomendando a alma de minha mãe.

Minha mãe me deixou uma herança complicada e difícil de carregar. Meu pai escondeu os detalhes mórbidos de todos, inclusive de mim. Ele nos levou de volta a Lavondaville, a capital de Goredd, e retomou sua prática em leis. Inventou para si mesmo uma categoria mais aceitável para a esposa morta. Eu acreditava na minha mãe assim como algumas pessoas acreditam no Céu.

Eu era uma criança enjoada; não mamava se a ama de leite não cantasse no tom certo.

— A coisinha tem ouvido para música - comentava Orma, um conhecido do meu pai, alto e ossudo, que nos visitava com muita frequência naquela época. Orma me chamava de “a coisinha”, como se eu fosse um cachorro; eu me sentia atraída pelo seu jeito quase indiferente, assim como os gatos rodeiam as pessoas que preferem evitá-los.

Ele nos acompanhou até a catedral numa manhã de primavera, onde o jovem sacerdote ungiu meus cabelos ralos com óleo de lavanda e me disse que, aos olhos do Céu, eu era uma rainha. Chorei alto como qualquer bebê que se preze, meus gritos ecoando por toda a nave da igreja. Sem se incomodar em erguer os olhos do trabalho que trouxera consigo, meu pai prometeu que iria me criar piamente no credo de Todos os Santos. O padre

deu na minha mão o saltério do meu pai e eu o deixei cair na página que continha uma mensagem para mim. Ele abriu na página da ilustração de Santa Yirtrudis, cujo rosto tinha sido escurecido.

O padre beijou a própria mão com o mindinho levantado:

— Seu saltério ainda inclui a herética!

— É um saltério muito velho - disse meu pai, sem olhar para o padre - e eu detesto mutilar um livro.

— Aconselhamos os fiéis bibliófilos a colarem as páginas de Yirtrudis para que essa falha não aconteça. - O padre folheou o livro. - O Céu certamente se referiu a Santa Capiti.

Meu pai murmurou alto e bom som alguma coisa sobre falsificações supersticiosas para o padre ouvir. Então se seguiu uma discussão feroz entre meu pai e o padre, mas não me lembro dela. Eu fitava, extasiada, uma procissão de monges atravessando a nave. Eles passaram com seus sapatos macios, uma agitação de vestes escuras e farfalhantes e de contas batendo umas contra as outras, e tomaram seus lugares no coro da catedral. Bancos estalaram e rangeram; vários monges tossiram.

E começaram a cantar.

A catedral reverberando com as vozes masculinas, pareceu se expandir diante dos meus olhos. O sol brilhou através dos vitrais altos; dourado e carmesim tingiram o chão de mármore. A música fez meu corpinho flutuar, preencheu-me e cercou-me, tornando-me maior do que eu era na verdade. Era a resposta a uma pergunta que eu nunca tinha feito, uma maneira de preencher o terrível vazio em que eu tinha caído ao nascer.

Eu acreditava - não, eu *sabia* que podia transcender a astidão e tocar o teto abobadado com a mão.

Tentei fazer isso.

Minha ama deu um grito agudo quando me contorci no seu colo e quase caí. Ela me pegou pelo tornozelo, num ângulo estranho. Olhei atordoada para o chão; ele pareceu se inclinar e girar.

Meu pai me levantou, as mãos longas ao redor do meu tronco rechonchudo, e me segurou com os braços esticados, como se tivesse descoberto um sapo gigantesco e assombroso. Fitei seus olhos cinza-mar, que tinham rugas de tristeza nos cantos.

O padre se afastou tempestuosamente sem me dar sua bênção. Orma observou-o desaparecer no interior da Casa Dourada, depois disse:

— Claude, explique isso. Ele foi embora porque Você o convenceu de que a religião dele é uma fraude? Ou estava... Como se diz? Ofendido?

Meu pai pareceu não ouvir; algo em mim tinha atraído a atenção dele.

— Olhe os olhos dela. Eu poderia jurar que ela nos entende.

— É um olhar muito lúcido para um bebê - concordou Orma, suspendendo os óculos e fixando olhar penetrante em mim. Os olhos dele eram castanho-escuros como os meus, mas, ao contrário dos meus, eram tão distantes e inescrutáveis quanto o céu noturno.

— Não tenho sido a pessoa mais adequada para esta tarefa, Seraphina - disse meu pai suavemente. - Talvez eu nunca seja a pessoa mais adequada, mas acredito que possa melhorar. Precisamos encontrar um jeito de ser uma família um para o outro.

Ele beijou minha cabeça penugenta. Nunca tinha feito isso antes. Arregalei os olhos para ele, deslumbrada. As vozes suaves dos monges nos cercavam e mantinham nós três juntos. Por um único e glorioso momento, recuperei aquele primeiro sentimento, aquele que tinha perdido ao nascer: tudo estava como tinha que ser e eu me encontrava exatamente no lugar a que pertencia.

E então o momento se foi. Passamos pelas portas da catedral com relevos em bronze, a música se desvanecendo às nossas costas. Orma afastou-se a passos largos na direção da praça sem se despedir, o manto se agitando como as asas de um enorme morcego. Meu pai me passou para a ama, enrolou-se no próprio manto e curvou os ombros para enfrentar as rajadas de vento. Eu chorei, querendo seu colo, mas ele não se voltou para mim. Acima de nós arqueava-se o céu, vazio e remotamente distante.



Falsificação supersticiosa ou não, a mensagem do saltério era clara: *A verdade não pode ser dita. Eis uma mentim aceitável.*

Não que Santa Capiti - que ela me guarde em seu coração - tenha se tornado uma pobre santa substituta. Ela foi assustadoramente apropriada, na verdade. Santa Capiti ofereceu a própria cabeça numa bandeja, como se fosse um ganso assado; ela saltava da página, desafiando-me a julgá-la. Representava a vida da mente, em total divórcio das sórdidas atividades do corpo.

Passei a gostar dessa divisão à medida que ficava mais velha e era surpreendida pelas próprias bizarrices corporais, mas, mesmo quando jovem, sentia uma simpatia visceral por Santa Capiti. Quem conseguiria amar alguém com a cabeça separada do corpo? Como ela conseguia alcançar qualquer coisa significativa neste mundo enquanto suas mãos estavam ocupadas com aquela bandeja? Será que ela tinha quem a compreendesse e a visse como amiga?

Meu pai tinha permitido que minha ama colasse as páginas da Santa Yirtrudis; a pobre senhora não conseguiu sossegar na nossa casa enquanto não fez isso. Eu nunca tinha dado nem uma espiada na herética. Se colocava a página contra a luz, conseguia perceber os contornos das duas santas, fundidas e transformadas numa santa monstruosa. Os braços abertos de Santa Yirtrudis se espalhavam pelas costas de Santa Capiti como um par de asas inúteis; a cabeça dela sombreada assomava-se onde a de Santa Capiti deveria estar. Ela era uma santa dupla na minha vida dupla.

Meu amor pela música acabou me tirando da segurança da casa de meu pai e me impelindo em direção à cidade e à corte real. Corri um risco terrível mas não conseguiria agir de outro modo. Eu realmente não entendia que carregava a solidão diante de mim numa bandeja e essa música seria a luz que, por detrás, iluminaria meu caminho.

UM

No centro da catedral havia um modelo do Céu chamado Casa Dourada. Seu telhado se abria como uma flor, para revelar uma cavidade do tamanho de um homem, na qual jazia o corpo do pobre Príncipe Rufus, coberto por uma mortalha branca e dourada. Seus pés repousavam na borda abençoada da Casa; a cabeça, aninhada entre estrelas douradas.

Pelo menos deveria ser assim. No entanto, o assassino do Príncipe Rufus o decapitara. A Guarda tinha vasculhado a floresta e os pântanos, procurando em vão pela cabeça do Príncipe, mas ele teve que ser sepultado sem ela.

Eu estava de pé nos degraus do coro da catedral, de frente para o funeral.

Do púlpito alto em forma de balcão, à minha esquerda, o bispo rezava diante da Casa Dourada, da família real e da nobreza enlutada, reunida no centro da igreja. Além de uma grade de madeira, gente do povo aglomerava-se na nave cavernosa. Tão logo o bispo concluísse a oração, eu tocaria a Invocação a Santo Eustace, que acompanhava os espíritos ao longo da Escada Celestial. Eu oscilava vertiginosamente, apavorada, como se tivesse sido convidada para tocar flauta sobre um despenhadeiro açoitado pelo vento.

Na verdade, eu não tinha sido convidada para tocar. Eu não fazia parte da programação; tinha prometido ao meu pai, quando fui embora de casa, que não iria me apresentar em público. Eu tinha ouvido a Invocação uma ou duas vezes, mas nunca antes tocado. Aquela nem sequer era minha própria flauta.

Meu solista escolhido, no entanto, tinha se sentado sobre sua flauta e entortado a palheta do instrumento; o solista substituto tinha bebido libações demais à alma do Príncipe Rufus e estava no jardim do claustro, nauseado de arrependimento. Não havia um segundo substituto. O funeral ficaria arruinado sem a Invocação. Eu era responsável pela música, por isso cabia a mim tocá-la.

A oração do bispo tornou-se menos fervorosa; ele descreveu a gloriosa

Morada Celestial, habitação de Todos os Santos, onde todos iríamos descansar um dia em eterna bemaventurança. Não mencionou exceções; não precisava. Meus olhos tremeram involuntariamente quando vi o Embaixador dragão e os benevolentes representantes de sua Embaixada, todos sentados atrás da nobreza, mas à frente da multidão de pessoas comuns. Eles estavam em suas saarantrai — suas formas humanas —, mas eram perfeitamente distinguíveis mesmo a essa distância pelos sinos de prata nos ombros, os assentos vazios ao seu redor e sua aversão ao costume de curvar a cabeça durante uma oração.

Os dragões não têm alma. Ninguém esperava religiosidade da parte deles.

— Amém! - entoou o bispo. Aquela era a minha deixa para começar a tocar, mas naquele exato momento percebi a presença de meu pai na nave abarrotada, sentado além da barreira. O rosto dele estava pálido e abatido. Eu podia ouvir na minha cabeça as palavras que ele me dissera no dia em que saí de casa para morar na corte apenas duas semanas antes: *Em nenhuma circunstância você deve chamar a atenção para si mesma. Se não pensa em sua própria segurança, pelo menos lembre-se de tudo o que eu tenho a perder!*

O bispo limpou a garganta, mas eu estava gelada por dentro e mal podia respirar.

Busquei desesperadamente algum foco melhor em que me concentrar.

Meus olhos se depararam com a família real, três gerações sentadas uma ao lado da outra diante da Casa Dourada; um quadro de dor. A Rainha Lavonda tinha deixado os cachos de cabelos grisalhos soltos sobre os ombros; os olhos azuis-claros estavam vermelhos de tanto chorar pelo filho. A Princesa Dionne sentava-se empertigada e com um olhar feroz, como se planejasse vingança contra os assassinos do irmão mais novo ou contra o próprio Rufus, por não chegar ao seu quadragésimo aniversário. A Princesa Glisselda, filha de Dionne, recostara a cabeça dourada no ombro da avó para confortá-la. O Príncipe Lucian Kiggs, primo e noivo de Glisselda, estava sentado um pouco mais afastado da família e olhava tudo sem ver. Não era filho do Príncipe Rufus, mas parecia tão chocado e pesaroso como se tivesse perdido o próprio pai.

Eles precisavam da paz celestial. Eu sabia muito pouco dos Santos, mas conhecia a tristeza e sabia que a música era o melhor bálsamo contra

ela. Esse era um conforto que eu podia oferecer. Ergui a flauta até os lábios os olhos na direção do teto abobadado, e comecei a tocar.

Comecei muito baixo, sem saber direito a melodia, mas as notas pareciam vir ao meu encontro e minha confiança aumentou. A música fluiu de mim como uma pomba liberta na vastidão da nave; a própria catedral lhe emprestava uma nova riqueza e lhe dava algo em troca, como se esse glorioso edifício também fosse meu instrumento.

Há melodias que falam de modo tão eloquente quanto as palavras, que fluem lógica e inevitavelmente de uma emoção única e pura. A Invocação é esse tipo de melodia, como se o compositor tivesse procurado destilar a mais pura essência do luto, para dizer: *Isto é que significa perder alguém.*

Repeti a Invocação duas vezes, relutante em deixá-la terminar, antecipando o final da música como outra perda palpável. Deixei a última nota soar livremente, apurei os ouvidos para o eco agonizante final e me senti murcha por dentro, exausta. Não haveria aplausos, como mandava a dignidade da ocasião, mas o silêncio era ensurdecedor. Olhei através da planície de rostos, da congregação de nobres e outros convidados ilustres, para a multidão esmagadora além da barreira, composta de gente do povo. Não vi nenhum movimento, mas os dragões se agitaram desconfortavelmente nos assentos e Orma, pressionado contra o corrimão, pendeu absurdamente a aba do chapéu para mim.

Eu estava esgotada demais para me sentir embaraçada.

Baixei a cabeça e me retirei.



Eu era a nova assistente do compositor da corte e, para conseguir o emprego, tinha derrotado outros 27 músicos, desde trovadores itinerantes até mestres consagrados. Fui uma surpresa; ninguém no conservatório prestava muita atenção em mim por eu ser protegida de Orma, um humilde professor de teoria musical, não um músico da corte. Ele tocava espineta com competência, mas era como se o instrumento tocasse por si quando ele apertava as teclas certas. Faltava-lhe paixão e musicalidade. Ninguém esperava que uma aluna de Orma em período integral fosse ascender a alguma coisa.

Meu anonimato era intencional. Meu pai tinha me proibido de

confraternizar com os outros alunos e professores; eu sabia que ele tinha razão, no entanto eu era uma pessoa solitária. Ele não me proibira expressamente de me candidatar a um emprego, mas eu sabia perfeitamente bem que ele não iria gostar. Era assim que as coisas normalmente aconteciam entre nós: ele estabelecia limites rígidos e eu concordava até não aguentar mais. Era sempre a música que me impulsionava a ir além do que ele considerava seguro. Ainda assim, eu não tinha previsto a profundidade e amplitude da sua fúria quando descobriu que eu estava saindo de casa. Eu sabia que sua ira era na verdade temor por mim, mas isso não a tornava mais fácil de suportar.

Agora eu trabalhava para Viridius, o compositor da corte, que estava com a saúde debilitada e precisava desesperadamente de um assistente. O quadragésimo aniversário do tratado entre Goredd e os dragões estava se aproximando rapidamente, e o próprio Ardmagar Comonot, o grande general dragão, chegaria à cidade para as comemorações dentro de apenas dez dias. Concertos, bailes e outros entretenimentos musicais eram da responsabilidade de Viridius. Eu estava encarregada de ajudar nos testes de audição dos artistas e organizar a programação, além de dar aulas de cravo à Princesa Glisselda, o que Viridius achava tedioso.

Isso me mantivera ocupada nas minhas primeiras duas semanas, mas a interrupção inesperada provocada pelo funeral do Príncipe tinha provocado um acúmulo de trabalho extra. A gota de Viridius o obrigara a se afastar do trabalho, de modo que toda a programação musical acabou sendo deixada em minhas mãos.

O corpo do Príncipe Rufus foi levado para a cripta, acompanhado apenas pela família real, o clero e os convidados mais importantes. O coro da catedral cantou a Partida e a multidão começou a se dissipar. Cambaleei de volta para a abside. Nunca havia me apresentado para uma plateia composta de mais de uma ou duas pessoas; não tinha previsto a ansiedade que senti antes nem o esgotamento em que fiquei depois.

Santos do Céu! Era como estar nua na frente do mundo inteiro.

Andei por ali num passo hesitante, parabenizei meus músicos e supervisionei sua retirada. Guntard, meu automeado assistente, trotou atrás de mim e bateu uma mão indesejada no meu ombro.

— Mestra! Isso foi além da beleza!

Fiz um aceno cansado com a cabeça em sinal de agradecimento,

contraindo o corpo para sair do seu alcance.

— Há um velho aqui querendo falar com a senhorita — continuou Guntard. — Apareceu durante o seu solo, mas nós o colocamos para fora. — Ele mostrou com o dedo uma capela, onde um homem idoso aguardava. A tez escura indicava que ele tinha vindo da distante Porfíria. O cabelo grisalho estava preso em tranças bem feitas; tinha o rosto franzido em um sorriso.

— Quem é ele? — perguntei.

Guntard jogou com desdém seus cachos cortados em forma de tigela.

— Ele veio com um bando de dançarinos de pipegíria e a ideia maluca de que queremos que dancem no funeral.

Os lábios de Guntard se curvaram na risadinha de escárnio, entre crítica e invejosa, que os goreddi ostentam quando falam de estrangeiros decadentes.

Eu nunca teria pensado na hipótese de incluir pipegíria na programação; nós, goreddi, não dançamos em funerais. No entanto, não poderia deixar que a zombaria de Guntard passasse em branco.

— Pipegíria é uma forma de dança antiga e respeitada em Porfíria.

Guntard bufou.

— *Pipegíria* significa literalmente “ginga dos quadris”!

Ele olhou nervosamente para os Santos em suas alcovas, notou vários deles franzindo a testa, e beijou os nós dos dedos piedosamente.

— De qualquer forma, sua trupe está no claustro, baratinando os monges.

Minha cabeça estava começando a doer. Entreguei a flauta a Guntard.

— Devolva isto ao dono. E dispense essa trupe de dançarinos educadamente, por favor.

— Já está indo embora? — perguntou Guntard. — Muitos de nós vamos para o Macaco Feliz. — Ele pôs a mão sobre meu braço esquerdo.

Eu congelei, lutando contra o impulso de empurrá-lo ou fugir. Respirei fundo para me acalmar.

— Obrigada, mas não posso — disse, tirando a mão dele de cima de mim, com a esperança de que não ficasse ofendido.

A expressão dele mostrou que tinha ficado, um pouco.

Não era culpa dele; ele achava que eu era uma pessoa normal, cujo braço podia ser tocado impunemente. Eu queria muito fazer amigos nesse

trabalho, mas uma lembrança sempre me seguia, como a noite segue o dia: eu nunca poderia baixar a guarda completamente.

Virei-me para o coro com a intenção de pegar meu manto; Guntard se afastou para cumprir minha ordem. Atrás de mim, o velho da trupe de dançarinos gritou:

— Senhorita, espere! Abdo veio de muito longe só para conhecê-la!

Mantive os olhos à frente, esquivando-me nos degraus para sair do seu ângulo de visão. Os monges tinham acabado de cantar a Partida e começado novamente, mas a nave ainda estava quase cheia; ninguém parecia querer sair. O Príncipe Rufus tinha sido uma figura popular. Eu mal o conheci, mas ele havia me tratado com gentileza e um brilho nos olhos, quando Viridius me apresentou. Tinha sido amado por metade da cidade, a julgar pelo número de cidadãos que demorava a sair, falando em voz baixa e balançando a cabeça em descrença.

Rufus tinha sido assassinado enquanto caçava, e a Guarda da Rainha não tinha encontrado nenhum indício dos responsáveis. A cabeça decepada para alguns sugeria dragões. Imaginei que os saarantrai presentes no funeral estavam muito conscientes disso. Tínhamos apenas dez dias antes de o Ardmagar chegar e quatorze dias até o aniversário do Tratado. Se um dragão tivesse assassinado o Príncipe Rufus, o momento escolhido havia sido completamente inoportuno. Os cidadãos já estavam suficientemente apreensivos com a espécie dragontina.

Comecei a descer o corredor sul, mas a porta estava bloqueada para uma reforma. Um amontoado de vigas de madeira e canos de metal tomava metade do assoalho. Continuei ao longo da nave em direção às grandes portas, mantendo-me atenta para que meu pai não me preparasse uma emboscada atrás de uma coluna.

— Obrigada! — exclamou uma dama de companhia idosa quando passei. Ela colocou as mãos sobre o coração. — Nunca fiquei tão emocionada.

Fiz uma meia reverência enquanto passava, mas o entusiasmo dela atraiu outros cortesãos ao redor. “Transcendente”, ouvi, e “Sublime!”. Agradei com a cabeça polidamente e tentei sorrir enquanto me esquivava das mãos estendidas que buscavam as minhas. Apressei o passo para me afastar da multidão, o sorriso tão rígido e oco quanto o de um saarantras. Ao passar por um grupo de cidadãos trajando túnicas brancas toscas coloquei o

capuz do manto.

— Já enterrei mais gente do que posso contar; que estejam todos no banquete do Céu — declarou um membro corpulento de uma guilda, com um chapéu de feltro branco enterrado na cabeça — mas *nunca* tinha visto a Escada

Celestial até hoje.

— Nunca ouvi ninguém tocar assim. Não foi lá muito feminino, não acha?

— Talvez seja estrangeira. — Eles riram.

Cruzei os braços firmemente em torno do corpo e acelerei o passo em direção às grandes portas, beijando a articulação e erguendo-a em direção ao Céu, porque é isso o que se faz ao sair de uma catedral, mesmo quando essa pessoa é... alguém como eu.

Irrompi na pálida luz vespertina, enchendo os pulmões com o ar frio e limpo, sentindo a tensão se dissipar. O céu invernal era de um azul ofuscante; enlutados de partida deslizavam para todos os lados como folhas espalhadas pelo vento cortante.

Só então notei o dragão esperando por mim nos degraus da catedral, exibindo sua melhor imitação de um respeitável sorriso humano. Ninguém no mundo teria achado a expressão forçada de Orma reconfortante, só eu mesma.

DOIS

Por ser um estudioso, Orma estava isento de usar o sino; por isso poucas pessoas percebiam que ele era um dragão. Ele tinha suas idiossincrasias, com certeza: nunca ria; tinha pouquíssima noção de moda, de boas maneiras ou de arte; apreciava matemática complexa e tecidos que não pinicavam. Outro saarantras o teria reconhecido pelo cheiro, mas poucos humanos tinham um olfato suficientemente apurado para detectar um saar, ou conhecimento para reconhecer o que estavam farejando. Para o resto de Goredd, ele era apenas um homem: alto, magro, barbudo e de óculos.

A barba era falsa; eu a arranquei uma vez quando era bebê. A barba não crescia nos saarantrai do sexo masculino, uma peculiaridade da transformação, assim como o sangue prateado. Orma não precisava de pelos faciais para transitar por aí; acho que apenas gostava da aparência que a barba lhe dava.

Ele acenou com o chapéu para mim, como se houvesse alguma chance de eu não vê-lo.

— Você ainda executa com rapidez excessiva os seus glissandos, mas parece ter finalmente controlado aquela vibração uvular — disse ele, dispensando qualquer saudação. Dragões nunca veem razão para elas.

— É bom vê-lo também — eu disse em seguida, para depois lamentar o sarcasmo, mesmo sabendo que ele não iria notar. — Estou feliz que tenha gostado.

Ele apertou os olhos e inclinou a cabeça para o lado, como fazia quando sabia que estava faltando algum detalhe crucial, mas não conseguia identificar o quê.

— Você acha que eu deveria ter dito “olá” primeiro — ele arriscou.

Suspirei.

— Acho que estou cansada demais para me importar com o fato de não ter atingido a perfeição técnica.

— Isso é precisamente o que eu nunca compreendo — disse ele, agitando o chapéu de feltro para mim. Ele parecia ter se esquecido de que

era para usá-lo. — Se você tivesse tocado com perfeição como um saar poderia ter tocado, não teria afetado seus ouvintes daquela maneira. As pessoas choravam, e não porque você às vezes cantarolava enquanto tocava.

— Está brincando!?! — eu disse, mortificada.

— Isso criou um efeito interessante. Na maioria das vezes era harmonioso, quartas e quintas, mas de vez em quando você estourava numa sétima dissonante. Por quê?

— Eu não sabia que estava fazendo isso!

Orma olhou para baixo abruptamente. Uma criança maltrapilha, com a túnica de luto branca pelo menos em espírito, puxou com urgência a barra do manto curto de Orma.

— Estou atraindo crianças pequenas — murmurou Orma, torcendo o chapéu nas mãos.

— Vai tocá-la daqui, não vai?

— Senhor? — chamou a menina. — Isto é para o senhor. — Ela colocou sua mãozinha dentro da dele.

Vislumbrei um brilho dourado. Que loucura era aquela, um pedinte dando uma moeda a Orma?

Orma olhou para o objeto em sua mão.

— Veio alguma mensagem com ela? — perguntou com a voz entrecortada, e eu senti um calafrio. Era uma emoção, clara como o dia. Eu nunca tinha visto nada semelhante partindo dele.

— A moeda é a mensagem — recitou a menina.

Orma levantou a cabeça e olhou em torno, varrendo com os olhos as grandes portas da catedral, a escadaria, toda a praça apinhada de gente, a Ponte da Catedral, o rio e fazendo todo o percurso de volta. Olhei também, por reflexo, sem ter noção do que estávamos procurando. O sol poente ardia sobre os telhados; uma multidão se aglomerava na ponte, o pomposo Relógio Comonot, do outro lado da praça, apontava para Dez Dias; árvores desfolhadas ao longo do rio se agitavam com a brisa. Não vi mais nada.

Voltei o olhar para Orma, que agora vasculhava o chão, como se tivesse deixado algo cair. Presumi que tivesse perdido a moeda, mas não.

— Para onde ela foi? — perguntou ele.

A menina havia desaparecido.

— O que ela deu a você? — perguntei.

Ele não respondeu, guardando cuidadosamente o objeto na frente do

gibão branco de lã, permitindo-me um vislumbre da camisa de seda por baixo.

— Tudo bem — eu disse. — Não me conte.

Ele pareceu intrigado.

— Não tenho nenhuma intenção de lhe contar.

Inspirei lentamente, tentando não ficar irritada com ele. Naquele exato momento um tumulto eclodiu na Ponte da Catedral. Olhei na direção dos gritos e o estômago se contraiu: seis tугues com penas pretas nos chapéus — Filhos de São Ogdo — formavam um semicírculo em torno de um pobre sujeito, encurralando-o num dos lados da ponte. Pessoas afluíam para o local do alvoroço, vindas de todas as direções.

— Vamos voltar lá para dentro até esse tumulto passar — eu disse, agarrando a manga de Orma quase no mesmo instante, mas tarde demais. Ele havia percebido o que estava acontecendo e descia rapidamente os degraus na direção da multidão.

O homem acuado contra as grades da ponte era um dragão. Eu tinha reparado no brilho prateado do seu sino desde o momento em que descia os degraus da catedral.

Orma abriu caminho através da multidão. Tentei ficar perto dele, mas alguém me empurrou e acabei me adiantando aos tropeços até a frente da turba, onde os Filhos de São Ogdo brandiam porretes sobre a cabeça do submisso saarantras. Eles recitavam a Maldição de São Ogdo Contra a Besta:

— Malditos os teus olhos, verme! Malditas as tuas mãos, o teu coração, os teus descendentes até o fim dos dias! Que Todos os Santos te amaldiçoem, que o Olho do Céu te amaldiçoe, que cada um dos teus pensamentos tortuosos volte-se contra ti como uma praga!

Senti pena do dragão, agora que via seu rosto. Ele era um pelenova rude, esquelético e mal arrumado, todos os ângulos estranhos e olhos desfocados. Um ovo de ganso, cinza e túrgido, distendia sua bochecha pálida.

A multidão gritava às minhas costas, um lobo pronto para roer todos os ossos sangrentos que os Filhos pudessem lhe lançar. Dois dos Filhos tinham desembainhado facas, e um terceiro havia puxado um pedaço de corrente do seu gibão de couro. Ele a atirou ameaçadoramente para trás, como uma cauda; ela retiniu contra o calçamento de pedra da ponte.

Orma se esgueirou até a linha de visão do saarantras e fez um gesto apontando seus brincos para lembrar o colega do que fazer. O pelenova não fez nenhum movimento. Orma esticou a mão até um dos seus próprios brincos e ativou-o.

Os brincos dos dragões eram dispositivos maravilhosos, que lhes permitiam ver, ouvir e falar através de grandes distâncias. Por meio deles um saarantras poderia pedir ajuda ou ser monitorado por seus superiores. Orma tinha uma vez desmontado um dos seus brincos para me mostrar; eram máquinas, mas a maioria dos humanos os julgava algo muito mais diabólico.

— Será que foi você que arrancou a cabeça do Príncipe Rufus com uma mordida, verme? — gritou um dos Filhos, um ribeirinho musculoso. Ele agarrou o braço franzino do pelenova como se fosse quebrá-lo.

O saarantras se contorceu dentro das roupas malajambradas e os Filhos recuaram como se asas, chifres e uma cauda pudessem irromper de sua pele a qualquer momento.

— O Tratado nos proíbe de morder e arrancar cabeças humanas — explicou o pelenova, a voz como uma dobradiça enferrujada. — Mas não vou fingir que me esqueci do gosto que elas têm.

Os Filhos teriam ficado felizes com qualquer pretexto para espancá-lo, mas o que ele tinha lhes oferecido era tão horripilante que ficaram paralisados por um instante.

Então, com um rugido feroz, a multidão criou vida. Os Filhos avançaram contra o pelenova e o atiraram contra a balaustrada. Antes que a multidão se fechasse em torno de mim, tirando minha visão, vi um corte na testa dele, o sangue prateado jorrando pelo lado da sua cara.

Abri caminho aos empurrões, seguindo o cabelo escuro e armado e o nariz adunco de Orma. Tudo o que seria preciso para que a multidão o atacasse também era um corte nos lábios e um vislumbre do *seu* sangue prateado. Gritei o nome de Orma, berrei-o, mas ele não podia me ouvir em meio a toda balbúrdia.

Gritos altos partiram da direção da catedral; cascos a galope ressoaram em toda a praça. A Guarda tinha chegado finalmente, as gaitas de fole rangendo. Os Filhos de São Ogdo lançaram seus chapéus no ar e desapareceram na multidão. Dois atiraram-se sobre o parapeito da ponte, mas eu só ouvi o barulho de uma pessoa caindo no rio.

Orma estava agachado ao lado do pelenova caído. Corri na direção dele, lutando contra a torrente de cidadãos em fuga. Não ousei abraçá-lo, mas meu alívio foi tão grande que me ajoelhei e peguei sua mão.

— Graças a Todos os Santos!

Orma me empurrou.

— Ajude-me a levantá-lo, Seraphina.

Passei rapidamente para o outro lado e peguei o braço do pelenova. Ele me fitou com um olhar estupidificado, a cabeça pendeu sobre o meu ombro, manchando minha capa com seu sangue prateado. Engoli minha repugnância. Erguemos o saar sobre as próprias pernas e o equilibramos de pé. Ele desdenhou a nossa ajuda e tentou ficar de pé sozinho, oscilando na brisa gelada.

O Capitão da Guarda, o Príncipe Lucian Kiggs, caminhou a passos largos na nossa direção. As pessoas abriram um corredor para que ele passasse, como as ondas diante de Santa Fionnuala. Ele ainda estava com seus trajes de funeral, uma *houppelande*⁽¹⁾ curta branca, com mangas compridas drapejadas; mas toda a tristeza dele tinha sido substituída por um aborrecimento grandioso.

Dei uma puxadinha na manga de Orma.

— Vamos.

— Não posso. A Embaixada está localizando as coordenadas do meu brinco. Preciso ficar perto do pelenova.

Eu tinha visto o Príncipe bastardo circulando pelos salões lotados da corte. Ele tinha fama de ser um investigador sagaz e obstinado; trabalhava o tempo todo e não era tão sociável quanto seu tio Rufus havia sido. Também não era tão vistoso — não usava barba, infelizmente —, mas vendo-o de perto, percebi que a inteligência em seu olhar mais do que compensava isso.

Desviei o olhar. Pelos Cães dos Santos! Havia sangue de dragão no meu ombro.

O Príncipe Lucian ignorou Orma e a mim, e dirigiu-se ao pelenova, com as sobrancelhas franzidas de preocupação.

— Você está sangrando!

O pelenova ergueu o rosto para inspecionar.

— Parece pior do que na verdade é, Sua Alteza. Essas cabeças humanas contêm uma grande quantidade de vasos sanguíneos, facilmente perfurados por...

— Sim, sim. — O Príncipe retraiu-se ao ver o corte profundo do pelenova e fez um sinal para um de seus homens, que se aproximou com um pano e um cantil com água. O pelenova abriu o cantil e começou a derramar água diretamente na cabeça. Ela escorreu pelo couro cabeludo numa cascata inútil, ensopando o gibão.

Santos do Céu! Ele ia congelar, e ali estava a nata de Goredd simplesmente deixando que ele fizesse isso. Arrebatei o pano e o cantil das mãos submissas, molhei o tecido e demonstrei como ele tinha que esponjar levemente o rosto. Ele assumiu a tarefa e eu recuei. O Príncipe Lucian acenou cordialmente em agradecimento.

— Você é evidentemente jovem, saar — disse o Príncipe. — Qual é o seu nome?

— Basind.

Parecia mais um arrotado do que um nome. Eu flagrei o inevitável olhar de nojo e pena nos olhos escuros do Príncipe.

— Como isso começou? — perguntou ele.

— Eu não sei — disse Basind. — Estava voltando para casa a pé, depois de ir ao mercado de peixe.

— Alguém tão novo como você não devia andar por aí sozinho — retrucou o Príncipe. — Certamente a Embaixada deixou isso bem claro.

Olhei para Basind, finalmente reparando em suas roupas: gibão, calções e as insígnias de mensageiro.

— Você se perdeu? — sondou o Príncipe Lucian. Basind encolheu os ombros. O Príncipe falou mais gentilmente: — Eles seguiram você?

— Eu não sei. Estava pensando na preparação do peixe. — Ele agitou um pacote empapado junto ao rosto do Príncipe. — Me cercaram.

O Príncipe Lucian fez um movimento súbito para o lado, para evitar o pacote fedendo a peixe, sem se desviar do interrogatório.

— Quantos eram?

— Duzentos e dezenove, embora eu possa ter deixado de ver algum.

O Príncipe se espantou. Ele não estava habituado a interrogar dragões, evidentemente. Decidi ajudá-lo.

— Quantos com penas negras no chapéu, saar Basind?

— Seis — disse Basind, piscando como alguém não acostumado a ter apenas duas pálpebras.

— *Você* deu uma olhada neles, Seraphina? — perguntou o Príncipe,

claramente aliviado com a minha interferência.

Concordei silenciosamente, uma leve apreensão me invadindo ao ouvir o Príncipe pronunciar meu nome. Eu não era ninguém no palácio; como ele me conhecia?

Ele continuou se dirigindo a mim:

— Vou mandar os meus rapazes trazerem aqui todos que capturarem. Você, o pelenova, e seu amigo aqui — disse, apontando para Orma — devem examiná-los e ver se podem descrever os que estiverem faltando.

O Príncipe fez um sinal para que seus homens trouxessem os prisioneiros, em seguida inclinou-se e respondeu à pergunta que eu não tinha feito.

— Minha prima Glisselda não faz outra coisa a não ser falar de você. Ela estava quase desistindo da música. Foi uma sorte que você tenha aparecido no momento certo.

— Viridius era muito duro com ela — murmurei, envergonhada.

Ele voltou os olhos escuros para Orma, que tinha se afastado e estava examinando a distância até a Embaixada saarantrai.

— Qual é o nome do seu amigo grandalhão? Ele é um dragão, não é? Este Príncipe era perspicaz demais para me deixar confortável.

— O que o faz pensar assim?

— É só um palpite. Estou certo, então?

Eu estava suando, apesar do frio.

— O nome dele é Orma. Ele é meu professor.

Lucian Kiggs examinou meu rosto.

— Muito justo. Vou querer ver seus documentos de isenção. Acabei de herdar a lista, não conheço todos os nossos estudiosos clandestinos, como o tio Rufus costumava chamá-los.

O olhos escuros dele ficaram distantes, mas ele se recompôs.

— Orma informou a Embaixada, eu suponho?

— Sim.

— Ora. Então é melhor acabarmos logo com isso antes que eu tenha que preparar a defensiva.

Um de seus homens fez os prisioneiros desfilarem na nossa frente; eles tinham capturado apenas dois. A meu ver, os que haviam pulado no rio seriam identificados muito facilmente quando chegassem molhados e tremendo de frio, mas talvez a Guarda não tivesse percebido...

— Dois pularam o peitoril, mas só ouvi um deles caindo na água — comecei.

O Príncipe Lucian entendeu imediatamente o que eu estava querendo dizer. Fazendo quatro gestos rápidos com a mão, dirigiu-se aos seus soldados de ambos os lados da ponte. Depois de uma contagem silenciosa até três, eles se esgueiraram por sob a ponte, e evidentemente um dos Filhos ainda estava lá, agarrado às vigas. Eles o desentocaram como a uma perdiz; mas, ao contrário da ave, o foragido não sabia voar nem um pouco. Caiu no rio com estardalhaço, dois membros da Guarda já saltando atrás dele.

O Príncipe lançou-me um olhar avaliador.

— Você é observadora.

— Às vezes — respondi, evitando seu olhar.

— Capitão Kiggs — entoou uma voz feminina em tom baixo atrás de mim.

— Aqui vamos nós — ele murmurou, contornando-me. Virei-me e vi uma saarantras de cabelos pretos curtos apeando do cavalo. Ela cavalgava como um homem, vestindo calças e um cafetã repartido, e um sino de prata tão grande quanto uma maçã preso ostensivamente no fecho da capa. Os três saarantrai atrás dela não desmontaram, mas mantiveram seus inquietos corcéis de prontidão; seus sinos tilintavam ao vento numa cadência desconcertantemente alegre.

— Subsecretária Eskar. — O Príncipe se aproximou dela com a mão estendida. Ela não se dignou a tomá-la, e caminhou propositalmente para Basind.

— Relatório — disse a ele.

Basind fez uma saudação à moda saar, fazendo um gesto para o céu.

— Tudo em ard. A Guarda chegou com rapidez tolerável, Subsecretária. O Capitão Kiggs veio diretamente do funeral do seu tio.

— A catedral está a dois minutos daqui a pé — disse Eskar. — O intervalo de tempo entre o seu sinal e o segundo que recebemos é de quase treze minutos. Se a Guarda estivesse aqui nesse meio-tempo, o segundo não teria sido necessário.

O Príncipe Lucian se aproximou lentamente, o rosto dele uma máscara de serenidade.

— Então isso foi algum tipo de teste?

— Foi — disse ela, indiferente. — Nós achamos a sua segurança

inadequada, Capitão Kiggs. Este é o terceiro ataque em três semanas, e o segundo em que um saar foi ferido.

— Um ataque planejado pela Embaixada não deveria contar. Você sabe que estamos numa situação atípica. As pessoas estão no limite. O General Comonot chega dentro de dez dias...

— É justamente por isso que precisam fazer um trabalho melhor — disse ela friamente.

— ...e o Príncipe Rufus acabou de ser assassinado de uma forma suspeitamente dragontina.

— Não há provas de que um dragão tenha feito isso — afirmou ela.

— Ele estava sem cabeça! — O Príncipe fez um gesto veemente em direção à própria cabeça, os dentes cerrados e os cabelos em desalinho devido ao vento que imprimia uma ferocidade furiosa à sua postura.

Eskar levantou uma sobrancelha.

— Nenhum ser humano poderia ter feito uma coisa dessas?

O Príncipe Lucian virou-se bruscamente, afastou-se dela e começou a andar em círculos, esfregando a mão no rosto. Não adiantava ficar zangado com os saarantrai; quanto mais exaltados os nossos ânimos, mais frios eles se mostravam. Eskar permaneceu irritantemente neutra.

Ocultando a irritação, o Príncipe tentou novamente.

— Eskar, por favor entenda: isso assusta as pessoas. Ainda resta muita desconfiança. Os Filhos de São Ogdo tiram proveito disso, incutem medo nas pessoas...

— Quarenta anos — interrompeu Eskar. — Nós tivemos quarenta anos de paz. Você não tinha nascido ainda quando o Tratado de Comonot foi assinado. Sua própria mãe...

— Que ela descanse na lareira do Céu — murmurei, como se fosse minha incumbência compensar as inadequações sociais dos dragões em toda parte.

O Príncipe lançou-me um olhar agradecido.

...era apenas uma semente no útero da Rainha — continuou Eskar placidamente, como se eu não tivesse falado. — Apenas os mais velhos se recordam da guerra, mas não são eles que se juntam aos Filhos de São Ogdo ou provocam motins nas ruas. Como pode haver uma profunda desconfiança em pessoas que nunca passaram pelos horrores da guerra? Meu próprio pai rendeu-se aos seus cavaleiros e à sua dracomquia

insidiosa. Todos os saarantrai lembram-se desses dias, todos nós perdemos familiares. Deixamos aquilo para trás, como era o nosso dever, para ter paz. Nós não guardamos rancor.

— O seu povo transmite emoções pelo sangue, de mãe para filho, da maneira como os dragões transmitem memórias? Você herdou seus medos? Eu não compreendo como isso persiste na população ou por que vocês não extirpam esse medo — disse Eskar.

— Nós preferimos não extirpar nossas emoções. Considere essa uma de nossas irracionalidades — explicou o Príncipe Lucian, sorrindo tristemente. — Talvez não sejamos capazes de racionalizar, como vocês, o modo como expressamos nossos sentimentos; talvez demore várias gerações até acalmarmos nossos medos. Além disso, não sou eu quem está julgando uma espécie inteira com base nas atitudes de alguns.

Eskar não se abalou.

— O Ardmagar Comonot terá o meu relatório. Resta saber se ele cancelará a sua próxima visita.

O Príncipe Lucian alargou o sorriso, como uma bandeira de rendição.

— Me pouparia muito trabalho se ele ficasse em casa. Que gentileza a sua considerar o meu bem-estar!

Eskar inclinou a cabeça, como um pássaro, e em seguida sacudiu-a em perplexidade. Depois instruiu seus guardas para que fossem buscar Basind, que se afastara até a extremidade da ponte e estava se esfregando contra as grades como um gato.

A dor fraca atrás dos meus olhos tinha se transformado num latejar persistente, como se alguém estivesse batendo na porta para o deixarem sair. Isso era ruim; minhas dores de cabeça nunca eram apenas dores de cabeça. Eu não queria ir embora sem saber o que a menina maltrapilha tinha dado a Orma, mas Eskar havia puxado Orma de lado; estavam com as cabeças juntas, conversando em voz baixa.

— Ele deve ser um excelente professor — disse o Príncipe Lucian, a voz tão próxima e repentina que eu me sobressaltei.

Fiz meia reverência em silêncio. Eu não podia conversar a respeito de Orma em detalhes com ninguém, muito menos com o Capitão da Guarda da Rainha.

— Ele tinha que ser — disse ele. — Ficamos surpresos quando Viridius escolheu uma mulher como assistente. Não que uma mulher não

pudesse cumprir a função, mas Viridius é antiquado. Você tinha que ter algo surpreendente para chamar a atenção dele.

Fiz uma reverência completa desta vez, mas ele continuou falando.

— Seu solo foi verdadeiramente comovente. Tenho certeza de que todo mundo está lhe dizendo isso, mas não havia quem não estivesse com lágrimas nos olhos na catedral.

Claro. Pelo visto, eu nunca seria confortavelmente anônima outra vez. Era o que eu ganhava por desconsiderar o conselho de meu pai.

— Obrigada — eu disse. — Com licença, Sua Alteza. Preciso consultar meu professor sobre meus, hã..., *tremolos*...

Virei as costas para ele. Era o auge da grosseria. Ele pairou atrás de mim por um momento, então se afastou. Olhei novamente. Os últimos raios do sol poente deixavam suas roupas de luto quase douradas. Ele requisitou um cavalo de um dos seus sargentos, montou com a graça de um bailarino e conduziu a corporação de volta à formação.

Eu me permiti uma pequena pontada de angústia pela inevitabilidade do seu desdém, em seguida deixei o sentimento de lado e andei na direção de Orma e Eskar.

Quando cheguei onde estavam, Orma estendeu um braço sem me tocar.

— Quero lhe apresentar Seraphina — disse ele.

A Subsecretária Eskar voltou para mim seu nariz aquilino, como se verificasse características humanas de uma lista. Dois braços: confere. Duas pernas: não confere devido à longa *houppelande*. Dois olhos castanhos bovinos: confere. Cabelos da cor de chá forte, com trança desmanchando: confere. Seios: não tão óbvios. Alta, mas dentro dos parâmetros normais. Vermelhidão de fúria ou de embaraço nas bochechas: confere.

— Hmf — grunhiu ela. — Não é nem remotamente tão medonha quanto sempre imaginei essa coisa.

Orma, abençoado seja seu coração murcho de dragão, corrigiu-a.

— Não é “coisa”. É “ela”.

— A coisa não é estéril como uma mula?

Meu rosto ficou tão quente que quase esperei que meu cabelo pegasse fogo.

— “Ela” — insistiu Orma com firmeza, como se ele próprio não tivesse cometido o mesmo erro antes. — Todos os seres humanos usam um pronome de gênero, independentemente da sua condição reprodutiva.

— Do contrário nos ofendemos — eu disse através de um sorriso frágil.

Eskar perdeu o interesse abruptamente, libertando-me do seu olhar. Seus subordinados voltavam da outra extremidade da ponte, trazendo o saar Basind montado num cavalo arisco. A Subsecretária Eskar montou o seu baio, fê-lo dar um giro e impulsionou-o para a frente sem olhar para trás, na nossa direção. Sua comitiva a seguiu.

Quando passavam, o olho vacilante de Basind se fixou em mim por um longo instante, o que me causou um forte sentimento de repulsa. Orma, Eskar e os outros podiam ter aprendido a relevar, mas havia ali um severo lembrete do que existia por baixo. Seu olhar não era humano.

Voltei-me para Orma, que olhava pensativo para o nada.

— Isso foi absolutamente humilhante — eu disse.

Ele se surpreendeu.

— Foi?

— O que você tinha na cabeça ao falar com ela sobre mim? — perguntei. — Posso não estar mais sob o jugo do meu pai, mas as velhas regras ainda se aplicam. Não podemos simplesmente sair dizendo a todo mundo...

— Ah — disse ele, levantando a mão magra para descartar meu argumento. — Não contei a ela. Eskar sempre soube. Ela costumava andar com os Censores.

Meu estômago se revirou; os Censores, uma agência dragontina responsável apenas por si mesma, que policiava os saarantrai que exibiam um comportamento não dragontino e normalmente mutilam os cérebros de dragões que consideravam emocionalmente comprometidos.

— Que maravilha! Então o que você fez para atrair a atenção dos Censores desta vez?

— Nada — ele disse rapidamente. — De qualquer maneira, ela não está mais com os Censores.

— Achei que talvez estivessem atrás de você por demonstrar uma preocupação indevida por mim — eu disse e acrescentei, mordaz: — Seria de imaginar que eu teria notado algo assim.

— Demonstro por você um interesse apropriado, dentro de parâmetros emotivos aceitáveis.

Aquilo parecia um exagero, infelizmente.

Para seu crédito, ele percebeu que o assunto me chateava. Nem todo saar se importaria com isso. Ele se remexeu sem saber, como de costume, o que fazer com a informação.

— Você virá para sua aula desta semana? — ele disse, fazendo um gesto verbal em direção ao familiar, o mais perto de um consolo que ele conseguia me dar.

Suspirei.

— Claro. E você vai poder me dizer o que a criança lhe deu.

— Você parece achar que existe algo para contar — disse ele, mas sua mão foi involuntariamente até o peito, onde ele tinha guardado o objeto dourado. Senti uma pontada de preocupação, mas sabia que não era bom insistir. Ele me diria quando resolvesse contar.

Ele não se incomodou em se despedir, como sempre fazia; virou-se sem dizer uma palavra e saiu em direção à catedral. A fachada como que ardia em chamas ao sol poente; a figura de Orma que se distanciava era um ponto preto delineado contra o sol. Fiquei observando até ele desaparecer ao virar no final do transepto norte, e então permaneci olhando o espaço onde ele havia desaparecido.

Eu quase não percebia mais a solidão, era o meu estado normal, mais por necessidade, do que por natureza. Depois das tensões do dia, porém, pesava sobre mim uma solidão maior do que a habitual. Orma sabia tudo sobre mim, mas ele era um dragão. Em um dia bom, ele bastava como amigo. Em um dia ruim, deparar-me com sua inadequação era como tropeçar numa escada. Doía, mas eu sentia como se a culpa fosse minha.

Ainda assim, ele era tudo que eu tinha. Os únicos sons eram o do rio abaixo de mim, do vento nas árvores desfolhadas e dos fracos acordes musicais, carregados rio abaixo desde as tabernas perto da escola de música. Ouvi com os braços apertados em volta do corpo e observei as estrelas começarem a aparecer piscando no céu. Sequei os olhos na manga — certamente foi o vento que os deixou lacrimejantes — e fui para casa pensando em Orma, em tudo que sentia e que não deveria dizer, e em tudo que ele tinha feito por mim e que eu nunca poderia retribuir.

TRÊS

Orma tinha salvado minha vida três vezes.

Quando eu tinha 8 anos de idade, ele contratou um dragão para ser meu tutor, uma jovem chamada Zeyd. Meu pai se opôs vigorosamente. Ele desprezava os dragões, embora fosse o especialista da Coroa sobre o Tratado e tivesse até defendido saarantrai no tribunal.

Fiquei maravilhada com as peculiaridades de Zeyd: sua figura angulosa, o incessante tilintar do seu sino, sua capacidade de resolver de cabeça equações complexas. De todos os meus professores, e eu passei por um batalhão, ela era a minha favorita, até o dia em que tentou me derrubar da torre do sino da catedral.

Ela me atraiu até a torre, sob o pretexto de me dar uma aula de física, então, rápida como um pensamento, pegou-me no colo e me segurou à distância de um braço sobre o parapeito. O vento uivou nos meus ouvidos. Olhei meu sapato cair, ricocheteando nas cabeças retorcidas das gárgulas, batendo nas pedras do calçamento da praça da catedral.

— Por que os objetos caem para baixo? Você sabe? — Zeyd me perguntou, num tom agradável como se estivesse dando essa aula numa escolinha infantil.

Eu estava apavorada demais para responder. Perdi o outro sapato e mal consegui segurar o café da manhã no estômago.

— Existem forças invisíveis que agem sobre todos nós, o tempo todo, e agem de modo previsível. Se eu fosse jogá-la desta torre — neste ponto ela me sacudiu e a cidade girou, um vórtice pronto para me devorar —, seu corpo caindo aceleraria a uma velocidade de 32 metros por segundo ao quadrado. O mesmo aconteceria com meu chapéu e com seus sapatos. Estamos todos sendo atraídos rumo ao nosso destino, exatamente da mesma maneira, exatamente pela mesma força.

Ela estava se referindo à gravidade — dragões não são bons com metáforas —, mas suas palavras repercutiram de um modo mais pessoal. Fatores invisíveis na minha vida conduziriam inevitavelmente à minha ruína. Senti que sempre soubera disso. Não havia como escapar.

Orma tinha aparecido, aparentemente do nada, e conseguira o impossível, resgatando-me sem parecer me resgatar. Só entendi anos depois que essa tinha sido uma farsa engendrada pelos Censores para testar a estabilidade emocional de Orma e seu apego a mim. Essa experiência me deixou com um profundo e inabalável terror de altura, mas, por mais absurdo que pareça, não com desconfiança dos dragões.

O fato de um dragão haver me salvado não interferiu em nada nessa minha avaliação posterior. Ninguém jamais se preocupou em me dizer que Orma era um dragão.

Quando eu tinha 11 anos, meu pai e eu passamos por uma crise. Encontrei a flauta de minha mãe escondida em um quarto no andar de cima. Meu pai tinha proibido meus tutores de me ensinar música, mas não havia afirmado explicitamente que eu não podia aprender sozinha. Eu era como os advogados, sempre reparava nas brechas. Tocava em segredo, quando meu pai estava no trabalho e minha madrasta estava na igreja, treinando um repertório pequeno de melodias folclóricas interpretadas com competência. Quando meu pai organizou uma festa na Véspera do Tratado, o aniversário da paz entre Goredd e os dragões, escondi a flauta perto da lareira, com a intenção de irromper na sala e fazer uma apresentação improvisada para todos os seus convidados.

Papai encontrou a flauta primeiro, adivinhou o que eu pretendia e me mandou direto para o meu quarto.

— O que você acha que está fazendo? — ele gritou. Eu nunca tinha visto os olhos dele com uma expressão tão selvagem.

— Estou envergonhando você para que me deixe ter aulas — eu disse, minha voz soando mais calma do que eu me sentia. — Quando todo mundo ouvir como eu toco bem, eles vão achar que você é um tolo por não deixar...

Ele me interrompeu com um movimento violento, levantando a flauta como se pudesse me atacar com ela. Eu me encolhi, mas o golpe não veio. Quando me atrevi a erguer os olhos novamente, ele bateu a flauta com força no próprio joelho.

Com um barulho pavoroso, ela rachou como um osso, ou como o meu coração. Caí de joelhos em estado de choque.

Papai deixou o instrumento rachado no chão e cambaleou para trás. Ele parecia tão chocado quanto eu, como se a flauta fosse uma parte de si

mesmo.

— Você nunca entendeu, Seraphina — ele disse. — Eu neutralizei qualquer traço de sua mãe, dei outro nome a ela, reformulei-a, dei-lhe outro passado, outra vida. Apenas duas coisas dela ainda podem nos prejudicar: o seu insuportável irmão dela — mas ele não vai fazer isso, com os meus olhos sobre ele — e a sua música.

— Ela tinha um irmão? — eu perguntei, a voz densa de lágrimas. Eu tinha tão pouco da minha mãe, e ele estava levando tudo embora.

Papai balançou a cabeça.

— Estou tentando nos manter em segurança.

A fechadura fez um clique quando ele fechou a porta atrás de si. Era desnecessário; eu não conseguiria voltar à festa da Véspera do Tratado. Eu me sentia enjoada. Encostei a testa no chão e chorei.

Adormeci no assoalho, os dedos apertados em torno do que tinha sobrado da flauta. Minha primeira impressão ao acordar foi a de que eu devia varrer embaixo da minha cama. A segunda foi a de que a casa estava estranhamente tranquila, considerando o quanto o sol já estava alto no céu. Lavei o rosto na bacia, e o choque da água fria me fez recuperar a lucidez. Claro que todo mundo estava dormindo: a noite anterior tinha sido a Véspera do Tratado, e todos tinham ficado acordados até o amanhecer, como a Rainha Lavonda e o Ardmagar Comonot 35 anos antes, assegurando o futuro dos seus povos.

Isso significava que eu não poderia deixar meu quarto até que alguém acordasse e me deixasse sair.

Minha tristeza entorpecida tinha tido a noite inteira para amadurecer e se transformar em raiva, e isso me tornou imprudente, ou o mais próximo que eu já tinha chegado disso. Agasalhei-me o melhor que pude, amarrei minha bolsa no braço, abri o caixilho da janela e desci por ela.

Segui meus pés através das vielas, sobre pontes, e ao longo dos cais gelados. Para minha surpresa, vi as pessoas andando de um lado para o outro, o tráfego na rua, lojas abertas. Trenós deslizavam, tinindo, apinhados com lenha ou feno. Servos carregavam jarros e cestas das lojas, sem ligar a mínima para a lama em seus tamancos de madeira; jovens esposas escolhiam cautelosamente onde pôr os pés ao andar entre as poças de lama. Tortas de carne competiam com castanhas assadas pela atenção dos passantes, e um comerciante de vinho quente com especiarias prometia puro

calor dentro de um copo.

Cheguei à Praça de Santa Loola, onde uma enorme multidão tinha se aglomerado ao longo de ambos os lados da rua vazia. As pessoas conversavam e observavam com expectativa, amontoadas para combater o frio.

Um velho ao meu lado murmurou para seu vizinho:

— Não acredito que a Rainha vá deixar isso acontecer. Depois de todo nosso sacrifício e da nossa luta!

— Estou surpreso que algo ainda surpreenda você — disse o companheiro mais jovem, sorrindo tristemente.

— Ela vai se arrepender deste Tratado, Maurizio.

— Trinta e cinco anos e ela ainda não se arrependeu.

— A Rainha está louca se acha que os dragões podem controlar sua sede de sangue!

— Com licença? — falei em voz alta, tímida na frente de estranhos. Maurizio pousou os olhos sobre mim, as sobrancelhas levemente levantadas.

— Estamos esperando os dragões? — perguntei.

Ele sorriu. Era bonito, de um jeito meio desleixado e sem asseio.

— Isso mesmo, pequena donzela. É a procissão dos cinco anos. — Quando o olhei, confusa, ele explicou: — A cada cinco anos a nossa nobre Rainha...

— A nossa déspota enlouquecida! — exclamou o homem mais velho.

— Paz, Karal. Nossa graciosa Rainha, como eu ia dizendo, permite que os dragões assumam sua forma natural dentro das muralhas da cidade e marchem numa procissão para comemorar o Tratado. Ela está convencida de que vê-los em toda sua monstruosidade sulfurosa em intervalos regulares vai amenizar nossos medos. O oposto parece mais provável para mim.

Metade de Lavondaville tinha afluído para a praça pelo prazer de ser aterrorizada, se assim fosse. Apenas o velho se lembrava de quando os dragões eram uma visão comum, quando uma sombra tampando o sol era suficiente para disparar o pânico pela espinha. Todos conhecíamos as histórias — como todas as aldeias tinham queimado até o chão, como as pessoas viravam pedra se ousassem olhar um dragão nos olhos, como os cavaleiros eram valentes em face de dificuldades terríveis.

Os cavaleiros haviam sido banidos anos depois de o Tratado Comonot

entrar em vigor. Sem dragões com que lutar, eles se puseram a antagonizar Ninys e Samsam, as nações vizinhas de Goredd. As três nações envolveram-se em guerras de fronteira virulentas e indignas por duas décadas, até nossa Rainha pôr um fim nisso. Todas as ordens de cavaleiros nas Terras do Sul foram desativadas — mesmo aquelas de Ninys e Samsam —, mas corriam rumores de que os antigos guerreiros viviam em enclaves secretos nas montanhas ou nos pontos mais remotos da zona rural.

Eu me peguei olhando de soslaio para o velho, Karal; com todo seu discurso sobre sacrifício, eu me perguntava se ele já tinha lutado com dragões. Ele teria a idade certa.

A multidão arfou em uníssono. Um monstro com chifres estava dobrando a esquina do quarteirão das lojas, com as costas arqueadas tão altas quanto as janelas do segundo andar, as asas dobradas com discrição para não derrubar as chaminés próximas. Seu elegante pescoço se curvava para baixo, como um cão submisso, uma postura assumida para não parecer ameaçadora.

Pelo menos, eu o achei bastante inócuo, com os espinhos da cabeça abaixados. Outras pessoas pareciam não entender sua linguagem corporal; ao meu redor apenas cidadãos horrorizados agarrando-se uns aos outros, fazendo o sinal de São Ogdo e murmurando em suas mãos. Uma mulher ali perto começou a gritar histericamente:

— Que dentes terríveis! — até ser empurrada para longe pelo marido.

Eu os vi desaparecer na multidão, desejando ter podido tranquilizá-la: era bom ver os dentes de um dragão. Um dragão de boca fechada muito provavelmente está preparando uma chama. Isso parecia completamente óbvio.

E aquilo me fez parar para pensar. Em toda a minha volta, a visão daqueles dentes fazia os cidadãos ofegarem de terror. O que era óbvio para mim era aparentemente incompreensível para todos os outros.

Havia doze dragões ao todo; a Princesa Dionne e sua jovem filha, Glisselda, fechavam o cortejo num trenó. Sob o céu branco de inverno os dragões pareciam enferrujados, uma cor bem decepcionante para uma espécie tão fabulosa, mas logo percebi que suas nuances eram sutis. O ângulo certo da luz do sol provocava um brilho iridescente em suas escamas; elas brilhavam com ricos submatizes, que iam do roxo ao dourado.

Karal trazia na mão um cantil de chá quente, que dividia com mesquinhez com Maurizio.

— Tem que durar até a noite — grunhiu Karal, chupando o nariz. — Se temos de celebrar o Tratado de Comonot, seria de esperar que o Ard Fanfarrão Comonot desse as caras. Ele despreza a ideia de vir para o sul ou assumir a forma humana.

— Ouvi dizer que ele o teme, senhor — disse Maurizio, suavemente. — Acho que isso faz sentido.

Não sei direito como em seguida tudo ficou terrível. O velho cavaleiro — senti que o “senhor” o fortaleceu — proferiu insultos:

— Vermes! Falastrões! Feras do Inferno!

Um grupo de cidadãos em torno de nós se juntou a ele e começou a atirar bolas de neve.

Um dragão que estava perto do centro ficou assustado. Talvez a multidão tenha começado a se aproximar demais ou uma bola de neve o tenha acertado. Ele levantou a cabeça e o corpo na altura máxima; era tão alto quanto a hospedaria de três andares do outro lado da praça. Os espectadores mais próximos entraram em pânico e saíram correndo.

Não havia para onde correr. Eles estavam cercados por centenas de companheiros goreddi meio congelados. Colisões se seguiram. As colisões provocaram gritos. Os gritos fizeram com que mais dragões levantassem a cabeça assustados.

O dragão que liderava gritou, um grito bestial de gelar o sangue. Para minha surpresa, eu o entendi:

— Cabeças para baixo!

Um dos dragões abriu as asas. A multidão vacilou e agitou-se como um mar tempestuoso.

O líder deles gritou novamente:

— Fikri, asas dobradas! Se você as abrir, vai estar violando a seção sete, artigo cinco, e logo, logo o seu rabo vai estar diante de um tribunal...

Para a multidão, no entanto, a exortação do dragão se assemelhava a gritos selvagens, e seus corações foram tomados de terror. As pessoas correram para as ruas laterais.

O rebanho trovejante levou-me com ele. Um cotovelo bateu na minha mandíbula; um chute no joelho me derrubou. Alguém pisou na minha panturrilha; alguém mais tropeçou na minha cabeça. Eu vi estrelas, e o som

da gritaria se desvaneceu.

Então, de repente havia ar novamente, e espaço.

E uma respiração quente no meu pescoço. Abri os olhos.

Um dragão estava parado quase em cima de mim, suas pernas como quatro pilares de um santuário. Quase desmaiei novamente, mas seu hálito sulfuroso sacudiu-me, devolvendo-me a consciência. Ele me cutucou com o nariz e fez um gesto em direção a um beco.

— Vou acompanhá-la até lá — disse ele, com o mesmo tom horrível do outro dragão.

Levantei-me, apoiando uma mão trêmula em sua perna para me equilibrar; era áspera e imóvel como uma árvore, e surpreendentemente quente. A neve embaixo dele estava derretendo e formando lama.

— Obrigada, saar — eu disse.

— Você entendeu o que eu falei, ou está respondendo à minha suposta intenção?

Congelei. Eu entendera, mas como? Nunca tinha estudado mootya; poucas pessoas tinham. Parecia mais seguro não responder, então comecei a seguir na direção do beco sem dizer uma palavra. Ele andou atrás de mim, as pessoas saindo às pressas do nosso caminho.

O beco não levava a lugar nenhum e estava cheio de barris, por isso as multidões não estavam afluindo freneticamente por ele. Mesmo assim, ele se plantou na entrada. A Guarda da Rainha chegou, trotando em formação através da praça, acenando plumas e soprando alto as gaitas de foles. A maioria dos dragões havia se organizado em um círculo em torno da carruagem da Princesa Dionne, protegendo-a do populacho; trocaram este dever com a Guarda. Os remanescentes da multidão aplaudiram, e a confiança, se não a ordem, foi restaurada.

Fiz uma reverência agradecendo, esperando que o dragão partisse. Ele abaixou a cabeça no meu nível.

— Seraphina — guinchou.

Olhei-o, chocada ao ver que ele sabia o meu nome. Ele olhou de volta, a fumaça exalando das suas narinas, os olhos negros e estranhos.

E ainda assim não tão estranhos. Havia uma familiaridade da qual eu não conseguia me lembrar. Minha visão oscilou, como se eu estivesse olhando para ele através da água.

— Nada? — exclamou o saar. — Ela estava tão certa de que seria

capaz de lhe deixar pelo menos uma lembrança!

O mundo escureceu em torno das bordas; os gritos se transformaram num silvo. Tombei de cara na neve.

Estou deitada na cama, enormemente grávida. Os lençóis estão pegajosos; tremo e vacilo com náuseas. Orma está do outro lado da sala sob um raio de sol, olhando pela janela para o vazio. Ele não está escutando. Eu me contorço com impaciência; não me sobra muito tempo.

— *Quero que essa criança o conheça — eu digo.*

— *Não estou interessado em sua prole — diz ele, examinando as unhas. — Nem farei contato com seu infeliz marido após a sua morte.*

Eu choro, incapaz de me controlar, mas sinto vergonha por ele ver que o meu autocontrole se foi. Ele engole, sua boca se franzindo como se provasse bile. Sou monstruosa aos seus olhos, eu sei, mas eu o amo. Essa pode ser nossa última chance de conversar.

— *Estou deixando algumas memórias no bebê — eu digo.*

Orma finalmente olha para mim, seus olhos escuros distantes.

— *Você pode fazer isso?*

Não sei ao certo, e não tenho energia para discutir o assunto. Eu me viro debaixo dos lençóis para aliviar uma dor aguda na pélvis.

— *Pretendo deixar no meu filho uma pérola mental — eu digo.*

Orma coça o pescoço magro.

— *A pérola conterà memórias de mim, eu presumo. É por isso que você está me dizendo isso. O que ela libera?*

— *A visão de como você realmente é — eu digo, um pouco ofegante, porque a dor está aumentando.*

Ele emite um ronco relinchado.

— *Em que possíveis circunstâncias a criança poderia me ver no meu estado natural?*

— *Você decide, depois que estiver pronto para admitir que você é o tio.*

Inspiro com força quando sinto uma cólica feroz apertando meu abdômen. Quase não há mais tempo para fazer a pérola mental. Nem tenho certeza de que terei condições de me concentrar o necessário. Falo com Orma da maneira mais calma possível:

— *Chame Claude. Agora. Por favor.*

Perdoe-me, criança, por incluir toda esta dor. Não há tempo para

separar você dela.

Meus olhos se abrem, a dor fazendo minha cabeça arder. Eu estava nos braços de Maurizio, sendo embalada como um bebê. O velho Karal, a poucos passos de distância, estava dançando uma jiga estranha na neve. O cavaleiro tinha encontrado uma lança, que brandia em direção ao dragão, afastando-o. Ele retirou-se, atravessando a praça, para se juntar aos seus irmãos.

Não, ele não era um dragão qualquer. Esse era Orma, meu...

Eu não podia sequer pensar nisso.

O rosto preocupado de Maurizio flutuava para dentro e para fora do meu campo de visão. Consegui dizer:

— Casa de Dombegh, perto de Santa Fionnuala — consegui dizer antes de desmaiar novamente. Só recobrei os sentidos quando Maurizio me transferia para os braços do meu pai. Papai me ajudou a chegar ao andar de cima e eu desmoronei na cama.

Enquanto lutava para sair da inconsciência, ouvi meu pai gritando com alguém. Quando acordei, Orma estava na minha cabeceira, conversando como se acreditasse que eu já estava acordada:

— ...uma memória materna encapsulada. Não sei exatamente o que ela revelou, só que pretendia que você soubesse a verdade sobre mim, e sobre si mesma.

Ele era um dragão e irmão da minha mãe. Eu ainda não tinha ousado deduzir as implicações disso no que dizia respeito à minha mãe, mas ele forçou a conclusão sobre mim. Debrucei-me na beira da cama e vomitei. Ele roeu uma unha, olhando para a sujeira no chão como se ela pudesse lhe dizer o quanto eu sabia.

— Eu não esperava que você fosse assistir ao desfile. Não queria que você descobrisse isso agora... ou nunca. Seu pai e eu estávamos de acordo sobre isso — disse ele. — Mas eu não poderia deixar você ser pisoteada pela multidão. Não sei por quê.

Foi tudo o que ouvi de suas explicações, porque uma visão se apoderou de mim.

Não era outra das memórias da minha mãe. Eu continuava sendo eu mesma, embora fora do corpo, olhando para baixo, por sobre uma cidade portuária alegre, aninhada num vale entre as montanhas costeiras. Eu não a

vi simplesmente: senti o cheiro de peixe e das especiarias do mercado, senti o hálito salgado do oceano no meu rosto incorpóreo. Subi através do céu azul puro como uma cotovia, circulei sobre cúpulas e torres brancas, e deslizei acima de estaleiros movimentados. O jardim de um templo exuberante, cheio de fontes gorgolejantes e limoeiros em flor, me instigou a entrar. Havia algo ali que eu precisava ver.

Não algo, *alguém*. Um menininho, talvez com uns 6 anos, pendurado de cabeça para baixo como um morcego numa figueira delgada. Sua pele era tão marrom quanto um campo arado, seu cabelo como uma nuvem escura e fofa, os olhos vivos e brilhantes. Ele chupava uma laranja, gomo por gomo, parecendo muito satisfeito consigo mesmo. Seu olhar era inteligente, mas olhava através de mim como se eu fosse invisível.

Voltei a mim mesma só por tempo suficiente para recuperar o fôlego, antes que duas visões me arrebatassem numa breve sucessão. Vi um robusto montanhês samsamese tocando gaita de foles no telhado de uma igreja, em seguida uma senhora nervosa de óculos grossos, gritando com a cozinheira por colocar coentro demais na carne ensopada. Cada nova visão agravava minha dor de cabeça; meu estômago revirado não tinha mais nada para pôr para fora.

Fiquei de cama durante uma semana; as visões vinham tão espessas e rápidas que, se eu tentava me levantar, desabava sob o seu peso. Vi criaturas grotescas e deformadas: homens com barbilhões e garras, mulheres com resquícios de asas e uma grande besta semelhante a uma lesma, chapinhando na lama de um pântano. Gritei até ficar rouca diante da visão dessas criaturas, debatendo-me nos lençóis molhados de suor e aterrorizando minha madrasta.

Meu antebraço esquerdo e minha barriga coçavam, queimavam e começaram a se encher de feridas purulentas cobertas de crostas. Eu as coçava com selvageria, o que só as tornava piores.

Eu estava febril; não conseguia manter a comida no estômago. Orma permaneceu ao meu lado o tempo todo, e eu tinha a ilusão de que por trás de sua pele — por trás da pele de todo mundo — havia uma coisa oca, um vazio negro como tinta. Ele levantou minha manga para olhar meu braço, e eu gritei, achando que iria descascar a minha pele e ver o vazio embaixo dela.

Lá pelo final da semana, a sarna purulenta na minha pele tinha

melhorado e começado a descascar, revelando uma faixa de escamas pálidas e arredondadas, ainda flexíveis como um filhote de cobra, desde o pulso até o cotovelo. Uma faixa mais larga rodeava a minha cintura, como uma cinta. Ao vê-las, eu soluçava até ficar com ânsia de vômito. Orma sentava-se muito quieto ao lado da cama, os olhos escuros sem piscar, absorto em seus inescrutáveis pensamentos de dragão.

— O que vou fazer com você, Seraphina? — perguntou meu pai. Ele se sentou atrás da escrivaninha, revirando nervosamente seus documentos. Sentei-me na frente dele num banquinho sem encosto; era o primeiro dia em que eu me sentira bem o suficiente para deixar o quarto. Orma ocupava a cadeira de carvalho esculpido em frente à janela, a luz cinzenta da manhã formando um halo em torno de seu cabelo desgrenhado. Anne-Marie tinha nos trazido chá e sumido, mas eu tinha sido a única a tomar um gole. Ele esfriou na minha xícara.

— O que você pretendia fazer comigo? — perguntei com um pouco de amargura, esfregando a borda da xícara com o polegar. Meu pai encolheu os ombros estreitos, um olhar distante em seus olhos acinzentados.

— Eu tinha esperança de casá-la antes que essas horríveis manifestações aparecessem em seu braço e na sua... — Ele apontou para o meu corpo, de cima a baixo.

Tentei me encolher um pouco mais. Eu me sentia repugnante aos olhos da minha própria alma, se ainda tivesse alma. Minha mãe era um dragão. Nada mais estava certo.

— Entendo por que você não queria que eu soubesse — murmurei com a boca na xícara de chá, a voz áspera de vergonha. — Antes disso... deste surto, eu poderia não ter sentido a necessidade de manter sigilo; poderia ter desabafado com uma das empregadas, ou... — Eu nunca tinha tido muitos amigos. — Acredite, eu vejo a razão agora.

— Ah, você vê, não é? — disse meu pai, o olhar penetrante arregalado. — Seu conhecimento do Tratado e da lei não a teria mantido em silêncio, mas ficar feia torna tudo claro para você?

— A época de analisar o Tratado e a lei era antes de você se casar com ela — eu disse.

— Eu não sabia! — ele gritou. Balançou a cabeça e disse num tom mais suave: — Ela nunca me disse. Morreu ao dar à luz você, encharcando a cama toda com sangue prateado, e fui atirado no fundo do poço, sem nem

mesmo ter a mulher que eu mais amava para me ajudar.

Meu pai passou a mão pelos cabelos ralos.

— Eu poderia ser exilado ou executado, dependendo do humor da Rainha, mas pode nem depender dela, em última instância. Poucos casos de coabitação com dragões chegaram a julgamento; o acusado geralmente foi linchado pela multidão, queimado vivo em sua casa ou simplesmente desapareceu antes que se chegasse a isso.

Minha garganta estava seca demais para falar; tomei um gole de chá frio. Estava amargo.

— O que... o que acontece com os filhos?

— Não há registro de nenhum filho — disse meu pai. — Mas não imagine nem por um instante que os cidadãos não saberiam o que fazer com você, se descobrissem. Eles só precisam consultar as escrituras para isso!

Orma, que até o momento ficara olhando para o nada, voltou a prestar atenção em nós.

— Se não me falha a memória, São Ogdo tinha algumas recomendações específicas — disse ele, puxando a barba. — Se quaisquer vermes deflorarem suas mulheres, produzindo abominações deformadas, miscigenadas, não permita que vivam esses descendentes medonhos. Rache o crânio do bebê com um machado três vezes abençoado, antes que suas fontanelas endureçam e fiquem semelhantes ao aço. Corte seus membros escamosos e queime-os em fogueiras separadas, para que não retornem à noite, rastejando como vermes, para matar pessoas de bem. Rasgue a barriga da criança monstruosa, urine sobre suas entranhas e incendeieas. Mestiços nascem prenhes: se você enterrar o abdômen intacto, mais vinte brotarão da terra...

— Chega, saar! — gritou meu pai. Seus olhos, da cor de água tormentosa, fixaram-se no meu rosto. Olhei-o com horror, com a boca bem apertada para não chorar. Será que ele fugia da religião porque os Santos exaltavam o assassinato da sua filha? Será que os goreddi ainda odiavam os dragões, depois de 35 anos de paz, porque o Céu assim exigia?

Orma não tinha, em absoluto, registrado minha angústia.

— Eu me pergunto se Ogdo e aqueles que expressam semelhante repulsa — São Vitt, São Munn e muitos outros — tiveram experiências com mestiços. Não porque Seraphina se assemelhe à descrição, obviamente, mas porque eles reconhecem a possibilidade. Não há nenhum caso registrado de

cruzamento na grande biblioteca do Tanamoot, o que é surpreendente por si só. Seria de imaginar que, em quase um milênio, alguém teria tentado isso de propósito.

— Não — disse meu pai —, eu não acho. Só um dragão amoral pensaria assim.

— Exatamente — disse Orma, sem se ofender. — Um dragão amoral pensaria, experimentaria...

— O quê, pela força? — A boca de papai se enrugou como se a ideia trouxesse bile à sua garganta.

A implicação não incomodou Orma.

—... E registraria os resultados da experiência. Talvez não sejamos tão amorais quanto espécie como comumente se supõe nas Terras do Sul.

Eu não podia mais conter as lágrimas. Sentia-me zozna, vazia; uma corrente de ar frio sob a porta me fez balançar, instável. Tudo tinha sido arrancado de mim: minha mãe humana, minha própria humanidade e qualquer esperança que eu tivesse de deixar a casa de meu pai.

Vi o vazio abaixo da superfície do mundo, que ameaçava me puxar para baixo.

Nem Orma pôde deixar de notar minha angústia. Ele inclinou a cabeça, perplexo.

— Deixe que eu cuide da educação dela, Claude — disse ele, inclinando-se para trás e recolhendo com um dedo a condensação das vidraças em forma de losangos da janelinha. Ele a provou.

—Você?! — zombou o meu pai. — E o que vai fazer com ela? Seraphina não consegue passar duas horas sem essas visões infernais causando-lhe convulsões.

— Poderíamos trabalhar nisso, para começar. Nós, saar, temos técnicas para domar um cérebro rebelde. — Orma bateu na própria testa e, em seguida, bateu de novo, como se a sensação o intrigasse.

Por que nunca me dei conta do quanto ele era peculiar?

— Você vai lhe ensinar música! — disse meu pai, a voz bonita uma oitava acima. Eu podia ver a luta sob a superfície do seu rosto com tanta clareza como se sua pele fosse de vidro. Ele nunca meramente me protegera, ele protegera seu coração partido.

— Papai, por favor. — Estendi as mãos abertas como se suplicasse diante dos Santos. — Não tenho mais nada.

Meu pai murchou na cadeira, piscando para conter as lágrimas.

— Não me deixe ouvi-la.

Dois dias depois, uma espineta foi entregue em nossa casa. Meu pai os instruiu a montá-la num depósito na parte de trás da casa, bem longe da sua sala de estudo. Não havia espaço para o banco; acabei me sentando num tronco. Orma também tinha enviado um livro de fantasias da autoria de um compositor chamado Viridius. Eu nunca tinha visto notas musicais antes, mas elas se tornaram instantaneamente conhecidas para mim, como a fala dos dragões anteriormente. Sentei-me até que a luz na janela começou a desvanecer, lendo aquela música como se fosse literatura.

Eu não sabia nada de espinetas, mas presumi que fosse preciso abrir a tampa.

O interior da minha era pintado com uma cena bucólica: gatinhos brincando num pátio, camponeses juntando feno nos campos atrás deles. Um dos gatinhos, que atacava agressivamente um novelo de lã azul, tinha um olho vítreo peculiar. Olhei para ele na penumbra e, então, bati nele com o dedo.

— Ah, você está aí — crepitou uma voz profunda. Parecia vir, incongruente, da garganta do gatinho pintado.

— Orma? — Como ele estava falando comigo? Seria esse algum dispositivo dragontino?

— Se você estiver pronta — disse ele — vamos começar. Há muito a fazer.

E foi assim que ele salvou a minha vida pela terceira vez.

QUATRO

Nos cinco anos seguintes, Orma foi meu professor e meu único amigo.

Para alguém que nunca tivera a intenção de se declarar meu tio, Orma assumiu suas funções avunculares com seriedade. Ele me ensinou não apenas música, mas tudo o que achava que eu deveria saber sobre dragões: história, filosofia, fisiologia, matemática superior (o mais próximo que eles chegaram de uma religião). Ele respondia até às minhas perguntas mais impertinentes. Sim, os dragões podiam sentir o cheiro das cores sob as condições certas. Sim, era uma péssima ideia se transformar num saarantras logo depois de comer um auroque. Não, ele não entendia a natureza exata das minhas visões, mas acreditava que conhecia um jeito de me ajudar.

Os dragões achavam a condição humana confusa e muitas vezes estapafúrdia, e tinham desenvolvido estratégias ao longo dos anos para manter suas mentes “em ard”, enquanto assumiam a forma humana. Ard era um conceito fundamental da filosofia dragontina. A própria palavra significava aproximadamente “ordem” ou “correção”. Os goreddi usavam a palavra para se referir a um batalhão de dragões e essa era uma definição. Mas, para os dragões, a ideia era muito mais profunda. Ard era a maneira como o mundo deveria ser, a imposição da ordem sobre o caos, uma ética e retidão física.

As emoções humanas, confusas e imprevisíveis, eram antiéticas de acordo com o ard. Os dragões costumavam praticar a meditação e o que Orma chamava de arquitetura cognitiva, para dividir a mente em espaços distintos. Eles mantinham as memórias maternas em um compartimento, por exemplo, porque eram intensas de maneira disruptiva; a única memória materna que eu tinha experimentado tinha me deixado perplexa. Emoções, que os saar achavam desconfortáveis e avassaladoras, eram trancadas em segurança e nunca tinham permissão para vazarem.

Orma nunca tinha ouvido falar de visões como as minhas e não sabia o que as havia causado. Mas acreditava que um sistema de arquitetura cognitiva poderia evitar que as visões assaltassem meu inconsciente. Tentamos variações de seu compartimento de memórias maternas,

trancando as visões (representadas por um livro imaginário) num baú, num túmulo e finalmente numa prisão no fundo do mar. Aquilo funcionou por uns dias, até que eu desmaiei no meu trajeto do Santa Ida para casa e tivemos que começar de novo.

Minhas visões mostravam as mesmas pessoas repetidamente; elas se tornaram tão familiares que eu lhes dei apelidos. Havia dezessete, um bom número primo, que interessou Orma de modo especial. Ele finalmente teve a ideia de tentar conter os indivíduos, não as visões como tal.

— Tente criar uma representação, um avatar mental de cada pessoa e construa um espaço onde ela possa querer ficar — Orma sugerira. — Aquele menino, o Morcego das Frutas, está sempre subindo em árvores, então plante uma árvore em sua mente. Veja se seu avatar vai escalá-la e ficar lá. Talvez se você cultivar e mantiver a ligação com essas pessoas, elas não queiram chamar sua atenção em momentos inconvenientes.

Graças a essa sugestão, um jardim inteiro tinha sido cultivado. Cada avatar tinha seu lugar dentro desse jardim de figuras grotescas; eu cuidava dele todas as noites ou sofria de dores de cabeça e visões quando não fazia isso. Contanto que mantivesse esses habitantes peculiares calmos e pacíficos, eu não era perturbada por visões. Nem Orma nem eu entendíamos exatamente por que isso funcionava. Orma alegou que era a estrutura mental mais incomum de que ele já tinha ouvido falar; lastimou não poder escrever uma dissertação a respeito, mas eu era um segredo, mesmo entre os dragões.

Nenhuma visão indesejada tinha me assaltado em quatro anos, mas eu não podia relaxar minha vigilância. A dor de cabeça que eu tinha sentido após o funeral do Príncipe Rufus significava que os grotescos do meu jardim ficaram agitados; nessas ocasiões é que era mais provável que eu tivesse uma visão. Depois que Orma me deixou na ponte, corri de volta para o Castelo de Orison tão rápido quanto pude, antecipando em uma hora minha higiene mental, como Orma a chamava, colocando minha mente de volta em ard.

Minha suíte no palácio tinha dois cômodos. O primeiro era uma sala onde eu praticava. A espineta que Orma tinha me dado estava junto à parede mais distante; ao lado dela havia uma estante com meus livros, minhas flautas, meu alaúde. Cambaleei para o segundo cômodo, onde havia uma mesa, o armário e a cama; fazia apenas duas semanas que eu tinha aquela

mobília, mas ela já era suficientemente minha para que eu me sentisse em casa ali. Os servos do palácio tinham arrumado a cama e acendido o fogo.

Despi a roupa e fiquei só com minha *chemise* de linho. Eu tinha escamas para lavar e lubrificar, mas cada centímetro de mim implorava por uma cama macia e eu ainda tinha que lidar com minha cabeça.

Removi a grande almofada cilíndrica da cama e me sentei nela com as pernas cruzadas, como Orma tinha me ensinado. Fechei os olhos, sentindo tanta dor agora que era difícil tornar a respiração mais lenta. Repeti o mantra *Tudo* em ard até ter me acalmado o suficiente para ver meu vasto e colorido jardim de grotescos, que se estendia até o horizonte da minha mente.

Passei por um momento de confusão, enquanto me orientava; a disposição do jardim mudava a cada vez que eu o visitava. Diante de mim estava o muro de tijolos antigos e nivelados que delimitava o jardim; fetos de samambaias cresciam em todas as fendas como tufo de cabelo verde. Além do muro eu via a fonte da Dama Sem Rosto, o declive de papoulas e um gramado em topiaria, com arbustos enormes e bulbosos precisando ser aparados. Como Orma tinha me instruído, eu sempre pousava as mãos sobre o portão de entrada, de ferro fundido desta vez, e dizia: “Este é o jardim da minha mente. Eu o dirijo; eu o ordeno. Não tenho nada a temer”.

O Homem Pelicano espreitava entre a topiaria, seu papo enorme e dilatado pendurado na frente de sua túnica como um babador de carne.

Era sempre mais difícil quando eu me deparava com um deformado primeiro, mas abri um sorriso e pisei no gramado. O orvalho frio entre meus dedos me surpreendeu; eu não tinha notado que estava descalça. O Homem Pelicano não percebeu minha aproximação, mas manteve os olhos no céu, que sempre estava estrelado nesta parte do jardim.

— Você está bem, Mestre P? — O Homem Pelicano revirou os olhos para mim malignamente; ele estava agitado. Tentei pegar no seu cotovelo — eu não tocava nas mãos de um grotesco se pudesse evitar —, mas ele se esquivou de mim.

— Sim, foi um dia estressante — eu disse suavemente, circulando, levando-o na direção do seu banco de pedra. Seu assento oco estava cheio de terra e brotos de orégano, produzindo um agradável aroma quando alguém se sentava nele. O Homem Pelicano achava-o tranquilizador. Dirigiu-se para ele por fim e enrodilhou-se entre as ervas.

Observei o Homem Pelicano por mais alguns instantes, para ter certeza de que ele estava realmente calmo. Sua pele e seus cabelos escuros pareciam porfirianos; seu papo vermelho, se expandindo e contraindo a cada respiração, não se parecia com nada deste mundo. Vibrantes como eram as minhas visões, era perturbador imaginá-lo — e outros ainda mais deformados — no mundo lá fora, em algum lugar. Certamente os deuses de Porfíria não eram tão cruéis a ponto de permitir que um homem pelicano existisse, não é? Meu fardo de monstruosidade era leve comparado àquilo.

Ele permaneceu tranquilo. Esse tinha se aquietado, e não tinha sido difícil. A intensidade da minha dor de cabeça parecia desproporcional, mas talvez eu encontrasse outros mais agitados.

Levantei-me para continuar minhas andanças, mas meus pés descalços encontraram na grama algo frio e com a textura de couro. Abaixando-me, encontrei um grande pedaço de casca de laranja, e depois vários pedaços mais espalhados entre as árvores altas.

Eu tinha conferido ao jardim características permanentes peculiares a cada grotesco — árvores do Morcego das Frutas, o céu estrelado do Homem Pelicano —, mas minha mente mais profunda, a corrente oculta que Orma chamava de pensamento subjacente, completava todo o resto. Novos enfeites, plantas peculiares ou estátuas apareciam sem aviso. Entretanto, lixo no gramado parecia errado.

Joguei as cascas sob a cerca viva e limpei as mãos na saia. Que eu soubesse, havia apenas uma laranjeira nesse jardim. Eu ia me preocupar com isso só na hora em que a visse.

Encontrei Miserere arrancando suas penas ao lado da escada que dividia a cerca; eu o levei para seu ninho. A Salamandra se debatia sob as macieiras, esmagando os jacintos; eu a levei a seu lamaçal e esfreguei lama em sua cabeça macia. Verifiquei que a fechadura do Chalezinho ainda estava bem trancada e, em seguida, peguei meu caminho com os pés descalços através de um imprevisto campo de cardos. Eu podia ver à distância as árvores mais altas do bosque do Morcego das Frutas. Tomei a trilha dos visgos, embrenhando-me nos folhosos jardins laterais ao longo do caminho, mostrando interesse, acalmando, colocando na cama, cuidando de todos. No final da caminhada, um abismo bloqueava meu caminho. A ravina do Sujeito Barulhento havia mudado de posição e agora bloqueava a passagem até as tamareiras do Morcego das Frutas.

O Sujeito Barulhento representava o tocador de gaita de foles samsamese que eu tinha visto. Era o meu favorito; tenho vergonha de dizer que eu gravitava em torno dos habitantes de aparência mais normal. Esse avatar era incomum pelo fato de que fazia barulho (daí o nome), construía coisas, e, às vezes, deixava a área designada a ele. Isso me causou um grande pânico a princípio. Havia outro grotesco, Jannoula, que tinha propensão para perambular, e ela me assustou tanto que eu a tranquei no Chalezinho.

As visões eram como espiar a vida de alguém com um telescópio místico. No caso de Jannoula, de algum modo ela tinha sido capaz de me olhar através do seu avatar. Ela tinha falado comigo, bisbilhotado, cutucado, roubado e mentido; ela tinha bebido meus medos como néctar e farejado meus desejos no vento. No final, ela começou a tentar influenciar meus pensamentos e controlar minhas ações. Em pânico, eu contei a Orma e ele me ajudou a encontrar uma maneira de bani-la para o Chalezinho. Quase não consegui enganá-la para fazê-la entrar. Era difícil enganar alguém que podia dizer o que você estava pensando.

Com o avatar do Sujeito Barulhento, no entanto, o movimento parecia ser simplesmente característico; eu não tinha a sensação de que um tocador de gaita de foles samsamese do mundo real estava olhando para mim. Gazebos e pérgulas brotavam por todo o jardim, dádivas de “Sua Barulhenteza”, e me agradava vê-los.

— Sujeito Barulhento! — gritei na borda da sua ravina. — Preciso de uma ponte!

Uma cabeça de bochechas redondas e olhos cinzentos apareceu, seguida por um corpo gigante, vestido de preto samsamese. Ele se sentou sobre a borda do precipício, tirou três peixes e uma camisola de mulher da bolsa — guinchando o tempo todo — e transformou-os numa ponte para eu atravessar.

Era muito parecido com um sonho, este jardim. Eu tentava não questionar a lógica das coisas.

— Como você está? Não está chateado? — perguntei, afagando sua cabeça loira eriçada. Ele piou e desapareceu na sua fenda, o que era normal; ele era geralmente mais calmo do que o resto, talvez porque se mantivesse muito ocupado.

Corri na direção do bosque do Morcego das Frutas, a preocupação

começando a levar a melhor sobre mim agora. O Morcego das Frutas era meu grotesco favorito, e a única laranjeira do jardim ficava no pomar ao lado de figueiras, tamareiras, limoeiros e outras frutas porfirianas. Cheguei ao bosque e olhei para cima, mas ele não estava entre as folhagens. Olhei para baixo; ele tinha empilhado os frutos caídos em pirâmides bem arrumadas, mas não parecia estar em lugar nenhum.

Ele nunca tinha deixado seu espaço designado antes, nem uma vez. Fiquei um longo tempo olhando para as árvores vazias, tentando entender sua ausência.

Tentando acalmar meu coração em pânico.

Se o Morcego das Frutas estava solto no jardim, aquilo explicava a casca de laranja no gramado do Homem Pelicano, e podia muito bem explicar a intensidade da minha dor de cabeça. Se aquele garotinho porfiriano tivesse encontrado um jeito de espiar a luneta como Jannoula... Senti frio no corpo todo. Era inconcebível. Devia haver outra explicação. Partiria meu coração ter que cortar a ligação com alguém a quem tão inexplicavelmente eu tinha me afeiçoado.

Continuei andando, acalmando os demais habitantes, mas meu coração não estava ali. Encontrei mais cascas de laranja no Riacho Murmurante e sobre as Três Dunas.

A última parte do jardim esta noite era o Jardim de Rosas, o afetado domínio da Senhorita Exigente. Ela era uma senhora pequena e obesa com um toucado de formato triangular e óculos grossos, uma aparência simples, não abertamente grotesca. Eu a tinha visto também durante a primeira barragem de visões, agitada e exigente por causa do seu ensopado. Essa foi a origem de seu nome.

Levei um instante para encontrá-la — um instante em que tive palpitações de pânico, mas ela simplesmente estava de quatro na terra, atrás de uma albiflora extraordinariamente grande. Estava arrancando ervas daninhas antes que tivessem a chance de germinar. Era eficiente, se não desconcertante. Ela não parecia particularmente perturbada — ignorou-me completamente.

Olhei o relógio de sol no gramado, na direção do portão de saída; eu ansiava por uma cama e repouso, mas agora não me atrevia. Tinha que localizar o Morcego das Frutas.

Lá sobre a face do relógio de sol jazia uma casca de laranja inteira,

descascada num pedaço só.

E lá estava o próprio menino, sobre o antigo teixo ao lado do muro que delimitava o jardim. Ele pareceu satisfeito por eu tê-lo visto; acenou, desceu da árvore e passou por cima do relógio no gramado, correndo na minha direção. Eu ofeguei, alarmada com os olhos brilhantes e o sorriso, com medo do que eles podiam significar.

Ele me estendeu um gomo de laranja. Estava enrolado como um camarão em sua mão morena.

Olhei para ele perplexa. Eu poderia induzir deliberadamente uma visão segurando as mãos de um grotesco; tinha feito isso uma vez com cada um deles, assumindo o controle das visões e neutralizando seu controle sobre mim. Essa foi a única vez que eu tinha feito isso. Pareceu errado, como se eu estivesse espionando as pessoas.

Será que o Morcego das Frutas estava apenas me oferecendo laranja ou queria que eu pegasse sua mão? A segunda opção me deu arrepios.

— Obrigada, Morcego — eu disse —, mas não estou com fome agora. Vamos achar as suas árvores.

Ele me seguiu como um cachorrinho, passando pelo pântano do Pastelão, atravessando o jardim das borboletas, por todo o caminho de volta até o bosque onde morava. Esperei que ele saltasse nas árvores, mas ele me olhou com seus grandes olhos negros e estendeu o gomo de laranja novamente.

— Você precisa ficar aqui e não ir passear — eu adverti. — Já é ruim o suficiente o que o Sujeito Barulhento faz. Você entendeu?

Ele não deu nenhuma indicação de ter entendido; comeu o gomo de laranja, olhando à distância. Acariciei seu cabelo fofo como uma nuvem e esperei que ele subisse numa árvore antes de sair.

Percorri o caminho de volta até o portão, me curvei ao passar pelo relógio de sol no gramado e proferi as palavras rituais de despedida:

— Este é o meu jardim, tudo em ard. Eu cuido dele com fidelidade; que ele se mantenha fiel a mim.

Abri os olhos no meu próprio quarto e alonguei meus membros enrijecidos. Servi-me de um pouco de água do jarro sobre a mesa e joguei a almofada cilíndrica de volta na cama. Minha dor de cabeça tinha evaporado; aparentemente eu tinha resolvido o problema, mesmo sem entendê-lo.

Orma teria alguma suposição sobre isso. Decidi perguntar-lhe no dia

seguinte, e a perspectiva acalmou minha preocupação, levando-me a dormir.

Minha rotina matinal era longa e elaborada, por isso Orma tinha me dado um relógio emissor de trinados que induziam blasfêmias a qualquer hora matinal que eu especificasse. Eu o mantinha em cima da estante da sala, em uma cesta com outras bugigangas, de modo que era obrigada a marchar até lá e tatear antes de encontrá-lo e desligá-lo.

Era um bom sistema, exceto quando eu estava exausta demais para me lembrar de ativar o alarme. Acordei com um acesso de pânico, meia hora antes do horário em que devia começar a reger o ensaio do coral.

Puxei os braços para fora das mangas da *chemise* e empurrei-os através do orifício do pescoço, baixando a peça do vestuário de linho até ela repousar em torno dos quadris como uma saia. Esvaziei o jarro na bacia e adicionei o conteúdo da chaleira, que estava apenas ligeiramente aquecida depois de ficar na lareira a noite toda. Esfreguei as escamas do meu braço e as que ficavam em torno da cintura com um pano macio. As próprias escamas não registraram nenhuma temperatura; o líquido gotejante estava frio demais para ser confortável nesse dia.

Todo mundo se lavava uma vez por semana, se tanto, mas não havia mais ninguém suscetível aos ácaros de escamas ou chibbets escavadores. Sequei-me e corri para a estante de livros para pegar meu pote de pomada. Apenas certas ervas emulsificadas em gordura de ganso aliviavam a coceira das escamas; Orma tinha encontrado um bom fornecedor na única parte da cidade em que tratavam os dragões amistosamente, o bairro chamado Buraco dos Quigs.

Normalmente eu praticava sorrir, enquanto besuntava as escamas com a meleca, imaginando que, se conseguisse sorrir nessa hora, conseguiria sorrir em qualquer ocasião. Nesse dia eu realmente não tinha tempo.

Vesti de novo a *chemise* e enrolei um cordão em volta do antebraço esquerdo de modo que a manga não se abrisse. Coloquei um vestido, uma túnica e uma capa sem mangas; eu usava três camadas no mínimo, mesmo no verão. Vesti uma respeitosa faixa branca pelo príncipe Rufus, escovei apressadamente o cabelo e corri para o corredor, não me sentindo nada pronta para enfrentar o mundo.

Viridius, esparramado no sofá em que ficava por causa da gota, já tinha

começado a reger o coro no momento em que cheguei, sem fôlego, com os pãezinhos do café da manhã na mão. Ele olhou para mim; as sobrancelhas salientes ainda eram quase completamente ruivas, embora a franja de cabelo em torno da cabeça fosse de um branco chocante. A fileira dos baixos errou a melodia, e ele vociferou:

— *Gló-ri-a*, seu bando de preguiçosos! Por que suas bocas pararam? Minha mão por acaso parou? Por acaso, não!

— Desculpe o atraso — murmurei, mas ele não se dignou a olhar para mim novamente até o acorde final.

— Melhor — disse ao coro antes de voltar seu olhar funesto para mim. — E então...?

Fingi achar que ele queria saber sobre os desempenhos do dia anterior.

— O funeral foi bem, como provavelmente já soube. Guntard acidentalmente quebrou a palheta da sua charamela ao se sentar...

— Eu tinha uma palheta extra — saltou Guntard, que exercia sua segunda função no coro.

—... que você só foi achar mais tarde, na taberna — brincou alguém.

Viridius silenciou-os com uma carranca.

— O coro de idiotas pode se abster das idiotices! Donzela Dombegh, eu estava me referindo à sua desculpa pelo atraso. É melhor ter uma muito boa!

Engoli em seco, repetindo “Este é o trabalho que eu queria!” para mim mesma.

Tornei-me fã da música de Viridius desde o momento em que pus os olhos nas suas *Fantasia*s, mas era difícil conciliar o compositor da transcendente *Suíte Infanta* com o velho intimidador no sofá.

Os coristas me olhavam com interesse. Muitos fizeram audições para ocupar minha posição; sempre que Viridius me repreendia, eles ficavam gratos ao ver que tinham escapado por pouco do mesmo destino.

Fiz uma reverência rígida.

— Dormi demais. Não vai acontecer novamente.

Viridius balançou a cabeça de modo tão feroz que suas bochechas balançaram.

— Será que preciso enfatizar para qualquer um de vocês, seus grasnadores, que, quando o Ardmagar Comonot estiver aqui, vai julgar a hospitalidade da nossa Rainha, ou melhor, o valor de toda a nossa nação,

pela qualidade das nossas apresentações?

Vários músicos riram; Viridius acabou com toda a folia com uma cara feia.

— Pensam que é engraçado, seus miseráveis desafinados? A música é uma coisa que os dragões não podem fazer melhor do que nós. Eles gostariam de poder; são fascinados por ela, tentaram vezes sem conta. Alcançaram a perfeição técnica, talvez, mas há sempre algo faltando. Vocês sabem por quê?

Recitei juntamente com o resto do coro, embora isso congelasse minhas entranhas:

— Os dragões não têm alma!

— Exatamente! — concordou Viridius, agitando no ar o punho deformado pela gota. — Eles não podem fazer essa única coisa — gloriosa, celestial, que nos chega naturalmente — e cabe a nós esfregar isso no nariz deles!

Os coristas gritaram um tímido hurra antes de se dispersarem. Eu deixei que passassem por mim; Viridius esperava que eu ficasse e falasse com ele. Claro que sete ou oito cantores tinham perguntas urgentes. Eles ficaram em torno do seu sofá, acariciando seu ego como se ele fosse o Pashega de Ziziba. Viridius aceitou seus elogios com naturalidade, como se estivessem apenas devolvendo suas vestes do coral.

— Seraphina! — ribombou a voz do mestre, voltando por fim sua atenção para mim. — Ouvi palavras elogiosas sobre sua Invocação. Queria ter estado lá. Esta doença infernal torna o meu próprio corpo uma prisão.

Enfiei o dedo no punho da manga esquerda, compreendendo-o melhor do que ele imaginava.

— Pegue a tinta, Donzela — disse ele. — Quero riscar alguns itens da lista.

Peguei os apetrechos de escrita e a relação de tarefas que ele me havia ditado quando comecei a trabalhar na corte. Faltavam apenas nove dias para o General Comonot, o Ardmagar de Toda a Espécie Dragontina, chegar; haveria um concerto e um baile de boas-vindas na primeira noite, seguidos, alguns dias depois, pelas festividades da Véspera do Tratado, que tinham de durar a noite inteira. Fazia duas semanas que eu me dedicava a isso, mas ainda havia muito que fazer.

Li a lista em voz alta, item por item, e ele interrompeu-me à vontade.

— O palco está terminado! — gritou. — Corte isso fora! — E, mais tarde: — Por que você não falou com o responsável pelo vinho ainda? É a tarefa mais fácil da lista! Será que me tornei o compositor da corte graças à minha procrastinação magistral? Muito improvável!

Chegamos ao ponto que eu estava temendo: as audições. Viridius estreitou os olhos aguados na minha direção:

— Sim, como elas vão indo, Donzela Dombegh?

Ele sabia perfeitamente como estavam indo; aparentemente só queria me ver suar. Mantive a voz firme:

— Tive que cancelar a maioria por causa do falecimento inesperado do Príncipe Rufus — que ele ceie com os Santos à mesa do Céu. Eu remarquei várias para...

— As audições deveriam continuar até o último minuto! — ele gritou. — Eu queria que os artistas estivessem confirmados um mês atrás!

— Com todo o respeito, mestre, eu nem estava contratada um mês atrás.

— Você acha que não sei disso? — Sua boca abriu-se e fechou-se várias vezes; ele olhou para as mãos enfaixadas. — Perdoe-me — disse por fim, a voz áspera. — É uma amargura não ser capaz de fazer tudo a que se está acostumado. Morra enquanto é jovem, Seraphina. Tertius estava certo quanto a isso.

Eu não sabia como responder. Então disse:

— Não é tão terrível quanto parece. Cada um de seus muitos pupilos participará; a programação já está quase toda preenchida.

Ele balançou a cabeça, pensativo à menção de seus alunos; o homem tinha mais protegidos do que a maioria das pessoas tem amigos. Era quase hora da aula da Princesa Glisselda, então arrolhei o tinteiro e comecei a limpar às pressas minha pena com um trapo. — Quando você pode se encontrar com o meu colega do mega-harmônio? — Viridius perguntou.

— Quem? — perguntei também, colocando a pena em uma caixa junto com as outras.

Ele revirou os olhos avermelhados.

— Explique por que eu lhe escrevo bilhetes se você não os lê. O projetista do mega-harmônio quer conhecê-la. — Aparentemente continuei com o olhar vazio, porque ele falou em voz alta e lentamente, como se eu não tivesse inteligência. — Sabe o instrumento enorme que estamos

construindo no transepto sul da Santa Gobnait? O me-ga-har-mô-ni-o?

Lembrei-me da construção que eu tinha visto na catedral, mas não do bilhete, que devia ter deixado passar.

— É um instrumento musical? Parece uma máquina.

— É as duas coisas — ele exclamou, os olhos brilhantes de alegria. — E está quase concluído. Eu mesmo financiei metade dele. É um projeto conveniente para um velho no fim da vida. Um legado. Ele vai produzir um som que não vai ser parecido como nada que o mundo já tenha ouvido!

Eu estava boquiaberta diante dele; tinha vislumbrado um jovem cheio de animação dentro do velho irascível.

— Você precisa conhecê-lo, meu outro pupilo. Lars! — proclamou como se ele fosse o Bispo do Sofá da Gota, falando *ex cathedra*. — Ele também construiu o Relógio de Contagem Regressiva Comonot da Praça da Catedral; é um verdadeiro prodígio. Vocês vão se dar muitíssimo bem. Ele só vem bem mais tarde, mas vou convencê-lo a fazer uma visita em algum horário razoável. Eu lhe digo quando encontrá-la esta noite no Salão Azul.

— Hoje à noite não, perdoe-me — eu disse, levantandome e puxando minhas partituras de cravo de uma das prateleiras desorganizadas de Viridius.

A Princesa Glisselda fazia saraus quase todas as noites no Salão Azul. Eu tinha um convite permanente para participar, mas nunca tinha ido, apesar de Viridius ficar me aborrecendo e falando rispidamente comigo sobre isso. Ser cuidadosa e cautelosa durante todo o dia me deixava exausta à noite, e eu não poderia ficar fora até tarde, porque tinha um jardim para cuidar e uma rotina de cuidados com as escamas que não podia ignorar. Eu não poderia contar a Viridius sobre nada disso; tinha alegado timidez várias vezes e, ainda assim, ele me pressionava.

O velho ergueu uma sobranceira espessa e coçou a papada.

— Você não vai conseguir nada na corte isolando-se, Seraphina.

— Estou exatamente onde quero estar — disse eu, manuseando folhas de pergaminho.

— Você corre o risco de ofender a Princesa Glisselda esnobando seu convite. — Ele apertou os olhos, me fitou com astúcia e acrescentou: — Ora, não é muito normal ser tão antissocial, não é?

Senti uma tensão crescendo no íntimo. Dei de ombros, determinada a não dar nenhuma dica de que eu era suscetível à palavra “normal”.

— Você irá hoje à noite — disse o velho.

— Já tenho planos para hoje à noite — eu disse, sorrindo; era para isso que eu ensaiava.

— Então você irá amanhã à noite! — gritou ele, com raiva de mim agora. — Salão Azul, nove horas! Você vai estar lá ou vai se ver abruptamente sem emprego!

Eu não poderia saber se ele estava blefando, não o conhecia bem o suficiente ainda. Inspirei debilmente. Não morreria por ir uma vez, durante meia hora.

— Perdoe-me, senhor — eu disse, inclinando a cabeça. — Claro que vou. Eu não tinha entendido o quanto era importante para o senhor.

Mantendo meu sorriso como um escudo entre nós, fiz uma reverência e saí da sala.

Eu as ouvi rindo do lado de fora no corredor, a Princesa Glisselda e alguma dama de companhia que tinha arrastado com ela desta vez. Pareciam ter a mesma idade, a julgar pela altura do riso. Eu me perguntei, rapidamente, como poderia soar um concerto de risos. Nós precisaríamos de um coro de...

— Ela está muito, muito irritada? — perguntou a dama de companhia.

Eu congelei. Esta pergunta não seria sobre mim, seria?

— Comporte-se! — exclamou a Princesa, seu riso como água. — Eu disse irritadiça, não irritada!

Senti meu rosto ficar quente. Irritadiça? Seria eu mesmo?

— De qualquer maneira, ela tem bom coração — acrescentou a Princesa Glisselda —, o que faz com que seja o oposto de Viridius. E é quase bonita, só que tem um gosto horrível para vestidos e eu não consigo descobrir o que ela pensa que está fazendo com o cabelo.

— Isso poderia ser facilmente corrigido — disse a dama de companhia.

Eu já tinha ouvido o suficiente. Entrei pela porta, furiosa, mas tentando não confirmar minha reputação. A dama de companhia era metade porfiriana, a julgar por seus cachos escuros e a pele morena cor de jambo; ela colocou a mão na boca, envergonhada por ter sido ouvida.

— Phina! — exclamou a Princesa Glisselda. — Estávamos falando de você!

É privilégio de uma Princesa nunca se sentir como se estivesse cometendo uma gafe, nunca.

Ela sorriu, gloriosamente livre de qualquer embaraço; a luz do sol filtrada pelas janelas atrás dela causava um efeito de halo ao redor dos seus cabelos dourados. Fiz uma reverência e me aproximei do cravo.

A Princesa Glisselda se levantou da cadeira à janela e fez um gesto de impaciência atrás de mim. Ela tinha 15 anos, era um ano mais nova que eu, o que fazia parecer estranho o fato de eu lhe dar aulas; era pequena para sua idade, o que fazia com que eu me sentisse uma gigante desajeitada. Ela adorava brocado cravejado de pérolas e tinha mais autoconfiança do que eu poderia imaginar ter um dia.

— Phina — ela repetiu —, conheça Lady Milifrene. Ela, como você, foi sobrecarregada com um nome desnecessariamente longo, então eu a chamo de Millie.

Cumprimentei Millie com a cabeça, mas segurei a língua para não fazer nenhuma observação sobre a tolice do comentário da Princesa, vindo de alguém chamado Glisselda.

— Tomei uma decisão — a Princesa anunciou. — Vou tocar no concerto da Véspera do Tratado, aquela galharda e a pavana. Não as da suíte de Viridius: aquelas de Tertius.

Eu estava colocando a música em cima do suporte; fiz uma pausa, livro na mão, pesando minhas palavras seguintes.

— Os arpejos no Tertius eram um desafio para você, caso se lembre...

— Você está querendo dizer que não tenho habilidade suficiente? — Glisselda levantou o queixo perigosamente.

— Não. Limito-me a lembrá-la de que você chamou Tertius de sapo lazarento e encarquilhado e atirou a música do outro lado da sala. — Nesse momento as duas meninas desataram a rir. Acrescentei, tão cautelosamente quanto se estivesse atravessando uma ponte instável: — Se você estudar e seguir meu conselho sobre o dedilhado, provavelmente vai se sair suficientemente bem. — “Suficientemente bem para não se envergonhar”, eu poderia ter acrescentado, mas parecia imprudente.

— Quero mostrar a Viridius que Tertius tocado mal é melhor que suas músicas insignificantes tocadas com virtuosismo — disse ela, abanando um dedo. — Posso atingir esse nível de vingança mesquinha?

— Sem dúvida — assegurei, e então imaginei se deveria ter

respondido tão rapidamente. As duas meninas estavam rindo novamente, no entanto; então achei que estava segura.

Glisselda sentou-se no banco, esticou os dedos elegantes e lançou-se no Tertius. Viridius havia proclamado uma vez que ela era “tão musical quanto um repolho fervido”, em voz alta e na frente de toda a corte, mas eu a considerava dedicada e interessada quando tratada com respeito. Martelamos os arpejos por mais de uma hora. As mãos dela eram pequenas — aquilo não seria fácil —, mas ela não se queixou nem se mostrou desanimada.

Terminei a aula com o estômago roncando. Podia confiar no meu próprio corpo se quisesse ser rude!

— Devemos deixar a sua pobre professora ir almoçar — disse Millie.

— Foi o seu estômago? — perguntou a Princesa alegremente. — Eu teria jurado que havia um dragão aqui. São Ogdo nos guarde, para que ela não decida triturar nossos ossos!

Corri a língua sobre os dentes, adiando até poder falar sem ralhar.

— Sei que ridicularizar dragões é quase um esporte nacional para nós, goreddi, mas o Ardmagar Comonot está chegando, e eu não acho que ele iria se divertir com esse tipo de conversa.

Cães dos Santos. Eu *era* irritadiça, mesmo quando tentava não ser. Ela não tinha exagerado.

— Os dragões nunca se divertem com nada — disse Glisselda, arqueando uma sobrancelha.

— Mas ela está certa — disse Millie. — Grosseria é grosseria, mesmo passando despercebida.

Glisselda revirou os olhos.

— Você sabe o que Lady Corongi diria. Devemos demonstrar que somos superiores e colocá-los em seu lugar. Dominar ou ser dominado. Os dragões não conhecem outro jeito.

Essa me pareceu uma maneira extremamente perigosa de interagir com dragões. Hesitei, sem saber se não ultrapassaria os meus limites se corrigisse Lady Corongi, a governanta de Glisselda, que me excedia em importância de todas as formas possíveis.

— Por que você acha que eles finalmente se renderam? — perguntou Glisselda. — Foi porque reconheceram nossa superioridade militar, intelectual, moral.

— É o que Lady Corongi diz? — perguntei, alarmada, mas lutando para não demonstrar.

— É o que todo mundo diz — desdenhou Glisselda. — É óbvio. Os dragões têm inveja de nós, é por isso que assumem a nossa forma sempre que podem.

Olhei-a boquiaberta. Valha-me São Prue! Glisselda seria Rainha um dia! Ela precisava entender a verdade das coisas.

— Nós não os derrotamos, independentemente do que possam dizer. Nossa dracomaquia deu-nos uma paridade aproximada; não poderiam ganhar sem causar perdas inaceitáveis. Não é tanto uma rendição, mas uma trégua.

Glisselda franziu o nariz.

— Você está querendo dizer que não os dominamos coisa nenhuma.

— Não, felizmente! — eu disse, levantando-me e tentando disfarçar minha agitação, enquanto reorganizava as páginas de música no suporte. — Eles não se conformariam com isso; esperariam a sua vez, até baixarmos a guarda.

Glisselda pareceu profundamente perturbada.

— Mas, se somos mais fracos do que eles...

Encostei-me no cravo.

Não se trata de força ou fraqueza, Princesa. Por que você imagina que nossos povos lutaram por tanto tempo?

Glisselda colocou as mãos juntas, como se fosse iniciar um pequeno sermão.

— Os dragões nos odeiam porque somos justos e favorecidos pelos Santos. O mal sempre tenta destruir o bem que está contra ele.

— Não! — Quase bati forte na tampa do cravo, mas me lembrei a tempo, desacelerando a mão e dando duas batidinhas. Apesar disso, as meninas olhavam para mim com os olhos arregalados, na expectativa das minhas surpreendentes opiniões. Tentei moderar com um tom suave. — Os dragões queriam essas terras de volta. Goredd, Ninys e Samsam costumavam ser seu território de caça. Havia muita caça aqui — alces, auroques, cervos selvagens — em rebanhos que se estendiam até o horizonte, antes de a nossa espécie se mudar para cá e usar as terras para a agricultura.

— Isso foi há muito tempo. Certamente eles não sentem mais falta

disso — disse Glisselda astutamente. Notei que seria imprudente fazer suposições sobre sua inteligência com base em seu rosto angelical. Seu olhar era tão afiado quanto o do seu primo Lucian.

— Nosso povo migrou para cá há dois mil anos — eu disse. — Isso foi há dez gerações de dragão. Os rebanhos foram extintos há cerca de mil anos, mas os dragões na verdade ainda sentem a perda. Eles estão confinados às montanhas, onde sua população está diminuindo.

Eles não podem caçar nas planícies do norte? — perguntou a Princesa.

— Eles podem e fazem isso, mas as planícies do norte têm apenas um terço do tamanho de todas as Terras do Sul juntas, e elas também são habitadas. Os dragões competem com tribos bárbaras por rebanhos cada vez menores.

— Eles não podem simplesmente comer os bárbaros? — indagou Glisselda.

Eu não gostava de seu tom arrogante, mas não podia dizer isso. Acompanhei com o dedo o relevo decorativo da tampa do instrumento, canalizando minha irritação para os arabescos, e disse:

— Nós, seres humanos, não temos um gosto muito bom — somos muito pegajosos e não somos divertidos de caçar porque nos unimos e lutamos. Meu professor uma vez ouviu um dragão nos comparar a baratas.

Millie franziu o nariz, mas Glisselda me olhou intrigada. Aparentemente, ela nunca tinha visto uma barata. Deixei Millie explicar; sua descrição suscitou um grito da Princesa, que perguntou:

— De que maneira somos vistos por esses bichos?

— Considere a perspectiva de um dragão: estamos em todos os lugares, podemos nos esconder facilmente, nos reproduzimos comparativamente rápido, estragamos sua caçada, e exalamos mau cheiro.

As meninas fizeram uma careta.

— Nós não exalamos mau cheiro! — contestou Millie.

Para eles, exalamos. — Essa analogia se revelou particularmente oportuna, então eu a conduzi à sua conclusão lógica. — Imaginem que vocês estejam passando por uma terrível infestação de baratas. O que vocês fazem?

— Matamos as baratas — gritaram as duas meninas juntas.

— Mas e se as baratas fossem inteligentes e agissem em grupo, usando uma dracomaquia “baratesca” contra nós?

E se elas tivessem uma chance verdadeira de vencer?

Glisselda se contorceu de horror, mas Millie disse:

— Eu iria propor uma trégua. Deixaria que tivessem casas se nos deixassem viver nas nossas em paz.

— Nós não teríamos essa intenção, porém — disse a Princesa, inflexível, tamborilando os dedos sobre o cravo. — Fingiríamos propor a paz, em seguida incendiariamos suas casas.

Eu ri; ela me surpreendeu.

— Lembre-me de nunca ganhar sua inimizade, Princesa. Mas, se as baratas estivessem nos dominando, não cederíamos? Nós a enganaríamos?

— Certamente.

— Tudo bem. Você consegue pensar em alguma coisa — qualquer coisa — que as baratas poderiam fazer para nos convencer de que devemos deixá-las vivas?

As meninas trocaram um olhar cético.

— As baratas só podem correr de um modo horrível e estragar nossa comida — disse Millie, abraçando a si mesma.

Ela tinha experiência, eu concluí.

Glisselda, no entanto, estava se esforçando para pensar, a ponta da língua entre os dentes.

— E se elas tivessem uma corte, construíssem catedrais ou escrevessem poesia? Você as deixaria viver?

— Quem sabe? Mas elas são mesmo muito feias?

Eu sorri.

— Tarde demais: você percebeu que elas são interessantes. Você as compreende quando falam. E se você pudesse se tornar uma barata, por curtos períodos de tempo?

Elas se contorciam de tanto rir. Senti que tinham entendido, mas ressaltei minha opinião:

— Nossa sobrevivência não depende de sermos superiores, mas de sermos suficientemente interessantes.

— Diga-me — disse Glisselda, tomando emprestado o lenço bordado de Millie para enxugar os olhos —, como é que uma mera assistente de música sabe tanto sobre dragões?

Encontrei seu olhar e reprimi o tremor na minha voz.

— Meu pai é o especialista oficial da Coroa sobre o Tratado de

Comonot. Ele costumava lê-lo para mim como se fosse uma história para ouvir antes de dormir.

Percebi que aquilo não explicava perfeitamente meu conhecimento, mas as meninas acharam a ideia tão hilariante que não me fizeram mais perguntas. Sorri junto com elas, mas senti certa angústia pelo meu pobre e triste pai. Ele andava desesperado para descobrir em que situação estava, do ponto de vista legal, por ter se casado involuntariamente com uma saarantras.

Como dizia o ditado, ele estava mergulhado até o pescoço no cuspe de São Vitt. Nós dois estávamos. Fiz uma mesura e saí rapidamente, antes que as duas garotas notassem essa saliva celestial. Minha própria sobrevivência exigia que eu contrabalançasse uma personalidade interessante com invisibilidade.

CINCO

Era, como sempre, um alívio me retirar para os meus aposentos no final da tarde. Eu tinha que praticar, havia um livro sobre as canções anasaladas dos zibou que eu estava louca para ler, e evidentemente uma série de perguntas que queria fazer ao meu tio. Sentei-me à espineta primeiro e toquei um acorde particularmente dissonante, meu sinal para Orma de que eu precisava falar com ele.

— Boa noite, Phina — falou meu gatinho tenor.

— O Morcego das Frutas começou a perambular pelo jardim. Estou preocupada que...

— Pare — disse Orma. — Ontem você se ofendeu quando eu não a cumprimentei, mas hoje você fez o mesmo.

Quero os parabéns pelo meu boa-noite.

Eu ri.

— Parabéns! Mas ouça, estou com um problema.

— Claro que está — ele disse —, mas eu tenho um aluno dentro de cinco minutos. Seria um problema de cinco minutos?

— Duvido — considere. — Posso me encontrar com você no Santa Ida? De qualquer maneira, não me sinto à vontade conversando sobre isso através da espineta.

— Como quiser — ele respondeu. — Mas me dê pelo menos uma hora. Esse aluno é particularmente medíocre.

Quando estava me preparando para sair, percebi que não tinha limpado o sangue de Basind do meu manto. O sangue do dragão já tinha secado há muito tempo, mas ainda continuava tão brilhante quanto antes. Tentei espaná-lo com a mão, causando uma geada de flocos prateados. Bati o mais forte que pude e varri os detritos brilhantes para a lareira.

Peguei a Avenida Real, que se inclinava suavemente com curvas largas e graciosas. As ruas estavam escuras e silenciosas, clareadas apenas pela lua minguante, janelas iluminadas e ocasionais lanternas de Speculus, que tinham sido acesas mais cedo. Rio abaixo, o ar era doce por causa da fumaça da lenha, saboroso por causa do aroma de alho dos jantares, e

depois, denso com o cheiro forte das fossas dos quintais. Ou talvez impregnado com o cheiro de restos de animais abatidos — será que eu estava perto de um açougue?

Uma figura se projetou das sombras e entrou na rua à minha frente. Eu congelei, o coração martelando. Ela andou bamboleante na minha direção e seu odor sufocante ficou mais forte. Tossi ao sentir o mau cheiro e estendi o braço para pegar o punhal que mantinha na bainha por baixo do manto.

A figura escura levantou a mão esquerda para mim, com a palma para cima, como se estivesse pedindo uma esmola. Depois levantou uma segunda mão esquerda e disse:

— Tlu-tlu-tluuuu?

Uma pequena chama azul saiu da sua boca bicuda quando ele falou, iluminando suas feições por um instante: a pele lisa e escamosa, uma crista pontuda como a de um iguana zibou, órbitas salientes e cônicas que giravam independentemente uma da outra.

Soltei o ar dos pulmões. Não passava de um quigutl pedinte.

O quigutl era uma espécie secundária de dragão, muito menor do que os saar. Este tinha praticamente a minha altura, portanto era bem alto para um quig. Os quigutls não podiam mudar de forma. Eles conviviam com os saar nas montanhas, esgueirando-se pelas ravinas e fendas dos covis dos dragões maiores, viviam no lixo e usavam suas quatro mãos para construir dispositivos minúsculos e complicados, como os brincos que todos os saarantrai usavam. Os quigs tinham sido incluídos no Tratado de Comonot por gentileza; ninguém tinha previsto que tantos viriam do sul ou que eles achariam os recessos e becos — e o lixo — da cidade tão atrativos.

Os quigs não sabiam falar goreddi, pois não tinham lábios e a língua era como uma flauta oca, mas a maioria entendia essa língua. Eu, pessoalmente, entendia o quigutl, que era simplesmente o mootya com um horrível ceceio. A criatura tinha falado: “Ishtou fareshando moedash, mocha?”

— Você não deveria pedir esmola depois que escurece — ralhei com ele. — O que está fazendo fora do Buraco dos Quigs? Você não está seguro nas ruas. Um dos seus irmãos saar foi atacado ontem, em plena luz do dia.

— Shim, eu vi a coisha toda do telhado de uma casha — ele explicou, a língua tubular dando piparotes entre os dentes e soltando fagulhas saídas da sua barriga pintada. — A mosha tem um sheiro conheshido, mas não é

schaar. Eshtou eshpantado de ver que me entende.

— Tenho facilidade para línguas — eu disse. Orma já tinha falado que minhas escamas têm cheiro de saar, embora não seja muito acentuado. Ele contou que um saarantras tinha que aproximar bem o nariz para perceber o meu cheiro. Será que os quigutls tinham um nariz mais sensível?

Ele chegou mais perto e farejou o sangue seco no meu ombro.

A respiração do quig era tão fétida que eu não entendi como ele conseguia farejar algo mais sutil. Eu nunca tinha conseguido farejar saar, nem mesmo em Orma. Quando o quig chegou mais para trás, tentei sentir o cheiro da mancha também. Pude sentir o odor nas narinas — uma sensação mais tátil do que olfativa —, mas não consegui ir além disso.

Senti uma dor aguda na cabeça, como se tivessem enfiado pregos nas minhas narinas.

— Voshê eshtá com o sheiro de doish shaar — constatou a criatura. — Também eshtá com uma bolshinha contendo shinco moedash de prata e oito de cobre, e uma faca — lâmina barata, mas reshishtente. — Até mesmo esses dragõezinhos eram pedantes em sua precisão.

— Você consegue farejar o quanto o meu punhal é afiado? — perguntei, pressionando a lateral das mãos contra as têmporas, como se isso pudesse esmagar a dor. Não adiantou.

— Eu poderia fareshar quantosh fiosh de cabelosh voshê tem na cabesha, she eu quisheshe, mash não quero.

— Que adorável. Bem, não posso lhe dar simplesmente uma moeda. Só troco metal por metal — eu disse, como ouvi Orma dizendo uma vez para um quigutl pedinte. Essa não era a resposta que os goreddi costumavam dar, e nem o que eu teria dito se houvesse outras pessoas ouvindo, mas Orma tinha conseguido ganhar várias bugigangas extravagantes para mim desse jeito. Eu tinha guardado a excêntrica coleção fora da vista de todos, dentro de um cestinho. Elas não eram ilegais — não passavam de brinquedos —, mas tais

“dispositivos demoníacos” poderiam assustar as servas.

O quigutl piscou os olhos e lambeu os lábios. As criaturas não ligavam para o dinheiro em si; elas queriam metal para poder trabalhá-lo, e nós todos os carregávamos em quantidades convenientes e bem medidas.

Atrás do quigutl, mais ou menos na metade do quarteirão, as portas de um estábulo se abriram ruidosamente. Um menino saiu de lá de dentro com

duas lanternas, segurando-as no alto, uma em cada mão, preparando-se para a chegada de cavaleiros na casa. O quig deu uma olhada por cima do ombro, mas o garoto estava olhando para o outro lado.

A silhueta pontuda do quigutl se ressaltou contra a luz, os olhos cônicos dele se dilatando e contraindo enquanto ele pensava no que iria trocar. Enfiou, então, a mão na goela, até alcançar o papo extensível na garganta, e tirou dali dois objetos.

— Eu shó tenho coishinash comigo: um peixinho com filigranash de cobre e prata. — O peixe se balançou entre os dois polegares da mão direita. — E ishto, que é quashe todo de eshtanho, um lagarto com uma cabesha humana.

Forcei os olhos para examinar os objetos à luz fraca do estábulo. O lagarto com cara de homem era bem horrível. De repente, eu quis a coisa, como se ela fosse um grotesco abandonado que precisava de um lugar para morar.

— Eu trocaria por duash de prata — disse o quig, observando o que chamara a minha atenção. — Pode paresher que shó tem o valor do eshtanho, mas é mecanicamente complexho.

Atrás do meu companheiro reptiliano ouvi o rumor de cavalos. Ergui os olhos, preocupada com a possibilidade de sermos vistos. Quigs tinham sido espancados nessa cidade por assediarem mulheres humanas; eu não tinha me interessado em saber o que acontecera com as mulheres que trataram os quigs com gentileza. Os cavaleiros que se aproximavam, porém, pararam no estábulo e não lançaram nem um olhar na nossa direção. As esporas tilintaram quando seus pés bateram nas pedras do calçamento. Cada um tinha um punhal enfiado no cinto, o aço brilhando à luz do lampião.

Senti certa urgência de enviar o quig para casa e procurar Orma. Eu supunha que o cheiro do sangue saar tinha causado minha dor de cabeça súbita, mas a dor não tinha se dissipado ainda. Duas dores de cabeça em dois dias consecutivos só poderiam significar problemas.

Tirei a bolsa da manga.

— Vou fazer negócio com você, mas você tem que me garantir que “mecanicamente complexo” não significa “ilegal”.

Certos dispositivos quigutls — aqueles que nos permitiam ver, ouvir ou falar através de longas distâncias — só podiam ser transportados por saarantrai. Alguns outros, tais como roscas de porta ou qualquer explosivo,

não podiam ser transportados por ninguém.

A criatura fingiu estar chocada.

— Nada ilegal! Eu respeito a lei.

— Exceto pelo fato de não ficar no Buraco dos Quigs após o anoitecer — eu o repreendi, pagando ao quig suas moedas de prata. Ele jogou as moedas na boca. Coloquei a estatueta de lagarto na minha bolsa e amarrei bem as cordas de couro.

Quando ergui os olhos novamente, o quigutl tinha sumido, desaparecido completamente sem fazer nenhum barulho. E os dois cavaleiros vinham correndo na minha direção, com os punhais desembainhados.

— São Daan na caçarola! — um deles gritou. — Aquele comedor de lixo fedorento correu pela lateral da casa!

— Está tudo bem, moça? — perguntou o outro, o mais baixo dos dois, agarrando meu braço com força. Sua respiração cheirava a álcool.

— Obrigada por afugentá-lo — eu disse, puxando o braço. Minha cabeça latejava. — Estava pedindo esmolas.

Você sabe como podem ser persistentes.

O Baixinho notou minha bolsa na mão.

— Ah, droga, você não deu dinheiro a ele, não é? Isso só incentiva os vermes.

— Vermes maltrapilhos! — rosou o mais alto, ainda varrendo com os olhos a lateral do prédio e brandindo o punhal. Parecia irmão do Baixinho, com o nariz de largura idêntica. Imaginei se seriam comerciantes; as roupas bem costuradas, mas de lã rústica, indicavam dinheiro combinado com praticidade.

O Altão cuspiu.

— Não se pode andar cinco quarteirões sem topar com um.

— Não se pode ir nem ao próprio porão sem encontrar um embolado no caixote de cebolas — disse o Baixinho, agitando os braços teatralmente.

— Nossa irmã, Louisa, uma vez encontrou um preso embaixo da mesa de jantar. Ele bafejou sua pestilência por todo o banquete de Speculus e fez o bebê dela cair doente. Mas pergunte: o marido dela podia se defender contra esse invasor em sua própria casa? Não sem ir parar na prisão!

Eu conhecia esse caso. Meu pai havia defendido o quigutl, mas portões tinham sido erguidos nas entradas do Buraco dos Quigs, trancafiando seus

habitantes não humanos à noite, para sua própria segurança, é claro. Os saarantrai eruditos, seguidores da lei, do Colégio São Bert haviam se oposto; meu pai os tinha representado também, sem sucesso. O Buraco dos Quigs tornou-se ainda mais um buraco.

Eu gostaria de poder dizer a esses irmãos que o quigutl não queria fazer mal nenhum, que essas criaturas pareciam incapazes de compreender a diferença entre *meu* e *seu*, quando se tratava de um lugar para se viver, e que os suínos cheiravam tão mal quanto os quigutls, mas ninguém os acusava de ocultar intenções malévolas ou disseminar doenças. Mas eu tinha certeza de que os homens não teriam me agradecido por lhes dar esse esclarecimento.

Os irmãos faiscavam uma feroz luminescência logo abaixo da sua pele, como se suas entranhas tivessem chumbo derretido, como se fossem irromper em chamas a qualquer momento.

Ah, não! Esse era o halo, o único aviso que eu tinha antes que uma visão me arrebatasse. Eu não podia fazer nada para impedi-la agora. Sentei-me na rua e enfiei a cabeça entre os joelhos para não batê-la ao cair.

— Você está passando mal? — perguntou o Baixinho, a voz me atingindo em ondas, como se ele estivesse falando embaixo d'água.

— Não me deixe morder a língua — consegui dizer antes de desmoronar e toda a minha consciência espiralar no vórtice da visão.

Meu olho visionário invisível pairava no teto de um quarto onde havia três camas enormes e uma profusão de malas desfeitas. Lenços de seda verdes, dourados e cor-derosa estavam amontoados num canto, enroscados em colares de contas iridescentes, leques de plumas e moedas sem lustro. Era evidentemente uma estalagem; cada uma das camas poderia acomodar seis pessoas.

Havia apenas uma pessoa no quarto agora. Eu a conhecia, embora tivesse crescido desde a minha última visão e desta vez ele não estivesse em cima de uma árvore.

Uma moça porfiriana enfiou a cabeça na porta; tranças grossas como dedos, cada uma delas arrematada por uma conta prateada, emolduravam seu rosto. Ela falou em porfiriano com o Morcego das Frutas, que estava sentado no meio da cama com as pernas cruzadas e o olhar fixo no teto. Ele se assustou como se ela tivesse perturbado a sua concentração. As

sobrancelhas dela se levantaram como se ela se desculpasse e então a moça imitou o gesto de comer alguma coisa. Ele recusou com a cabeça, e ela fechou a porta sem fazer barulho.

O Morcego das Frutas se levantou, os pés descalços afundando no colchão de palha irregular. Usava calças porfirianas e uma túnica até os joelhos, um amuleto paedis pendurado num cordão no pescoço e brincos dourados pequenos. Ele agitou as mãos lentamente no ar como se estivesse destruindo teias de aranha acima da sua cabeça. O colchão de palha não tinha elasticidade bastante, mas ele saltou o mais alto que pôde e conseguiu tocar o teto na terceira tentativa.

Ninguém nas minhas visões jamais tinha se dado conta da minha presença. Como poderiam? Eu não estava realmente lá. O Morcego das Frutas não poderia ter tocado meu rosto porque não havia nenhum rosto ali para ele tocar, mas eu me peguei tentando recuar, evitando sua mão.

Ele franziu o cenho e coçou a cabeça com cuidado. Seu cabelo tinha sido dividido e enrolado em nós por todo o couro cabeludo, as riscas entre os nós formando pequenos hexágonos bem delineados. Ele se sentou de novo e olhou fixamente para o teto, com a testa franzida. Se não fosse impossível, eu teria dito que ele estava olhando diretamente para mim.

Acordei com uma luva de couro salgada entre os dentes. Abri os olhos e vi uma mulher segurando minha cabeça e apoiando meu tronco sobre os joelhos. Ela segurava um rosário na mão, movendo-o rapidamente com o polegar, e sua boca mexia-se depressa; meus ouvidos demoraram a se concentrar, mas eu a ouvi dizer:

— São Fustian e Santa Branche, orai por ela. São Ninnian e São Munn, estejai ao seu lado. Santo Abaster e São Vitt, defendei-a.

Sentei-me ereta e puxei a luva da boca, assustando a mulher.

— Desculpe — falei em voz baixa e áspera, antes de deixar meu estômago descarregar tudo entre os paralelepípedos.

Ela segurou minha testa e me passou um lenço branco imaculado para limpar a boca depois.

— Manos! — ela chamou. — Ela voltou a si!

Os irmãos, o Baixinho e o Altão, surgiram do estábulo liderando um grupo de homens e uma carroça com as palavras *Irmãos Broadwick - Comerciantes de Roupas* pintadas em preto na lateral. Os três juntos me

envolveram num cobertor de lã de boa qualidade e me acomodaram na parte de trás. A mulher, que eu concluí ser a irmã que o Baixinho tinha mencionado, ergueu sua figura matronal, subiu, sentando-se ao meu lado, e perguntou:

— Onde devemos levar você, mocinha?

— Ao Castelo de Orison — eu disse. Eu não ia conseguir ir à casa de Orma essa noite. Um pouco tarde, lembrei-me de acrescentar: — Por favor.

Ela riu gentilmente e indicou o local aos irmãos, que com certeza tinham me ouvido. A carroça avançava aos solavancos, sacolejando. Ela me pegou pelo braço e perguntou se eu estava com frio. Eu não estava. Ela passou o resto da viagem instruindo-me sobre maneiras de tirar as manchas do meu vestido, que eu tinha sujado, ao me sentar na rua imunda.

Levou quase todo o trajeto para minha pulsação voltar ao normal e meus dentes pararem de bater. Eu mal podia acreditar na minha sorte: desabar na frente de pessoas que me ajudariam. Eu poderia ter caído num beco, sido roubada e deixada ali até morrer.

Louisa ainda estava tagarelando, mas não sobre manchas... coisa horrível! Pobrezinha. Quase deve tê-la matado de susto. Silas e Thomas estão tentando encontrar uma maneira de envenenar os demônios verdes, algo que se possa enterrar no lixo e eles não notem. Não tem sido fácil. Eles podem comer quase tudo, não podem, Silas?

— O leite faz mal a eles — disse o irmão mais baixo, que segurava as rédeas — mas não o suficiente para matá-los. Os queijos eles toleram bem, então deve ser o soro do leite. Se nos concentrarmos no soro do leite...

— Eles não vão tomá-lo — eu disse, minha voz rouca por causa do vômito. — Têm um nariz muito bom, seriam capazes de farejar o soro.

— É por isso que vamos esconder no lixo — disse ele, como se eu fosse uma simplória.

Calei a boca. Qualquer um capaz de identificar pelo cheiro o quanto minha faca era afiada podia farejar soro de leite, mesmo em meio a um monte de estrume. Mas eles que tentassem. Iriam tentar e falhar, e esse seria o melhor resultado possível para todos.

Chegamos à fortificação dos portões do castelo, onde a Guarda do Palácio deteve a carroça. Louisa me ajudou a descer.

— O que você faz aqui? — ela perguntou, espantada. Eu não era nobre, evidentemente, mas até a criada de uma cortesã modesta tinha certo

glamour.

— Sou a professora-assistente de música — eu disse, fazendo uma pequena medida.

Eu ainda estava instável nos meus pés.

— Donzela Dombegh? A senhorita tocou no funeral — exclamou Silas. — Thomas e eu fomos às lágrimas!

Inclinei a cabeça graciosamente, mas quando fiz isso senti um estalo na cabeça, como uma corda de arco se soltando, e a dor de cabeça recomeçou atrás dos olhos. Aparentemente a agitação da noite ainda não tinha terminado. Virei-me para entrar.

Uma poderosa mão no meu braço me deteve. Era Thomas. Atrás dele, Silas e Louisa conversavam com os guardas, pedindo-lhes para mencionar os irmãos Broadwick, fornecedores de lã resistente, para a Rainha. Thomas me puxou um pouco de lado e sussurrou no meu ouvido:

— Silas me deixou cuidando de você enquanto ia buscar Louisa. Eu vi o ídolo quig na sua bolsa.

Meu rosto ardeu. Fiquei com vergonha sem nenhum motivo, como se fosse a culpada e não a mulher desmaiada cujos pertences tinham sido remexidos.

Os dedos dele se cravaram no meu braço.

— Conheci mulheres como você. Amantes de quigs que gostam de fornicar com vermes. Você não sabe o quanto chegou perto de bater a cabeça durante seu ataque.

Ele não podia estar dizendo o que eu achei que estava dizendo. Fitei seus olhos; seu olhar era de uma frieza chocante.

— Mulheres como você desaparecem nesta cidade — ele rosnou. — Amarradas em sacos, jogadas no rio. Ninguém clama por justiça, porque elas recebem o que merecem. Mas meu cunhado não pode matar um quig imundo em sua própria casa sem...

— Thomas! Nós estamos indo... — chamou Louisa atrás de nós.

— Que São Ogdo lhe traga arrependimento, Donzela Dombegh. — Ele me soltou com violência. — Ore por virtude e reze para não me encontrar novamente. — Ele se afastou em direção aos irmãos.

Oscilei, mal conseguindo me manter de pé.

Eu os considerara gentis, apesar dos seus preconceitos, mas Thomas tinha se sentido tentado a partir minha cabeça contra as pedras da calçada,

só porque eu carregava na bolsa uma estatueta quigutl. Essa estatueta específica não tinha um significado mais profundo, tinha? Será que eu escolhera, sem querer, uma que indicava que eu me permitia alguma perversão específica? Talvez Orma soubesse me dizer.

Cambaleei através do portão de entrada, correndo para o palácio o mais rápido que pude com os joelhos tremendo violentamente. Os guardas me perguntaram se eu precisava de ajuda — eu devia estar com uma aparência horrível —, mas dispensei o auxílio com um aceno. Agradei a todos os Santos que me ocorreram e rezei para que o brilho sobre as torrinhas do castelo viessem de tochas e da lua e não significassem outro colapso iminente.

SEIS

Mesmo nauseada e exausta como estava, eu não poderia adiar meu encontro com o Morcego das Frutas. Coloquei minha almofada cilíndrica no chão, atirei-me sobre a cama e tentei entrar no jardim. Demorou vários minutos até meus dentes se descerrarem e eu relaxar o suficiente para imaginar o lugar.

O Morcego das Frutas estava trepado numa árvore em seu bosque. Rodeei o tronco, andando com cuidado entre as raízes retorcidas. Ele parecia estar dormindo; também parecia ter cerca de 10 ou 11 anos de idade e o cabelo estava preso com vários nós, assim como na visão. Minha mente aparentemente tinha atualizado seu grotesco, conforme as novas informações.

Olhei para o rosto dele e senti uma pontada de tristeza. Eu não queria prendê-lo, mas não via alternativa. As visões eram perigosas; eu poderia bater a cabeça, sufocar, revelar a verdade de quem eu era. Eu tinha que me defender o quanto podia.

Um de seus olhos se abriu, em seguida ele apertou os dois rapidamente. Não estava dormindo, o patife, só queria que eu pensasse que estava.

— Morcego das Frutas — eu disse, tentando parecer séria e não ter medo. — Venha cá, por favor.

Ele desceu, desviando os olhos timidamente. Inclinou-se, apanhou um punhado de tâmaras de uma de suas pilhas arrumadas e ofereceu-me o fruto. Aceitei o seu presente desta vez, tomando cuidado para não tocar sua mão.

— Não sei o que você fez — eu disse lentamente. — Não tenho certeza de que foi proposital, mas você... Eu acho que você me fez ter uma visão.

Ele encontrou o meu olhar. A sagacidade de seus olhos negros me assustou, mas não havia nenhuma malícia ali.

Reuni coragem e disse:

— Seja o que for que tenha feito, por favor, pare. Quando uma visão avança sobre mim contra minha vontade, eu desmaio. Isso me deixa em

perigo. Por favor, não faça novamente, ou vou ter que trancá-lo para fora.

Os olhos dele se arregalaram e ele negou com a cabeça vigorosamente. Eu esperava que ele estivesse protestando contra a possibilidade de ser expulso do jardim e não se recusando a concordar.

Ele subiu de volta na figueira.

— Boa noite — eu disse, esperando que ele soubesse que eu não estava zangada. Ele passou os braços em torno de si e foi dormir.

Eu tinha um jardim inteiro que precisava de cuidados. Olhei na direção da outra extremidade, sentindo a alma cansada e muito relutante em começar minha tarefa. Será que eu não poderia pular o restante desta vez? Todo o resto parecia pacífico; a folhagem verde profunda estava muito bonita, com a neve colorida caindo ao redor dela.

Neve colorida?

Examinei o céu. Havia nuvens espessas acima de mim, e delas caíam milhares de flocos peculiares, cor-de-rosa, verdes, amarelos, mais parecidos com confetes do que com neve. Estendi minhas mãos para tocá-los; eles caíam sobre mim, brilhantes e etéreos. Girei no lugar vagorosamente, provocando redemoinhos com os pés.

Peguei um na língua. Ele estalou na minha boca como uma minúscula tempestade de raios, e num piscar de olhos eu estava gritando no céu e mergulhando atrás de um auroque.

O floco se dissolveu completamente, e eu estava de volta a mim mesma no jardim, o coração aos saltos. Nesse instante, breve e intenso, eu tinha sido outra pessoa. Tinha visto o mundo inteiro estendido abaixo de mim em detalhes incomensuráveis: cada folha de grama na planície e cada cerda do focinho dos auroques, a temperatura do solo sob seus cascos, as próprias correntes de ar.

Provei outro floco e por um segundo estive deitada sobre uma montanha, em pleno sol. Minhas escamas brilhavam; minha boca tinha gosto de cinzas. Ergui meu pescoço sinuoso.

E então eu estava de volta ao bosque do Morcego das Frutas, piscando e gaguejando, chocada. Estas eram lembranças da minha mãe, como a que eu tinha experimentado quando vi Orma pela primeira vez em sua forma natural. Eu sabia, graças a essa lembrança, que minha mãe tinha tentado me deixar outras memórias. Ela aparentemente tinha sido bem-sucedida.

Por que isso estava acontecendo agora? Será que as tensões dos dois

últimos dias tinham desencadeado uma nova série de mudanças? Será que o Morcego das Frutas as tinha desalojado de alguma forma?

A nevasca diminuiu. No terreno, flocos flutuavam na direção uns dos outros e se fundiam, como gotículas dispersas de mercúrio. Eles se achatavam e se transformavam em pedaços de pergaminho, que eram soprados pelo vento.

Eu não poderia ter lembranças da minha mãe espalhadas por toda minha cabeça; se tinha aprendido alguma coisa com a experiência, foi que as minhas peculiaridades tendiam a me tomar de assalto sem aviso. Juntei os pedaços de pergaminho, tentando segurá-los com o pé enquanto passavam, e perseguindo-os pelo pântano do Pastelão e pelas Três Dunas.

Precisava de alguma coisa onde guardá-los; uma caixa de lata apareceu. Eu a destampeei e os pergaminhos, sem qualquer sugestão de minha parte, voaram da minha mão, como um baralho de cartas, e se empilharam dentro da caixa. A tampa se fechou com um clique atrás deles.

Tinha sido tão fácil que até suspeitei. Espiei dentro da caixa; as lembranças estavam ali como cartões de anotação, cada um deles etiquetado na parte superior com uma caligrafia estranha e angulosa que achei ser da minha mãe. Eu os folheei, pois pareciam estar em ordem cronológica. Puxei um para fora. Estava escrito no alto “Orma é brindado no seu 59º dia de choco”, mas o resto da página estava em branco. O título me intrigou, mas eu o recoloquei no lugar.

Alguns cartões eram bastante coloridos na parte de trás. Puxei um rosa e fiquei pasma ao ver que não estava em branco; continha uma das canções da minha mãe, em sua notação aracnídea. Eu conhecia a música — conhecia todas as canções dela —, mas vê-la escrita pela própria mão provocou em mim um sentimento agriado.

O título era “Minha fé não virá fácil”. Não pude resistir; certamente essa era a lembrança que ela tinha da ocasião em que escreveu essa canção. Os flocos tinham se dissolvido na minha língua; imaginei que o mesmo princípio se aplicasse. A página estalou e faiscou na minha boca, como um cobertor de lã numa noite de inverno. Absurdamente, tinha gosto de morangos.

Minhas mãos dardejaram pela página, um pincel fino em cada uma delas, um para os pontos, outro para os traços e arcos, sinuosos dentro e

em torno uns dos outros, como se eu estivesse fazendo rendas, não compondo uma música. O efeito é caligráfico, e altamente satisfatório. Do lado de fora da minha janela aberta uma cotovia canta, e minha mão esquerda — sempre a mais travessa das duas — assume o comando por um momento para anotar as notas em contraponto à melodia principal (apenas alterando um pouco o ritmo). Isso é fruto do acaso. Tantas coisas são, quando nos damos ao trabalho de olhar.

Conheço o barulho dos passos dele, como conheço minha própria pulsação —, talvez melhor, porque minha pulsação tem feito coisas inexplicáveis recentemente em reação a esses passos. Agora ela pulsa sete vezes em vez de três. É rápido demais. O doutor Caramus não ficou preocupado quando lhe contei; ele não acreditou em mim quando eu disse que não entendia.

Estou de pé, sem saber como, quase antes de ouvir as batidas na porta. Minhas mãos estão sujas de tinta e minha voz instável quando exclamo, “Entre!”

Claude entra, em seu rosto aquela sombra de mau humor que surge quando ele está tentando não ter esperanças. Pego um pano para limpar as mãos e encobrir minha confusão. É engraçado ou assustador? Eu não fazia ideia de que as duas coisas poderiam ser tão próximas.

“Ouvi dizer que você queria me ver”, ele murmura.

“Sim. Sinto muito, eu... Eu deveria ter respondido às suas cartas. Tenho que pensar com muito cuidado sobre isso.”

“Sobre se você me ajuda a escrever essas músicas?”, pergunta ele, e há algo de infantil em sua voz petulante. O que é irritante, por um lado, e afetuoso, por outro. Ele é transparentemente simples, e inesperadamente complicado. E de uma beleza radiante.

Eu lhe entrego a página e vejo seu rosto se suavizar maravilhado. Minhas mãos vão direto para o meu peito, como se eu pudesse espremer o coração e desacelerá-lo. Ele entrega a música de volta para mim e sua voz treme: “Você a cantaria?”

Prefiro tocar para ele na flauta, mas ele evidentemente quer ouvir as palavras e a melodia juntas:

“Minha fé não virá fácil; Não existe céu sem dor.

Que meus dias nunca passem

*Em brancas nuvens, nem se alongue
Meu passado, além do que preciso for; Que na tristeza eu não me
apegue. Minha esperança é o amor, minha luz e divindade;
Somente creio no amor.”*

Ele olha para mim durante as últimas linhas e temo que minha voz falhe. De qualquer maneira, mal tenho forças para proferir a palavra “amor”. Eu respiro, mas o ar parece parar no caminho, como o tremor da respiração depois das lágrimas.

Esta emoção é enlouquecedora em sua complexidade. É como localizar uma presa arredia no chão depois de um longo dia de caça infrutífera; existe a alegria de uma perseguição emocionante misturada com o medo de que tudo possa acabar em nada, mas nunca há qualquer dúvida de que você vai tentar, pois sua própria existência depende disso. Lembro-me também da primeira vez em que mergulhei de um penhasco, mantendo as asas fechadas até o último segundo, e depois deslizando sobre as ondas encrespadas, pouquinho coisa fora do alcance dos seus dedos de espuma, rindo do perigo, aterrorizada ao ver o quanto tinha chegado perto.

“Estou tão feliz que esteja aqui”, eu digo. “Entendo agora que deixei você muito triste. Essa nunca foi minha intenção.”

Claude massageia a nuca e franze o nariz, quase me dizendo que não tinha ficado triste. Acho que isso se chama bravata e não se limita aos homens da lei, ou sequer aos homens, embora essa combinação seja quase inevitável. Normalmente, eu poderia dar de ombros para isso, mas hoje preciso que ele seja sincero. Hoje é o começo e o fim. Estendo a mão e pego a dele.

O choque que ambos sentimos — pois eu vejo que ele sente também — é como eletricidade, mas essa é uma metáfora que eu nunca vou ser capaz de dar a ele, um conceito que não pode ser introduzido. Um dos muitos, infelizmente, mas estou esperando — não, aventurando-me, apostando minha própria vida — que no final isso não vai importar, que isso, essa coisa entre nós, esse mistério, será suficiente.

“Linn”, diz ele com voz rouca, seu queixo tremendo um pouquinho. Ele tem medo, também. Por que isso deveria ser assustador? A que propósito serve? “Linn”, ele começa de novo, “quando acreditei que você nunca ia querer me ver novamente, senti como se tivesse caído num

precipício, direto no vazio: o solo vinha na minha direção num ritmo alarmante.”

A metáfora é estranha, mas a emoção, por sua natureza, não deixa ninguém com uma abordagem mais mensurável. Não domino muito bem a arte, mas suas comparações sempre me comovem com sua precisão. Eu quero gritar Eureka! Mas me contento com “Senti isso também! Exatamente isso!”

Minha outra mão quer tocar seu rosto, e eu deixo. Ele se inclina na direção dela como um gato.

E é então que sei que vou beijá-lo, e o próprio pensamento me enche de... bem, é como se eu tivesse acabado de resolver a equação preditiva de Skivver ou, melhor ainda, como se eu tivesse intuído a Equação Um, visto os números por trás da lua e das estrelas, por trás das montanhas e da história, da arte e da morte e da saudade, como se minha compreensão fosse grande o suficiente para abranger universos, desde o início até o fim dos tempos.

E eu tenho que rir um pouco desse conceito, porque nem sequer compreendo o presente, e não há nada no mundo além desse beijo.

A lembrança terminou, ejetando-me não para o jardim, mas para a vida real: o chão frio e duro; a *chemise* amarrotada; o gosto amargo na boca; sozinha. Eu estava tonta, desorientada, e... e sentimental. Era meu pai que ela estava beijando.

Inclinei a cabeça para trás contra a cama, respirando devagar, tentando me defender de uma emoção tão terrível que eu não conseguia me obrigar a olhar para ela.

Durante anos eu tinha reprimido todos os pensamentos com relação à minha mãe. A Amaline Ducanahan das fantasias da minha infância tinha sido substituída pelo vazio, um abismo, um vácuo por onde o vento soprava. Eu não podia preencher esse espaço com Linn. Esse nome não significava nada para mim, era algo para ocupar espaço, como o zero.

Com essa única lembrança, eu multiplicava por mil meu conhecimento sobre ela. Eu sabia como ela sentia a pena na mão, o quanto seu coração batia rápido quando ela via meu pai, como os lindos sons a comoviam. Eu sabia o que ela sentia; eu tinha sido ela e sentido isso em mim mesma.

Essa descoberta profunda deveria ter promovido certa empatia, com

certeza. Eu devia ter sentido alguma conexão, alguma alegria ao descobri-la, alguma resolução quente e feliz, ou paz ou algo assim. Um sentimento bom, pelo menos.

Certamente, não importava de que tipo.

Ela era minha mãe, pelo amor de Deus!

Mas não senti nada do tipo. Vislumbrei a emoção de longe, vi o quanto ia ser ruim, e a esmaguei a tal ponto que não senti absolutamente nada.

Arrastei-me até ficar de pé e cambaleei para o outro cômodo.

De acordo com meu relógio, eram duas horas da manhã, mas não me incomodei se ia acordar Orma. Ele merecia uma noite insone. Toquei nosso acorde e depois toquei-o novamente um pouco mais irritada.

A voz de Orma crepitou, inesperadamente alta:

— Fiquei imaginando se iria ter notícias suas. Por que não veio à cidade?

Eu me esforcei para manter a voz sob controle.

— Você não estava preocupado, eu suponho.

— Preocupado com o que, especificamente?

— Um dos meus grotescos estava se comportando de modo estranho.

Eu pretendia atravessar a cidade ao escurecer, mas não consegui. Não lhe ocorreu que algo poderia ter acontecido?

Houve uma pausa enquanto ele refletia.

— Não. Acho que você vai me dizer se aconteceu alguma coisa.

Enxuguei os olhos. Não tinha energia para discutir. Contei a ele tudo o que tinha acontecido: o comportamento estranho do Morcego das Frutas, a visão, as lembranças da minha mãe. Ele permaneceu em silêncio tanto tempo depois de eu ter acabado de falar que dei uma batidinha com o dedo no olho do gatinho.

— Estou aqui — disse ele. — É uma sorte que nada pior tenha acontecido quando a visão a atingiu.

— Você tem alguma ideia sobre o comportamento do Morcego das Frutas? — perguntei.

— Ele parece estar consciente da sua presença — disse Orma —, mas não entendo por que isso teria mudado ao longo do tempo. Jannoula viu você desde o início.

— E ela se tornou tão forte e perspicaz que foi difícil conseguir me livrar dela — disse. — Pode ser mais seguro trancá-lo agora, enquanto

ainda posso.

— Não, não — discordou Orma. — Se ele atender aos seus pedidos, pode ser um recurso em vez de uma ameaça. Há tantas perguntas ainda sem resposta. Por que você o está vendo? Como ele vê você? Não desperdice essa oportunidade. Você pode induzir as visões: ir procurar por ele.

Corri os dedos sobre as teclas da espineta. Essa última sugestão foi um pouco demais, mas romper com o Morcego das Frutas completamente também não me parecia certo.

— Talvez ele acabe encontrando uma maneira de falar com você — disse Orma.

— Ou talvez eu viaje para Porfíria, um dia, para encontrá-lo e apertar sua mão — eu disse, sorrindo ligeiramente. — Só depois da visita do Ardmagar Comonot, no entanto. Estarei muito ocupada antes disso. Viridius é um tirano terrível.

— É uma ideia excelente — disse Orma, aparentemente pensando que eu estava falando sério. — Posso ir com você.

Deve valer a pena ver a Bibliagathon Porfiriana.

Sorri com sua obsessão por bibliotecas e ainda estava sorrindo quando me arrastei para a cama. Não consegui dormir; na minha mente eu já estava viajando com meu tio, encontrando o Morcego das Frutas no mundo real, e conseguindo por fim algumas respostas.

SETE

Entre ficar acordada até tarde e levantar cedo para minha rotina matinal, dormi muito pouco. Cumpri estoicamente minhas funções, aos tropeços, mas Viridius reparou no meu esforço.

— Vou limpar suas penas — disse ele, pegando a pena da minha mão sem encontrar resistência. — Você vai se deitar no meu sofá e tirar uma soneca de meia hora.

— Mestre, eu lhe garanto que estou... — um bocejo gigantesco prejudicou meu argumento.

— Claro que está. Mas você tem que estar em plena forma para o Salão Azul, esta noite, e não estou convencido de que esteja ouvindo atentamente meu ditado. — Ele examinou o pergaminho onde eu tinha escrito suas ideias para a composição enquanto ele a cantarolava. Suas sobrancelhas se franziram e ele ficou ligeiramente púrpura.

— Você anotou em compasso ternário. É uma gavota.

Os dançarinos vão cair uns sobre os outros.

Eu pretendia responder, mas já tinha chegado ao sofá. O estofamento me fez afundar e minha explicação se transformou num sonho sobre São Pólipo dançando uma gavota em compasso 3/4 com perfeita facilidade. Mas, pensando bem, ele tinha três pés.

Naquela noite cheguei cedo ao Salão Azul, esperando poder prestar meus respeitos, encontrar o protegido de Viridius e sair antes que a maioria das pessoas tivesse chegado. Percebi meu erro imediatamente: Viridius ainda não estava lá. Claro que ele não estava; provavelmente iria chegar atrasado, o velho janota. Eu não receberia nenhum crédito por vir se fosse embora antes que ele chegasse. Tudo o que eu fizera fora me dar um tempo extra para me sentir desconfortável.

Eu sempre tinha sido inútil nas festas, mesmo antes de saber o quanto tinha que esconder. Grandes grupos de semidesconhecidos me faziam ficar calada como uma ostra instantaneamente. Eu já sabia que ficaria de pé sozinha num canto, empurrando tortas amanteigadas garganta adentro a

noite toda.

Nem mesmo Glisselda estava lá; isso mostrava o quanto eu tinha chegado estupidamente cedo. Os servos acendiam os candelabros e alisavam as toalhas de mesa nos aparadores, olhando para mim disfarçadamente. Andei em direção à parte de trás do salão, passando pelas cadeiras estofadas da área formal de assentos, além das colunas douradas, e cheguei num espaço amplo com um piso de tacos destinado à dança. Estantes de partituras e banquinhos estavam empilhados a esmo no canto; eu os arrumei para um quarteto, esperando estar fazendo algo útil e não apenas excêntrico.

Cinco músicos chegaram — Guntard, duas violas, uma gaita irlandesa e um tambor — e acrescentei um lugar. Eles pareceram contentes em me ver, e não de todo surpresos pelo fato de a professora-assistente de música estar ali, arrumando tudo. Talvez eu pudesse ficar no canto a noite toda, virando as páginas e lhes trazendo cerveja.

Vinho, melhor dizendo. Este era o palácio, não o Macaco Feliz.

Os cortesãos começaram a chegar aos poucos, resplandcentes em sedas e brocados. Eu estava usando meu melhor vestido, de calamaço de um azul profundo com bordados discretos em todas as bainhas, mas o que passava por elegante na cidade parecia miserável ali. Eu me espremi contra a parede e esperei que ninguém falasse comigo. Conhecia alguns desses cortesãos: o palácio contratava músicos profissionais, como Guntard e a banda, mas muitos jovens cavalheiros gostavam de brincar com música amadoristicamente. Eles geralmente se juntavam ao coro, mas o samsamese louro na minha frente tocava viola da gamba muito bem.

Seu nome era Josef, Conde de Apsig. Ele notou meu olhar e passou a mão pelos cabelos de trigo, como se para enfatizar o quanto era bonito. Desviei o olhar.

Os samsameses eram conhecidos pela sua austeridade, mas até mesmo eles me ofuscavam aqui. Seus comerciantes se vestiam em tons marrons na cidade; seus cortesãos usavam trajes negros, caros, que eram simultaneamente suntuosos e solenes. No caso de nós, goreddi, não conseguirmos reconhecer tecidos caros à mostra, os samsameses também exibiam grandes tufos de renda nos punhos, e rufos brancos engomados no pescoço.

Os cortesãos ninysh, pelo contrário, tentavam incorporar todas as cores

possíveis aos seus trajes: bordados, fitas, calças colantes de colorido variegado, sedas brilhantes espreitando através das fendas de suas mangas. Seu país ficava nos recônditos do sul sombrio; havia poucas cores para se ver ali, além das que levavam consigo.

Vislumbrei um toucado ninysh verde vibrante, ornado com uma pena, usado por uma mulher idosa. Ela portava óculos grossos, que davam aos seus olhos um aspecto rabugento e inchado; as rugas pesadas ao lado da boca larga davam a impressão de um sapo enorme, com ar de reprovação.

Ela se parecia com a Senhorita Exigente, pobre velha querida.

Não! Essa era, sem dúvida, a Senhorita Exigente! Aquele brilho não podia pertencer a mais ninguém. Meu coração ficou preso na garganta. Eu não precisaria viajar para Porfíria, afinal; um dos meus grotescos estava em pé do outro lado da sala!

A Senhorita Exigente, que era minúscula, desapareceu atrás de um grande grupo de damas de companhia, mas reapareceu momentos depois ao lado de uma cortesã ruiva ninysh. Comecei a abrir caminho através da sala em sua direção.

Não fui muito longe, no entanto, porque naquele momento a Princesa Glisselda e o Príncipe Lucian chegaram, de braços dados. A multidão abriu um amplo corredor para deixá-los passar, e não me atrevi a atravessá-lo. A Princesa, estonteante num traje dourado e branco, incrustado com minúsculas pérolas imperfeitas, sorriu beatificamente para toda a sala e deixou um cortesão ninysh levá-la até um assento. O Príncipe Lucian, com o gibão escarlate da Guarda da Rainha, não relaxou até que o olhar de adoração da multidão tivesse seguido sua prima à outra extremidade do aposento.

A Princesa Glisselda ocupou o sofá azul-escuro, onde ninguém mais se atreveu a se sentar, e começou a conversar com toda a gente. Lucian Kiggs não se sentou, mas ficou um pouco para o lado, os olhos no ambiente; ele nunca parecia se dar uma folga. Na câmara adjacente, os músicos finalmente começaram a tocar uma sarabanda agradável. Busquei com os olhos a Senhorita Exigente, mas ela tinha desaparecido.

— Os outros podem duvidar que foi um dragão. Eu não — disse alguém atrás de mim num tom samsamese suave e monótono.

— Oh, que horror! — disse uma jovem.

Eu me virei para ver Josef, o Conde de Apsig, deliciando três damas de

companhia goreddi com uma história:

— Eu fazia parte de seu último grupo de caça, *grausleine*. Tínhamos acabado de entrar no Bosque da Rainha quando os cães se espalharam em todas as direções, como se houvesse vinte veados, e não apenas um. Nós nos dividimos, alguns seguiram para o norte, alguns para oeste, cada grupo pensando que o Príncipe Rufus tinha seguido com o outro, mas, quando nos encontramos, ele não estava em lugar nenhum. Procuramos por ele até o anoitecer, então chamamos a Guarda da Rainha e procuramos madrugada adentro. Foi seu próprio cão — uma adorável snaphound malhada chamada Una — que o encontrou, deitado de bruços, sem rosto, nos pântanos ali perto.

As três damas ofegaram. Eu tinha dado toda a volta e estava estudando o rosto do conde. Ele tinha pálidos olhos azuis; sua tez não tinha nem uma só mancha ou ruga que permitisse calcular sua idade. Estava tentando impressionar as damas, com certeza, mas parecia estar falando a verdade. Eu não gostava de me intrometer onde não tinha sido chamada, mas tinha que saber:

— Você está bem certo de que um dragão o matou?

Havia sinais claros no pântano?

Josef virou toda a força de sua beleza sobre mim. Ergueu o queixo e sorriu como um Santo em uma igreja de aldeia, todo piedade e graciosidade; em torno dele o cortejo angelical de damas de companhia olhou para mim e se alvoroçou, farfalhando os vestidos de seda.

— Quem mais imagina que poderia tê-lo matado, Mestra de Música?

Cruzei os braços, protegendo-me contra o seu charme.

— Salteadores, roubando sua cabeça para pedir resgate?

— Não houve pedido de resgate — ele sorriu, seus querubins sorrindo com ele.

— Os Filhos de São Ogdo, instilando a dracofobia antes da chegada do Ardmagar?

Ele jogou a cabeça para trás e riu; tinha dentes muito brancos.

— Ora, Seraphina, você omitiu a possibilidade de que ele tenha avistado uma pastora linda e simplesmente perdido a cabeça. — O exército celestial recompensou esse comentário com uma sinfonia de risadinhas.

Eu estava prestes a me afastar — ele não sabia de nada, evidentemente —, quando uma conhecida voz de barítono soou atrás de mim:

— A Donzela Dombegh está certa. É provável que os Filhos tenham feito isso.

Fiquei um pouco de lado, deixando o Príncipe Lucian olhar na direção de Josef sem impedimento.

O sorriso de Josef desapareceu. O Príncipe Lucian não tinha admitido a insinuação desrespeitosa sobre seu tio Rufus, mas certamente tinha ouvido cada palavra. O conde fez uma reverência exagerada.

— Perdão, Príncipe, mas por que não capturar os Filhos e encarcerá-los, se está tão certo de que fizeram isso?

— Não vamos prender ninguém sem provas — disse o Príncipe, parecendo despreocupado. Sua bota esquerda deu três toques rápidos; eu notei e me perguntei se ele tinha esses tiques inconscientes. O Príncipe continuou, seu tom ainda leve:

— Prisões infundadas dariam aos Filhos mais pretextos e fariam outros saírem da toca. Além disso, é errado, em princípio. “Que aquele que procura a justiça seja justo.” Olhei para ele, então, porque reconheci a citação.

— Pontheus?

— Ele mesmo — assentiu com aprovação o Príncipe Lucian.

Josef sorriu desdenhosamente.

— Com todo o respeito, o Regente de Samsam nunca permitiria que um filósofo porfiriano insano orientasse suas decisões. Nem iria permitir que dragões fizessem visitas de Estado a Samsam — sem ofensa à sua Rainha, é claro.

— Talvez por isso o Regente de Samsam não tenha sido o arquiteto da paz — disse o Príncipe, com a voz calma, batendo o pé. — Aparentemente ele não tem escrúpulos em receber os benefícios do nosso Tratado inspirado por um filósofo porfiriano insano, sem ter ele mesmo de assumir qualquer risco. Ele vai estar aqui para esta visita de Estado, o que é mais uma dor de cabeça para mim, e digo isso com todo amor e respeito do mundo.

Por mais fascinante que eu achasse essa hostilidade educada e cortês, de repente a Senhorita Exigente atraiu meu olhar através da sala adjacente. Ela aceitou um copo de vinho do porto de um pajem. Eu não poderia chegar até ela sem ter que me esquivar entre os dançarinos, e eles tinham acabado de iniciar uma volta, por isso havia um grande número de membros em movimento. Fiquei onde estava, mas não tirei os olhos dela.

A explosão de um trompete levou a dança exuberante a uma parada

deselegante; a banda se deteve abruptamente e houve várias colisões na pista de dança. Não tirei os olhos da Senhorita Exigente para ver por que tanto incômodo, o que fez com que acabasse sozinha no meio do corredor largo que tinham aberto mais uma vez.

O Príncipe Lucian pegou meu braço, o direito, e arrastou-me para fora do caminho.

A Rainha Lavonda em pessoa estava parada na porta. O rosto dela estava vincado pela idade, mas suas costas estavam eretas; ela tinha uma coluna de aço, diziam, e sua postura confirmava isso. Ela ainda usava branco por seu filho, desde as sapatilhas de seda até o toucado ornado com um véu. As mangas suntuosas pendiam até o chão.

Glisselda pulou do sofá e fez uma reverência profunda.

— Vovó! A senhora nos honra!

Eu não vou ficar, Selda, e não estou aqui por mim — disse a Rainha. Ela tinha a mesma voz da neta, mas envelhecida e afiada pela autoridade. — Eu lhe trouxe mais alguns convidados — disse ela, fazendo entrar um grupo de quatro saarantrai, Eskar entre eles. Eles estavam rígidos, como se em formação militar. Não tinham se preocupado em se arrumar, seus sinos não eram brilhantes o suficiente para serem joias adequadas. Eskar vestia calças porfirianas novamente. Todo mundo ficou olhando.

— Oh! — sussurrou Glisselda. Ela fez uma reverência novamente, tentando recuperar a compostura; seus olhos ainda estavam arregalados, quando se levantou. — A que devemos essa... hum...

— A um tratado assinado há quase quarenta anos — disse a Rainha, que pareceu ficar ainda mais alta quando se dirigiu a todo o salão. — Eu acreditava, talvez equivocadamente, que nossos povos simplesmente tinham se habituado uns aos outros, tendo em conta o fim da guerra. Somos como óleo e água, que não podem se misturar? Tenho sido negligente ao esperar que a razão e a decência prevaleçam, quando deveria arregaçar as mangas e conseguilas à força?

Os seres humanos na sala pareciam constrangidos; os dragões, desconcertados.

— Glisselda, cuide dos seus convidados! — repreendeu a Rainha, deixando a sala.

Glisselda tremia visivelmente. Ao meu lado, o Príncipe Lucian, incomodado, murmurou:

Venha, Selda. — Ela não poderia tê-lo ouvido, mas levantou o queixo como se tivesse, tentando imitar o ar autoritário da avó.

Ela caminhou na direção de Eskar e beijou-a em ambas as faces. A Princesinha teve que ficar na ponta dos pés para alcançá-la. A Subsecretária Eskar sujeitou-se graciosamente, inclinando a cabeça, e todos aplaudiram.

Em seguida, o sarau continuou, os saarantrai juntos de um lado, como um rebanho assustado, os sinos tilintando melancolicamente, e os outros convidados espalhados, perambulando ao redor deles pelo salão, a uma grande distância.

Mantive distância, também. Eskar me conhecia, mas eu não quis correr o risco de que os outros me farejassem. Não tinha certeza do que eles fariam. Eu poderia ser considerada uma estudiosa com uma isenção de sino, ou talvez Eskar grosseiramente proclamasse minha filiação em voz alta, para que o salão inteiro ouvisse.

Certamente ela não faria isso. Orma tinha me dito que o cruzamento entre raças violava o ard de maneira tão flagrante que nenhum dragão iria imaginar que isso fosse possível, quanto mais proferir em voz alta.

— Eu o desafio a convidá-la para dançar — disse um senhor atrás de mim, tirando-me das minhas preocupações.

Por um momento pensei que ele estivesse falando comigo.

— Qual? — entou o onipresente Conde de Apsig.

— Você escolhe — riu o amigo.

Não, quero dizer qual delas é “ela”? São tão masculinizadas essas fêmeas de dragão!

Eu me irritei com isso, mas por quê? Eles não estavam falando de mim — exceto pelo fato de que, indiretamente, estavam.

— A maior dificuldade com essas mulheres lagartos — disse Josef — é sua dentição extremamente inconveniente.

— Dentição? — perguntou o amigo, que aparentemente não tinha entendido direito.

Senti meu rosto esquentar.

— Dentes — disse Josef, soletrando a palavra. — Em todos os lugares errados, se é que me entende.

— Os dentes no... Ah! Ui!

— “Ui” é pouco, amigo. Os homens não são melhores. Imagine um arpão! E eles só querem empalar nossas mulheres e rasgar as suas...

Não aguentei mais; corri para longe, contornando a pista de dança até encontrar uma janela. Destravei-a com as mãos trêmulas, desesperada por ar. De olhos fechados, imaginei a tranquilidade do meu jardim, até que meu embaraço fosse substituído pela tristeza.

Era apenas uma brincadeira entre cavalheiros, mas para mim era tudo o que iriam dizer sobre mim se soubessem.

Maldito Viridius. Eu não podia ficar. Diria a ele pela manhã que estivera presente; havia testemunhas. Por obra dos Santos padroeiros da comédia, no entanto, encontrei o velho na porta quando saía do salão. Ele bloqueou meu caminho com a bengala.

— Você não pode já estar indo embora, Seraphina! — ele exclamou. — Não são nem dez horas!

— Sinto muito, senhor, eu... — Minha voz estava embargada; fiz um gesto desanimado para a multidão, esperando que ele não percebesse as lágrimas em meus olhos.

— Lars também não veio. Ele é tão tímido quanto você — disse Viridius, a voz estranhamente suave. — Você prestou seus respeitos à Princesa e ao Príncipe? Não? Bem, você deve fazer isso pelo menos. — Ele pegou meu braço direito com a mão enfaixada, apoiando-se na bengala com a outra.

Viridius me guiou em direção ao sofá da Princesa Glisselda. Ela brilhava como uma estrela sobre o estofado azul; os cortesãos orbitavam à sua volta como planetas. Esperamos a nossa vez, e então o velho me puxou para a frente.

— Infanta — disse ele, curvando-se. — Esta encantadora jovem tem muito trabalho a fazer para mim, mas eu lhe disse, em termos inequívocos, que seria indesculpavelmente grosseiro deixar o salão sem prestar seus respeitos.

Glisselda sorriu para mim.

— Você veio! Millie e eu apostamos se você viria. Devolhe um dia extra de folga agora, mas estou contente por isso.

Você conheceu o primo Lucian?

Abri a boca para lhe assegurar que sim, mas ela já estava chamando o Príncipe para o seu lado.

— Lucian! Você estava se perguntando por que eu de repente passei a ter opiniões tão interessantes sobre dragões; bem, aqui está ela, minha

conselheira em assuntos de dragão!

O Príncipe parecia tenso. Minha primeira suposição foi a de que ele estava ofendido, que eu tinha sido rude, mesmo sem perceber, mas depois eu o vi olhando para Eskar e seu pequeno grupo, de pé ociosamente num canto nas proximidades. Talvez ele se sentisse desconfortável com a Princesa discutindo “coisas de dragão” num tom de voz tão alto e ao alcance dos ouvidos de dragões verdadeiros, em carne e osso, que ela fingia não ver.

A Princesa Glisselda pareceu intrigada com o constrangimento no ar, como se fosse um cheiro que nunca tivesse sentido antes. Olhei para o Príncipe Lucian, mas ele olhava fixamente para outro lugar. Será que me atrevia a apontar o que ele não apontou?

Era o medo que permitia que os Thomas Broadwicks deste mundo florescessem: o medo de falar, o medo dos dragões em si. Esse último não se aplicava a mim e, certamente, a consciência deveria superar o medo de falar.

Eu tinha que falar pelo bem de Orma.

— Sua Alteza — eu disse —, por favor, perdoe meu atrevimento. — Fiz um gesto com os olhos em direção aos saarantrai. — Seria adequado à sua gentil natureza convidar os saarantrai para se sentarem ao seu lado ou mesmo que dançasse com um deles.

Glisselda congelou. A discussão teórica sobre dragões era uma coisa, interagir com eles era completamente diferente. Ela lançou ao primo um olhar de pânico.

— Ela está certa, Selda — disse ele. — A corte segue o nosso exemplo.

— Eu sei! — lamuriou-se a Princesa. — Mas o que eu vou... como eu vou... Não posso simplesmente...

— Você deve — disse o Príncipe Lucian com firmeza. — O Ardmagar Comonot chega dentro de oito dias, e então? Não podemos envergonhar vovó. — Ele puxou as extremidades das mangas do gibão, endireitando-as. — Eu vou primeiro, se ficar mais fácil.

— Oh, sim, obrigada, Lucian, é claro que fica mais fácil — ela exultou, aliviada. — Ele é muito melhor para esse tipo de coisas do que eu, Phina. É por isso que me casar com ele vai ser tão útil; ele entende de coisas práticas e pessoas comuns. Ele é um bastardo, afinal de contas.

Fiquei impressionada, a princípio, ao ver que ela conseguia chamar o próprio noivo de bastardo de modo tão despreocupado sem que ele se importasse, mas depois vi os olhos dele. Ele se importava. E se importava muito, mas talvez sentisse que não tinha o direito de dizê-lo.

Eu sabia o que era isso. Permiti-me o menor dos menores dos sentimentos. Solidariedade. Sim. Era isso.

Ele reuniu sua dignidade, que era considerável; como militar, ele sabia como se portar. Aproximou-se de Eskar como alguém pode se aproximar sensatamente de uma besta infernal sibilante: com uma calma cautelosa e extremo autocontrole. Todas as conversas do salão cessaram ou diminuíram enquanto as cabeças se voltavam para o Príncipe. Eu me peguei segurando a respiração, e certamente não fui a única.

Ele se curvou graciosamente.

— Senhora Subsecretária — disse ele, de modo perfeitamente audível em toda a sala silenciosa —, gostaria de me acompanhar em uma galharda?

Eskar perscrutou a multidão como se procurasse o autor da brincadeira, mas disse:

— Certamente. — Ela pegou o braço dele; sua túnica zibou era de um fúcsia exuberante próximo ao escarlata. Todos respiraram aliviados.

Fiquei mais alguns minutos para vê-los dançar, sorrindo para mim mesma. Isso poderia ser possível, essa paz. Só era preciso força de vontade. Silenciosamente agradei ao Príncipe Lucian por sua determinação. Captei o olhar de Viridius do outro lado da sala; ele pareceu entender e acenou me dispensando. Virei-me para sair do salão, feliz por ter ajudado a causar um efeito positivo, mas principalmente aliviada por deixar para trás a multidão e as fofocas. A ansiedade, ou a perspectiva de me livrar delas, me impeliu para a porta como uma bolha subindo à superfície de um lago. O corredor prometia-me espaço para respirar.

Corri para o corredor com tanta pressa que quase trombei com Lady Corongi, a governanta da princesa

Glisselda.

OITO

Lady Corongi era uma mulher pequena, idosa e antiquada. Sua touca era severamente engomada e seu véu borboleta — há uma década fora de moda segundo os entendidos — era tão rígido que ela poderia arrancar o olho de alguém com ele. As mangas cobriam as mãos completamente, o que tornava o ato de comer ou escrever um desafio, mas ela era de uma escola antiga que equiparava boas maneiras a rituais elaborados. Roupas que impediam as atividades básicas presumivelmente lhe davam mais oportunidades para um meticuloso espalhafato.

Ela olhou para mim em estado de choque, seus olhos se arregalando atrás do véu, os lábios pintados em forma de botão de rosa de modo afetado e desaprovador. Não disse uma palavra; cabia a mim pedir desculpas, visto que era a mim que claramente faltavam modos.

Fiz uma reverência tão profunda que quase perdi o equilíbrio. Ela revirou os olhos diante da minha oscilação.

— Humildemente peço seu perdão, milady — eu disse.

— Espanta-me que um macaco atrapalhado como você tenha permissão para sair correndo livremente pelos corredores — ela grunhiu. — Não tem quem zele pela sua figura? Não tem trela?

Eu esperava falar com ela sobre a educação da Princesa. Ver Glisselda tão intimidada pela presença dos saarantrai só aumentou meu impulso de falar, mas agora eu mesma me sentia intimidada.

Lady Corongi curvou os lábios num sorriso e passou por mim, tirando-me do caminho com o cotovelo afiado nas minhas costelas. Ela só deu dois passos, antes de se virar bruscamente.

— Como disse que se chamava, donzela?

Mergulhei em uma reverência apressada.

— Seraphina, milady. Dou aulas para a Princesa Glisselda...

— De cravo. Sim, ela mencionou. Ela disse que você era inteligente. — Ela deu um passo para trás na minha frente, levantou o véu para que pudesse me ver com mais clareza e examinou meu rosto com os olhos

muito azuis. — É por isso que você enche a cabeça dela com disparates sobre dragões? Porque é tão inteligente?

Aquele era o assunto que eu queria discutir, sem que tivesse de iniciar a conversa. Tentei tranquilizá-la:

— Não é uma questão de inteligência, milady. É uma questão de experiência. Meu pai, como deve saber, é o especialista da Coroa no Tratado de Comonot. Eu mesma tive um tutor dragão por muitos anos. E sou de opinião que...

— Os dragões nos consideram meros insetos? Essa é a sua opinião? — Ela estava perto o suficiente para eu poder ver a maquiagem se condensando nas rugas do seu rosto e para sentir seu enjoativo perfume ninysh. — Estou tentando dar mais confiança à segunda herdeira, para deixá-la orgulhosa de seu povo e da sua vitória sobre os dragões — ela disse.

— Não é confiança, é desprezo — eu disse, acalorando a discussão. — Milady deveria ter visto seu alarme agora há pouco, só de se dirigir aos saarantrai. Ela está desgostosa e amedrontada. Vai ser Rainha um dia; e não pode se dar ao luxo de se mostrar nem uma coisa nem outra.

Lady Corongi fez um anel com o dedo polegar e o indicador e pressionou-o contra o coração: o sinal de São Ogdo.

— Quando ela for Rainha, que essa seja a vontade dos Céus, teremos acabado esse conflito da maneira certa, em vez de fazer tratados como se fôssemos covardes.

Ela girou nos calcanhares e seguiu para o Salão Azul.

Meu encontro com Lady Corongi me deixou agitada ao extremo. Voltei aos meus aposentos, pratiquei espineta e alaúde para me acalmar e me deitei na cama muitas horas depois, ainda sem me sentir cansada.

Eu precisava cuidar do meu jardim, é claro, mas poderia fazer isso deitada. Metade dos grotescos já estava dormindo quando cheguei. Até o Morcego das Frutas estava recostado indolentemente, sonhando. Na ponta dos pés, passei por ele e o deixei em paz.

Quando cheguei ao Jardim das Rosas, fiquei olhando por um longo tempo para a Senhorita Exigente, que atirava nos pulgões das folhas com uma pequena besta. Eu tinha esquecido de que a vira no sarau, mas alguma parte mais profunda da minha mente se lembrava. O traje dela tinha

mudado e era agora o mesmo vestido de veludo verde que ela usava no salão. De fato, toda sua pessoa parecia mais nítida e mais presente, mais robusta e mais sólida. Era aquilo a prova de que eu realmente a vira ou simplesmente do que eu acreditava que vira?

Se eu pegasse nas mãos dela agora, o que veria? Se ela ainda estivesse no Salão Azul, eu iria saber instantaneamente. Senti uma pontada de culpa por espioná-la deliberadamente, mas a curiosidade levou a melhor sobre mim.

Eu tinha que saber.

A Senhorita Exigente me estendeu as suas mãos sem protesto. Entrar na visão foi como ser sugada por um ralo e cuspidas no mundo.

O cômodo mal iluminado abaixo do meu olho da visão não era o Salão Azul, o que me deixou perplexa por um instante. Já tinham se passado horas; ela poderia ter ido para casa. Eu estava olhando para baixo, na direção de um boudoir bem arrumado: mobiliário entalhado pesado num estilo mais antigo, cama com cortinado (vazia), estantes, uma estátua esquisita, tudo isso iluminado apenas por uma lareira. Não se parecia com uma sala do palácio, mas talvez Senhorita Exigente tivesse uma casa na cidade.

Onde estava ela, afinal?

— Quem está aí? — ela perguntou abruptamente, a surpresa quase me arrancando da visão completamente.

A forma que eu tinha confundido com uma estátua se moveu, estava se movendo, lentamente, um braço levantado, tateando o ar vazio em torno de si, como se fosse cega, ou como se estivesse procurando por algo invisível.

— Não sei quem você é — rosnou a velha abaixo de mim —, mas você tem duas escolhas: identificar-se ou esperar que eu encontre você. Não vai querer a última opção. Não me importo que estejamos no meio da noite. Vou direto até você, e farei você se arrepender.

Eu ainda estava com dificuldade para reconhecê-la. Culpei a luz da lareira, mas não era só a iluminação precária. Ela parecia diferente.

Estava sem roupas e era muito mais magra do que parecia quando vestida. Na verdade, ela parecia quase infantil. Seria o seu busto imponente puro enchimento? Eu certamente a tinha pego bem na hora de ir para a cama e, embora estivesse totalmente envergonhada, não conseguia piscar ou me virar. Poder-se-ia pensar que uma senhora de estirpe, mesmo com seios

falsos, teria servas para despi-la.

Então vi por que não, e o choque me atirou para fora da visão e de volta a mim mesma. Senti como se tivesse caído da minha própria cama e de uma altura considerável; estava tonta e desorientada e curiosa com o que eu tinha visto.

Ela tinha uma cauda, bem grossa, inteiramente recoberta por escamas prateadas.

Escamas exatamente como as minhas.

Puxei as cobertas sobre a cabeça e fiquei ali tremendo, horrorizada com o que tinha visto, duplamente horrorizada com meu próprio horror, e absurdamente agitada diante das implicações.

Ela era um meio-dragão. Certamente não havia outra maneira de explicar aquelas escamas.

Eu não era a única da minha espécie! Se a Senhorita Exigente era um meio-dragão, poderia isso significar que o resto dos meus grotescos também era? De repente, todos os chifres e barbilhões e asas vestigiais no meu jardim passaram a fazer sentido. Fiquei ali devaneando alegremente, com nada além das visões, escamas e a nevasca ocasional de lembrança materna.

Ainda estava acordada uma hora depois, quando vieram bater na minha porta.

Abra essa porta de uma vez ou vou buscar o mordomo para abri-la para mim!

A voz da Senhorita Exigente era perfeitamente reconhecível através da porta. Levantei-me e cruzei o quarto, preparando-me para uma explicação. O Morcego das Frutas tinha percebido minha presença, mas ninguém mais numa visão já tinha feito isso. O que havia mudado? Vê-la no mundo real? Ficar tão perto? Se eu soubesse que ela iria me detectar, nunca teria ido vê-la daquele jeito.

Não havia nada a fazer senão pedir desculpas. Abri a porta, preparando-me para fazer exatamente isso.

Ela me atingiu bem no rosto, provocando uma explosão de estrelas e de dor.

Cambaleei para trás, vagamente consciente de que meu nariz estava jorrando sangue. A Senhorita Exigente ficou parada na porta, brandindo um enorme livro — a arma escolhida —, com a respiração difícil e um brilho

maníaco nos olhos.

Ela empalideceu quando me viu sangrando, o que eu confundi com um iminente sinal da misericórdia.

— Como você fez aquilo? — ela rosnou com os dentes cerrados, dando um passo para a frente e me acertando um pontapé na canela. Então golpeou minha cabeça de novo, mas consegui me abaixar; seu braço esquerdo deixou em seu rastro uma incongruente lufada de perfume de lilases.

— Por que você está me espionando?

Naoestaba! — respondi, não minha explicação mais convincente, mas eu não estava acostumada a falar com o rosto coberto de sangue.

Ela parou de me chutar e fechou a porta. Por um momento temi que isso significasse algo pior, mas ela molhou um pano na bacia e o passou para mim, apontando para o meu nariz. Ela se sentou no banco da espigeta enquanto eu me limpava; sua boca de sapo abria e fechava, demonstrando aversão, incômodo e depois divertimento, e voltando ao princípio. Ela estava vestida agora, é claro, sua figura de volta à sua dignidade corpulenta.

Como ela conseguia se sentar com aquela cauda? Limpei o sangue na minha roupa, para evitar olhar para ela.

— Perdoe-me, milady — eu disse, apertando o pano avermelhado no meu nariz novamente. — Eu nem sei quem a senhora é.

Suas sobranceiras se levantaram de surpresa.

— É mesmo? Bem, eu sei quem você é, Donzela Dombegh. Conheci seu pai. Ele é um excelente advogado, um homem humano e gentil. — Sua expressão ficou rígida. — Espero que tenha herdado sua discrição. Não diga a ninguém.

— Não dizer a ninguém o quê? Que a senhora chegou no meio da noite e me bateu?

Ela ignorou o que eu disse; estava examinando meu rosto.

— Talvez você não tenha entendido o que viu.

— Talvez eu não tenha visto nada.

Mentirosa. Segui meu estômago até aqui, e meu estômago nunca está errado.

A palavra “mentirosa” me irritou; agitei-me no meu assento.

— Como sabe que estava sendo observada? A senhora me viu?

— Não. Senti uma presença, olhos em cima de mim.

Não posso explicar. Nunca senti tal coisa antes. Foi feitiçaria? Não acredito nisso, mas imagino que também existam pessoas que não acreditam em gente como eu. — Ela cruzou os braços sobre o peito artificial avantajado. — Estou sem paciência. O que você fez e como fez aquilo?

Agarrei-me ao pano sangrento entre as mãos e funguei tristemente; sentia dentro do nariz um cheiro ferroso. Eu lhe devia uma explicação, talvez até mesmo a verdade. Ela era mestiça como eu, devia se sentir absolutamente sozinha. Eu poderia deixá-la saber que não era a única puxando minha manga e mostrando-lhe as minhas escamas.

Eu sonhara com isso, mas agora que tinha chegado o momento minha voz não saiu. O puro peso da minha intenção oprimia o peito. Eu não poderia fazer isso. Algo me impediria. Os Céus desmoronariam. Eu arregaçaria a manga e explodiria em chamas. A manga da minha *chemise* estava solta. Levantei a mão para o alto e deixei a manga solta cair, expondo meu o até o cotovelo.

O rosto dela desmoronou e por um momento pareceu que o tempo tinha parado.

Ela me encarou, os olhos esbugalhados, e ficou em silêncio por tanto tempo que comecei a duvidar que realmente vira o que tinha visto. Talvez tivesse sido um truque de luz ou eu estava tão desesperada para encontrar gente da minha espécie que tinha imaginado coisas. Baixei o braço e voltei a cobri-lo, envergonhada.

— Não acredito — disse ela, finalmente. — Não existem outros. É algum tipo de truque.

— Juro que não é. Eu sou, hã, o que a senhora é. — Ela tinha evitado a palavra *meio-dragão* e eu me senti absurdamente envergonhada de pronunciá-la.

— Você espera que eu acredite que você tem uma cauda? — disse ela, esticando o pescoço para dar uma olhada no meu traseiro.

— Não — eu disse, constrangida com seu olhar. — Apenas escamas no braço e na cintura.

Sua boca entortou num sorriso de escárnio.

— Você sente uma terrível pena de si mesma, suponho. Meu rosto ficou quente.

— Pode não ser tão dramático quanto uma cauda, mas eu...

— Sim, sim, pobre de você. Deve ter dificuldade para se sentar e precisa de roupas feitas especialmente para você, de modo que pareça que tem um corpo humano adequado lá embaixo. Você deve ter vivido um tempo impossivelmente longo pensando que estivesse sozinha no mundo. Oh não, desculpe, essa sou eu.

Senti-me como se ela tivesse me dado um tapa. Eu esperava tudo menos hostilidade.

Ela me olhou com raiva.

— Nada disso explica como você espiona as pessoas.

— Não é intencional. Eu tenho visões. Normalmente ninguém em minhas visões se dá conta da minha presença. — Deixei por isso mesmo. Ela não precisava saber que eu podia vê-la quando quisesse; que ela pensasse ser especial, aparecendo em minha cabeça sem ser convidada, a única capaz de perceber minha presença.

Eu não iria deliberadamente olhar para ela novamente. Tinha aprendido a lição.

Um pouco da amargura em sua expressão se dissipou; aparentemente minhas peculiaridades mentais não eram tão irritantes quanto minhas escamas.

— Tenho algo semelhante — disse ela. — Uma capacidade pré-cognitiva de curtíssimo alcance. É basicamente uma incrível capacidade de estar no lugar certo, na hora certa.

— Foi o que a senhora quis dizer ao se referir ao seu estômago? — arrisquei.

Ela colocou a mão na barriga acolchoada.

— Não é magia, é mais como uma indigestão. Normalmente suas instruções são vagas ou simples, vire à direita aqui, evite as ostras, mas eu tive um palpito muito forte de que conseguiria encontrar o dono daqueles olhos invisíveis. — Ela se inclinou para mim, os vincos ao redor da boca aprofundando-se numa carranca. — Não faça isso novamente.

— A senhora tem a minha palavra! — falei com voz rouca.

— Não quero você por aí, sapateando na minha cabeça.

Pensei no Morcego das Frutas e em Jannoula e senti certa simpatia.

— Se isso ajuda, só vejo as pessoas de cima, como um pardal. Não posso ler pensamentos; do contrário saberia seu nome.

A expressão dela se suavizou um pouco.

— Dama Okra Carmine — ela disse, inclinando a cabeça. — Sou a Embaixadora ninysh em Goredd.

Toda sua ira parecia ter desaparecido afinal. Ela se levantou para ir embora, mas parou com a mão no trinco da porta.

— Lamento se fui pouco diplomática, Donzela Dombegh. Eu reajo mal a surpresas.

A justificativa era ruim, *péssima*, aliás, mas eu disse:

— Claro! — e lhe devolvi o livro, que ela tinha deixado no banco da espineta.

Ela passou o dedo pela lombada de couro distraidamente, balançando a cabeça.

— Devo admitir que confunde a mente saber que seu pai, cuja maior e mais idolatrada amante é a lei, tenha escarnecido tão flagrantemente dela andando por aí com a sua mãe.

— Ele só soube quando minha mãe morreu no parto.

— Ah. — Ela olhou à distância. — Coitado!

Fechei a porta atrás dela e olhei para meu relógio quigutl.

Eu poderia dormir um pouco antes de amanhecer se me deitasse logo. Virei-me inquieta e depois de uma hora joguei longe os cobertores, agitada e incapaz de acalmar meus pensamentos. Como poderia voltar a dormir?

O Morcego das Frutas, trepando em árvores em Porfíria, era igualzinho a mim. Meu companheiro Sujeito Barulhento tocava fole sobre os telhados de Samsam. Nag e Nagini corriam pelas areias em algum lugar; o poderoso Pastelão estava à toa em seu pântano. O feroz Miserere lutava contra bandidos, a malévola Jannoula conspirava e o resto dos habitantes do jardim andava por este mundo e eram meus. Dispersos e peculiares, alguns de nós céticos e amargos, nós éramos uma tribo.

E eu estava no centro dessa roda enorme. Eu poderia nos unir. De certo modo, já tinha feito isso.

NOVE

Claro, eu não poderia fugir e sair em busca da minha tribo. Eu tinha um emprego. Viridius exigia noites e madrugadas. Mal tinha tempo para cuidar do meu jardim da maneira adequada; pegar nas mãos do Morcego de Frutas e localizá-lo estava fora de questão. Prometi a mim mesma que iria procurá-lo mais tarde, depois que a Véspera do Tratado tivesse chegado e passado. O Morcego das Frutas manteve sua parte do nosso acordo e não me causou mais problemas, embora seus olhos negros tenham examinado meu rosto quando eu o visitei, e qualquer farfalhar nos arbustos me fizesse suspeitar que fosse ele, seguindo-me pelo jardim.

A falta de sono e um nariz ferido e inchado resultaram numa professora de música muito irritada, o que, por sua vez, fez com que os dias passassem a se arrastar. Meus músicos não se incomodaram; eles estavam acostumados com Viridius, cujo mau humor não conhecia limites. Ele próprio me achou divertida. Quanto mais eu rosnava, mais alegre ele ficava, até que ficou quase risonho. No entanto, não insistiu para que eu aparecesse novamente nos saraus, nem tentou estabelecer um prazo para eu conhecer Lars, o gênio do mega-harmônio mecânico. Ele pisava em ovos ao falar comigo e eu deixava.

Eu ainda tinha que finalizar a programação para o concerto de boas-vindas ao General Comonot e para os entretenimentos da Véspera do Tratado. Comonot ia chegar cinco dias antes do aniversário de seu Tratado. Ele queria provar um pouco do que nós, goreddi, chamávamos de Semana Dourada: os dias santos que começavam com Speculus, a mais longa noite do ano. Era a época de reconciliação e reencontro; de grandes gestos de caridade e de festivais ainda mais grandiosos; de circular pela Casa Dourada e rezar para que Santo Eustace mantivesse suas mãos quietas por mais um ano; de assistir às Peças Douradas e ir disfarçado de porta em porta; de fazer promessas grandiosas para o ano seguinte e pedir favores ao Céu. Acontece que a Rainha Lavonda tinha feito as pazes com Comonot durante a Semana Dourada, de modo que o Tratado era comemorado também com a Véspera do Tratado, quando ficávamos acordados a noite

toda, e com o Dia do Tratado, quando púnhamos o sono em dia. Isso marcava o início do novo ano.

Eu tinha preenchido metade da programação com os alunos de Viridius, de acordo com sua recomendação, sem avaliá-los primeiro. Seu querido Lars ganhou um lugar de destaque, embora o velho tenha murmurado:

— Não me deixe esquecer de avisá-lo de que vai tocar! — o que não era particularmente encorajador. Havia muito tempo para preencher ainda, especialmente na Véspera do

Tratado, e eu ainda não tinha audições suficientes marcadas. Passei vários dias lendo mais petições de artistas candidatando-se para se apresentar e marcando suas audições. Alguns eram excelentes; muitos, terríveis. Seria difícil preencher a noite inteira, a menos que eu repetisse algumas apresentações. Eu esperara mais variedade do que isso.

Uma petição continuava reaparecendo no topo da pilha: a de um grupo de dançarinos de pipegíria. Tinha que ser a mesma trupe que eu dispensei no funeral, a menos que houvesse algum festival de pipegíria na cidade. Eu não tinha intenção nenhuma de marcar uma audição para eles; não havia por quê. A Princesa Dionne e Lady Corongi já tinham passado maus bocados por tolerarem nossas danças nativas goreddi, o que permitia às jovens muito mais diversão do que era apropriado. (Eu soubera disso por intermédio da Princesa Glisselda, que se encontrava muito incomodada com a má vontade de sua mãe e da governanta com relação às danças.) Eu só podia imaginar o que fariam com uma dança estrangeira com a reputação de ser indecente.

Rasguei a petição e joguei-a no fogo. Lembrei-me, muito claramente, de ter feito isso quando uma petição de pipegíria apareceu no topo da pilha novamente no dia seguinte.

Viridius ocasionalmente me deixava tirar alguns dias de folga para continuar meus estudos com Orma; decidi que merecia uma pausa de três dias antes de Comonot e do caos descenderem sobre nós. Vesti-me com um agasalho, pendurei meu alaúde nas costas, coloquei minha flauta na mochila, e parti direto para o Conservatório de Santa Ida. Quase disparei morro abaixo, sentindo-me agradavelmente aliviada. O inverno ainda não tinha mostrado os dentes; o gelo derretia no telhado com o primeiro beijo do sol. Comprei o café da manhã no cais do rio: pudim de peixe e um copo

de chá. Peguei um desvio pelo mercado de São Willibald, que era coberto e estava lotado e quente. Deixei as vistosas fitas ninysh alegrarem meu coração, ri das palhaçadas de um cachorro ladrão de macarrão e admirei enormes presuntos com crostas de sal. Era bom ser um rosto anônimo na multidão, banqueteadando os olhos com as gloriosas coisas mundanas.

Infelizmente, eu não era tão anônima quanto costumava ser. Um vendedor de maçã gritou rindo enquanto eu passava:

— Toque alguma coisa pra nós, querida! — Presumi que ele havia notado meu alaúde, pendurado à vista, mas ele imitou o tocar de uma flauta. A flauta estava guardada num lugar que ele não poderia ter visto. Ele me reconheceu do funeral.

Em seguida, a multidão se abriu à minha frente como uma cortina, e lá estavam os Irmãos Broadwick - Comerciantes de Roupas, sua tenda cheia de grandes pilhas de feltro dobrado. O próprio Thomas Broadwick estava tirando seu chapéu alto para uma matrona de ancas largas, a orgulhosa nova proprietária de vários metros de tecido.

Ele ergueu o olhar e nossos olhos se encontraram por um longo momento, como se o tempo tivesse parado.

Ocorreu-me a possibilidade de me aproximar dele, marchar corajosamente e lhe dizer que tinha visto a luz e me arrependido do meu hábito de seduzir quigs. No mesmo instante, porém, lembrei-me de que a estatueta de lagarto ainda estava na minha bolsinha de moedas; eu não tinha me dado ao trabalho de retirá-la dali. Essa consideração me fez hesitar por tempo demais.

Seus olhos se estreitaram, como se a culpa estivesse escrita claramente no meu rosto. Minha oportunidade de blefar com ele já tinha passado.

Virei-me e mergulhei na parte mais densa da multidão, puxando meu alaúde para a frente de modo que pudesse protegê-lo de empurrões. O mercado ocupava três quarteirões da cidade, dando-me amplo espaço para a fuga. Contornei a quina da barraca de um caldeireiro e dei uma espiada para trás, por entre as chaleiras brilhantes.

Ele estava lá, movendo-se lenta e deliberadamente pela multidão, como se estivesse andando através de águas profundas. Graças a Todos os Santos ele era alto, e o chapéu em formato de pão de açúcar acrescentava-lhe uns oito centímetros de verde brilhante. Com certeza seria mais fácil que eu o visse do que o contrário. Comecei a abrir caminho até a arcada

novamente.

Procurei andar em zigue-zague o mais que pude, mas eu sempre o via quando olhava para trás, um pouco mais perto a cada vez. Ele me alcançaria antes que eu encontrasse a saída, a menos que eu começasse a correr, o que atrairia a atenção do mercado inteiro. Só um ladrão correria no mercado.

Comecei a suar. As vozes dos comerciantes ecoavam nos tetos abobadados, mas havia outro som, mais nítido, um tanto estridente, sob o murmúrio monótono.

Pareceu-me uma boa distração.

Virei uma esquina e vi dois Filhos de São Ogdo em pé ao lado da fonte pública. Um falava de maneira pomposa e dogmática e o outro estava ao lado, com aparência de durão e um olho grudado na Guarda. Contornei a multidão e me abaixei atrás de um gordo sapateiro, a julgar pelo seu avental de couro e suas sovelas, de onde eu podia espiar Thomas, sem que ele me visse. Como eu esperava, ele parou assim que viu os Filhos com suas plumas negras, pavoneando-se apaixonadamente à beira da fonte. Ele ouviu, boquiaberto, com o resto da multidão.

— Irmãos e irmãs sob o Céu! — gritou o paladino de São Ogdo, a pena cintilante, os olhos ardentes. — Vocês acham que depois que o líder dos monstros puser os pés em Goredd, ele pretende deixá-la?

— Não! — gritaram vozes dispersas. — Escorracem os demônios daqui!

O Filho levantou as mãos nodosas para pedir silêncio.

— Esse suposto Tratado — essa indecência — não passa de um ardil. Eles querem nos acalmar para dormirmos em paz: enganam nossa Rainha, fazendo-a banir os cavaleiros que foram um dia o orgulho de todos os habitantes das Terras do Sul, e esperam até que estejamos totalmente desamparados. E para onde foi a dracomaquia poderosa, a nossa arte da guerra? Não há dracomaquia agora. Por que os vermes deveriam lutar conosco? Eles já enviaram uma linha de frente quig fedorenta, que se esconde no coração podre desta cidade. Agora eles entram, quarenta anos depois, convidados pela própria Rainha. Quarenta anos não é nada para quem tem vida tão longa quanto essas feras! Esses são os mesmíssimos monstros contra os quais nossos avós morreram lutando e nós vamos confiar neles?

Um clamor estridente se fez ouvir. Thomas gritou com entusiasmo,

unindo-se ao resto da turba; eu o observava através de uma floresta de punhos se agitando no ar. Era a minha chance de escapar. Abri caminho às cotoveladas através da multidão sufocante e explodi para fora do mercado labiríntico em direção à fraca luz do sol.

O ar frio clareou minha cabeça, mas não desacelerou meu coração disparado.

Eu estava a apenas uma quadra do Santa Ida. Saí rapidamente, temendo que ele ainda me seguisse.

Subi os degraus do Santa Ida de dois em dois, chegando à biblioteca de música em poucos minutos. A porta do gabinete de Orma ficava num vão entre duas estantes; parecia que ela estava apenas apoiada ali, porque estava mesmo. Quando bati, Orma levantou a porta inteira para me deixar entrar, em seguida voltou a colocá-la no lugar.

Seu gabinete não era propriamente um cômodo. Era feito de livros, ou mais precisamente do espaço entre os livros, onde três janelas pequenas impediam que se pusessem estantes contra a parede. Eu já tinha passado muitas horas ali, lendo, praticando, recebendo instruções, até mesmo dormindo mais de uma vez, quando o clima na minha casa estava muito tenso.

Orma tirou uma pilha de livros de um banquinho para eu me sentar, mas sentou-se diretamente sobre outra pilha. Esse hábito nunca deixava de me divertir. Os dragões não entesouravam mais ouro; as reformas de Comonot tinham proibido essa prática. Para Orma e sua geração, o conhecimento era o maior tesouro. Como os dragões tinham feito ao longo dos tempos, ele o acumulava e, então, sentavase sobre ele.

Só o fato de estar com Orma nesse espaço fazia-me sentir segura novamente. Tirei meus instrumentos, minha ansiedade amenizando à medida que conversávamos:

— Acabei de ser perseguida no mercado de São Willibald, e você sabe por quê? Porque fui gentil com um quig. Ocultei escrupulosamente todas as razões legítimas para as pessoas me odiarem, e agora elas não precisam mais de motivos legítimos. O Céu forjou uma adaga de ironia para me apunhalar.

Eu não esperava que Orma risse, mas ele demonstrou ainda menos reação do que de costume. Ele olhou para as partículas de poeira dançando nos raios de sol que atravessavam suas janelas minúsculas. O reflexo sobre

seus óculos fez com que sua expressão ficasse opaca.

— Você não está escutando — eu disse.

Ele não falou; tirou os óculos e esfregou os olhos com o polegar e o indicador. Será que sua visão o estava incomodando? Ele nunca tinha se acostumado aos olhos humanos, muito mais fracos do que seus equivalentes de dragão. Em sua forma natural, ele podia localizar um rato num campo de trigo. Não havia óculos, por mais potentes que fossem, que pudessem preencher essa lacuna.

Olhei para ele com um olhar duro. Havia coisas que meus olhos — e a mente humana por trás deles — poderiam discernir, mas que os dele nunca poderiam. Ele parecia horrível: pálido e cansado, com círculos escuros sob os olhos, e... Eu mal ousava pronunciar isto em voz alta, mesmo para mim.

Ele parecia transtornado. Nenhum dragão teria percebido isso.

— Você está doente? — Saltei para o lado dele, sem ousar tocá-lo.

Ele fez uma careta e se alongou, pensativo, chegando a alguma conclusão. Tirou os brincos e depositou-os em uma gaveta de sua secretária; o que quer que ele fosse me dizer, não queria que o Conselho de Censores ouvisse. Das dobras de seu gibão, ele tirou um objeto e colocou-o na minha mão. Era pesado e frio, e eu sabia, sem que ninguém me dissesse, que era o que a criança mendiga tinha dado a ele após o funeral do Príncipe Rufus.

Era uma moeda de ouro, extremamente antiga. Reconheci a Rainha no anverso, ou seus símbolos, de qualquer maneira; Pau-Henoa, o herói trapaceiro, estava no verso.

— Isso é do reinado de Belondweg? — perguntei. Ela tinha sido a primeira Rainha de Goredd, há cerca de mil anos. — Onde é que se consegue uma coisa dessas? E não me diga que os mendigos da cidade as entregam a todos, porque não recebi a minha. — Eu a devolvi a ele.

Orma esfregou a moeda entre os dedos.

— A criança era um mensageiro qualquer. Irrelevante. A moeda vem do meu pai.

Um arrepio percorreu minha espinha. Por reprimir todos os pensamentos sobre minha mãe — e muitas vezes eu não ousava sequer pensar em Orma como tio, para que não o chamasse assim na frente de outras pessoas —, eu tinha o hábito de reprimir todos os pensamentos sobre a minha extensa família dragontina.

— Como você sabe?

Ele levantou uma sobrancelha.

— Conheço todas as moedas da coleção do meu pai.

— Pensei que entesouramento fosse ilegal.

— Até mesmo eu sou mais velho do que essa lei. Lembro-me do tesouro dele quando eu era criança, de todas as moedas e de onde ele as guardava. — Seu olhar ficou distante novamente e ele lambeu os lábios como se o ouro fosse algo de cujo sabor ele sentisse falta. Ele dissipou o olhar e fez uma careta para mim.

— Meu pai foi forçado a desistir dele, é claro, embora tenha resistido durante anos. O Ardmagar fez vistas grossas até que a desgraça de sua mãe recaiu sobre todos nós.

Meu tio raramente falava sobre minha mãe; eu me vi segurando a respiração.

— Quando Linn começou a se encontrar com Claude — Orma contou — e se recusou a voltar para casa, os Censores prenderam toda nossa família para examinar nossa saúde mental. Minha mãe se matou de vergonha, confirmando um segundo caso irrefutável de loucura na família. — Eu me lembro — disse com voz rouca.

— Você também vai se lembrar — ele continuou — que meu pai era um general proeminente. Ele nem sempre concordou com o Ardmagar Comonot, mas sua lealdade e gloriosa carreira eram incontestáveis. Depois que Linn... — Ele parou como se não pudesse dizer “se apaixonou”; era horrível demais pensar nisso. — De repente nosso pai passou a ser vigiado, cada gesto analisado, cada palavra dissecada. De repente deixaram de fazer vistas grossas para seu tesouro, ou a sua ocasional resistência.

— Ele fugiu antes do julgamento, não foi? — perguntei. Orma assentiu, os olhos na moeda.

— Comonot o baniu in absentia; ninguém o viu desde então. Ele ainda é procurado por dissidência contra as reformas do Ardmagar.

Sua expressão cuidadosamente neutra estava partindo meu coração, mas não havia nada humano que eu pudesse fazer para ajudá-lo.

— Então, o que a moeda significa? — perguntei.

Orma me olhou por cima dos óculos, como se fosse a pergunta mais desnecessária já formulada.

— Ele está em Goredd. Pode ter certeza disso.

— O tesouro dele não foi reabsorvido pela tesouraria do Alto Ker?

Ele encolheu os ombros.

— Quem sabe o que o astuto saar planejou levar consigo?

— Será que ninguém mais poderia ter enviado a moeda? O Conselho de Censores, para avaliar sua reação?

Orma apertou os lábios e sacudiu rigidamente a cabeça.

— Não. Este era o nosso sinal quando eu era criança. Esta mesma moeda. Ela me avisava para que eu me comportasse na escola. — “Não nos envergonhe”, ela significava. “Lembre-se de sua família.”

— O que ela pode significar neste contexto?

Seu rosto parecia mais magro do que antes, a barba falsa amoldava-se mal ou ele não havia se preocupado em colocá-la direito. Ele disse:

— Acredito que Imlann estivesse no funeral, e ele suspeita que eu possa tê-lo notado, embora na verdade eu não o tenha. Ele está me dizendo para ficar fora do seu caminho, para fingir que não reconheço seu saarantras se o vir, e deixar que ele faça o que exige a honra.

Cruzei os braços; a sala pareceu repentinamente mais fria.

— Faça o quê? E mais importante ainda: a quem? Ao homem com quem a filha dele se casou? À filha deles?

Os olhos castanhos de Orma se arregalaram por trás dos óculos.

— Isso não tinha me ocorrido. Não. Não tema por si mesma; ele acredita que Linn morreu sem filhos.

— E o meu pai?

— Ele nunca permitiu que o nome do seu pai fosse pronunciado na presença dele. A própria existência do seu pai viola o ard e foi vigorosamente negada por todos.

Orma tirou um fiapo do joelho de suas calças justas de lã; ele usava outra de seda por baixo ou ficaria se coçando como se estivesse com pulgas.

— Quem sabe o que Imlann ruminou durante os últimos dezesseis anos? — ele disse. — Ele não tem nenhum incentivo para obedecer à lei ou manter suas emoções humanas em segredo. Mesmo para mim, constantemente monitorado e obedecendo à lei o melhor que posso, esta forma humana tem um preço. As fronteiras da loucura costumavam ser muito mais definidas do que são hoje.

— Se você não acredita que ele está atrás de papai e de mim, então é o quê? Por que ele estaria aqui?

— A visita próxima do Comonot? — Ele olhou sobre os aros dos

óculos outra vez.

— Um assassinato? — Ele estava fazendo suposições muito ousadas ou então eu estava. — Você acha que ele está tramando contra o Ardmagar?

— Eu acho que não seria sensato fechar os olhos e agir como se ele não estivesse.

— Bem, então você tem que contar isso ao Príncipe Lucian e à Guarda.

— Ah. É exatamente isso. — Ele se inclinou para trás e bateu a borda da moeda contra os dentes. — Eu não posso. Estou preso — qual é a expressão que vocês usam?— entre a cruz e a espada? Estou muito envolvido. Não confio em mim para tomar uma decisão imparcial.

Estudei o rosto dele mais uma vez, o vinco entre as sobrancelhas. Ele estava inquestionavelmente lutando com alguma coisa.

— Você não quer entregá-lo porque ele é seu pai?

Orma revirou os olhos para mim, as partes brancas brilhando como as de um animal assustado.

— Muito pelo contrário. Eu quero instigar a Guarda contra ele, quero vê-lo ser levado a julgamento, quero vê-lo enforcado. E não porque ele seja verdadeiramente, logicamente, um perigo para o Ardmagar — porque você está certa, ele pode não ser —, mas porque, na verdade, eu... eu o odeio.

Absurdamente, a minha primeira reação foi ter ciúme, como se ele tivesse me dado um golpe no estômago, por ele não só sentir alguma coisa, mas senti-la intensamente por alguém que não era eu. Lembrei a mim mesma de que era ódio; eu não poderia preferir isso à sua indiferença benevolente, poderia?

— O ódio é coisa séria — eu disse. — Você tem certeza?

Ele anuiu com a cabeça, deixando finalmente transparecer tudo em seu rosto por mais do que uma fração de segundo. Parecia terrível.

— Há quanto tempo você sente isso? — perguntei.

Ele deu de ombros, impotente.

— Linn não era apenas minha irmã, ela era minha professora.

Orma muitas vezes me dizia que, entre os dragões, não havia maior palavra de estima do que “professor”; os professores eram mais reverenciados do que os pais, os cônjuges, até mais do que o próprio Ardmagar.

— Quando ela morreu, e a vergonha se abateu sobre nossa família —

ele explicou —, eu não tive coragem de denunciá-la como meu pai fez. Da maneira como todos nós deveríamos ter feito, para a satisfação do Ardmagar. Nós lutamos, ele me mordeu...

— Ele mordeu você?

— Somos dragões, Phina. A única vez que você me viu... — Ele fez um gesto vago com a mão, como se não quisesse dizer aquilo em voz alta, como se eu o tivesse visto nu, o que acho que tecnicamente eu tinha —, mantive as asas dobradas, então você provavelmente não percebeu a cicatriz do meu lado esquerdo, onde o osso um dia foi quebrado.

Balancei a cabeça, horrorizada.

— Você ainda pode voar?

— Oh, sim — disse ele, distraidamente. — Mas você precisa entender: no final eu a denunciei, sob coação. De todo jeito, minha mãe se matou. E meu pai foi banido. No final... — Seus lábios tremeram — ...eu não sei para que foi tudo isso.

Se não havia lágrimas nos olhos dele, nos meus havia.

— O Conselho de Censores teria enviado você para a excisão se não tivesse feito isso.

— Sim, é altamente provável — ele meditou, voltando a assumir um tom de voz estudadamente neutro.

Os Censores teriam excisado minha mãe também, identificado e extirpado toda a lembrança amorosa de meu pai. Na minha cabeça, senti a caixa de memórias de estanho se contraindo dolorosamente.

— Denunciá-la não me libertou nem do escrutínio dos Censores — explicou Orma. — Eles não conhecem minhas verdadeiras dificuldades, mas supõem que eu tenha algumas, dado o meu histórico familiar. Eles suspeitam, certamente, que eu me importo mais com você do que é permitido.

— Zeyd foi enviada para testar justamente isso — eu disse, tentando disfarçar a amargura em minha voz.

Ele se contorceu, um movimento imperceptível para qualquer olho, menos para o meu. Orma nunca tinha mostrado um pinga de remorso por me colocar em perigo mortal, quando criança; essa frustração passageira era o melhor que eu podia esperar.

— Não pretendo fazer a eles nenhuma alusão à minha verdadeira dificuldade — ele disse, entregando-me a moeda. — Faça com ela o que

achar melhor.

— Vou entregá-la ao Príncipe Lucian Kiggs, embora não saiba o que ele pode fazer com seu vago pressentimento. Algum conselho quanto ao reconhecimento do saarantras de Imlann?

— Eu o reconheceria, a menos que ele estivesse disfarçado. Eu saberia identificá-lo se sentisse seu cheiro — disse Orma. — O saarantras de meu pai era magro, mas ele pode ter passado os últimos dezesseis anos se exercitando ou forçando comida goela abaixo. Não posso saber. Ele tinha olhos azuis, incomuns num saar, mas não num habitante das Terras do Sul. É fácil tingir um cabelo loiro.

— Imlann poderia se passar por humano tão facilmente como Linn? — perguntei. — Ele foi instruído sobre as regras de boas maneiras da corte, ou sobre música, como os filhos? Onde ele pode tentar se misturar?

— Ele se sairia melhor como soldado, eu acho, ou escondido em algum lugar na corte, mas sabe que eu esperaria isso. Ele vai estar em algum lugar que ninguém esperaria.

— Se ele estava no funeral e viu você sem que você o visse, é provável que estivesse... — Cães dos Santos! Orma tinha ficado no centro de tudo. Eu o tinha visto atrás do biombo do coro; ele podia ser visto de qualquer ângulo.

Orma enrijeceu.

— Você não vai sair à procura de Imlann por conta própria. Ele poderia matá-la.

— Ele não sabe que eu existo.

— Ele não precisa saber que você é você para matá-la — disse Orma. — Precisa apenas acreditar que você está tentando impedi-lo de fazer o que está querendo fazer, seja o que for.

— Entendi — eu disse, meio rindo. — Melhor o Príncipe Lucian Kiggs do que eu, suponho.

— Sim!

A veemência com que ele disse “sim” me fez dar um passo para trás. Não fui capaz de responder; uma emoção se apoderou de minha garganta.

Alguém estava batendo com força na porta inclinada. Movia a porta para o lado, esperando ver um dos monges bibliotecários.

Ali estava Basind, o pelenova desconjuntado, de ombros caídos, respirando ruidosamente pela boca. Seus olhos apontavam para duas

direções diferentes.

Recuei, segurando a porta diante de mim como um escudo. Ele a empurrou, tilintando como uma coroa de flores para Todos os Santos, olhando pasmo para a sala e tropeçando numa pilha de livros.

Orma ficou de pé num instante.

— Saar Basind — disse ele. — O que o traz ao Santa Ida?

Basind tateou na camisa, em seguida, nas calças, finalmente localizando uma carta dobrada dirigida a Orma. Orma a leu rapidamente e estendeu-a para mim. Coloquei a porta de volta no lugar, agarrei a carta com dois dedos e a li:

Orma: Você vai se lembrar de Saar Basind.

Percebemos que ele não tem utilidade na Embaixada. Aparentemente, o Ardmagar deve um favor à mãe dele por entregar o marido entesourador de ouro. Do contrário, Basind nunca seria autorizado a vir ao sul. Ele precisa de lições reparadoras de comportamento humano. Dada sua história familiar, e sua própria

capacidade de ensinar, ocorre-me que você poderia ser o professor ideal.

Seja qual for o seu tempo disponível, lembre-se de que você não está em posição de recusar esse pedido. Convença-o, principalmente, de se manter vestido em público. A situação é terrível a esse ponto. Tudo em ard, Eskar.

Orma não demonstrou espanto. Exclamei para ele:

— São Daan na caçarola!

— Evidentemente eles estão ansiosos para tirá-lo do caminho enquanto se preparam para a chegada do Ardmagar — disse Orma calmamente. — É compreensível.

— Mas o que você vai fazer com ele? — baixei a voz, porque qualquer um podia estar do outro lado das estantes. — Você está tentando se passar por humano entre os estudantes de música; como vai explicar que foi encarregado de um pelenova?

— Vou inventar alguma coisa. — Ele gentilmente tirou um livro das mãos de Basind e colocou-o numa prateleira alta. — Eu poderia plausivelmente ficar de cama por causa de uma pneumonia nesta época do

ano.

Eu não queria sair até ter certeza de que estava tudo bem, e especialmente não queria deixá-lo com o pelenova, mas Orma foi inflexível.

— Você tem um monte de outras coisas para fazer — disse ele, abrindo a porta para mim. — Tem um encontro com o Príncipe Lucian Kiggs, se bem me lembro.

— Eu esperava uma aula de música — reclamei.

— Posso lhe dar uma lição de casa — disse ele, irritantemente esquecido do meu desânimo. — Pare em Santa Gobnait e observe o megaharmônio novo. Eles acabaram de concluí-lo, e eu acho que o instrumento coloca em prática alguns princípios acústicos intrigantes, até agora não testados em escala tão grande.

Ele tentou sorrir, mostrar-me que estava tudo bem.

Então fechou a porta na minha cara.

DEZ

Fui até a catedral, como Orma tinha sugerido, ainda sem vontade nenhuma de voltar para o palácio. O céu tinha estendido um tênue véu branco sobre o sol, e o vento o desfazia. Talvez a neve viesse logo; faltavam cinco dias para o Speculus, a noite mais longa do ano. Como dizia o ditado: “quanto mais curto o dia, mais o tempo esfria”.

O Relógio de Contagem Regressiva era visível em toda a extensão da praça da catedral. Aparentemente, seus números mudavam no meio da manhã, mostrando quanto tempo faltava para Comonot chegar. Eu apreciava esse tipo de formalismo, e parava para assistir aos números mecânicos emergindo de portinholas na parte da frente do relógio. Um dragão verde brilhante e uma rainha com um manto roxo avançavam, inclinavam a cabeça, revezavam-se perseguindo um ao outro e, em seguida, içavam um cortinado entre eles, que a meu ver representava o Tratado. Ouviu-se um som de moagem e de metal se entrechocando, e o enorme ponteiro do relógio apontou para o três.

Três Dias. Eu gostaria de saber se os Filhos de São Ogdo também se sentiam pressionados pelo prazo exíguo. Seria difícil organizar motins? Será que tinham tochas e penas pretas em número suficiente? Oradores raivosos em número suficiente?

Voltei para a catedral de Santa Gobnait, sentindo certa curiosidade sobre o protegido de Viridius. Ele certamente tinha criado um relógio interessante.

Senti o mega-harmônio antes de ouvi-lo, nas solas dos pés, no próprio calçamento da rua, percebendo-o não como um som, mas como uma vibração e um estranho peso opressivo no ar. Mais perto da catedral, entendi que um som ecoava, mas seria difícil identificá-lo. Eu estava no pórtico do transepto norte, a mão em cima de um pilar, e senti o mega-harmônio na medula dos ossos.

O som era alto. Eu ainda não me sentia qualificada a oferecer uma opinião mais precisa.

Abri a porta e entrei no transepto norte, a música quase me

empurrando novamente para fora. A catedral inteira era sacudida pelo som, cada recanto, como se ele fosse uma massa sólida que não deixava espaço para o ar, nenhum meio para atravessar. Não pude entrar enquanto meus ouvidos não se acostumaram, o que aconteceu com uma rapidez surpreendente.

Quando não me senti mais aterrorizada, fiquei impressionada. Minha reles flauta tinha feito o edifício repicar como um sino, mas aquele som fluido subia como a fumaça das velas; era uma conflagração.

Andei até a Casa Dourada, na grande interseção, vagueando por ali em meio ao som, depois segui para o transepto sul. Vi então que o instrumento tinha quatro teclados manuais, brilhando como fileiras de dentes, e um maior, para os pés. Acima, ao redor e por trás dele, havia tubos em fileiras bem organizadas, formando como que uma fortaleza cercada de cantores; parecia um descendente pouco natural de uma gaita de foles e... um dragão.

Um homem corpulento vestido de preto dominava o banco, os pés dançando uma jiga em baixo contínuo, os ombros largos lhe dando a envergadura de um gorila zibou. Eu não era baixa, mas não poderia alcançar as teclas sem esforço, em tantas direções diferentes, sem destroncar alguma coisa.

Não havia partitura na estante; certamente nenhuma música havia sido escrita ainda para essa monstruosidade. Seria essa cacofonia uma composição de sua autoria? Eu suspeitava que sim. Era brilhante, assim como é brilhante uma tempestade sobre os pântanos ou uma torrente caudalosa, na medida em que se pode dizer que uma força da natureza é genial.

Eu havia me precipitado em meu julgamento. À medida que ouvia, começava a perceber uma estrutura na peça. O volume e a intensidade tinham me distraído da melodia em si, uma coisa frágil, quase tímida. O estilo bombástico não passava de um blefe.

Ele libertou o último acorde como uma pedra atirada de uma catapulta. Um grupinho de monges que estavam escondidos em capelas vizinhas correu para fora como um bando de ratos tímidos e abordou o artista aos sussurros:

— Muito bom! Ainda bem que funciona. Já chega de testes; está prestes a começar uma missa.

— Eu não poderia tocar durante a missa? — perguntou o

homenzarrão com um forte sotaque samsamese. Sua cabeça, o cabelo loiro cortado rente, fez uma mesura submissa.

— Não. Não. Não. — A negativa ecoou por todo o transepto. Os ombros do homenzarrão caíram; mesmo de costas, ele parecia estar com o coração partido. Uma ponta de piedade me surpreendeu.

Certamente esse era o menino de ouro de Viridius, Lars. Ele tinha projetado um instrumento impressionante, que ocupava uma capela inteira com seus tubos e foles. Gostaria de saber que Santo havia sido despejado para dar espaço a ele.

Eu tinha que cumprimentá-lo. Senti que tivera um vislumbre da sua humanidade, um pedaço do seu coração em seu modo de tocar. Nós éramos amigos; ele só não sabia disso ainda. Andei mais rápido e limpei delicadamente a garganta. Ele se virou para me olhar.

Seu queixo mediano, bochechas redondas e olhos cinzentos me chocaram além das palavras. Era o Sujeito Barulhento, que tocava fole e fazia mudanças abruptas de voz ao cantar, e construía pérgulas no jardim da minha mente.

— Olá — eu disse calmamente, meu pulso acelerado de agitação e terror puro. Será que todos os meus grotescos, toda a estranha diáspora de meio-dragões, iam entrar na minha vida, um a um? Será que eu ia encontrar Gargoyella cantando numa esquina e Finch nas cozinhas do palácio, virando espetos? Talvez eu não tivesse que procurá-los, no final das contas.

Lars fez uma mesura com simplicidade samsamese, e disse:

— Nós não fomos apresentados ainda, *grrausleine*.

Apertei sua mão enorme.

— Sou Seraphina, a nova assistente de Viridius.

Ele balançou a cabeça ansiosamente.

— Eu sei. Eu me chamo Lurrse.

Lars. Ele falava goreddi como se sua boca estivesse cheia de pedrinhas.

Ele se levantou de seu banco; era mais alto do que Orma e pelo menos duas vezes e meia mais corpulento. Parecia ao mesmo tempo forte e suave, como se tivesse desenvolvido músculos mais por acidente e não se importasse em mantê-los. Tinha um nariz que mais parecia a agulha de uma bússola e que apontava com propósito. Ele o apontou na direção do coro, onde os monges tinham começado a cantar hinos alegres para Santa

Gobnait e suas abelhas bemaventuradas.

— Eles estão no culto rreligioso. Talvez nós pudéssemos... — Ele fez um gesto na direção da Casa Dourada e o transepto norte. Eu o segui, no brilho pálido da tarde.

Caminhamos até a Ponte Wolfstoot, um silêncio tímido pairando entre nós.

— Você gostaria de almoçar? — perguntei, apontando para o amontoado de carroças vendendo comida. Ele não disse nada, mas acelerou o passo. Comprei tortas e cerveja para nós e fomos para a balaustrada da ponte.

Lars ergueu-se com uma graça inesperada e sentou-se na balaustrada com suas longas pernas dependuradas sobre o rio. Como todo bom samsamese, seu modo de se vestir era melancólico: gibão preto, jaleco e calças justas. Nada de rufos ou rendas, nada de calçolas bufantes. As botas davam a impressão de que ele as possuía havia muito tempo e não conseguia suportar a ideia de se desfazer delas.

Ele engoliu um pedaço de torta e suspirou.

— Eu de fato preciso falarr com você, *grrausleine*. Ouvi você no funeral e sabia que erra minha...

Ele parou de falar; esperei, cheia de curiosidade e medo.

Gaivotas voavam em círculo sobre o rio, esperando que deixássemos cair a menor migalha. Lars jogava pedacinhos de massa, as gaivotas mergulhavam e as pescavam no ar.

— Eu vou começarr de novo — disse ele. — Você notou, talvez, que um instrumento pode serr como uma voz? Que você pode dizerr quem está tocando só de ouvirr, sem olharr? — Se conheço bem o artista, sim — eu disse, cautelosa, sem saber onde ele queria chegar.

Ele inflou as bochechas e olhou para o céu.

— Não pense que sou louco, *grrausleine*. Eu já ouvi você tocarr antes, num sonho... — Ele apontou para sua cabeça loira. — Eu não sabia o que estava ouvindo — continuou ele — mas acreditei nisso. Eram como migalhas numa trilha na florresta: eu as segui. Elas me trouxeram até aqui, onde eu pude construir a minha máquina, e onde eu sou menos o, ãh, *vilishparraiah*... desculpe, meu gorrshya não é muito bom.

Seu goreddi era melhor do que o meu samsamese, mas *vilishparraiah* parecia um cognato. A parte do “parraiah”, pelo menos. Não ousei perguntar

se ele era meio-dragão. Embora imaginasse que essa fosse a ligação entre todos os meus grotescos e eu, ainda não tinha nenhuma prova.

— Você seguiu a música... — concluí.

— A sua música!

— ...para escapar da perseguição? — falei gentilmente, tentando transmitir simpatia e lhe dar a dica de que eu compreendia tudo sobre as dificuldades de ser um mestiço.

Ele balançou a cabeça vigorosamente.

— Eu sou um daanita — disse ele.

— Oh! — exclamei. Era uma informação inesperada, e eu me peguei reavaliando tudo o que Viridius tinha me dito sobre seu protegido, a maneira como seus olhos brilhavam.

Lars olhou fixamente para os restos do seu almoço, um véu de timidez caindo sobre ele novamente. Esperei que não tivesse confundido meu silêncio com desaprovação. Tentei esclarecer isso, elogiando-o:

— Viridius está muito orgulhoso do seu megaharmônio. — Ele sorriu, mas não olhou para mim. — Como você calcula a acústica dessa parafernália toda?

Ele ergueu os olhos cinzentos repentinamente.

— Acústica? Simples. Mas eu preciso de algo para escrever.

Puxei do bolso da túnica um pequeno lápis de carvão, uma inovação dragontina rara em Goredd, mas muito útil. Seus lábios se franziram num sorrisinho e ele começou a rabiscar uma equação ao seu lado, na pedra da balaustrada. Ficou sem espaço para escrever quando a anotação se aproximou dos seus quadris — ele escrevia com a mão esquerda —, de modo que se levantou no parapeito, equilibrando-se como um gato, e se debruçou sobre a pedra para escrever. Fez diagramas de alavancas e foles, ilustrando as propriedades de ressonância dos vários tipos de madeira, elucidando sua teoria sobre como era possível imitar os sons de outros instrumentos manipulando as propriedades da onda.

Todos se viravam para olhar o homem grandalhão e surpreendentemente gracioso equilibrando-se na balaustrada, curvado sobre seus apontamentos, tagarelado sobre seu mega-harmônio num samsamese intermitente.

Eu sorria para ele, admirada de ver como alguém podia ter uma paixão tão grande por uma máquina.

Um grupo de cortesãos aproximou-se da ponte a cavalo, mas encontrou dificuldade para atravessar, com todos os comerciantes e moradores da cidade pasmos com as acrobacias de Lars. Os cavaleiros causaram certo tumulto com os cavalos, obrigando as pessoas a saírem apressadas do caminho para não serem pisoteadas. Um cortesão, vestido de preto retinto, bateu na montaria com o chicote.

Era Josef, o Conde de Apsig. Ele não reparou em mim; seus olhos estavam fixos em Lars.

Lars ergueu os olhos, encontrou o olhar feroz do conde e empalideceu.

Na opinião dos goreddi, todos os sons em samsamese parecem xingamentos, mas o tom e a linguagem corporal de Josef não deixavam dúvida. Ele trotou em linha reta até Lars, gesticulando e gritando impropérios. Eu conhecia as palavras “mestiço” e “bastardo”, e adivinhei as metades mais escabrosas de algumas palavras compostas.

Olhei para Lars, horrorizada por ele, mas o músico encarou com resignação a hostilidade do outro.

Josef instigou seu cavalo contra a balaustrada, fazendo Lars quase perder o equilíbrio. O conde baixou a voz para um sussurro feroz. Lars era forte o suficiente para derrubar o esquelético Josef do cavalo, mas nada fez.

Olhei em volta, esperando que alguém viesse em auxílio de Lars, mas ninguém na ponte apinhada de gente fez qualquer movimento para ajudá-lo. Lars era meu amigo, mesmo que o tivesse conhecido havia apenas duas horas; eu conhecia o Sujeito Barulhento há cinco anos, e ele sempre fora o meu favorito. Aproximei-me silenciosamente do cavalo e bati no joelho do Conde de Apsig, vestido de preto, cautelosamente a princípio e, depois, mais insistentemente quando ele me ignorou.

— Ei! — eu disse, como se eu pudesse falar com um conde daquela maneira. — Deixe-o em paz!

— Isso não é da sua conta, *grausleine* — Josef zombou de cima de sua gola engomada, o cabelo pálido caído sobre os olhos. Ele virou o cavalo, deixando-me para trás. Sem querer, talvez, a traseira do cavalo girou e bateu em Lars, atirando-o no rio congelante.

Então, todo mundo saiu correndo, alguns para as margens do rio, outros para se afastar ao máximo do tumulto. Corri para descer os degraus, em direção ao cais. Os ribeirinhos já estavam empurrando os barcos a remo e barcos a vela, estendendo mastros sobre as águas encapeladas, gritando

instruções para a figura que agitava os braços no ar.

Lars sabia nadar, ao que parece, mas era impedido pelas roupas e pelo frio. Seus lábios estavam azulados; ele tinha dificuldade para agarrar os remos estendidos.

Alguém finalmente conseguiu içá-lo e levá-lo até a margem, para onde anciãs ribeirinhas tinham transportado pilhas de cobertores de suas barcaças.

Um ribeirinho trouxe um braseiro e atiçou-o, acrescentando um cheiro forte de carvão vegetal à brisa fedendo a peixe.

Senti uma ardência atrás dos olhos, comovida pela visão de pessoas se reunindo para ajudar um estranho. A amargura que eu estava carregando desde a manhã, desde o incidente no Mercado St. Willibald, tinha se dissipado. As pessoas temiam o desconhecido, certamente, mas ainda tinham uma capacidade imensa de expressar bondade, quando um de sua própria raça...

Exceto pelo fato de que Lars não era um deles. Ele parecia normal, a não ser pela altura e circunferência; mas o que havia sob seu gibão preto? Escamas? Algo pior? E ali estavam os bem-intencionados e assustadiços habitantes da cidade, prestes a lhe arrancar a roupa encharcada. Ele estava se esquivando timidamente das mãos solícitas de uma velha senhora naquele mesmo instante.

— Vamos, rapaz — ria ela —, não precisa de timidez comigo. O que já não vi nos meus 50 anos?

Lars estremeceu — grandes arrepios, para combinar com o resto do corpanzil. Ele precisava se secar. Eu só conseguia pensar em uma coisa a fazer, e ela era ligeiramente insana.

Pulei em cima de uma das pilastras do cais, gritando:

— Quem quer uma canção? — e me pus a cantar uma versão à capela de “Pêssegos e Queijo”.

*O sol indolente brilha através das árvores,
Enquanto lilases, como memórias, agitam-se nos ares,
Meu amigo, eu nasci para dias suaves como este,
Para aspirar o perfume e negar a tristeza,
E me banquetear como um rei de pêssegos e queijo!
Cruzarei este vasto mundo e irei aonde eu quiser,*

*Não posso evitar minhas andanças, são como uma doença.
Meu único pesar ao cruzar o grande mar:
O que eu deixo para trás, embora espere encontrar,
Minha própria cidade dourada de pêssegos e queijo!*

As pessoas riram e aplaudiram, a maioria com os olhos fixos em mim. Demorou um minuto até Lars entender que essa era toda a cobertura que ia receber. Virou-se modestamente na direção da mureta do rio, um cobertor sobre os ombros, e começou a tirar as roupas.

Mas ele precisava ir mais rápido do que isso; a música só tinha cinco versos.

Lembrei-me do alaúde preso às minhas costas, tirei-o dali, e comecei um interlúdio improvisado. As pessoas aplaudiram. Lars olhou com os olhos arregalados para mim, provocando minha irritação. Será que ele também não tinha acreditado que eu podia tocar? *Obrigada pelos parcos elogios, Viridius!*

Em seguida, no entanto, foi a minha vez de arregalar os olhos para Lars, porque me pareceu que não havia nada de estranho nele, no final das contas. Não avistei nenhum traço prateado em suas pernas, mas ele rapidamente as cobriu com as calças emprestadas. Manteve o cobertor nos ombros da melhor maneira que pôde, até que este escorregou. Olhei com expectativa para seu peito. Nada.

Não! Espere! Ali estava, no bíceps direito: uma faixa fina de escamas por toda a volta. De longe parecia um bracelete no estilo porfiriano; ele tinha até encontrado uma maneira de engastá-la com pedras de vidro coloridas. Podia ser facilmente confundida com uma joia, por alguém que não esperasse ver escamas.

De repente entendi a irritação da Dama Okra comigo. O quanto a vida dela seria mais fácil se essa estreita faixa fosse sua única manifestação física! E eu ali me arriscando, na frente de todo mundo, sendo que ele quase nada tinha a esconder.

*Vou pedir ao meu grande amor, e espero vê-la concordar,
Como não concordaria, se vou até ajoelhar?
Minha Jill, diga o que quer, e não caçoe de mim.
Quando é hora de comer,*

*Eu digo doces para a mais doce,
Meu amor, que sua resposta seja pêssegos e queijo!*

Concluí com um floreio. Lars estava decente, nos trajes mal-ajambrados de ribeirinho, ligeiramente pequenos para ele. A multidão pediu mais, mas para mim bastava, minha onda de pânico já tinha passado. Tudo o que restava era descobrir como sair do meu “poleiro”; olhando para baixo agora, eu não tinha certeza de como tinha ido parar ali. Aparentemente o desespero nos dá uma capacidade maior de saltar.

Uma mão foi estendida para me ajudar; olhei para baixo e vi os cachos escuros e os olhos divertidos do Príncipe Lucian Kiggs.

Ele sorriu para o puro absurdo da minha condição, e tive que retribuir o sorriso.

Saltei, mas não com muita agilidade.

— Eu estava me dirigindo ao Castelo de Orison com a patrulha da noite — esclareceu o Príncipe. — Pensei em parar e ver o que estava provocando essa comoção — e a cantoria. Cantou muito bem!

Muitas pessoas tinham debandado com a chegada da pequena facção da Guarda; as que permaneceram contavam com entusiasmo o acontecido, como se a história se equiparasse a *Belondweg*, a nossa epopeia nacional. O epônimo Conde Brutal de Apsig atormenta um pobre inocente na balaustrada da ponte! Uma linda donzela tenta salvá-lo, o povo heroico da cidade impede que se afogue, e então — música triunfal!

O Príncipe Lucian pareceu gostar da história. Eu estava contente por não ter que explicar o que realmente estava fazendo ali; aquilo parecia perfeitamente lógico para todos. Lars ficou em silêncio, ignorando um oficial que estava tentando interrogá-lo.

O oficial frustrado passou seu relatório ao Príncipe.

— Ele não tem interesse em buscar justiça para este incidente, Capitão Kiggs.

— Encontre o Conde Josef. Vou falar com ele sobre isso. Ele não pode sair por aí atirando pessoas no rio e simplesmente indo embora em seu cavalo — disse o Príncipe Lucian, acenando uma dispensa. Seus agentes partiram.

O sol estava começando a se pôr e a brisa vinda do rio tinha voltado a soprar forte. O Príncipe olhou para o meu trêmulo amigo. Lars era mais

velho e uma cabeça mais alto, mas o Príncipe Lucian tinha toda a postura de Capitão da Guarda da Rainha. Lars parecia um menininho que queria se afundar em suas botas. Fiquei impressionada ao pensar em como ele quase tinha conseguido.

O Príncipe falou, a voz inesperadamente suave:

— Você é o protegido de Viridius.

— Sim — disse Lars, resmungando como um homem que tinha afundado em suas botas.

— Será que provocou o conde de algum modo?

Lars deu de ombros e disse:

— Eu cresci nas terras dele.

— Isso não é bem uma provocação, não é? — perguntou o Príncipe Lucian. — Você é servo dele?

Lars hesitou.

— Eu passei mais de um ano e um dia longe das terras dele. Estou legalmente livre.

Uma questão se enraizou na minha mente: se Lars havia crescido nas terras de Josef, este poderia saber que Lars era metade dragão? Parecia plausível, e a hostilidade de Josef fazia sentido à luz de suas atitudes em relação a dragões. Infelizmente, eu não poderia perguntar isso na frente de Lucian Kiggs.

O Príncipe Lucian pareceu enojado.

— Talvez um homem possa molestar seus antigos servos em Samsam, mas não é assim que costumamos agir por aqui. Vou falar com ele.

— Eu prefero que não — pediu Lars. O Príncipe Lucian abriu a boca para protestar, mas Lars o cortou. — Eu posso ir, não posso?

O Príncipe acenou para ele, concordando. Lars devolveu meu lápis, ligeiramente encharcado, e sustentou meu olhar por um instante antes de se virar para ir embora. Desejei poder abraçá-lo, mas senti certa relutância em fazer isso na frente do Príncipe. Nós compartilhávamos um segredo, Lars e eu, mesmo que Lars não soubesse ainda.

Ele subiu os degraus de pedra até a Ponte Wolfstoot sem dizer uma palavra. Os ombros largos dele cederam, como se estivessem sob o peso de mundos inteiros que não podíamos ver.

ONZE

Mas evidentemente eu poderia dizer qualquer coisa, porque você está com a cabeça em outro lugar agora — disse o Príncipe Lucian, que aparentemente estivera falando comigo havia algum tempo.

— Desculpe — eu disse, desviando os olhos de Lars e fazendo uma mesura.

— Podemos dispensar as formalidades — disse o Príncipe quando me levantei, as suas sobrancelhas erguidas numa expressão de divertimento. Ele colocou a mão no gibão carmesim, bem sobre o coração, e disse com ar sério:

— Neste momento sou apenas o Capitão da Guarda. Meia mesura é suficiente, e você pode me chamar de Capitão Kiggs ou simplesmente Kiggs, se quiser. Como todo mundo.

— A Princesa Glisselda o chama de Lucian — eu disse descontraidamente, disfarçando minha agitação.

Ele deu uma risada curta.

— Selda é uma exceção em tudo, como você deve ter notado. Minha própria avó me chama de Kiggs. Quer contradizer a Rainha?

— Eu não ousaria — disse eu, tentando imitar sua leveza. — Não sobre algo tão importante.

— Sei que não. — Ele fez um gesto amplo em direção aos degraus da ponte. — Se não se importa, prefiro caminhar enquanto falamos; tenho que voltar ao Castelo de Orison.

Eu o segui, sem saber bem sobre o que ele queria falar comigo, mas lembrando-me de que Orma tinha me confiado uma tarefa. Enfiei a mão na bolsa em minha cintura, mas a pequena estatueta de lagarto me deixou ansiosa, como se pudesse pôr a cabeça para fora sem minha autorização.

Como o Príncipe reagiria se a visse? Talvez eu pudesse apenas contar a história.

Um membro de uma guilda encarregada de vigiar a cidade estava na balaustrada como Lars estivera um pouco antes, acendendo lâmpadas em antecipação ao pôr do sol; comerciantes risonhos desarmavam suas

barracas. O Príncipe — *Kiggs* — passeava em meio à multidão cada vez mais rarefeita do mercado, perfeitamente à vontade entre as pessoas do povo, como se fosse simplesmente um cidadão qualquer. Comecei a subir a suave ladeira da Avenida Real, mas ele fez um gesto em direção a uma viela estreita, um atalho. A rua, que já não era muito larga, estreitava-se ainda mais depois da ladeira; os andares superiores das casas se debruçavam sobre a rua, como se estivessem se inclinando para fofocar. A moradora de um dos lados poderia pedir emprestado um pedaço de manteiga à vizinha em frente sem sair de casa. Os edifícios se assomavam espremendo o céu até transformá-lo numa faixa que escurecia rapidamente.

Quando o barulho do mercado tinha se desvanecido e apenas o som de suas botas ecoava na rua, Lucian Kiggs disse:

— Eu queria agradecer à sua intervenção com os saarantrai na outra noite.

Precisei de um instante para me lembrar do que ele estava falando. O fato de a Dama Okra ter me batido com um livro tinha eclipsado os outros eventos daquele dia.

Ele continuou:

— Ninguém mais se atreve a falar tão claramente com Selda, nem mesmo eu. Eu sofria da mesma paralisia que ela, como se o problema pudesse se resolver sozinho se todos se recusassem a reconhecê-lo. Mas, claro, Selda diz que você sabe muito sobre dragões. Parece que ela está certa.

— Gentileza sua — respondi sem me alterar, não deixando que percebesse o nó de ansiedade que suas palavras produziam em meu peito. Não gostei de vê-lo me associando aos dragões. Ele era muito astuto.

— Isso suscita perguntas, é claro — disse ele, como se tivesse lido minha mente. — Selda disse que seu conhecimento é resultado das leituras que fez do Tratado com seu pai. Talvez isso explique em parte esse conhecimento, mas certamente não todo. A sua descontração com os saarantrai, sua capacidade de falar com eles sem suar frio, isso não é algo que se consegue estudando o Tratado. Eu li o Tratado; isso faz com que se desconfie ainda mais deles, porque é mais cheio de furos que um queijo ducanahan.

Meu nó de ansiedade se apertou ainda mais. Lembreime de que o queijo da província de Ducana era famoso por ser repleto de buracos; ele

estava fazendo uma simples analogia, e não uma referência velada a Amaline Ducanahan, minha mãe humana fictícia.

Kiggs olhou para o céu púrpura com as mãos atrás das costas, como um dos meus velhos e pedantes tutores, e continuou:

— Aposto que isso tem algo a ver com o seu professor dragão. Orma, não é?

Relaxe um pouco.

— De fato. Conheça-o desde sempre; ele é praticamente da família.

— Faz sentido. Você conviveu com ele desde a infância.

— Ele me ensinou muito sobre dragões — esclareci. — Eu lhe fazia perguntas o tempo todo; sou curiosa por natureza. — Foi bom poder dizer algo verdadeiro ao Príncipe.

A rua era tão íngreme no ponto em que estávamos que tinha degraus; ele saltou na minha frente como um cabritomontês. Havia lanternas de Speculus penduradas ao longo do quarteirão; cacos de espelhos por trás das velas lançavam encantadoras centelhas de luz na rua e nas paredes. Ao lado delas, havia sinos de Speculus pendurados, que Kiggs fazia tocarem. Murmurávamos as palavras de costume debaixo da cacofonia cintilante: “Disperse a escuridão, disperse o silêncio!”

Agora parecia um momento oportuno para trazer à baila a preocupação de Orma, visto que tínhamos acabado de tocar no nome nele. Abri a boca, mas não fui adiante.

— Quem é o seu Santo no saltério? — perguntou o Príncipe sem aviso.

Eu estava organizando mentalmente o que deveria dizer sobre Orma, e por um instante não consegui responder.

Ele olhou para mim, os olhos escuros brilhando à luz fragmentada das lanternas.

— Você falou que era curiosa. Nós, os tipos curiosos, costumamos ser filhos de um dos três Santos. Olhe. — Ele enfiou a mão no gibão, tirando dali um medalhão de prata numa corrente; ele brilhou na luz. — Eu pertencço a Santa Clara, padroeira da perspicácia. Mas você não parece obcecada pelo mistério ou suficientemente sociável para ser de São Willibald. Meu palpite é Santa Capiti — a vida mental!

Pisquei para ele com espanto. Era verdade, meu saltério, ao cair, tinha aberto na página de Santa Yirtrudis, a herege, mas Santa Capiti tinha sido a Santa que a substituía. A afirmativa dele era praticamente correta.

— Como você...

— É da minha natureza perceber as coisas — disse ele. — Tanto Selda quanto eu temos reparado na sua inteligência.

De repente percebi que eu estava ao mesmo tempo quente devido ao esforço de subir os degraus e gelada com esse lembrete de que ele era tão observador. Eu precisava ser cuidadosa. Apesar da sua afabilidade, o Príncipe e eu não poderíamos ser amigos. Eu tinha coisas demais para esconder, e era da natureza dele investigar.

Minha mão direita tinha se esgueirado para baixo da manga esquerda e apalpava o pulso escamoso. Esse era exatamente o tipo de hábito inconsciente que ele iria perceber; eu me forcei a parar.

Kiggs perguntou sobre o meu pai; fiz um comentário vago.

Pedi minha opinião sobre a pedagogia de Lady Corongi; expressei uma ligeira preocupação com polidez. Ele deu sua própria opinião sobre o assunto, em termos objetivos e contundentes; mantive a boca fechada.

A rua ficou mais plana, e logo passamos a barbacã do Castelo de Orison. Os guardas o saudaram; Kiggs inclinou a cabeça em resposta. Comecei a relaxar; estávamos quase em casa e sua entrevista certamente estava terminada. Atravessamos em silêncio o pátio de cascalho do Tribunal de Pedra. Kiggs desacelerou o passo e virou-se para mim com um sorriso.

— Sua mãe devia ter um ouvido muito bom para música.

A caixa de memórias maternas contraiu-se doentamente na minha cabeça, como se quisesse responder. Tentei fugir sem falar, apenas com uma reverência. E me saí mal: meus braços estavam tão rígidos em torno da cintura que eu mal consegui me curvar.

— Ela se chamava Amaline Ducanahan, certo? — perguntou ele, examinando meu rosto. — Eu a procurei quando era jovem, intrigado com o misterioso primeiro casamento do seu pai, aquele de que ninguém tinha ouvido falar até que você apareceu como um cuco no segundo. Eu estava lá. Ouvi você cantar.

Cada parte de mim se transformou em gelo, exceto meu coração acelerado e a caixa de memórias, que deu um pinote como um potro na minha cabeça.

— Esse foi meu primeiro mistério: quem era aquela menina cantando e por que o Conselheiro Dombegh ficou tão perturbado quando ela apareceu? — ele comentou, os olhos distantes com a lembrança. Sua risada silenciosa

manifestou-se como uma nuvem de vapor no ar e ele balançou a cabeça, maravilhado com sua obsessão juvenil. — Não pude esquecer esse mistério até descobrir a verdade. Talvez eu esperasse que você fosse ilegítima, como eu, mas não, tudo estava em ordem. Parabéns!

Tudo deveria estar numa ordem impecável, com certeza; a paranoia do meu pai não tinha omitido nenhum detalhe — contrato matrimonial, certidão de nascimento e de morte, cartas, recibos...

— Você chegou a voltar à província de Ducana? — Kiggs perguntou do nada.

— Por quê? — Eu não estava mais acompanhando sua linha de raciocínio. Senti-me como um arco sendo estirado: tudo o que ele dizia só fazia o arco estirar um pouco mais.

— Para ver sua lápide. Seu pai mandou fazer uma bonita. Eu mesmo não fui — acrescentou apressadamente. —

Eu tinha 9 anos de idade. Um dos homens do tio Rufus tinha família em Trowebridge, então perguntei a ele. Ele fez um desenho. Eu talvez ainda o tenha, se você quiser.

Não havia resposta que eu pudesse dar. Fiquei tão horrorizada ao saber que ele tinha investigado a história de minha família que tinha medo do que poderia dizer. O quão perto ele tinha chegado? Eu estava tão próxima da tensão total agora que podia ser perigosa. Acenei com a última bandeira branca de que ainda dispunha:

— Eu não gostaria de falar sobre minha mãe. Por favor, me desculpe.

Sua testa se franziu de preocupação; ele podia ver que eu estava chateada, mas não sabia por quê. Adivinhou exatamente o contrário:

— É duro que ela a tenha deixado assim tão jovem. A minha também. Mas ela não viveu em vão. Que maravilhoso legado ela lhe deixou!

Legado? No meu braço, na minha cintura e espalhado pela minha cabeça? Uma ciciante caixa de lembranças, que eu temia pudesse se abrir numa explosão a qualquer momento?

— Ela lhe deu a capacidade de tocar a própria alma das pessoas — disse ele gentilmente. — Como é ser tão talentosa?

— Como é ser um bastardo? — deixei escapar.

Levei a mão à boca, horrorizada. Eu tinha sentido a flecha chegando; não tinha percebido que o arco já estava carregado com essa mesma discussão, perfeitamente calibrado para atingi-lo em cheio. Que parte de

mim tinha passado estudando-o, armazenando conhecimento como munição?

Sua expressão aberta se fechou abruptamente; de repente ele me pareceu um estranho, seu olhar desconhecido e frio. Ele se empertigou, assumindo uma postura defensiva. Cambaleei, dando um passo para trás, como se ele tivesse me empurrado.

— Como é? É assim — disse ele, gesticulando com raiva no espaço entre nós. — Quase o tempo todo.

Então ele foi embora, como se o vento o tivesse arrastado para longe. Fiquei ali no pátio sozinha, percebendo que não tinha conseguido falar com ele sobre Orma. Meu aborrecimento por ter esquecido isso empalideceu diante de tudo o que estava clamando para que eu sentisse, por isso eu me agarrei a ele, como a um graveto à deriva num mar tempestuoso. Não sei como, minhas pernas doloridas me carregaram para dentro de casa.

DOZE

Naquela noite, busquei o conforto da normalidade e da rotina do meu jardim. Fiquei um bom tempo na beirada da ravina do Sujeito Barulhento, observando-o construir uma tenda de taboas, e vendo o Pastelão mudar de pele. O Sujeito Barulhento, como a Senhorita Exigente, parecia mais nítido e cheio de detalhes agora que eu o vira no mundo real; seus dedos eram longos e ágeis; a curva de seus ombros, triste.

O Morcego das Frutas ainda era o único grotesco que olhava para mim. Apesar de eu ter lhe pedido para ficar no seu bosque, ele veio e se sentou ao meu lado na borda do desfiladeiro, as pernas morenas e magrinhas penduradas sobre a borda. Descobri que eu não me importava. Pensei em pegar nas mãos dele, mas só o fato de pensar nisso já era demais para mim. Eu já tinha o bastante para me preocupar agora. Ele não ia a lugar nenhum.

— Além disso — eu disse a ele, como se estivéssemos em meio a uma conversa —, pelo jeito como as coisas vão indo, tenho apenas que esperar para que você possa me causar problemas.

Ele não falou nada, mas seus olhos brilharam.

Na manhã seguinte, eu me demorei mais na lavagem e lubrificação das escamas. Temia encarar a aula da Princesa Glisselda; certamente Kiggs tinha falado com ela sobre mim. Quando finalmente cheguei ao solar sul, no entanto, ela não estava lá. Sentei-me ao cravo e toquei para me consolar; o timbre desse instrumento era, para mim, o equivalente musical a um banho quente.

O dia estava frio.

Um mensageiro chegou com uma mensagem da Princesa, cancelando a aula sem explicação. Olhei para o bilhete por um longo tempo, como se a escrita pudesse me dizer alguma coisa sobre seu humor, mas eu nem tinha certeza se ela mesma o havia escrito.

Eu estava sendo punida por insultar seu primo? Parecia provável, e eu merecia, é claro. Passei o resto do dia tentando não pensar nisso. Cumpri meus deveres

(entediantes) com Viridius, exercitando a viela de roda das músicas oficiais (longuíssimas), supervisionando a construção do palco (brilhante) no grande salão, finalizando a organização da cerimônia (autocomiserativa) de boas-vindas, para a qual faltavam agora apenas dois dias. Atirei-me (inquieta) ao trabalho para afastar a sensação (deprimente) que me oprimia quando eu parava.

A noite caiu. Fui para a torre norte e jantei. O percurso mais rápido para o gabinete de Viridius passava pelas câmaras de Estado: o gabinete da Rainha, a sala do trono, a Câmara do Conselho. Eu sempre passava por ali rapidamente; era o tipo de lugar que meu pai frequentava.

Essa noite, quase como se ele tivesse me ouvido pensar nele, meu pai saiu da sala do conselho e cruzou meu caminho, mergulhado numa conversa com a própria Rainha.

Ele me viu — meu pai e eu temos uma sensibilidade felina para perceber a presença um do outro —, mas fingiu que não percebeu. Eu não estava com disposição para a humilhação que seria ser apontada pela Rainha, pensando que ele não tinha reparado em mim, então me esgueirei por um corredorzinho lateral e esperei do outro lado de uma estátua da Rainha Belondweg.

Eu não estava escondida, exatamente, só fora do caminho o bastante para não ser notada por ninguém que não estivesse procurando por mim. Outros dignitários fluíram para fora da Câmara do Conselho; Dama Okra Carmine, Lady Corongi e o Príncipe Lucian Kiggs, todos passaram pelo meu corredor sem olhar para mim.

Ouvi uma voz alegre às minhas costas:

— Quem estamos espionando?

Pulei de susto. A Princesa Glisselda sorriu para mim.

— Há uma porta secreta que dá para fora da sala do Conselho. Estou fugindo daquela abobrinha murcha, Lady Corongi. Ela já passou?

Balancei a cabeça, chocada, ao encontrar o eu indiferente e amigável de sempre da Princesa Glisselda. Ela estava praticamente dançando de prazer, os cachos dourados saltando como molas em torno de seu rosto.

— Lamento ter perdido minha aula de hoje, Phina, mas temos estado terrivelmente ocupados. Acabamos de ter o conselho mais emocionante que já vi na vida, e eu pareci muito inteligente, em grande parte por sua causa.

— Isso é... isso é maravilhoso. O que aconteceu?

— Dois cavaleiros chegaram ao castelo hoje! — Ela mal podia se conter; suas mãos se moviam em torno de si como dois passarinhos inquietos. Elas pousaram brevemente em meu braço esquerdo, mas consegui não me encolher de maneira visível. — Afirmaram ter visto um dragão selvagem voando ao redor da zona rural em sua forma natural! Não é horrível?

Horrível o suficiente para fazê-la sorrir de orelha a orelha. Ela era uma princesinha um pouco estranha.

Eu me peguei apalpando meu pulso escamoso, e rapidamente cruzei os braços.

— A cabeça do Príncipe Rufus desapareceu — eu meio que sussurrei, pensando em voz alta.

— Como se tivesse sido arrancada por uma mordida, é verdade — disse a Princesa Glisselda, concordando vigorosamente com a cabeça.

— O Conselho suspeita de uma ligação entre esse dragão e a morte do Príncipe?

— Minha avó não gosta da ideia, mas parece inevitável, não acha? — disse ela, saltando sobre os calcanhares. — Estamos fazendo um intervalo para o jantar, mas vamos passar o resto da noite tentando descobrir o que fazer agora.

Eu estava apalpando meu pulso novamente. Apertei a mão direita sob a axila. *Pare com isso, mão. Você está banida.*

— Mas não contei a melhor parte — disse Glisselda, colocando uma mão no peito, como se estivesse prestes a fazer um discurso. — Eu, eu mesma, me dirigi ao Conselho e disse que os dragões nos veem como baratas muito interessantes, e que talvez alguns deles pretendam fazer da paz um artilho! Talvez eles secretamente planejem queimar as casas das baratas!

Senti meu queixo cair. Talvez fosse por isso que a governanta dela não lhe dizia nada: era só lhe dar algum espaço e ela fazia o caminho inteiro até a lua.

— Como é que reagiram a isso?

— Todo mundo ficou surpreso. Lady Corongi balbuciou alguma coisa idiota sobre os dragões terem sido derrotados e desmoralizados, mas isso só a fez parecer uma tonta. Acredito que nós fizemos o restante pensar!

— Nós? — Pela pedra de São Masha! Todos pensariam que eu estava

colocando ideias malucas na cabeça da Princesa. Eu tinha feito a analogia da barata, é verdade, mas as casas dos insetos incendiadas — para não falar de a paz ser um ardil! — eram uma extrapolação de sua própria autoria.

— Bem, não dei o crédito a você, se é isso que estava esperando — ela fungou.

— Não, não, por mim tudo bem — eu disse apressadamente. — Você nunca precisa me dar o crédito!

A Princesa Glisselda de repente pareceu austera.

— Eu não diria nunca. Você é inteligente. Isso é útil. Há pessoas que apreciariam essa qualidade. Na verdade — disse ela, inclinando-se — há pessoas que já apreciam, e você não faz nenhum favor a si mesma indispondo-se com elas.

Olhei-a. Ela estava se referindo a Kiggs, não havia engano.

Fiz uma reverência completa e ela sorriu de novo; seu rosto delicado não tinha sido feito para expressar severidade. Ela partiu subitamente, deixando-me com os meus pensamentos e pesares.

Refleti sobre a notícia da Princesa a caminho da ceia. Um dragão fora da lei, solto no campo, era algo sem precedentes. De quem era a responsabilidade? Eu conhecia bem o Tratado, mas aquela questão específica não era respondida em lugar nenhum. No lado goreddi, tentaríamos, sem dúvida, fazer com que os dragões resolvessem isso — e, no entanto, como poderiam prender o transgressor sem enviar dragões em sua forma natural? Aquilo era inaceitável.

Mas então o quê?

Nós confiávamos piamente na cooperação dos dragões quanto à aplicação do Tratado. Mesmo se alguns deles se recusassem a continuar a aceitá-lo, que recurso tínhamos senão a ajuda de outros dragões? Isso não os convidaria a efetivamente lutar entre si nos nossos céus?

Meus passos ficaram mais lentos. Não era apenas um dragão fora da lei. Meu próprio avô, o banido General Imlann, tinha assistido ao funeral e enviado a Orma aquela moeda. Poderia haver dragões ilegais, sem registro, rondando por ali, evitando usar o sino e se misturando com o povo?

Ou havia apenas um, afinal de contas? Será que os cavaleiros tinham visto Imlann?

Poderia meu próprio avô ter matado o Príncipe Rufus?

A ideia causou um nó no meu estômago; quase desisti de jantar, mas respirei fundo e me obriguei a seguir em frente. Fofocas na sala de jantar eram uma chance de saber mais sobre o dragão fora da lei, se houvesse mais alguma coisa que soubessem a respeito.

Atravessei a longa sala de jantar na direção da mesa dos músicos e me espreguei num banco. Os rapazes já estavam em meio a uma conversa; mal perceberam que eu estava lá.

— Vinte anos nos subterrâneos; será que os velhos rabugentos estão mesmo no seu juízo perfeito? — disse Guntard às voltas com uma colherada de manjar branco. — Provavelmente eles viram uma garça contra o sol e acharam que era um dragão!

— Eles querem impedir a vinda de Comonot provocando tumulto, como os Filhos — disse um tocador de tambor, pescando passas de seu cozido.

— Não se pode culpá-los. Não é de arrepiar os pelos da nuca pensar em dragões andando entre nós como se fossem pessoas?

Todos se viraram em uníssono de um modo nada sutil para a mesa dos saars, onde os membros do mais baixo escalão da Embaixada dragontina jantavam juntos. Havia oito deles nesta noite, sentados como se tivessem hastes na espinha, mal se falando. Os servos evitavam aquele canto; um saarantras devolvia à cozinha as travessas se eles precisassem de reabastecimento. Eles comiam pão e tubérculos e bebiam apenas água de cevada, como monges abstêmios ou certos samsameses austeros.

Um sacabuxista magricela inclinou-se mais para perto.

— Como sabemos que todos usam o sino? Um deles poderia se sentar entre nós, nesta mesma mesa, e nem saberíamos!

Meus músicos olharam uns para os outros com desconfiança. Conscienciosamente segui o exemplo, mas a curiosidade se apoderou de mim. Perguntei:

— O que aconteceu com os cavaleiros no final? Eles foram devolvidos à selva?

— Homens banidos e prováveis arruaceiros? — zombou Guntard. — Eles estão presos no porão leste, já que o calabouço está cheio de barris de vinho por causa de alguma visita de Estado importante que está chegando.

— Doce Santa Siucré, qual deles poderia ser? — alguém perguntou com uma risada.

— Aquele em que sua mãe se deitou com um saar e pôs um ovo. Omelete para todos!

Eu ri mecanicamente, junto com todos os outros.

A conversa se voltou para a agenda de concertos, e de repente todas as perguntas foram dirigidas a mim. Eu tinha uma ideia, no entanto, e estava muito preocupada com ela, para me concentrar nas perguntas. Pedi que todos consultassem o calendário afixado na porta da sala de ensaio, entreguei meu prato constituído de pão aos cachorrinhos debaixo da mesa, e levantei-me para me despedir.

— Seraphina, espere! — gritou Guntard. — Pessoal, como íamos mesmo agradecer à professora Seraphina por todo o trabalho que ela está fazendo?

Ele soprou um assobio agudo enquanto os companheiros às pressas engoliam seus bocados e os faziam descer com o vinho.

Para grande diversão do resto do refeitório, com exceção apenas dos saarantrai, eles começaram a cantar:

*Ó Professora Seraphina,
Por que não se casa comigo?
Desde a primeira vez que a vi,
Sabia que você nasceu pra mim!
Não é só porque é muito petulante,
Não é só porque você não sabe pouco,
É porque é quem espeta Viridius
Bem no meio dos seus olhinhos de porco!*

— Hurra! — gritaram todos os meus músicos.

— “Enfrentando Viridius com coragem, e nos livrando de fazer o mesmo!” — gritou a voz de um engraçadinho.

Todo mundo caiu na gargalhada. Sorri enquanto acenava um adeus — um sorriso verdadeiro — e continuei sorrindo por todo o caminho até a ala leste. Tinha me ocorrido que esses cavaleiros podiam ser capazes de descrever o dragão fora da lei em detalhes para que Orma pudesse identificá-lo como Imlann. Então eu teria uma prova real e concreta para Lucian Kiggs, mais do que apenas uma moeda, a preocupação com um dragão e a mais vaga das descrições.

Então talvez eu conseguisse reunir coragem suficiente para falar com ele outra vez. Eu lhe devia um pedido de desculpas, no mínimo.

Um único guarda estava no topo da escada do porão leste. Endireitei ligeiramente a postura e eliminei qualquer vestígio do sorriso; precisava de toda minha concentração e seriedade se quisesse levar isso a cabo. Ao me aproximar, tentei fazer com que meus passos soassem confiantes.

— Por gentileza — eu disse. — O Capitão Kiggs já chegou?

O homem puxou o bigode.

— Não o vi ainda, mas acabei de começar meu turno.

Ele pode estar lá embaixo.

Eu esperava que não, mas lidaria com isso se fosse obrigada.

— Quem está de plantão lá embaixo? John? — John era um bom nome, o mais comum.

Seus olhos se arregalaram um pouco.

— John Saddlehorn, isso mesmo. E Mikey, o Peixe.

Balancei a cabeça como se conhecesse os dois.

— Bem, não me importo de lhes perguntar eu mesma. Se o Capitão Kiggs aparecer, por favor, avise-o que já estou lá embaixo.

— Espere — disse ele. — Que história é essa? Quem é a senhorita?

Lancei-lhe um olhar levemente perplexo.

— Seraphina Dombegh, filha do eminente advogado Claude Dombegh, o especialista da Coroa no Tratado de Comonot. O Capitão Kiggs queria minha opinião sobre o interrogatório dos cavaleiros. Por acaso estou no lugar errado? Eu tinha entendido que os interrogatórios estavam sendo realizados aqui.

O guarda coçou sob o capacete, como se estivesse num dilema. Suspeitei que ele não tivesse ordens específicas para não deixar ninguém descer, mas ainda não achava que deveria fazer isso.

— Venha comigo, se quiser — ofereci. — Tenho algumas perguntas sobre o dragão que eles viram. Espero que possamos identificá-lo.

Ele hesitou, mas concordou em me acompanhar até lá embaixo. Dois guardas estavam sentados diante de uma porta de madeira maciça, jogando cartas sobre um barril virado de cabeça para baixo; baixaram as cartas, intrigados, ao nos verem. Meu guarda apontou o polegar em direção às escadas.

— Mikey, assumo o topo da escada. Quando o Capitão chegar, diga

que a Donzela Dombegh já está aqui.

— Do que se trata, afinal? — disse o sujeito chamado John quando meu guarda destrancou a porta.

— Ela vai interrogar os prisioneiros. Eu vou com ela, você fica aqui.

Eu não queria que ele fosse, mas não vi nenhuma maneira imediata de impedi-lo.

— Você está me acompanhando para me proteger? Eles são muito perigosos?

Ele riu.

— Donzela, são dois velhotes. Vai ter que falar bem alto.

Os dois cavaleiros estavam sentados em seus catres de palha, piscando para a luz. Eu lhes fiz uma meia reverência, mantendo-me perto da porta. Eles não eram tão decrepitos quanto tinham afirmado. Tinham cabelos grisalhos e eram ossudos, mas demonstravam uma tenacidade resistente; se o brilho dos seus olhos fosse alguma indicação, estavam se fingindo de “velhos desamparados” para quem quisesse acreditar.

— O que você nos trouxe, rapaz? — perguntou o mais corpulento, que era careca e bigodudo. — Vocês oferecem mulheres aos prisioneiros agora, ou essa é alguma forma inovadora de nos fazer falar?

Ele estava impugnando minha virtude. Eu deveria me sentir ofendida, mas por algum motivo a ideia me divertiu. Essa poderia ser a minha próxima carreira: instrumento de tortura! Seduzindo os prisioneiros, e, em seguida, revelando minhas escamas! Eles confessariam de puro horror.

O guarda ficou vermelho.

— Tenham mais respeito! — rugiu através do bigode. — Ela está aqui em nome do Capitão Kiggs e do Conselheiro Dombegh. Você vai responder às perguntas dela corretamente ou irá para um lugar muito pior que este, vovô.

— Está tudo bem — eu disse. — Você se importaria de nos deixar a sós?

— Donzela Dombegh, a senhorita ouviu o que ele acabou de dizer. Não seria apropriado!

— Ficarei perfeitamente bem — eu assegurei com uma voz suave. — O Capitão Kiggs deve estar chegando.

Ele colocou a tocha num suporte e me deixou com os prisioneiros, resmungando. O cômodo, que servia principalmente como sala de

armazenamento, continha alguns barris pequenos; puxei um, sentei-me e sorri calorosamente para os velhos.

— Quem é quem aqui? — perguntei, percebendo que eu já saberia os seus nomes, se estivesse ali oficialmente. Para meu constrangimento, reconheci o mais magro dos dois, aquele que não tinha falado ainda. Ele tinha enxotado Orma para longe de mim naquele desastroso desfile de dragões cinco anos antes e havia ajudado Maurizio a me levar para casa. Eu tinha crescido e ficado muito mais alta desde então, e ele estava mais velho; talvez não se lembrasse de mim.

— Sir Karal Halfholder — disse ele, sentando-se mais ereto. Estava vestido como um camponês, túnica, tamancos, falta de asseio e tudo mais, mas sua fisionomia era a de um homem bem nascido. — Meu irmão em armas, Sir Cuthberte Pettybone.

Sir Cuthberte era o que tinha me tomado por uma prostituta. Ele fez uma reverência, dizendo:

— Minhas desculpas, Donzela Dombegh. Não deveria ter sido tão grosseiro.

Sir Karal tentou antecipar minha próxima pergunta:

— Nunca vamos dizer onde nossos irmãos estão escondidos!

— A senhorita teria que nos seduzir primeiro! — Sir Cuthberte girou o bigode. Sir Karal olhou com raiva para ele, e Cuthberte exclamou:

— Ela está sorrindo! Sabe que estou brincando!

Eu sabia. Por alguma razão, achei engraçado. Velhos foragidos, que por décadas só tiveram outros velhos como companhia, achavam que valia a pena flertar comigo. Era uma coisa e tanto.

— A Coroa sabe onde está a sua ordem — eu disse, suspeitando que provavelmente era verdade. — Não estou preocupada com isso; quero saber onde viram o dragão.

— Ele apareceu bem em cima do nosso acampamento!

— disse Sir Karal. — Já dissemos isso!

Opa. Eu deveria saber, se não estivesse mentindo. Tentei parecer impaciente:

— Veio de que ângulo? A partir do norte? Da aldeia? Do bosque? — Santos do Céu, que houvesse uma aldeia e um bosque nas proximidades. Em Goredd, ambos eram bons palpites, mas não uma garantia. No entanto, eu tinha que fazê-los pensar, para que não percebessem minha ignorância.

— Estava escuro — disse Sir Karal, coçando a barbicha em seu pescoço magro de frango. — Mas tem razão, a besta podia ter ficado na aldeia como um saarantras. Isso não tinha nos ocorrido; procuramos nas cavernas de calcário, ao sul.

Meu coração afundou. Se estava escuro, eles não tinham visto muito.

— Têm certeza de que era um dragão?

Eles olharam para mim com desdém.

— Donzela — disse Sir Karal —, nós lutamos nas guerras. Ocupei a posição de punção esquerda numa unidade de dracomaquia. Fui içado no ar, pendurado pelo meu arpão ao flanco de um dragão enquanto uma “píria” flamejante zunia em torno de mim, esquadrinhando o chão desesperadamente para encontrar um lugar macio onde pousar quando a besta finalmente pegasse fogo.

— Todos nós lutamos — disse Sir Cuthberte calmamente, batendo no ombro do companheiro.

— A gente nunca se esquece dos dragões — rosnou Sir

Karal. — Quando eu estiver cego e surdo, senil e esclerosado, ainda assim vou saber quando estiver na presença de um dragão.

Sir Cuthberte sorriu fracamente.

— Eles irradiam calor e têm cheiro de enxofre.

— Irradiam malignidade! Minha alma vai saber, mesmo que o corpo e a mente não funcionem!

Seu ódio me feriu mais do que tinha direito de ferir. Engoli em seco e tentei manter a voz agradável:

— O senhor conseguiu dar uma boa olhada nesse dragão em particular? Nós suspeitamos já saber quem ele é, mas qualquer detalhe que confirme isso ajudaria. Um chifre diferente ou um ferimento na asa, por exemplo, ou a coloração...

— Estava escuro — disse Sir Karal categoricamente.

— Ele tinha uma perfuração na asa direita — disse Sir Cuthberte. — Na membrana mais próxima do corpo. Na forma de um... não sei. Um rato, acho. Da maneira como eles curvam as costas quando comem. — Ele demonstrou, percebeu como parecia tolo e riu.

Eu ri também, e tirei meu lápis de carvão.

— Desenhe-o na parede, por favor.

Ambos os cavaleiros olharam para o lápis com um grande horror

estampado no rosto. São Masha e São Daan.

Era uma inovação dragontina.

Felizmente, eles não me culparam, mas sim à paz.

— Eles se infiltraram em tudo, esses vermes — vociferou Sir Karal. — Conseguiram fazer as nossas mulheres carregarem seus malditos inventos por aí, como se fossem óleos aromáticos!

Sir Cuthberte pegou o lápis, no entanto, e desenhou uma forma sobre o reboco acinzentado da parede. Sir Karal o corrigiu. Eles discutiram um pouco, mas finalmente chegaram a um acordo sobre algo que, de fato, parecia um roedor comendo uma espiga de milho.

— Era sua única marca distintiva? — perguntei.

— Estava escuro — disse Sir Cuthberte. — Tivemos sorte de poder ver isso.

— Espero que seja suficiente. — A longa experiência com Orma me dizia que as chances não eram boas.

— Quem vocês suspeitam que ele seja? — perguntou Sir Karal, os punhos cerrados no colo.

— Um dragão chamado Imlann.

— O General Imlann, que foi banido? — perguntou Sir Cuthberte, com uma expressão surpreendentemente deliciada. Os dois cavaleiros deram um assobio longo e baixo, produzindo um intervalo de conveniente dissonância.

— Os senhores o conheciam?

— Ele liderou o Quinto Ard, não foi? — Sir Cuthberte perguntou ao companheiro. Sir Karal acenou com a cabeça gravemente.

— Nós lutamos contra o Quinto duas vezes, mas nunca lutei com o general. Sir James Peascod, do nosso acampamento, especializou-se na identificação. Ele seria sua melhor aposta. Eu não creio que tenha perguntado a Sir James se ele conhecia esse dragão, perguntou, Cuthberte?

— Não me ocorreu.

— Pena — desdenhou Sir Karal. — Ainda assim, como o fato de saber seu nome pode ajudar a capturá-lo?

Agora que ele tinha mencionado, percebi que não sabia, mas tentei responder de maneira lógica:

— Nós não podemos pegá-lo sem a ajuda da

Embaixada, e eles não vão nos ajudar se não acreditarem em nós.

Podem ficar mais motivados se tivermos a prova de que de fato era Imlann.

Sir Karal ficou perigosamente vermelho; podia-se ver uma veia latejando na têmpora.

— Esse verme devorador de criancinhas estava claramente violando o Tratado. Podia-se pensar que seria suficiente para eles, se tivessem alguma honra! Que todos saibam que cumprimos a nossa parte desse maldito acordo.

Nós não o atacamos, embora pudéssemos ter feito isso!

Sir Cuthberte bufou.

— Quem poderia ter atacado? Pender e Foughfaugh? O ataque teria terminado em segundos.

Sir Karal lançou um olhar venenoso para Sir Cuthberte.

— Estou cansado disso. Onde está o Capitão Kiggs?

— Boa pergunta — eu disse, levantando-me e espanando o pó da saia.

— Vou procurá-lo. Obrigada pelo seu tempo, gentis cavaleiros.

Sir Karal se levantou e fez uma reverência.

— O quê? — exclamou Sir Cuthberte. — Nem um beijinho?

Soprei-lhe um beijo, rindo, e saí.

Lá fora, os guardas pareceram surpresos ao me ver.

— O Capitão Kiggs ainda não chegou, Donzela Dombegh — disse John, empurrando o capacete para trás.

Eu sorri, aliviada por ter terminado e já estar indo embora. Queria voltar aos meus aposentos, entrar em contato com Orma por meio do gatinho da espineta e ver se ele poderia identificar o pai pela perfuração.

— O Capitão Kiggs deve estar ocupado. Não há problema; já concluí aqui. Vou ver se consigo encontrá-lo.

— Não precisará ir muito longe — disse uma voz vinda do meio das escadas.

O Príncipe Lucian descia as escadas e meu coração subia até a boca.

TREZE

Não ousei deixar que meus olhos se arregalassem de horror, caso contrário me delataria para os guardas; para ganhar tempo, fiz uma profunda reverência, contando lentamente até três.

O Príncipe, quando finalmente me atrevi a olhar para ele novamente, tinha uma expressão de divertimento. Ele gesticulou amplamente.

— Você já terminou aqui, espero?

— Sim, obrigada — confirmei, conseguindo evitar um tremor na voz.
— Se quiser interrogar os cavaleiros pessoalmente, talvez eu possa encontrá-lo amanhã de manhã...

— Oh, não — ele disse com leveza, seu sorriso endurecendo. — Prefiro que converse comigo agora. Espere por mim lá em cima, por gentileza.

Eu não tinha opção a não ser subir as escadas. Atrás de mim, o Príncipe disse:

— Quem aqui se lembra de como é a minha insígnia? Certo. E a Donzela Dombegh ostentava a minha insígnia?

— Mas, senhor, só iríamos iniciar o protocolo depois que Comonot chegasse!

— Estamos começando esta noite. Somente alguém com a minha insígnia fala em meu nome.

— Erramos em deixá-la entrar, Capitão? — perguntou John.

Lucian Kiggs fez uma pausa antes de responder:

— Não. Vocês seguiram seus instintos sobre ela e não se enganaram. Mas é hora de aumentar a vigilância, ok? O palácio vai estar cheio de estranhos em breve.

Ele começou a subir as escadas; corri para alcançar o topo antes dele. O olhar que me lançou quando chegou ao topo não foi tão divertido. Ele retribuiu o cumprimento de Mikey, o Peixe, agarrou meu cotovelo e me conduziu pelo corredor.

— Para quem você está trabalhando? — ele perguntou quando nossas vozes estavam fora de alcance.

Seria uma pergunta para me confundir?

— Viridius.

Ele parou e me encarou, a testa franzida numa expressão sombria.

— Esta é a sua chance de dizer a verdade. Não gosto de jogos de gato e rato. Eu a peguei em flagrante; não brinque comigo.

Doce Lar Celestial! Ele pensava que eu era algum tipo de agente que trabalhava para um governo estrangeiro, talvez, ou para um indivíduo. Um dragão, digamos. Talvez não estivesse errado.

— Podemos conversar em algum lugar fora deste corredor, por favor?

Ele olhou para os dois lados da passagem, franzindo a testa. A ala leste estava cheia de servos, salas de armazenamento, cozinhas e oficinas. Ele me levou até o final de um corredorzinho e destrancou a pesada porta com uma chave. Acendeu uma lanterna na arandela do saguão, conduziu-me através da porta e fechou-a atrás de nós. Estávamos ao pé de uma escada em espiral que subia rumo à escuridão. Em vez de subir as escadas, no entanto, ele se sentou cinco degraus acima e colocou a lanterna ao seu lado.

— Que lugar é este? — perguntei, esticando o pescoço para olhar para cima.

— Minha “torre abominável”, como Glisselda a chama. — Ele não parecia disposto a dar mais explicações. A lanterna o iluminava fantasmagoricamente de baixo para cima, tornando difícil interpretar sua expressão; ele não estava sorrindo, de qualquer maneira.

— Teria sido muito mais fácil entrevistar os cavaleiros com a minha autorização. Você só tinha de pedir. Não gostei de ter invocado meu nome sob falsos pretextos.

— Eu... eu não deveria ter feito isso. Sinto muito — gaguejei. Por que na hora me pareceu uma boa ideia? Por que eu estava mais preparada para blefar com completos estranhos do que para falar claramente com o Príncipe? Abri minha bolsa com cautela, bloqueando qualquer vislumbre da estatueta quig, e dei a moeda de ouro ao Príncipe.

— Meu professor, Orma, também tem uma preocupação a respeito de um possível dragão fora da lei. Prometi a ele que iria falar com você a respeito.

Lucian Kiggs examinou silenciosamente a moeda à luz da lanterna. Ele costumava ser muito falante; seu silêncio me enervava. Mas é claro que ficou em dúvida quando eu disse que falava em nome de outra pessoa.

Como não ficaria? Pelos Cães dos Santos, eu me enganei quando pensei que ludibriaria os seus guardas.

— Uma mensageira deu a ele essa moeda depois do funeral do seu tio — expliquei. — Orma afirma que pertencia ao pai dele.

— Então ela provavelmente pertencia — disse ele, estudando a parte de trás. — Os dragões conhecem as suas moedas.

— O pai dele é o General Imlann, desonrado e banido por entesouramento.

— O entesouramento não costuma provocar banimento — disse o Príncipe, a boca uma linha rígida. Mesmo sua sombra ameaçadora parecia carregada de ceticismo.

— Imlann cometeu outros crimes também, creio eu. Orma não me explicou tudo em detalhes. — Lá estava eu, mentindo outra vez. Isso nunca tinha fim. — Ele acredita que Imlann esteja aqui, em Goredd, e pode estar planejando atacar o Ardmagar ou atrapalhar as celebrações ou... ele não sabe o quê. É tudo uma suposição vaga, infelizmente.

Lucian Kiggs olhou para mim e depois para a moeda e de volta para mim.

— Você não sabe muito bem se ele está certo em se preocupar.

— Não. Minha esperança ao falar com os cavaleiros era que eles pudessem me dar alguns detalhes que nos ajudassem a identificá-lo e confirmar a suspeita de Orma de que o dragão invasor é Imlann. Eu não queria desperdiçar seu tempo com suposições.

Ele se inclinou atentamente.

— Imlann poderia ter a intenção de prejudicar meu tio?

O Príncipe estava interessado agora, o que para mim era um alívio imensurável.

— Não sei. O Conselho concluiu que o tal dragão transgressor tinha algo a ver com a morte do Príncipe Rufus?

— O Conselho concluiu muito pouco. Metade das pessoas ali suspeita que os cavaleiros inventaram toda a coisa para provocar tumulto e impedir a visita do Comonot.

— O que você acha? — pressionei.

— Acho que estava prestes a interrogar os cavaleiros quando soube que alguém já estava falando com eles em meu nome. — Ele apontou um dedo para mim, mas sua repreensão era debochada. — Qual é a sua

impressão? Será que realmente viram um dragão?

— Sim.

Ele levantou uma sobrancelha.

— O que a faz ter tanta certeza?

— Eu... suponho que tenha a ver com os tipos de detalhes que eles foram e não foram capazes de me dar. Gostaria de poder dizer que foi mais do que apenas uma intuição. — Também gostaria de poder dizer que o fato de eu mesma ser uma mentirosa tinha me dado algumas dicas sobre essas coisas.

— Não descarte a intuição tão facilmente! Eu aconselho os meus homens a levar em conta os instintos. Claro, eles estavam errados sobre você. — Ele me lançou um olhar irritado, depois pareceu pensar melhor. — Não, deixe-me corrigir isso. Eles estavam errados em acreditar que eu tinha lhe dado permissão para falar com os prisioneiros, mas não estavam errados sobre você.

Como ele ainda poderia pensar bem de mim depois de eu ter sido tão rude com ele? O sentimento de culpa me invadiu.

— Eu... eu lamento muito.

— Não provocou nenhum dano. — Ele acenou com a mão ao ver minha confusão. — Na verdade, acabou sendo muito bom. Parece que você e eu estamos trabalhando para um objetivo comum. Agora que sabemos, podemos ajudar um ao outro.

Ele pensou que eu estava pedindo desculpas pela mentira; eu já tinha feito isso uma vez.

— Eu, hã, também lamento muito pelo que disse a você. Ontem.

— Ah! — Ele sorriu, por fim, e senti o nó de ansiedade em meu peito se desfazer. — Eis a outra razão da sua hesitação. Esqueça isso. Eu já esqueci.

— Eu fui grosseira!

— E eu me ofendi. Tudo muito de acordo com o figurino. Mas vamos deixar isso de lado, Seraphina. Estamos jogando no mesmo time. — Não me convenci com o perdão tão fácil; ele percebeu minha dúvida e acrescentou: — Selda e eu tivemos uma longa conversa sobre você. Ela falou bastante e de maneira bem eloquente em sua defesa.

— Ela não disse que eu era irritadiça?

— Ah, com certeza disse. E você é. — A expressão em seu rosto

revelava que aquilo o divertia. — Deixe de lado essa cara feia. Não há nada de errado em mostrar às pessoas que elas pisaram no seu rabo. A única coisa que devemos fazer quando nos mostram os dentes é perguntar: por quê?

Mostrar os dentes. Rabo. Cruzei os braços sobre o peito.

— Selda observou que você não gosta de perguntas pessoais, e certamente eu estava ficando um pouco pessoal demais. Bem! Minhas desculpas.

Olhei para os meus pés, constrangida. Ele continuou:

— Neste caso em particular, acho que foi mais do que isso. Você respondeu com sinceridade à minha pergunta. — Ele sentou-se presunçosamente, como se tivesse resolvido um enigma difícil. — Eu perguntei como é ser tão talentosa, e você fez uma comparação simples: é como ser um bastardo! E, com um pouco de reflexão, eu entendi. Todo mundo fica pasmo com você por algo pelo qual você não tem culpa e que não fez nada para merecer. Sua mera presença faz com que outras pessoas se sintam desconfortáveis. Você se destaca, quando na verdade preferia não se destacar.

Por um instante, não consegui respirar. Algo dentro de mim estremeceu, suas palavras fizeram tanger alguma corda dentro de mim, e era como se ela fosse parar se eu respirasse.

Ele não sabia a verdade sobre mim, mas ainda assim tinha percebido algo verdadeiro que ninguém nunca tinha notado. Apesar disso — ou talvez por causa disso —, acreditava que eu era boa, acreditava que valia a pena me levar a sério; e sua crença, por um vertiginoso instante, me fez querer ser alguém melhor do que eu era.

Eu era uma tola por deixar esse sentimento tomar conta de mim. Eu era um monstro; isso nunca poderia mudar.

Quase o repreendi, quase banquei o monstro de verdade, como só eu podia bancar, mas alguma coisa me deteve. Ele não era um dragão qualquer, observando-me friamente. Ele estava me oferecendo, em troca, algo verdadeiro sobre si mesmo. Algo que brilhava como um diamante. Não era algo trivial; era algo generoso. Se eu derrubasse esse presente da sua mão, não iria receber outro.

Inspirei, trêmula, e disse:

— Obrigada, mas... — *Não, nada de mas.* — Obrigada.

Ele sorriu.

— Há muito mais em você do que aparenta. Já observei isso mais de uma vez. Qual dos filósofos porfirianos mais lhe agrada?

Aquilo foi tão inesperado que eu quase ri, mas ele continuou falando, finalmente sentindo-se à vontade comigo de novo.

— Você reconheceu a citação na outra noite, e eu pensei: “Finalmente, alguém que lê Pontheus!”

— Infelizmente não muito. Meu pai tinha seu *Analectos*...

— Mas você já leu outros filósofos. Confesse! — Ele se inclinou ansiosamente, os cotovelos apoiados nos joelhos. — Acho que gosta de... Archiboros. Ele estava tão interessado na vida mental que nunca se preocupou em determinar se suas teorias se aplicavam ao mundo real.

— Archiboros era um asno pomposo — eu disse. — Eu preferia Necans.

— Aquela tripa velha e rabugenta — exclamou Kiggs, batendo na perna. — Ele foi longe demais. Se fosse por ele, todos nós não passaríamos de mentes desencarnadas, flutuantes e efêmeras, completamente desconectadas da matéria deste mundo.

— Seria tão terrível assim? — perguntei, num tom ofendido. Ele tinha tocado num assunto pessoal novamente, ou será que eu era tão inexperiente que me ofendia com qualquer coisa, não importava o quanto fosse inofensiva?

— Pensei que você preferia Pontheus, só isso — disse ele, examinando um pontinho invisível na manga do gibão e dando-me tempo para me recompor.

— Um filósofo de jurisprudência?

— É evidente que você só leu seus primeiros trabalhos. Toda genialidade dele está em seus escritos posteriores.

— Ele não enlouqueceu? — Eu estava tentando ser arrogante, mas o olhar em seu rosto me dizia que estava enganada e agora eu simplesmente o divertia.

— Se era loucura, Phina, era de um tipo com o qual você ou eu só podíamos sonhar! Vou encontrar seu último livro. — Ele olhou para mim novamente e seus olhos brilhavam à luz do lampião, ou com a luz interior de sua feliz expectativa.

Seu entusiasmo o tornava bonito. Eu o estava fitando com admiração; baixei o olhar para minhas mãos.

Ele tossiu e levantou-se, enfiando a moeda em seu gibão.

— Certo. Bem. Vou levar a moeda de Orma para Eskar amanhã de manhã e ver o que ela diz. Com a sorte que tenho, ela vai concluir que estamos abrigando criminosos; não acho que tenha me perdoado por ter deixado o pelenova se machucar ou por dançar com ela, por falar nisso. Pergunte ao seu professor sobre os detalhes que os cavaleiros lhe deram; eu ficaria muito grato. Se pudéssemos identificar esse tratante, isso poderia impressionar a Embaixada e convencê-los de que estamos nos esforçando sinceramente para... Eu ia dizer “manter a ordem”, mas é um pouco tarde para isso, não é?

— Até amanhã, então — eu disse. Claro que cabia a ele me dispensar, não o contrário. Eu me encolhi.

Ele pareceu não reparar na minha gafe. Fiz uma reverência para compensar. Ele sorriu e abriu a porta da torre para mim. Minha mente dava voltas, lutando para pensar em mais uma coisa para lhe dizer antes de sair, mas nada me ocorreu.

— Boa noite, Seraphina — ele disse, e fechou a porta.

Ouvi o som dos seus passos ficando cada vez mais baixo à medida que ele subia os degraus da torre. O que fazia lá em cima? Não era da minha conta, com certeza, mas fiquei por um longo momento com a mão sobre a porta de carvalho.

Fiquei ali parada por tanto tempo que quase desmaiei de susto quando uma voz perguntou:

— Mestra de Música? Está se sentindo mal?

Olhei para trás e lá estava um dos meus músicos, o sacabuxista magricela de cujo nome eu nunca me lembrava e que, aparentemente, estava passando quando me viu ali parada, com um ar catatônico. Ele avançou na minha direção, hesitante.

— Precisa de alguma coisa?

— Não — resmunguei, minha voz áspera como se eu estivesse quebrando um longo voto de silêncio. — Obrigada — acrescentei. Baixei a cabeça, contornei-o humildemente, e voltei para o corredor em direção aos meus aposentos.

QUATORZE

O dia seguinte era o último antes de Comonot chegar, e Viridius planejava fazer ensaios até nos fazer cair de exaustão. Levantei-me bem mais cedo, pois precisava entrar logo em contato com Orma e informar Kiggs sobre o que ele havia dito. Toquei o nosso acorde na espineta e esperei, esaldando a língua no chá e me perguntando onde poderia achar Kiggs àquela hora do dia. Eu sabia que ele tinha um gabinete perto do portão principal, mas também que passava muito tempo na cidade.

Quando o gatinho do cravo finalmente falou, levei um susto tão grande que quase derrubei a xícara de chá.

— Não posso falar — zumbiu a voz do Orma. — Estou servindo de babá para Basind.

Eu tinha me esquecido completamente do pelenova.

— Quando pode falar?

— No jantar? No Martelo e Bigorna? Às seis?

— Tudo bem, mas é melhor às sete. Viridius pretende nos malhar até sangrar hoje.

— Vejo você depois... Não coma isso!

Olhei para a minha xícara de chá e de volta para o gatinho.

— Não coma o quê?

— Não é com você. É com Basind. — O gatinho crepitou e ele se foi.

Suspirei, afastei-me do instrumento e ouvi o grande relógio acima do carrilhão do pátio central. Havia tempo mais do que o suficiente para cumprir minha rotina matinal e tomar o café da manhã. Eu estava começando cedo, o que era bom. Viridius não teria o que reclamar de mim hoje.

Cheguei cedo e alerta ao vasto salão do Castelo de Orison. Muitos carpinteiros atropelavam-se pelo palco, o que não poderia ser um bom sinal, e não vi nenhum indício do velho homem abatido pela gota. Os músicos estavam por toda parte, como formigas, mas não Viridius. Finalmente seu servo fleumático, Marius, aproximou-se com uma mensagem para mim:

— O mestre não está aqui.

— Como assim ele não está aqui? Este é o ensaio geral. Marius pigarreou nervosamente.

— Para citá-lo com precisão: “Diga a Seraphina que eu deixo tudo em suas mãos mais do que capazes. Não se esqueça de ensaiar entradas e saídas suaves!”

Reprimi a primeira palavra que me ocorreu, e também a segunda.

— Então, onde ele está?

O homem baixou a cabeça grisalha; aparentemente meu tom não fora muito gentil.

— Na catedral. Seu pupilo estava com alguns problemas...

— Lars? — perguntei. Alguém com audição afiada se deteve atrás de mim. Baixei a voz. — Que tipo de problema, exatamente?

O homem de Viridius encolheu os ombros.

— O mestre não quis dizer.

— O de sempre, sem dúvida — zombou o Conde Josef, às minhas costas. — Tagarelando alto, trazendo suas *radtgrauser* imundas para a catedral, embebedando-se e destruindo sua própria máquina.

Eu entendi “mulheres de vermelho”.

— Elas vestem listras pretas e amarelas aqui em Goredd — disse eu, tentando disfarçar minha agitação com uma piada. — Mas você deve saber disso por ter visto com os próprios olhos.

O conde passou a língua sobre os dentes perfeitos e ajeitou os punhos de rendas.

— Normalmente eu não me incomodaria em alertá-la, mas gosto de você, *grausleine*. Fique longe de Lars. Ele é um daanita, um mentiroso e a encrenca em pessoa. Quase nem é humano.

— Viridius confia nele — eu disse.

— Ele caiu nas graças do Mestre Viridius — o conde disse. — Nenhum de vocês entende o que ele é. Rezo todos os dias para que São Ogdo o destrua.

Eu queria muito dizer que sabia exatamente o que Lars era e que isso em nada depunha contra ele, mas o máximo que consegui dizer foi:

— Não me importo com o que você diz. Ele é meu amigo. Não vou ouvir mais calúnias desse tipo.

Ele deslizou um braço indesejável em torno da minha cintura; tentei afastá-lo, mas ele tinha um aperto tão forte quanto o de uma lagosta.

— Você é a mais doce e mais inocente das *grausleiners* — ele murmurou. — Mas há pessoas neste mundo que cometem atos horríveis e antinaturais além de qualquer coisa que a sua ingênua imaginação possa conceber. Ele é o seu pior pesadelo. Preste atenção ao meu aviso e fique longe dele. Do contrário, temo por você.

Ele se inclinou e beijou minha orelha como se para confirmar a minha submissão, mas recuou abruptamente.

— Que perfume estranho é esse que você usa?

— Largue-me — eu disse com os dentes cerrados.

Josef me deu uma farejada arrogante e me soltou, afastando-se sem olhar para trás.

Senti uma onda de pânico. Ele tinha sentido meu cheiro. E se tivesse reconhecido o cheiro de uma saar?

Reuni o que ainda restava da minha dignidade, depois de ser tão desagradavelmente tocada, e me aproximei do bando de artistas agrupados, preparada para jogar toda fúria típica de Viridius sobre eles. Eles não esperavam nada menos do que isso, afinal.

O palco estava lindo, mas acabou ficando instável sobre o alçapão no centro, como descobrimos, para nossa consternação, quando cinco baixos desapareceram de uma só vez. Gritei com os carpinteiros e ensaiei o coro do outro lado do saguão, enquanto eles faziam as modificações. Em seguida, o mecanismo da cortina não funcionou, o traje do homem de pernas de pau caiu no meio da dança — algo que seria engraçado, em outras circunstâncias — e o solo de viola de Josef soou insosso.

Não fiquei nem um pouco satisfeita com isso; na verdade, suspeitava que era um estratagema para me fazer olhar para ele. Mantive meu olhar sombrio em outros lugares.

Houve bem poucas falhas para um ensaio geral, mas era mais do que meu humor podia suportar. Ralhei rudemente com todo mundo, merecidamente ou não. Os artistas itinerantes pareciam alarmados, mas os músicos do palácio me acharam divertida; banquei um Viridius pouco convincente, mesmo quando estava no auge da minha rabugice. Fragmentos do meu canto de louvor flutuavam ao meu redor onde quer que eu passasse, fazendo com que fosse mais difícil me manter carrancuda.

A noite chegou, finalmente, e meus músicos decidiram que já tinham trabalhado demais e se recusaram a continuar. Isso, naturalmente,

significava que eles iniciariam uma sessão animada no grande salão, com muita dança e muita música, para se divertir. A música só é trabalho se outra pessoa nos obriga a fazê-la. Eu teria apreciado me juntar a eles — e eu mais do que merecia isso, sentia —, mas Orma estava me esperando. Agasalhei-me e parti para a cidade.

O calor do Martelo e Bigorna era bem-vindo, embora eu nunca tivesse me sentido muito confortável na presença de estranhos, fumaça, conversas e barulho. O fogo e os lampiões deixavam o ambiente pouco iluminado. Passei algum tempo olhando as mesas até perceber que Orma ainda não tinha chegado. Solicitei um lugar perto da lareira, pedi um pouco de água de cevada, para diversão e desprezo da garçonete, e sentei-me para esperar.

Não era do feitio de Orma chegar atrasado. Dei uns golinhos em minha bebida, mantendo os olhos baixos, até que um tumulto na porta ficou ruidoso demais para eu ignorar.

— Você não pode trazer alguém da espécie dele aqui — rosou o taverneiro, que tinha saído de trás do bar com um cozinheiro musculoso em sua retaguarda. Virei-me para olhar; Orma estava no saguão de entrada, soltando o fecho da capa. Basind se escondia atrás dele, o sino tilintando melancolicamente. Clientes perto da porta fizeram o sinal de São Ogdo ou pressionaram seus sachês perfumados contra o nariz como que para se proteger de doenças.

O taverneiro cruzou os braços sobre o avental encardido.

— Este é um estabelecimento respeitável. Atendemos pessoas como a Baronesa de Meadowburn e a Condessa du Paraday.

— Recentemente? — Disse Orma, arregalando levemente os olhos. O taverneiro considerou a pergunta um desrespeito e estufou o peito; o cozinheiro passou o dedo pela ponta do facão.

Eu já estava de pé, jogando uma moeda sobre a mesa.

— Volte lá para fora!

O ar frio da noite, quando fiquei ao ar livre, era um alívio, mesmo que o porte relaxado de Basind não fosse.

— Por que você o trouxe junto? — perguntei irritada, assim que pisamos na rua vazia. — Você deveria saber que não iriam servi-lo.

Orma abriu a boca, mas Basind falou primeiro:

— Onde o meu mestre vai, eu vou também.

Orma encolheu os ombros.

— Há outros lugares em que podemos comer.

Podia ser que sim, mas apenas numa determinada parte da cidade.

Tecnicamente, o Buraco dos Quigs era fechado depois do pôr do sol. Apenas duas ruas levavam ao que havia sido um dia a Abadia de São Jobertus; cada qual tinha sido guarnecida com um alto portão de ferro que a Guarda da Rainha, com grande cerimônia, trancava todas as noites. Os edifícios que davam para a praça tinham, evidentemente, uma porta nos fundos, portanto só era preciso atravessar uma loja, uma taberna ou uma casa cheia de quigs para entrar e sair — e sempre havia os túneis subterrâneos. Saarantrai descontentes consideravam o Buraco dos Quigs uma prisão; era uma prisão “porosa”, por assim dizer.

A antiga São Jobertus tinha sido um dia uma igreja; quando a paróquia cresceu muito para continuar no edifício, a Nova São Jobertus foi construída do outro lado do rio, onde havia mais espaço. Depois do Tratado de Comonot, alguns dragões acalentaram o sonho de transformá-la num pequeno colégio para ajudar a cumprir a proposta do Tratado de que houvesse um intercâmbio de conhecimentos entre as espécies. A antiga São Jobertus foi o maior edifício não utilizado que eles puderam encontrar. Enquanto estudantes dragões isentos de sino como Orma estudavam furtivamente nossos costumes misteriosos, outros eruditos, formados e ostentando sinos, foram para São Bert (como era chamado agora) para ensinar suas ciências a seres humanos mais obtusos.

Eles conseguiram poucos alunos, e menos ainda que admitiam ser alunos. São Bert formou os melhores médicos, mas poucos humanos queriam que um médico praticasse neles a medicina assustadora dos saar. Um recente escândalo acerca da dissecação de cadáveres humanos não melhorara a situação. Tumultos por toda a cidade haviam quase se transformado num banho de sangue; as pessoas exigiam vingança contra os saarantrai — e seus alunos —, que se atrevessem a tocar em restos mortais humanos. Tinha havido um julgamento, com meu pai bem no centro de tudo, como de costume. A dissecação foi proibida e vários dragões foram enviados de volta para Tanamoot, mas os médicos continuaram a praticar em segredo.

Eu só tinha estado no Buraco dos Quigs uma vez, quando Orma me levou para buscar minha pomada contra coceira. Não era um lugar

respeitável para jovens garotas, e meu pai tinha sido inflexível quando disse que eu deveria evitar o bairro. Por mais que contrariasse ou ignorasse suas objeções, eu acatava essa de bom grado.

Orma nos levou a um beco, estendeu o braço até o alto de um portão para destrancá-lo e nos levou através da horta lamacenta da cozinha de alguém. Videiras mortas eram esmagadas sob nossos pés. Um porco grunhiu numa pocilga; outra estava cheia de hortaliças em decomposição. Eu temia que o dono da casa viesse atrás de nós a qualquer minuto com um forcado na mão, mas Orma foi direto até a porta e bateu três vezes. Ninguém atendeu.

Ele bateu mais três vezes e depois arranhou a pintura descascada com as unhas. Uma portinhola se abriu.

— Quem é? — perguntou uma voz rascante.

— É a doninha — disse Orma. — Vim proibir o vison.

Uma velha com um grande sorriso desdentado abriu a porta para nós. Seguindo Orma, descí uma escadaria até uma penumbra fétida. Chegamos num porão úmido e fedorento iluminado por uma grande lareira, pequenas lamparinas e um lustre pendente do teto na forma de uma sereia com chifres, seios à mostra, brandindo duas velas como espadas. Os olhos da velha se esbugalharam ao se deparar comigo, como se estivesse espantada ao ver uma irmã monstro.

Meus olhos se adaptaram à pouca luz. Estávamos em algum tipo de lugar público subterrâneo. Havia mesas de pernas bambas e uma variedade de clientes — humanos, saarantrai e quigutls. Ali, humanos e saarantrai sentavam-se juntos à mesa, estudantes engajados em profundas discussões com professores. Havia um saar demonstrando os princípios da tensão superficial — assim como Zeyd tinha me ensinado antes de sua aula sobre gravidade —, segurando um copo d'água de cabeça para baixo apenas com um pedaço de pergaminho separando os alunos extasiados e o perigo de encharcar todo mundo. Em outro canto vi uma dissecação improvisada de um pequeno mamífero, ou do jantar, ou ambos.

Ninguém ia ao Buraco dos Quigs se não tivesse um bom motivo; eu mesma, que tinha mais assuntos pessoais com saarantrai do que a maioria das pessoas, estava indo pela primeira vez. Nunca tinha visto as minhas duas... “raças” juntas como via ali agora. Senti-me um pouco mais tranquila.

Os estudantes humanos não interagiam muito com os quigutls, mas ainda era notável o quanto se sentiam pouco incomodados na presença das criaturas. Ninguém devolvia a comida que tinha sido tocada pelos quigs — havia garçons quigs! — e ninguém reclamava ao descobrir um deles debaixo da mesa. Os quigutls tinham se espalhado pelas vigas e paredes, alguns estavam agrupados em torno das mesas com saarantrai. O fedor generalizado, sem dúvida, vinha do hálito dos quigs, mas o nariz logo ficava entorpecido. Quando enfim encontramos uma mesa, eu mal sentia cheiro de alguma coisa.

Orma foi encomendar o jantar, deixando-me com Basind. O tampo da nossa mesa estava coberto de equações escritas a giz. Fingi examiná-las enquanto estudava o pelenova de soslaio. Ele olhava embasbacado para uma mesa próxima, cheia de quigs.

Eu não podia falar com Orma na frente de Basind, mas não via como contornar a situação.

Segui o olhar de Basind até a mesa ao lado e arfei. Os quigs ali tinham as línguas para fora e faíscas saíam de suas bocas. Era difícil ver na escuridão quase total, mas eles pareciam estar alterando a forma de uma garrafa, fundindo o vidro com o calor concentrado das suas línguas e puxando-o como se fosse caramelo. Os longos dedos dos seus braços dorsais — os membros ágeis, semelhantes a galhos, que tinham no lugar das asas —, pareciam imunes ao calor. Eles deixavam o vidro tão fino quanto uma linha de costura, aqueciam-no novamente e o enrolavam, formando estruturas rendilhadas.

Orma voltou e colocou nossas bebidas sobre a mesa. Seguiu meu olhar até o vidro torcido dos quigutls. Eles tinham feito um ovo oco, do tamanho de uma cesta, formado com os fios de vidro verde.

— Por que sopradores de vidro não os contratam? — perguntei.

— Por que os ourives não os contratam? — disse Orma, passando a Basind um copo de água de cevada. — Para começar, eles não seguem instruções de boa vontade.

— Quem disse que vocês, saar, não entendem de arte? — eu disse, maravilhada com a criação brilhante. — Os quigs fazem arte.

— Isso não é arte — disse Orma, categórico.

— Como você sabe?

Ele franziu as sobrancelhas.

— Eles não valorizam a arte como os humanos. Ela não tem nenhum significado para eles. — Um dos quigs tinha subido na mesa e estava tentando se sentar sobre o ovo de vidro. Ele se quebrou em mil cacos. — Viu? — perguntou Orma.

Pensei no lagarto de face humana na minha bolsa; duvidava que ele estivesse certo. Aquela estatueta falava comigo de alguma forma.

O taverneiro veio correndo na direção dos quigs, brandindo uma vassoura e gritando. Os quigs se dispersaram, alguns entraram embaixo da mesa, outros escalaram as paredes.

— Limpem isto já! — gritou o homem. — Vocês não podem vir aqui e ficar pulando feito macacos!

Os quigs cecearam insultos para ele, mas foram recuando e limpavam a mesa, usando os dedos viscosos das mãos ventrais para pegar o vidro estilhaçado. Eles o armazenavam na boca, mastigavam e cuspiam, assoprando bolotas derretidas num copo de cerveja.

Havia um copo de cerveja na nossa mesa, também, que pertencia a Orma. Basind estava se familiarizando com ele, inclinado sobre o copo, farejando seu cheiro. Ele se levantou com o nariz gotejando.

— Isso é tóxico. Eu deveria denunciá-lo.

— Lembre-se da cláusula nove dos contratos de isenção — disse Orma friamente.

— Um estudioso trabalhando incógnito pode seguir os Protocolos Padrão 22 e 27, ou outros que julgar necessários para a manutenção bem-sucedida do seu disfarce?

— Isso mesmo.

— Cláusula 9ª — continuou Basind. — O estudioso citado preencherá o Formulário 89XQ para cada um dos seus desvios, e pode ser submetido a auditoria psicológica e/ou ter que defender a necessidade de suas ações diante do Conselho de Censores.

— Chega, Basind — ordenou Orma. Como se por obra dos Santos padroeiros da comédia, no entanto, um quigutl trouxe nosso jantar naquele exato instante: ensopado de cordeiro para mim, alho-poró e sopa de nabos para Basind, e para meu tio, uma salsicha gorda e bem fervida.

— Diga-me, você deve preencher um formulário separado para cada item individualmente, ou pode juntar a salsicha e a cerveja consumidas na mesma refeição? — perguntou Basind, com uma acuidade surpreendente.

— Formulários diferentes quando perco o prazo para uma auditoria — disse Orma. Ele tomou um gole da cerveja.

— Você pode me ajudar a preenchê-los mais tarde.

— Eskar diz que as regras têm sua razão de ser — irritou-se Basind. — Tenho que vestir roupas para não assustar as pessoas. Não devo passar manteiga na pele quando coça porque escandaliza minha senhoria. Do mesmo modo, não podemos comer carne de animais porque isso nos faz ter fome abundante da carne que esteja nas proximidades da nossa mesa. — Basind arregalou seus horríveis olhos esbugalhados para mim.

— Essa é a ideia, sim — disse Orma. — Mas nunca achei que fosse o caso, particularmente em se tratando de salsichas, em que a carne mal se assemelha à carne.

Basind olhou ao redor da cave escura, fixando-se em outros saarantrai, e murmurou:

— Eu deveria denunciar esse cômodo inteiro.

Orma ignorou. Tirou um punhadinho de moedas dos recantos ocultos de seu gibão, baixou a mão para o colo e deixou tilintar as moedas. De repente, havia quigs no chão ao nosso redor, rastejando sob a mesa, enrolando-se em torno dos nossos tornozelos como cobras. Era um pouco demais, até para mim.

Orma espalhou as moedas na confusão embaixo da mesa, como se estivesse alimentando galinhas; os quigs disputaram as moedas, ficaram quietos por um instante e então começaram a escalar Basind.

— Não, eu não! — disse Basind, confuso. — Deixem-me em paz.

Fiquei olhando embasbacada para Basind, sem reconhecer a oportunidade que Orma tinha criado até que ele me pegou pelo braço, puxou-me para longe da mesa e sussurrou:

— Conheço os sinais manuais dos quigs. Eu disse a eles que Basind tem um tesouro em casa. Se você tem notícias, fale agora.

— Mostrei a Kiggs a moeda e contei-lhe suas preocupações.

— E?

— Um dragão fora da lei foi visto no campo. Dois cavaleiros foram denunciá-lo. Interroguei-os. Eles disseram que o dragão tinha uma perfuração do lado esquerdo do corpo, na forma de um rato. O seu pai tem alguma...

— Ele tinha um ferimento na asa provocado por gelo, mas já

cicatrizou. Dezesseis anos é tempo suficiente para adquirir outras perfurações, no entanto.

— Em outras palavras, ele pode ou não ser Imlann. — Suspirei, frustrada. — E o que você pode me dizer sobre a forma natural desse dragão? Como Kiggs poderia reconhecê-lo?

Orma havia descrito o saarantras de seu pai tão vagamente que eu não esperava a riqueza de detalhes com que ele me brindava agora: o brilho da pele de Imlann (diferente ao luar), o modo como costumava manter as garras afiadas, a forma precisa e a cor de seus olhos (diferente quando ele semicerrava sua terceira pálpebra), o chifre em forma de caracol e a prega das asas (delineadas com precisão matemática), o cheiro picante da sua respiração de enxofre, sua tendência para simular um ataque pela esquerda e atacar pela direita, a largura dos tendões dos calcanhares.

Orma se lembrava da forma dragontina do seu pai tão claramente como se lembraria de um tesouro. Eu me sentia como se estivesse ouvindo-o descrever uma pilha de moedas de ouro, que eu teria que distinguir de outras pilhas só pela descrição. Não havia por que perguntar mais. Será que os dragões achavam as descrições dos humanos confusas? Será que precisavam de tempo e experiência para nos diferenciar?

— Aposto que você não vai se lembrar de nada disso — disse Orma. — Está com aquele olhar vazio que costumava ter diante dos seus professores de história. Você poderia procurar Imlann...

— Você me disse para não fazer isso!

— Deixe-me terminar. Você poderia procurá-lo na sua própria cabeça, entre as suas memórias maternas. Certamente Linn deixou alguma imagem do nosso pai.

Abri a boca e fechei-a novamente. Não tinha a mínima vontade de continuar remexendo naquela caixa novamente; não se pudesse evitar.

Os cavaleiros tinham mencionado um Sir James, que seria um especialista em identificação de dragões. Era com ele que eu precisava falar — era com ele que Kiggs precisava falar, melhor dizendo. Nesse meio tempo, eu esperava que o Príncipe não tivesse adiado a conversa com Eskar na expectativa de que eu pudesse conseguir boas informações.

Basind, com a ajuda do taverneiro e sua vassoura, tinha se livrado de quase todos os quigs. Nosso tempo estava se esgotando.

— Vire-se de costas para Basind — Orma sussurrou. — Não quero que

ele me veja dar-lhe isso.

Era um pouco tarde para começar a fingir que ele era um saar cumpridor da lei.

— Me dar o quê?

Sem tirar os olhos do pelenova, Orma fingiu coçar a cabeça. Sua mão desceu e pressionou um metal frio na minha mão. Era um de seus brincos. Engoli em seco e tentei devolvê-lo.

— Os Censores não estão me vigiando — disse ele. — Um quig modificou-os para mim.

— Os Censores não vão perceber que não podem mais vigiar você?

— Tenho certeza que já perceberam. Eles vão providenciar um novo par para mim. Já aconteceu antes.

Ligue-o se estiver em apuros, e eu virei logo que puder.

— Prometi que não iria procurar Imlann.

— Os problemas podem vir até você — ele disse. — E tenho interesse nesse problema em particular.

Meti o brinco no corpete e voltamos para a mesa. A túnica de Basind estava coberta de marcas de mãos sujas; o jantar dele tinha acabado, mas não estava claro se ele tinha sido o único a comê-lo. Ele parecia confuso, ou era como se o seu rosto tivesse derretido um pouco.

— Temos de voltar para o Santa Ida — disse Orma, estendendo-me a mão para mostrar a Basind como se fazia. Eu a apertei, tentando esconder minha diversão. Nós nunca apertávamos as mãos.

Basind tentou em seguida, mas não soltou minha mão. Quando finalmente consegui me libertar, ele me lançou um olhar que não ousei identificar.

— Toque-me de novo! — ele murmurou, e meu estômago revirou.

— Para casa — disse Orma. — Você tem meditação e partitura para praticar.

Basind choramingou, esfregando a mão ferozmente como se pudesse recuperar algo do meu toque, mas seguiu meu tio pelas escadas da taverna, dócil como um cordeiro.

Verifiquei com o taverneiro se Orma tinha pago pelo nosso jantar; não se podia ter certeza de que ele iria se lembrar de algo assim. Dei uma última olhada em torno daquela cena peculiar e malcheirosa de convivência interespecies, o sonho louco do Tratado ganhando vida; em seguida, subi as

escadas.

— Donzela? — chamou uma voz hesitante às minhas costas. Virei-me e me deparei com um estudante com ar juvenil e pó de giz no cabelo. Numa mão segurava um canudo muito curto; atrás dele, uma mesa inteira de jovens fingia não estar olhando.

— Está indo embora? — Ele não gaguejava, mas gesticulava muito e piscava com nervosismo. — Será que não se juntaria a nós? Somos todos humanos aqui, bem, com exceção de Jim, e não somos más companhias. Não temos que falar de matemática. É só que... não temos visto nenhuma moça humana no Buraco dos Quigs desde que a dissecação foi proibida!

Quase toda a mesa atrás dele explodiu em risadas; o saarantras pareceu aturdido com a reação de todos, e disse:

— Mas ele não está errado, está?

Eu não conseguia parar de rir junto com eles; na verdade, fiquei muito mais tentada a aceitar esse convite do que o de Guntard, para irmos ao Macaco Feliz. Estes companheiros sujos de giz, discutindo e escrevendo trigonometria no tampo da mesa, pareciam familiares para mim, como se o Colégio de São Bert atraísse todos os humanos que mais gostavam de saar. Dei um tapinha no ombro dele de forma fraternal e disse:

— Sinceramente, eu gostaria de *poder* ficar. Para referência futura: não subestime o poder sedutor da matemática. Se eu voltar, espero poder rabiscar nas mesas junto com vocês.

Seus amigos o receberam de volta à mesa, assobiando e brindando à sua bravura. Sorri para mim mesma. Primeiro os cavaleiros idosos, e agora essa. Eu era, evidentemente, a queridinha de toda Goredd. Aquilo me fez rir, e rir me deu coragem de mergulhar lá fora, rumo à noite, longe da acolhedora reunião.

QUINZE

Já era bem tarde quando cheguei ao Castelo de Orison e não sabia ao certo onde poderia encontrar Lucian Kiggs. Ocorreu-me que poderia verificar no Salão Azul, onde a Princesa Glisselda certamente estava reunida com sua corte em miniatura, mas tive medo de estar cheirando a taverna, ou, pior ainda, a quigutl e, depois que eu me lavasse e trocasse de roupa, certamente seria tarde demais e todos já teriam ido para a cama.

Eu estava me enganando; apenas não queria ir.

Fui para os meus aposentos e escrevi a Kiggs um bilhete:

Sua Alteza:

Falei com Orma, mas, infelizmente, ele não conseguiu identificar o dragão transgressor com a descrição dos cavaleiros. Eu me esqueci, no entanto, de mencionar que os cavaleiros afirmaram que um deles, Sir James Peascod, era especialista em identificação de dragões durante a guerra.

Sir James estava lá na noite da visita do dragão ilegal e pode tê-lo reconhecido. Acho que valeria a pena interrogá-lo sobre esse assunto.

Espero que não tenha adiado sua conversa com Eskar na esperança de que eu retornasse com informações úteis. Minhas desculpas pela incerteza de Orma.

Eu não conseguia me decidir sobre a melhor maneira de assinar; tudo parecia muito íntimo ou ridiculamente formal. Decidi errar sendo formal, dada a maneira como tinha começado a carta. Encontrei um pajem no corredor e entreguei o bilhete a ele. Desejei a todos os meus grotescos uma boa noite e fui para a cama cedo, pois o dia seguinte seria o mais longo da minha vida.

O sol nasceu num céu salpicado de nuvens rosa e cinza, como o ventre de uma truta. As criadas já estavam batendo na minha porta trancada antes que eu tivesse terminado as abluções; no café da manhã, o salão estava

repleto de expectativa. A bandeira verde e roxa de Belondweg, a primeira Rainha de Goredd, tremulava em todos os torreões e era vista pendurada em longos drapejados sobre as casas da cidade. Uma fileira de carruagens ocupava todo o caminho, desde o Tribunal de Pedra até o sopé da Colina do Castelo; dignitários chegavam de todas as Terras do Sul. Ninguém se atrevia a perder a oportunidade rara de se encontrar com o Ardmagar Comonot em sua forma humana.

Assisti à lenta procissão do Ardmagar de cima da barbacã, junto com a maioria dos nossos músicos. Comonot tinha ido para o Portão Sul antes do nascer do sol, para minimizar o alarme que sua escamosa presença causaria, mas todos na cidade sabiam que ele estava vindo e uma multidão estava reunida ali desde a noite anterior. Representantes da Coroa tinham ficado a postos para cumprimentar o Ardmagar e oferecer roupas a ele e à sua comitiva, depois que se transformassem. Comonot participou de um café da manhã tranquilo; já eram quase dez horas quando ele partiu para o palácio com sua comitiva. Recusou um cavalo e insistiu em atravessar a cidade a pé, cumprimentando pessoalmente o povo que se amontoava nas ruas, aplaudindo ou não.

Aparentemente, ele chegou à praça da catedral assim que o Relógio da Contagem Regressiva soou pela última vez. Dizem que o relógio tocou uma estranha melodia mecanizada de viela de roda, e que a rainha e o dragão dançaram uma jiga juntos. As pessoas que viram insistiram em dizer que não era uma máquina, mas uma apresentação de marionetes. Nenhuma máquina poderia ser capaz de um espetáculo daqueles.

Eu teria apostado que uma máquina construída por Lars seria capaz, mas infelizmente não consegui ver o espetáculo pessoalmente.

Embora o Ardmagar estivesse trajando roupas de um tom berrante de azul, era difícil detectá-lo em meio ao tumulto de pessoas e bandeiras tremulantes; o saarantras do Ardmagar não era um homem alto. Nós, que tremíamos de frio na barbacã, não nos sentimos nem um pouco impressionados.

— Ele é tão pequeno! — arrulhou o sacabuxista magricela. — Eu poderia esmagá-lo sob o calcanhar da minha bota!

— Quem é uma barata agora, ard velhaco? — gritou um dos meus bateristas, alto e bom som.

Eu me encolhi, esperando que ninguém importante tivesse ouvido.

Como o boato tinha circulado tão rápido na corte?

— Não quero nem mais uma palavra desrespeitosa vinda de qualquer um de vocês! — ordenei. — Ou vão acabar tocando nas esquinas para pagar sua próxima refeição! — Eles me lançaram olhares céticos.

— Viridius me deu total liberdade — assegurei a eles. — Me provoquem e verão que não estou brincando.

Eles baixaram os olhos. Agradei a Santa Loola, padroeira das crianças e dos tolos, que ninguém parecesse inclinado a achar que eu estava blefando.

Os músicos responsáveis pela fanfarra partiram para a recepção e a encontraram abarrotada até o teto de nobres das Terras do Sul reunidos. Do meu posto na galeria, vi que o conde de Pesavolta de Ninys e o Regente de Samsam tinham, cada um deles, se estabelecido em um cômodo do aposento; o primeiro, extravagante e ruidoso; o segundo, severo e grave. Localizei Dama Okra entre os ninysh; ela estava mais quieta do que a maioria, provavelmente porque tinha vivido um longo período em Goredd.

O Ardmagar entrou pela porta e a sala ficou instantaneamente em silêncio. Ele era tão forte e queixudo quanto Viridius. Seus cabelos escuros pareciam molhados, estavam penteados com severidade para trás e ameaçavam explodir indisciplinados quando secos. No entanto, seu nariz aquilino e seu olhar penetrante lhe davam uma formidável presença. Ele irradiava intensidade, como se compelido por algum fogo interior que mal podia conter; o próprio ar em torno dele parecia brilhar, como o calor que as ruas da cidade exalavam no verão. Ele usava seu sino como uma medalha, em uma pesada corrente de ouro ao redor do pescoço grosso. Quando levantou um braço em saudação, a sala prendeu a respiração. A Rainha ficou de pé; a Princesa Dionne se levantou com ela, parecendo admirada. Glisselda e Kiggs, juntos do lado esquerdo, eram meras sombras na periferia da história.

Nós, ratos da galeria, tínhamos que irromper em fanfarra exatamente neste ponto, mas estávamos todos mudos de assombro. Meus músicos devem ter achado Comonot um pouco mais impressionante de perto.

Eu, por outro lado, tinha começado a suar frio.

Eu tremia toda, assolada por uma cacofonia rancorosa de emoções: medo, raiva, aversão. O cadinho de emoções não era meu, no entanto.

Fechei os olhos e vi a caixa de lata de memórias sobre uma poça,

vazando. Grandes gotas de condensação rolavam das suas laterais. Eu não poderia fazer o meu trabalho com os sentimentos de minha mãe sobre Comonot vazando na minha consciência. Vasculhei dentro da cabeça em busca de... uma toalha. Uma me apareceu em pensamento. Eu a passei por baixo da caixa e depois a embrulhei com ela.

A confusão de emoções se dissipou e abri os olhos. Comonot não tinha avançado mais pelo tapete, em direção do palanque. Seu braço ainda estava levantado e ele parecia uma estátua de gesso de si mesmo.

— Acordem, seus palhaços! — sibilei para os meus músicos. Eles se sobressaltaram como se estivessem hipnotizados, colocaram os instrumentos em posição e se puseram a tocar ao meu sinal.

Ao clangor da fanfarra tardia, o General recomeçou a andar em direção ao palanque, deixando um glamour no ar atrás de si quando passava, acenando e sorrindo. Ele parecia piscar para cada um de nós individualmente.

Ele se aproximou, beijou a mão cheia de joias da Rainha e se dirigiu para a multidão num tom de baixo retumbante:

— Rainha Lavonda. Princesas. Senhores e senhoras da nobreza aqui reunidos. Venho para celebrar os 40 anos de paz entre nossos povos.

Ele esperou os aplausos diminuírem, com uma expressão de satisfação consigo mesmo semelhante à de um gato.

— Vocês sabem por que os dragões aprenderam a assumir a forma humana? Nós nos transformamos para poder falar com vocês. Na nossa forma natural, nossa garganta é tão áspera por causa da fumaça que não conseguimos pronunciar as suas palavras. Vocês, por outro lado, não conseguem, por isso, reconhecer o nosso mootya como uma linguagem. Foi um dragão sábio, Gólia, ou Gôlimos, como é chamado em Porfíria, que descobriu há quase um milênio como efetuar essa mudança. Ele queria conversar com os filósofos porfirianos e encontrar uma excelente universidade para o nosso povo. Essa foi a primeira incidência do olhar dos dragões sobre os seres humanos por algo útil e bom, mas não a última. Gólia entrou para a história como uma das nossas grandes personalidades — assim como eu entrarei.

Aplausos mais uma vez sacudiram o salão. Comonot esperou que diminuíssem, com a mão esquerda enfiada no espaço entre os botões do gibão de cetim, como se pretendesse coçar sorrateiramente a barriga.

— A ideia de paz veio a mim em um sonho, quando eu era estudante da universidade de Gólia, a Danlo Mootseie. Nós, dragões, não sonhamos. Assisti a uma aula sobre sonhos: dormíamos em nossos saarantrai e relatávamos todos os dias as maravilhas que víamos.

— Uma noite vi um tesouro, brilhando como o sol. Fui até lá, para correr os dedos sobre ele, mas não era ouro, era conhecimento! E percebi uma verdade maravilhosa: que o conhecimento podia ser o nosso tesouro, que havia coisas que a humanidade sabia e nós, não; que a nossa conquista não precisava consistir em se apropriar e matar, mas poderia ser nossa vitória mútua sobre a ignorância e a desconfiança.

Ele começou a andar no palanque e a gesticular a intervalos estranhamente precisos, como se tivesse visto um humano fazer isso antes e concluído que se tratava de uma dança ritual que ele poderia dominar.

— Conte o meu sonho em sala de aula e fui ridicularizado — disse ele. — “Com o que se parece o conhecimento? Que tipo de conhecimento pode valer a pena ter e que não podemos descobrir em nosso próprio reino?” Mas eu sabia a verdade, acreditava nisso no mais profundo âmago do meu ser e, daquele dia em diante, agi apenas em prol dessa visão. Eu me tornei poderoso por causa dela. Forjei uma paz de aço. Esforcei-me para encontrar a melhor forma de aprender suas artes, sua diplomacia, sua capacidade de unir, mantendo nossa condição dragontina essencial. Não tem sido fácil.

— Os dragões mudam muito lentamente; cada um de nós quer voar na sua própria direção. A única maneira de liderar é arrastar os demais, mesmo que a contragosto, para o que é certo. Entrei em entendimentos com a Rainha

Lavonda em segredo, sabendo que seria melhor impor um tratado ao meu próprio povo do que suportar um século de debates no Ker. Eu estava certo.

— O Tratado foi e continua sendo bem-sucedido, graças às reformas da nossa parte e à contínua boa-fé da parte de vocês. Aqui está para durar mais quarenta anos, ou, quiçá, mais cem. Minha consignatária estará morta há muito tempo até lá, e eu vou estar me dirigindo aos seus netos, mas pretendo que esta paz dure até o fim dos meus dias, e além.

A nobreza reunida hesitou, desconcertada talvez pela descuidada referência à nossa expectativa de vida mais curta, mas no final todos

aplaudiram.

A Rainha conduziu Comonot para a cadeira que tinha sido colocada para ele entre ela e a Princesa Dionne, e o longo e tedioso ritual de prestar respeitos começou. Todos na sala, desde o Regente de Samsam até o Senhor Zé Ninguém de Onde Judas Perdeu as Botas, esperavam uma oportunidade para conhecer o Ardmagar Comonot e beijar os anéis em seus dedos grossos. Notei que o Conde de Apsig ficou na fila como todos os outros, e senti certa satisfação sombria.

A fila de recepção interminável exigia acompanhamento musical, claro. Eu estava ao alaúde, mas tinha esquecido minha palheta, e na hora do almoço já tinha bolhas nos dedos.

Também estava com dor de cabeça. Tinha começado com o vazamento da caixa de memórias e aumentava a cada hora.

— Tudo bem, Mestre? — perguntou uma voz... Eu não conseguia localizá-la. Olhei para meus músicos, que pareciam estranhamente distantes. Seus rostos oscilavam. Pisquei.

— Ela está tão pálida! — disse uma voz muito lentamente, um som como o de um mel espesso passando por uma peneira.

Fiquei imaginando se ia perder o almoço, e depois as lembranças de minha mãe me prepararam uma emboscada.

Cento e sessenta e um dragões empoleirados no Ninho Alto. Abaixo de nós: montanhas. Acima de nós: nuvens nimbus flutuando para o sudeste a 0,0034 terminus.

O Ardmagar dá uma palestra aos alunos e professores da Danlo Mootseie quando o novo termo vem à baila. O título da palestra: “A Doença Insidiosa”.

Sei a que aquilo se refere. Não consigo dormir pensando nisso. Estou provavelmente infectada.

Saco o meu bloco de notas e o ligo. Foi feito por um dos quigutls do meu pai. Ele me ajuda a lembrar, mas em nada me ajuda a esquecer.

— *A humanidade pode ser a nossa mestra — exclama o Ardmagar. — A chave da paz é a troca de conhecimentos. Minhas reformas — o banimento das vinganças e do entesouramento, para citar apenas duas delas — são abalizadas por filosofias humanas. Como tais filosofias são lógicas, éticas e capazes de quantificação, podemos adotá-las.*

— *Mas deixem-me avisá-los, a todos vocês, desde o pelenova em sua*

primeira viagem ao sul até o professor que voou na sua macronuvem de falta de cautela: existe perigo na humanidade. Não se deixem embriagar. Tentados pela intoxicação química da emoção, os dragões se esquecem do que são.

O Ardmagar está errado quanto a isso. Eu nunca me esqueci, até três significativos dígitos, mesmo quando queria. E aqui estou eu empoleirada, sem esquecer Claude.

— As emoções viciam! — clama o Ardmagar. — Elas não têm significado: são a antítese da razão. Voam na direção das moralidades ilógicas, não dragontinas.

— Elas voam na direção da arte — murmuro.

Ele ouve o eco da minha voz; a acústica do Ninho Alto havia sido aperfeiçoada ao longo de um milênio, por isso todos podem ser ouvidos.

— Quem falou do ard?

Levanto a cabeça até um ângulo de 40 graus, abandonando a posição submissa. Todo mundo me olha.

— Eu disse, Ardmagar, que as emoções humanas voam na direção da arte.

— Arte. — Ele fixa em mim o olhar de um caçador, avaliando minha velocidade e defesas. — A arte brilha diante de todos nós, como um tesouro a ser acumulado. Eu entendo isso, filhote. Mas nós estudamos a arte. Voamos sobre ela vindos de todas as direções, de uma distância segura e saudável. Algum dia vamos compreender seu poder. Vamos colocá-la em ard. Vamos aprender a chocá-la, e por que vale a pena chocá-la. Mas não se sinta tentada a seguir a rota de voo dos humanos. O tempo brevíssimo da arte vale uma vida escravizada pelo rescaldo fétido do cérebro de carne?

Baixei a cabeça, reprimindo meus instintos. Isso seria raiva, para um humano; eu sentira isso. No cérebro do dragão, ela se manifesta como “ceder ou incendiar”.

Por que fui abrir a boca? Ele agora vai medir minhas palavras e concluir que estou miasmática. Os Censores virão à noite, vou ser enviada para a excisão. Vão extirpar de mim o inquantificável.

Isso vai colocar meus neurônios de volta em ard. Gostaria de ter esquecido; é por isso que vim para casa. Eu quero e não quero.

Não se pode voar em duas direções diferentes ao mesmo tempo. Não posso pousar entre aqueles que pensam que sou defeituosa.

Examino o texto gravado no meu bloco de notas. E acrescento: O amor não é uma doença.

Abri os olhos, fechando-os de novo imediatamente quando vi Kiggs inclinando-se sobre mim, com um olhar preocupado, a mão na minha testa. Cães dos Santos! Eu desmorenei diante da força daquela lembrança. Por que não mergulhei de cabeça da balaustrada e me poupei de acordar mortificada, com todo mundo olhando para mim?

— Ela está voltando a si — disse ele. — Phina, você está me ouvindo?

— Está abafado aqui — disse nosso melhor trompetista. — Estamos tocando já há três horas. Ela está realmente bem?

— A culpa é daquele bastardo do Viridius. Deixa tudo nas costas dela! — A voz parecia de Guntard.

A mão na minha testa ficou tensa com a palavra “bastardo”. Meus olhos se abriram a tempo de captar a irritação no rosto de Kiggs, que se suavizou ao me ver acordando.

Ele me ajudou a levantar. Oscilei vertiginosamente — o chão estava tão longe! — até que percebi que ainda estava na galeria, olhando para o salão quase vazio. Os últimos dignitários saíam apressados, tentando fingir que não estavam olhando para mim.

— O que aconteceu? — resmunguei, minha garganta como um pergaminho.

— Você desmaiou — disse Guntard. — Pensamos que você tivesse se superaquecido e não sabíamos como refrescá-la decentemente. Tiramos seus sapatos — perdoe-nos, por favor — e estávamos prestes a enrolar suas mangas...

Olhei para a frente, apoiando as mãos contra a grade para que não tremessem... mas o Príncipe Lucian sugeriu que a abanássemos. O seu alaúde está intacto.

— Obrigada, Guntard — eu disse, evitando seus olhos e procurando meus sapatos.

Meus músicos ficaram ali parados, com ar solícito, sem ter certeza do que eu precisava.

Acenei para dispensá-los, e eles correram atropeladamente para o almoço. Kiggs tinha pedido uma cadeira e estava sentado nela ao contrário, apoiando o queixo nas mãos, me observando. Vestia um gibão escarlate

ornamentado com cordões dourados trançados que se entrecruzavam; sua braçadeira branca lisa parecia ainda mais triste com o contraste.

— Você não tem que estar em algum lugar oficial? — perguntei delicadamente, enquanto afivelava os sapatos, tentando fazer graça, mas temendo que ele tomasse a brincadeira por mau humor.

Ele ergueu as sobrancelhas.

— Na verdade, tenho. Mas também sou responsável pela segurança, e houve uma bela comoção aqui quando você caiu. Selda prometeu que vai guardar meu prato. Posso acompanhá-la, se quiser.

— Não sinto vontade de comer. — Graças a Todos os Santos, também não tinha vontade de vomitar. Sentei-me e esfreguei os olhos; atrás deles, minha cabeça ainda doía.

— Você recebeu meu recado? — perguntei.

Ele sentou-se mais ereto.

— Sim, obrigado. Parece que seus esforços ontem não foram mais úteis do que os meus. Não consegui falar com Eskar; ela tinha partido para o Posto Avançado de Dewcomb com o resto do pessoal da Embaixada para aguardar a chegada do Ardmagar.

— Será que a Embaixada sabe sobre a história dos cavaleiros?

Ele estufou as bochechas enquanto expirava.

— Vovó se encontrou com o Embaixador Fulda antes de ele partir e informou-o sobre os “boatos”.

— Boatos? — eu disse, espantada. — Ela não acredita que Sir Karal tenha visto um dragão?

Kiggs balançou a cabeça, irritado.

— Dói-me dizer isso, mas ela não quer acreditar que os dragões possam violar seu Tratado. Apostou todo o seu reinado na ideia de que podemos confiar nos dragões, e se recusa a considerar a possibilidade de que haja um dragão não autorizado solto no campo, para não falar na morte do tio Rufus, sem que haja um enorme número de provas inequívocas.

— A moeda de Orma — comecei.

— Não a convenceu de nada — disse ele, tamborilando os dedos na parte de trás da cadeira; suas unhas eram muito curtas, como se ele as roesse, um hábito inesperado num Capitão da Guarda. Seus olhos se estreitaram pensativamente. — Não creio que o seu professor tenha descrito o saarantras de Imlann, afinal de contas...?

— Olhos azuis, cabelos claros — relatei. — Isso descreve dois terços dos cortesãos ninysh.

— Descreve todos os ninysh, contando os ruivos, e metade dos samsameses das montanhas — disse o príncipe. — Mas não há nenhuma razão para pensar que ele está na corte, não é? Onde Orma acha que ele estaria?

— Orma não tem ideia, claro. Ele só sabe que Imlann estava no funeral.

Kiggs me fez um sinal de advertência.

— Selda e eu conversamos sobre isso. Nós achamos que sua ideia de ir ver Sir James e os cavaleiros...

Um barulho o interrompeu. Um destacamento da Guarda do Palácio tinha entrado no salão; eles se empertigaram ao ver Kiggs na galeria.

— Capitão! A Rainha está muito descontente por vê-lo ignorar os ditames da boa educação com relação ao nosso...

— Vou para lá agora mesmo — disse Kiggs, levantandose. Ele se virou para mim, desculpando-se. — Nós não acabamos. Reserve-me a quarta dança durante o baile.

Recapitulei mentalmente a ordem das danças.

— A pavana?

— Perfeitamente. Conversaremos mais então. — Ele levantou a mão como se fosse me dar um tapinha no ombro ao estilo militar, mas, em seguida, habilmente transformou o gesto numa reverência educada. Então seguiu para o seu almoço com o Ardmagar.

Fiquei sentada ali por alguns momentos, os pensamentos em torvelinho. Eu tinha aceitado um convite para dançar. Eu não sabia dançar, pela definição de ninguém. Além disso, não me competia dançar com um príncipe, nem mesmo com aquele que parecia se esquecer das diferenças das nossas condições sociais e que parecia, inexplicavelmente, achar que eu era uma pessoa em quem valesse a pena confiar.

Encostei a testa na pedra fria da balaustrada. Ele pensava que eu era normal, o que fazia com que eu me sentisse normal, e isso era simplesmente cruel. Eu poderia ter dissipado suas ilusões num instante levantando minha manga. Por que viver com medo de que ele pudesse me achar repugnante um dia, se eu podia fazer isso agora? Deslizei a mão direita sob as amarrações da manga esquerda, sentindo as escamas frias, as bordas

afiadas, os horrores do meu corpo, e odiando tudo aquilo.

Por que aquela lembrança tinha brotado em mim de forma tão inesperada?

Seria outra “pérola mental”, como aquela que Orma tinha desencadeado ao revelar sua forma natural? Haveria mais? Será que minha cabeça estava cheia de pólvora, apenas esperando uma faísca?

Levantei-me trêmula, e as palavras de minha mãe voltaram a soar dentro de mim: *Não posso pousar entre aqueles que pensam que sou defeituosa*. Eu me irritava com sua arrogância e sua sorte.

— A questão, mãe, é que você não era defeituosa — murmurei, como se ela estivesse de pé ao meu lado. — Eu sou. E foi você quem me fez assim.

Dentro da minha cabeça, a caixa se contorceu como uma coisa viva.

DEZESSEIS

Voltei ao meu quarto para tirar um cochilo, certificando-me de que acordaria com tempo de sobra para me trocar e vestir meu houppelande formal. Ele era marrom, bordado em preto; acrescentei uma faixa branca em respeito ao príncipe Rufus. Tentei fazer meus cabelos parecerem bonitos, porque os comentários de Glisselda tinham me deixado insegura; refiz o penteado várias vezes sem conseguir um resultado satisfatório. Finalmente o deixei solto por pura frustração e coloquei um par de brincos bonitos como um pedido de desculpas a qualquer pessoa que se importasse. Eu não tinha muitas joias, exceto os brincos que Orma tinha me dado. Pensei em pendurá-los nos cabelos — seria um ornamento interessante, e nenhum ser humano iria reconhecê-los, — mas um saarantras poderia deduzir que tinham sido feitos por um quigutl. Acabei deixando-os no quarto.

Vínhamos preparando o concerto de boas-vindas havia mais de um mês; no entanto, a apresentação completa do espetáculo me surpreendeu. Talvez tudo pareça mais impressionante à luz de centenas de velas, ou uma audiência entusiasmada empreste ao desempenho dos artistas certo glamour, não sei, mas a magia que havia no ar fez tudo andar bem. Ninguém tocou fora do compasso, ninguém caiu do palco; se alguém tocou alguma nota errada foi com tanta convicção que ela pareceu perfeita.

Esse é o segredo do bom desempenho: convicção. A nota certa tocada com hesitação ainda assim sai desafinada, mas toque-a com ousadia e ninguém questionará. Se alguém acredita que existe verdade na arte — e eu acredito —, então é preocupante ver o quanto a habilidade de atuar é parecida com a de mentir. Talvez a mentira seja também um tipo de arte. Penso mais nisso do que deveria.

O Ardmagar sentou-se na frente e no centro, voltado para o palco onde seriam as apresentações, os olhos brilhantes e ansiosos. Observei-o por detrás da cortina durante o solo de charamela de Guntard, tentando conciliar o olhar no rosto de Comonot com sua palestra no Ninho Alto. Para alguém tão convencido da toxicidade da emoção humana, certamente ele parecia se divertir.

Glisselda sentava-se ao lado de Comonot como um adorno; sua mãe sentava-se do outro lado. Eu vi a Rainha, Dama Okra e Viridius, mas não Kiggs até que olhei mais adiante. Ele andava pelos fundos do salão checando com os guardas, um olho na apresentação e um na segurança. A julgar por sua expressão, era um trabalho estressante.

Eu não ia participar do programa. Dividia meu tempo entre lembrar os artistas de que era hora de se prepararem para tocar e ouvi-los das laterais do palco.

Durante o quarteto de sacabuxa, notei que ninguém estava à espera de entrar no palco. Olhei para minha agenda: Lars entraria em seguida. Ele ia tocar o binou, um tipo menor e mais leve de gaita de foles. Meu coração afundou; eu não tinha visto Lars aquele dia. Marchei para o corredor, colocando o nariz atrás das cortinas dos quatinhos que requisitáramos como camarins.

Para ser sincera, eu tinha esperado que as saletas fossem utilizadas para o aquecimento e não para a troca de roupas. Fiz um dos meus tocadores de alaúde gritar como se tivesse encontrado um quig em sua cama.

Mais adiante no corredor, ouvi vozes tensas atrás da última cortina. Aproximei-me cautelosamente, para não surpreender ninguém novamente, e reconheci uma das vozes como a de Lars. Levantei a mão para afastar a cortina, mas hesitei. Lars parecia irritado e estava falando samsamese. Aproximei-me, procurando ouvir e deixar meu ouvido se ajustar. Meu samsamese estava enferrujado, e nunca tinha sido completamente fluente.

A segunda voz era do Conde de Apsig, o que não me surpreendeu. Eu o entendi dizendo “Você está me seguindo!”, mas não o resto.

Lars negou com veemência: “Nunca” e então “Eu estou aqui...” e algo ininteligível “por causa da máquina e da melodia da flauta”. Ah, certo. Ele tinha me ouvido tocar de longe.

Josef praguejou bastante, e depois dos palavrões ouvi “a flauta da loucura”, que me pareceu uma frase divertida. As botas de Josef faziam barulho quando ele andava; sua voz tornou-se suplicante. “Ninguém deve saber o que você é!” “E você?”, disse Lars. “O que você vai fazerr se eles descobrirem o que você é?”

Josef vociferou algo que não entendi, e então seguiu-se um golpe e um estrondo. Abri a cortina. O conde estava de costas para mim, Lars estava

esparramado no chão entre os estojos dos instrumentos. Ao som da cortina se abrindo, o Conde Josef se virou e me jogou contra a parede. Ficamos paralisados daquele jeito por um instante: Josef prendendome à parede, respirando com dificuldade; eu me esforçando para recuperar o fôlego que ele tinha me tirado.

Ele me soltou abruptamente e começou a arrumar os punhos rendados, se desculpando:

— Eu disse a você para não se associar com ele! O que é preciso fazer para você entender que ele é perigoso?

— Você é o único perigoso aqui.

Seu rosto desmoronou.

— Mestra, eu só estava...

— Socando o meu artista? Arremessando-me contra a parede? — Balancei a cabeça. — Você está fora do programa.

Pegue a sua viola e saia daqui.

Ele passou uma mão trêmula pelo cabelo pálido.

— Você não pode estar falando sério.

— Vou buscar Lucian Kiggs se você preferir, e pode se explicar a ele.

O Conde Josef passou por mim, dando uma estocada no meu estômago com o cotovelo e puxando a cortina violentamente para fechá-la. Ele deixou a viola para trás; eu não ia chamá-lo de volta.

Virei-me para Lars, que estava apenas começando a se pôr de pé. Ele evitou olhar para mim, com certeza tão assustado quanto Josef que eu tivesse ouvido o que não devia. Eu estava pronta para lhe contar tudo quando ouvi Guntard no corredor.

— Mestra Seraphina! Estão arruinando seu concerto!

Abri novamente a cortina.

— O quê?

— Bem, ainda não — disse Guntard defensivamente, lutando com um botão do seu gibão —, mas os sacabuxistas estão quase terminando, não há ninguém esperando para entrar depois deles e nenhum sinal de você em lugar nenhum.

Lars pegou seu instrumento e passou correndo por mim, subindo as escadas, na lateral do palco.

Guntard estava sorrindo.

— O que estavam fazendo aí a deixou mais bemhumorada, espero! —

disse ele, piscando os olhos para mim. Ele achava que estávamos entretidos com alguma coisa ali atrás, com as cortinas fechadas. Afinando os alaúdes um do outro, como eles diziam. Praticando a nossa polifonia. Tocando cromorno.

— Você flerta com Viridius assim também? — perguntei. — Saia daqui!

Ele saiu para o corredor, rindo. Virou-se para dizer uma última coisa, mas naquele momento houve uma explosão. A força me fez retroceder um passo.

Era Lars. Ele não estava tocando binou.

Por um momento imaginei que de algum modo ele tinha trazido o mega-harmônio consigo, mas na verdade ele estava tocando as gaitas de guerra samsamese, o maior e mais feroz membro da família das gaitas de foles.

Os samsameses das montanhas tinham inventado o instrumento para que os enclaves montanheses pudessem trocar ameaças; quando ele soava era como se a própria montanha sacudisse os punhos para os bastardos do outro lado. As gaitas não eram projetadas para ambientes internos. O som preenchia cada recanto do salão. Olhei para cima, encolhendo-me, esperando ver o gesso rachando e caindo do teto.

Eu sentia como se alguém estivesse enfiando um prego no meu ouvido.

Corri para a lateral do palco, irritada. Sem pensar, sem sequer fechar os olhos ou entrar no jardim, estiquei a mão para pegar a mão imaginária do Sujeito Barulhento. *Era pra você tocar binou! Isso é alto demais!*

Lars parou abruptamente. O silêncio causou um impacto, uma onda chocante de alívio, mas ele não tinha acabado de tocar. Tinha apenas feito uma pausa para gritar:

— Eu gosto alto!

As gaitas barulhentas voltaram à vida cacofônica, mas desta vez ouviu-se um punhado de risos e aplausos, como se sua declaração tivesse acrescentado à apresentação certo humor ou pelo menos algum sentido. *O grrande camarrada aqui gosta alto, há-há! Ele gosta mesmo!* Eu não podia ficar onde estava, no entanto, e não porque o prego perfurava meu tímpano novamente. Corri para fora, pelo corredor, e de volta para o camarim, de onde eu tinha vindo.

Felizmente, não havia ninguém ali. Afundei no chão, a mão tampando

a boca.

Lars tinha me respondido. Eu tinha falado com ele apenas em pensamento — nenhum jardim, nenhuma meditação, nenhum avatar. Conhecer os meus grotescos em pessoa já era bem assustador; mas isso era mais assustador ainda.

Ou mais emocionante. Não consegui me decidir.

A gaita soava bem àquela distância; passei a gostar mais com a distância nos separando, isto é, proporcionalmente ao volume decrescente. Inclinei a cabeça contra a parede e fiquei ouvindo até ele finalmente acabar, tamborilando os dedos enquanto ele tocava “O Amante Desajeitado” e “A Moça Indiferente”. Os aplausos foram brandos, como se a plateia estivesse relutante em estragar o doce silêncio com palmas.

O solo seguinte começou. Faltavam apenas três antes do gran finale, o coral do castelo cantando o arranjo passional de Viridius para o Hino do Espelho. Eu iria reger. Obriguei-me a ficar em pé. Aqueles coristas inúteis precisavam de tantos conselhos quanto eu pudesse lhes dar. Joguei de lado a cortina que fazia as vezes de porta e corri na direção do que parecia uma parede sólida.

A parede era Lars.

— Uma coisa é ouvir a música no meu coração — disse ele, com um tremor na voz. Deu um passo à frente, conduzindo-me de volta ao pequeno cômodo. — Mas aquilo...

aquilo que eu ouvi foi a sua voz!

— Eu sei — confessei. — Não tive intenção.

— Porr que isso aconteceu?

Seu cabelo curto estava arrepiado, como uma escova de cerdas de javali; suas narinas inflaram. Ele cruzou os braços, como se não tivesse a intenção de se mover dali até que eu lhe desse uma boa explicação. Eu disse:

— Eu tenho algo para... para lhe mostrar. — O cômodo não era muito escuro, eu esperava, para ele perceber o brilho do meu lado grotesco.

Empaquei. Mostrar à Dama Okra não tinha sido como eu esperava; eu não tinha ideia de como Lars iria reagir. E aquele cômodo nem tinha uma porta adequada. Guntard podia aparecer e meter a cabeça através da cortina. Qualquer um podia.

Lars olhava-me com um ar defensivo, como se antecipasse uma bronca

ou uma declaração de amor. Sim, era isso: ele pensava que eu ia lhe fazer uma proposta indecorosa. Tinha uma expressão fechada, como se ensaiasse mentalmente um discurso, uma maneira de me afastar com delicadeza depois que eu tirasse toda a minha roupa. *Desculpe, Serraphina, eu não gosto de grrausleinerr que podem colocarr a voz na minha cabeça.*

Ou talvez: *Eu não gosto de garrota nenhuma. Eu gosto de Virridius.*

Não era tão engraçado assim, mas pelo menos me deu impulso suficiente para desatar minha manga e puxá-la para cima.

Ele congelou por três batimentos cardíacos e, em seguida, estendeu a mão na direção do meu antebraço suavemente, quase com reverência, envolvendo-o em suas mãos grandes, correndo um dedo pela borda curvilínea das escamas.

— Ah! — suspirou. — Agorra tudo faz sentido.

Eu queria muito compartilhar esse sentimento, queria tanto que as lágrimas correram pelo meu rosto. A expressão dele se fechou novamente. Pensei que ele estava com raiva, mas percebi que se tratava de um sentimento de “proteção” quando ele me envolveu num abraço esmagador. Ficamos assim um longo tempo. Graças aos céus, ninguém entrou, caso contrário seríamos alvo de fofocas no palácio durante meses.

Alguém que passasse por ali não teria ouvido o homenzarrão vestido de preto sussurrar no meu ouvido:

— *Sesterleine!* Irmãzinha.

DEZESSETE

O Hino do Espelho transcorreu sem contratempos.

Atrás de mim o público se levantou, e alguns cantaram junto. Consegui manter um tempo razoável, embora não estivesse tão atenta quanto deveria. Continuei recapitulando mentalmente os momentos com Lars; aquele em que ele me chamou de irmã, e, em seguida, a conversa que tivemos.

— O que Josef é para você? — perguntei a ele. — O que está acontecendo; posso ajudar de alguma maneira?

— Eu não sei o que dizer — ele respondeu, seus olhos de repente frios. — Eu não disse nada contra Josef.

— Bem, não, não para mim — continuei. — Mas você não pode negar que...

— Eu posso. E eu nego. Não fale dele de novo parra mim, *grrausleine*. Com isso, ele irrompeu para fora do cômodo.

A música me cercava enquanto eu regia, elevando meu coração e me trazendo de volta para mim mesma. O coro cantou os dois últimos versos: *Indignos, nos é concedida a graça/Somos um espelho diante da face celestial*. Sorri deliciada para os meus cantores, e eles retribuíram calorosamente a toda a minha volta.

O coral deixou o palco e a viela de roda tomou seu lugar. Meu trabalho estava concluído agora, e eu poderia dançar o quanto quisesse, o que significava exatamente uma vez. Era bem o estilo de Kiggs escolher uma pavana, que se resumia a circundar o salão de modo pomposo. Eu poderia dar conta daquilo.

Os servos corriam de um lado para o outro, encostando cadeiras e bancos nas paredes, redistribuindo candelabros, trazendo bebidas para as pessoas. Eu estava me sentindo ressecada; o palco deixa você seco. Fui até a mesa de bebidas, no canto mais afastado, e me vi atrás do Ardmagar.

Ele falava com grandiloquência a um servidor:

— É verdade, nossos eruditos e diplomatas não tomam bebidas alcoólicas, mas não é tanto uma regra quanto uma diretriz, uma concessão para o seu povo, que tende à paranoia com a ideia de um dragão perder o

controle. Os dragões, como vocês, têm tolerâncias diferentes. Um dragão consciente pode tomar um pouco de vinho, assim como eu, sem provocar nenhum dano.

Seus olhos brilharam quando ele tomou o cálice oferecido; olhou em volta como se a sala fosse feita de ouro.

Outros convidados, brilhantes como papoulas, emparelhavam-se à espera da dança. A viela de roda acabou de tocar e enviou um acorde quente que flutuou sobre a sala.

— Não assumo a forma humana há quarenta anos — disse o Ardmagar. Com um sobressalto, percebi que ele estava se dirigindo a mim. Ele virou a taça nos dedos roliços, lançando-me olhares de soslaio, tímidos. — Eu me esqueço como é, como seus sentidos são diferentes dos nossos. A visão e o olfato são frustrantemente silenciados, mas compensados com a intensidade dos outros.

Fiz uma reverência, não querendo conversar com ele. Mais lembranças da minha mãe podiam estar esperando para me dar o bote. Por enquanto, a caixa de lata estava quieta.

Ele insistiu:

— Tudo tem gosto de cinzas para nós, e nossas escamas têm pouca sensibilidade ao toque. Nós ouvimos muito bem, mas o nervo auditivo de vocês está ligado a algum centro emocional. Absurdamente, todos os seus sentidos estão ligados à emoção, mas esse em particular... é por isso que fazem música, não é? Para estimular essa parte do cérebro?

Eu poderia tolerar esse tipo de incompreensão de Orma, mas esse velho saar arrogante me irritou.

— Nossas razões são mais complexas do que essa.

Ele acenou com uma mão e inflou os lábios com desdém.

— Temos estudado a arte de todos os ângulos imagináveis. Não há nada de racional nela. Trata-se, no final, apenas de outra forma de autogratificação.

Engoliu o vinho e voltou a observar o salão de baile.

Ele era como uma criança pasma diante de um espetáculo, deslumbrada com o vasto banquete sensorial diante dele: o perfume doce e picante do vinho, o padrão das sapatilhas de dança, o roçar dos arcos nas cordas. Ele estendeu a mão e tocou o vestido de seda verde de uma condessa quando ela passou. Felizmente, ela não percebeu.

Casais tomaram conta do salão para um cinque pas. Comonot olhou para eles com ternura, como se fossem flores de cerejeira, não com uma expressão que tipicamente se vê num saarantras, e eu me perguntei quantos copos de vinho ele tinha tomado. Incomodava-me que pudesse ficar ali bancando o sensualista, enquanto Orma não podia falar comigo sem tomar precauções contra os Censores.

— Essa dança é difícil? — perguntou ele, inclinando-se mais para perto. Dei um passo para longe dele; era improvável que ele farejasse o cheiro das minhas escamas enquanto estivesse distraído com a bebida, mas não havia por que correr riscos desnecessários. — Ela me intriga — disse ele. — Quero experimentar de tudo. Pode ser que demore mais quarenta anos para eu assumir essa forma de novo.

Estaria ele me convidando para dançar? Não, ele estava pedindo para eu convidá-lo. Não consegui decidir se isso era lisonjeiro ou irritante. Mantive a voz neutra.

— Nunca dancei o cinque pas. Se o senhor observar os dançarinos com atenção e analisar os passos, vai perceber os padrões se repetindo, e suspeito que sigam as repetições da música.

Ele olhou para mim; os olhos eram ligeiramente salientes, lembrando-me desagradavelmente os olhos de Basind. Lambeu os lábios grossos e disse:

— Seria exatamente assim que um dragão abordaria o problema. Veja, os nossos povos não são tão diferentes, afinal de contas.

Antes que ele pudesse falar de novo, uma régia presença apareceu atrás de nós e a voz firme de uma mulher se fez ouvir:

— Ardmagar, gostaria de experimentar as nossas danças goreddi?

Era a mãe de Glisselda, a Princesa Dionne, envolta em seda amarelo-ouro; ela usava uma tiara simples e um véu leve, o cabelo preso em crispinettes. Brilhava como as fênix douradas de Ziziba; eu, em meu houppele marrom, era desenxabida em comparação. Recuei, aliviada, ao ver que ela tinha me eclipsado da atenção do Ardmagar, mas Comonot, a raposa velha, me apontou para ela.

— Eu estava justamente comentando sobre as danças com essa jovem peculiar.

A Princesa me olhou friamente com seu elegante nariz empinado.

— Esta é a nossa mestra de música assistente. Ela ajudou Viridius na

organização da música desta noite.

Aparentemente eu não tinha um nome, o que me convinha. Fiz uma reverência o mais rapidamente que me atrevi.

Algo acetinado e rosado bateu na lateral da minha cabeça. Olhei, assustada, a tempo de ver a manga debruada da Princesa Glisselda bater em cheio no meu rosto de novo. Ela riu, girando para longe de mim; seu parceiro, o Conde de Apsig, dançava com leveza. Meu coração se contraiu ao vê-lo, mas ele nem se deu ao trabalho de olhar para mim. Era um dançarino experiente e até que um sujeito bonito quando não estava ameaçando ninguém. Seus trajes negros severos contrastavam com o vestido rosa dela; o casal atraía todos os olhares no salão. Ele deu as costas para mim. Preparei-me para me proteger da manga, mas ela gritou para mim:

— Lucian falou com você? Eu não a vi dançando!

Kiggs tinha dito que havia falado sobre Imlann com Glisselda; eu esperava que ela não tivesse despejado tudo impensadamente sobre o conde.

— Estamos esperando a pavana — disse eu, quando ela passou novamente.

— Covardes! Ele dançar com você foi ideia minha, você sabe! Vai ser mais difícil para você supera... — Josef levou-a para o outro lado do salão.

Perdi o fim da palavra, mas não a ideia.

A segunda dança terminou; os músicos passaram quase imediatamente a tocar uma sarabanda. Eu assistia aos casais desfilando; Comonot não era o único hipnotizado com toda a pompa. Glisselda ainda dançava com Josef, merecendo um olhar penetrante da mãe. Presumia-se que o Conde de Apsig não fosse um zé-ninguém, mas a segunda herdeira não podia simplesmente dançar para se divertir; política séria acontecia no salão de baile.

Kiggs tinha dançado o cinque pas com Amerta, filha do Conde Pesavolta de Ninys, a gavota com a Regina de Samsam, e agora dançava a sarabanda com alguma duquesa que eu não conseguia identificar. Dançava com competência, embora não com tanto brilho quanto Josef, e parecia se divertir. Ele sorriu para a duquesa, um sorriso glorioso, descontraído e desinibido, e por um momento ele ficou transparente para mim: senti como se pudesse vê-lo até o âmago mais profundo do seu ser. Percebi com um sobressalto que tivera esse vislumbre no funeral também. Ele não expunha

seu coração aos olhos de todos, por assim dizer, mas mantinha-o num lugar onde eu pudesse vê-lo.

O ritmo da sarabanda diminuiu. Metade da orquestra se levantou; a cada três danças, metade dos músicos fazia uma “pausa para o bolo” e o resto tocava uma melodia repetitiva até que todos voltassem. Era um bom sistema para que os dançarinos tomassem fôlego e os mais velhos — a nossa Rainha de maneira alguma entre eles — pudessem manter a resistência.

Ao meu lado estavam a Princesa Dionne e Lady Corongi, comendo bolo. “Pausa para o bolo” era, naturalmente, um eufemismo; na verdade, surpreendia-me que essas duas senhoras nascidas em berço de ouro fizessem uma pausa para o bolo.

— Confesso que estou chocada com o Ardmagar — disse Lady Corongi, enxugando cuidadosamente os cantos da boca com um lenço, para não borrar os lábios vermelhos.

— Não foi culpa dele — disse a Princesa. — Ele é baixo, e tropeçou. Meu decote estava bem ali.

Tentei imaginar o que tinha acontecido, e me arrependi instantaneamente.

— Ele é um idiota — exclamou Lady Corongi, franzindo o rosto como se o Ardmagar fosse tão azedo quanto ela. Seus olhos moviam-se com astúcia, no entanto, e ela disse:

— Como seria levar um deles para a cama?

— Clarissa! — A risada da Princesa Dionne me lembrou a de Glisselda. — Agora eu estou chocada, sua malvada. Você odeia dragões!

Lady Corongi sorriu maldosamente.

— Eu não disse me casar com um. Mas dizem...

Eu não tinha intenção de ficar por perto para ouvir o que se dizia.

Segui na direção da mesa de bebidas, mas ali estava Josef, reclamando amargamente.

— Nós, samsameses, aqueles de nós que têm fé no coração, não consumimos a bebida do diabo — ele se virou para o infeliz que servia as bebidas. — Santo Abaster nunca o fez. Eu deveria cuspir no rosto do seu santo exemplo?

Revirei os olhos; eu mesma não gostava muito de vinho, mas havia maneiras mais agradáveis de se pedir chá. Mergulhei de volta na multidão,

abrindo caminho através das florestas de véus diáfanos e houppelandes com barras de arminho, até chegar a meio caminho do outro lado do corredor. O ciclo da viela de roda chegou à sua conclusão, e eles começaram a melodia de abertura da pavana. Entrei na pista de dança, mas não vi qualquer gibão vermelho em lugar nenhum.

— Você está bonita! — Kiggs disse no meu ouvido, me fazendo dar um pulo.

Pisquei estupidamente. Havia algo que se dizia em resposta a elogios, algo que as pessoas normais instintivamente respondiam, mas meu coração batia em meus ouvidos e nada me ocorreu.

— Não, não estou — respondi.

Ele sorriu, presumivelmente porque eu dissera um absurdo. Ofereceu-me o braço e me levou para a pista, bem no centro da pavana.

Eu não sabia onde ficar. Ele me puxou para perto de si, nossas palmas unidas no nível do ombro, na postura de abertura.

— O seu tocador de gaita de foles foi bastante notável — disse ele, quando a dança começou.

— Ele não é meu tocador — eu disse, mais irritada do que deveria estar, devido à sugestão anterior de Guntard. — É o tocador de Viridius.

Fizemos um passo para o lado esquerdo, e um para o direito.

— Eu sei exatamente o que ele é para Viridius — disse Kiggs. — Diga ao seu sentimento de culpa para relaxar. Você, obviamente, ama outra pessoa.

Eu me assustei.

— O que você quer dizer?

Ele bateu na lateral da cabeça com a mão livre.

— Esqueça. Não fique alarmada. Não estou julgando você.

Não estava me julgando? Por quem ele imaginou que eu estava apaixonada? Eu estava curiosa, mas não tanto a ponto de querer manter a conversa concentrada em mim. Mudei de assunto:

— Há quanto tempo você conhece o Conde de Apsig?

Kiggs levantou as sobrancelhas enquanto circulávamos lentamente para a direita, o movimento da estrela com as mãos.

— Ele está aqui há cerca de dois anos. — Kiggs estudou o meu rosto. — Por que pergunta?

Fiz um gesto para os outros dançarinos em nosso círculo. O gibão

negro de Josef se destacava, apenas a dois casais de distância de nós, no círculo.

— Ele está dificultando a vida do tocador de gaita de foles de Viridius. Eu o peguei criticando severamente o coitado nos camarins.

— Dei uma boa olhada nos antecedentes de Josef, quando ele chegou à corte — disse Kiggs, levando-me pela mão num pas de Segosh, quando o círculo se inverteu. — Ele é o primeiro Apsig a deixar as montanhas em três gerações; acreditava-se que esse clã estivesse extinto, então é claro que eu estava curioso.

— Você? Curioso? — perguntei. — Difícil acreditar!

Ele recompensou meu atrevimento com um sorriso.

— Aparentemente a avó dele foi a última da linha de sucessão e ele resgatou o nome. Também há rumores em Samsam de que tem um meio-irmão ilegítimo. Lars pode não ser um mero servo, afinal de contas.

Franzi as sobrancelhas. Se Lars não era um mero meio-dragão, mas a personificação da vergonha da família, isso poderia explicar a animosidade de Josef. Ainda assim, eu não podia deixar de sentir que a coisa era mais complicada ainda.

Kiggs estava falando; voltei a me concentrar nele.

— Em Samsam, eles têm uma postura severa com relação à ilegitimidade. Na corte, é mais inconveniente para o pobre coitado; lá, afeta toda a família. Os samsameses são grandes devotos de São Vitt.

— “Os teus pecados queimam com fulgor ao longo das eras passadas”? — arrisquei.

— “E queimarão pela eternidade, no horizonte de teus filhos”, isso mesmo. Bem lembrado! — Ele me guiou pelo círculo novamente; seus olhos brilhavam, lembrando-me o Príncipe Rufus. Kiggs inclinou-se e acrescentou em tom sério: — Percebi que você está realizando uma pesquisa sobre o assunto, mas recomendaria que não perguntasse a Lars como é ser um bastardo.

Sobressaltada, olhei nos olhos dele. Kiggs estava rindo silenciosamente, em seguida estávamos ambos rindo, e depois, algo mudou. Era como se, antes, eu estivesse observando o mundo através de um pergaminho oleado ou de um vidro esfumado, e agora ele tivesse sido arrancado abruptamente. Tudo ficou muito claro e brilhante; a música irrompeu em majestade; ficamos em silêncio e a sala girou em torno de nós;

e havia Kiggs, bem no meio de tudo isso, rindo.

— Eu... eu devo me contentar em perguntar a você — gaguejei, corando de repente.

Ele fez um gesto amplo, englobando todo o salão.

— Eis. A quintessência da bastardia. Não há descanso para os maus. Dança após dança, até que os pés não aguentem mais.

O círculo de dançarinos começou a rodar no sentido contrário pela última vez, lembrando a nós dois da razão de estarmos ali.

— Voltando ao que interessa — disse ele. — Minha avó pode pensar que não há nada a ser descoberto no país, mas Selda e eu achamos que ela está errada. — Ele se inclinou mais para perto. — Você deve prosseguir com seus planos. Nós conversamos sobre isso, porém, e não podemos deixá-la ir sozinha.

Recuei, surpresa.

— Vocês não podem me deixar ir sozinha aonde?

— Atrás de Sir James Peascod. Não é seguro — insistiu ele, a testa franzida de preocupação. — E não estou sequer convencido de que você saiba aonde está indo. Você estava certamente blefando quando disse àqueles idosos cavaleiros que sabia onde eles viviam.

Minha boca se abriu, mas meu cérebro entorpecido não conseguiu formular nenhuma resposta. Quando escrevi que uma visita aos cavaleiros se justificava, quis dizer que Kiggs deveria ir, não eu!

Kiggs colocou a mão na minha cintura para o passo final. Sua respiração aqueceu meu ouvido.

— Vou com você. Ponto final. Amanhã não sentirão nossa falta: você não tem programação musical e todas as pessoas mais importantes estarão fechadas em salas de reuniões durante todo o dia, incluindo Selda, para seu grande desgosto. Proponho que partamos ao amanhecer, visitemos os cavaleiros, e depois, dependendo da hora do dia...

Não ouvi mais nada. Meus ouvidos zumbiam.

Como alguém poderia achar remotamente plausível que eu pretendesse cavalgar para o campo — sozinha ou de qualquer outra maneira? Tinha sido um erro estúpido blefar com os cavaleiros. Isso só havia criado problemas. Agora, todos tinham uma ideia errada a meu respeito; eles me achavam ousada e imprudente.

Olhando nos olhos escuros de Kiggs, porém, eu me senti de fato um

tanto imprudente. Não, um tanto fremente.

— Você hesitou — disse ele. — E suspeito que eu saiba por quê. — Eu suspeitava que ele não sabia. Ele sorriu, toda a sala parecendo brilhar em torno dele. — Você está preocupada que seja impróprio nós dois cavalgando sem escolta. Não vejo problema algum. Um grupo maior poria os cavaleiros na defensiva antes mesmo de chegarmos e, quanto a ser ou não impróprio, bem, minha noiva não está preocupada, minha avó não vai se importar, Lady Corongi estará fora, visitando uma prima doente nos próximos dias, e não vejo mais ninguém importante que possa nos julgar.

Para ele era fácil dizer; ele era um príncipe. Imaginei que eu poderia ser e de fato seria julgada. Lady Corongi lideraria o coro; o fato de estar longe não era impedimento para ela.

Nós circulamos um ao outro no final do pas de Segosh.

— Seu escolhido não parece do tipo ciumento — disse Kiggs. — Temos grande chance de não escandalizar ninguém.

Não parece do tipo ciumento? Quem? Infelizmente, mais uma vez minha boca não fez as perguntas necessárias, e então já era tarde demais. A pavana chegou ao fim, as pessoas estavam aplaudindo.

— Ao amanhecer — ele sussurrou. — Encontre-me no gabinete da Rainha. Sairemos pelo portão dos fundos.

Ele me soltou. Minha cintura estava fria onde o calor do seu braço a aquecera antes.

DEZOITO

Deixei o salão de baile logo depois e voltei para o refúgio dos meus aposentos. Eu precisava cuidar do meu jardim e dormir também, se quisesse me levantar cedo. Aquelas eram certamente duas boas razões para me retirar.

Mas não eram as minhas razões. Não visitei os grotescos nem consegui dormir.

Meus membros vibravam de inquietação. Despi-me, dobrando o houpelante e o vestido com esmero obsessivo, vincando as dobras com os punhos, como se as pregas pudessem me acalmar. Eu geralmente não tirava minha *chemise* — odiava me ver nua —, mas agora eu a tirei, dobrei-a, redobrei-a e arremessei-a de qualquer jeito contra o biombo; depois peguei-a do chão e arremessei-a novamente.

Caminhei pelo quarto, esfregando as escamas da barriga, tão lisas quanto um espelho, e, ao mesmo tempo, tão afiadas quanto milhares de dentes. Era aquilo que eu era.

Aquilo ali. Aquilo. Obriguei-me a olhar para as escamas prateadas, dispostas como telhazinhas em forma de meia-lua, a linha hedionda que surgira na minha pele como dentes empurrando a gengiva.

Eu era monstruosa. Havia coisas neste mundo que eu não poderia ter.

Subi na cama, enrodilhei-me e chorei, com os olhos espremidos. Vi estrelas por trás das pálpebras. Não entrei no meu jardim; eu não estava em nenhum lugar que tivesse um nome. Uma porta apareceu inesperadamente em meio à névoa indistinta da minha mente. Assustava-me o fato de que ela pudesse simplesmente aparecer, espontaneamente, mas ela me afastou também da minha autopiedade.

A porta se abriu. Prendi a respiração.

O Morcego das Frutas espiou ao redor. Eu me encolhi de medo. Ele tinha sido tão bem comportado desde que eu lhe pedira que quase me esqueci de que ocorrera um problema. No entanto, vê-lo fora do jardim me assustava. Eu não podia deixar de pensar em Jannoula, com toda sua mania de ficar espreitando e espiando, e como ela praticamente tomou conta da

minha cabeça como se fosse sua casa.

O rosto do Morcego das Frutas se iluminou quando me viu. Ele parecia pouco interessado nos meus pensamentos particulares; estava meramente olhando *para mim*. Para meu horror, eu estava nua na minha cabeça; alterei isso com um pensamento.

— Você me encontrou — disse eu, alisando meu vestido imaginário, ou tentando me assegurar de que havia um. — Eu sei, não estive no jardim esta noite. Eu... eu não consegui encará-lo. Estou cansada de ter que cuidar dele. Estou cansada de... de ser o que sou.

Ele estendeu as mãos morenas e magras.

Considerei a oferta, mas não consegui induzir uma visão.

— Sinto muito — eu disse. — Tudo parece tão pesado agora e... — Não consegui continuar.

Eu ia ter que expulsá-lo. Não via como poderia reunir forças para fazer isso. Ele me abraçou; era pequeno, não chegava nem mesmo ao meu ombro. Eu o abracei, encostei o rosto nos nós escuros e macios do seu cabelo, e chorei.

Então, de algum modo, não sei como, adormeci.

Kiggs estava aflitivamente disposto para um homem que não poderia ter tido mais do que quatro horas de sono. Eu não tinha me apressado com a rotina da manhã, presumindo que demoraria até partirmos, mas ele havia chegado ao gabinete da Rainha antes de mim, trajando cores escuras como um camponês. De perto, no entanto, ninguém o confundiria com um camponês; o corte do seu gibão era muito fino, suas roupas de lã muito macias, seu sorriso muito brilhante.

Um homem movia-se pesadamente ao lado dele; percebi, surpresa, que era Lars.

— Ele esteve perguntando por você na noite passada, depois que escapou furtivamente — disse Kiggs ao se aproximar. — Eu disse que ele poderia vê-la esta manhã antes de sairmos.

Lars pôs o braço dentro do seu gibão preto e tirou um grande pergaminho enrolado.

— Desenhei isto ontem à noite, e quero que fique com você, Mestra Dombegh, porque eu não tenho nenhuma outra boa maneira de... agradecer. — Ele me entregou o pergaminho com um leve floreio, e então,

com uma rapidez surpreendente para um homem tão grande, desapareceu pelo corredor.

— O que é isso? — perguntou Kiggs.

O pergaminho adejou quando eu o abri. Parecia o projeto de algum tipo de máquina, embora eu não conseguisse identificar o que seria. Kiggs tinha uma noção mais concreta:

— Uma balista?

Ele estava analisando o pergaminho sobre meu ombro, o hálito perfumado de anis.

— O que é uma balista? — perguntei.

— É como uma catapulta, mas arremessa lanças. Mas isto aqui arremessa... o que é isso?

Parecia um arpão com uma bexiga cheia de algo que não dava para identificar.

— Não acho que eu queira saber — disse eu. Parecia o tubo de um clister gigante, para limpar o cólon de um dragão, mas eu não iria dizer isso em voz alta diante de um príncipe do reino, bastardo ou não.

— Guarde isto aqui — disse ele, entregando-me uma albarda que parecia conter nosso almoço. — Você está bem agasalhada para montar?

Eu esperava que sim. Nunca tinha andado a cavalo de fato, pois era uma moça da cidade, mas tinha arranjado um par de calças porfirianas e usava minha costureira sobreposição exagerada de roupas.

Estava levando o brinco de Orma atado num cordão em volta do pescoço. Podia sentir o volume frio quando colocava a mão no coração.

Atravessamos o palácio, corredores descendentes, uma porta escondida atrás de uma tapeçaria e uma série de passagens que eu nunca vira. Escadas nos levaram abaixo do nível dos porões, através de um túnel rústico. Passamos por três portas trancadas, que Kiggs voltou a trancar cuidadosamente atrás de nós enquanto eu segurava a lanterna. De acordo com minha bússola interna, estávamos indo na direção oeste. Depois de passar por um par de enormes portas de pedra, o túnel se abriu num sistema de cavernas naturais; Kiggs evitava os corredores menores e tomava sempre a trilha mais larga e plana, até chegarmos à entrada de uma caverna na encosta, abaixo da parede ocidental do castelo.

O amplo vale do rio Mews se estendia diante de nós, encoberto pela névoa da manhã. Densas nuvens escondiam a face do céu. Kiggs se deteve,

com as mãos nos quadris, enquanto contemplava a vista.

— Esta era uma porta de saída do castelo em tempos de guerra; é invisível para quem está embaixo. Nos poupou de atravessar a cidade, reparou? Há um estábulo no sopé da colina; temos cavalos esperando lá.

O chão de terra da caverna tinha sido recentemente revolvido.

— Quem usa estas cavernas agora?

— Tio Rufus, que descansa no recesso de Todos os Santos, usava esta rota para ir caçar. Achei que não faria mal refazer seus passos. Que eu saiba, ninguém mais a usa.

Ele olhou para mim. Fiz um gesto para umas roupas abandonadas atrás de uma pedra.

— Hum! Pastores se abrindo de uma tempestade? — Ele ergueu uma peça, um vestido simples, mas bem-feito. Toda mulher no palácio tinha alguns daqueles; pelo menos eu tinha. — Criadas encontrando seus amantes? Mas como é que passariam por três portas trancadas e por que deixariam as roupas para trás?

— Que estranho!

Ele sorriu.

— Se este é o maior mistério que encontraremos hoje, estamos com sorte. — Ele tornou a dobrar o vestido e colocou-o de volta atrás da pedra. — Você é observadora.

Talvez seja bom manter essa habilidade de prontidão: a descida é rochosa e provavelmente vai estar molhada.

Quando iniciamos a descida, percebi que para mim ficou mais fácil respirar. O ar estava limpo e fresco; a atmosfera da cidade e da corte parecia densa em comparação, saturada de problemas e pesada de preocupações. Havia apenas nós dois ali fora sob o céu leve e infinito, e eu suspirei de alívio, percebendo pela primeira vez como me sentia claustrofóbica.

Os cavalos estavam, de fato, esperando por nós. Kiggs aparentemente tinha enviado uma ordem informando que cavalgaria com uma dama, porque minha égua estava com uma sela de amazona equipada com um pequeno assento de vime e apoio para os pés. Pareceu-me muito mais sensato do que a sela costumeira. Kiggs, no entanto, não pareceu satisfeito.

— John! — ele gritou. — Isso não vai funcionar!

Precisamos dos apetrechos certos!

O velho responsável pela estrebaria franziu o cenho.

— Sharpey me disse que o senhor ia cavalgar com a Princesa.

— Não, Sharpey não lhe disse isso! Você presumiu que fosse isso. A Donzela Dombegh espera controlar seu próprio cavalo, não passear por aí no lombo de um pônei! — Ele virou para mim se desculpando, mas algo em meu rosto o deteve. — Você tem mesmo a intenção de montar?

— Ah, sim — eu disse, mais resignada agora. Levantei a barra da saia para mostrar que já estava usando calças porfirianas e tudo mais. Ele piscou os olhos para mim e percebi que meu gesto tinha sido bem pouco feminino — mas não era ele mesmo que estava me preparando para cavalgar de um jeito bem pouco feminino? Pelo visto eu não conseguia me comportar adequadamente, não importava o que fizesse.

Talvez isso significasse que eu poderia parar de me importar tanto com isso.

Eles trouxeram minha égua reequipada; levantei as saias e montei na primeira tentativa, sem querer ninguém me agarrando pela cintura para me ajudar a levantar. A égua fez um giro. Eu nunca tinha feito isso, mas sabia a teoria, e não demorou muito até conseguir fazê-la andar em linha reta, quase sempre na direção correta.

Kiggs me alcançou.

— Ansiosa para partir? Você partiu sem a albarda.

Consegui parar a montaria e mantê-la quase quieta, enquanto ele amarrava a minha bagagem; e então partimos. Minha égua tinha ideias bem definidas sobre aonde deveríamos ir; ela gostava da paisagem dos prados pantanosos à frente e achava que não conseguiríamos chegar lá rápido o suficiente. Tentei contê-la para deixar Kiggs tomar a frente, mas ela estava muito determinada.

— O que existe além daquele canal? — perguntei a ele, que vinha um pouco mais atrás, como se eu tivesse alguma noção de para onde estávamos indo.

— Os pântanos onde tio Rufus foi encontrado — disse ele, esticando o pescoço para olhar. — Podemos parar ali, embora eu duvide que a Guarda tenha deixado passar muita coisa.

A égua diminuiu o passo à medida que nos aproximávamos do pequeno canal; ela queria o prado inundado, não o pântano espinhoso. Fiz um gesto para o Príncipe assumir a liderança, como se tivesse diminuído de propósito. Minha égua tentou se desviar da ponte.

— Não, você não vai fazer isso — murmurei para ela. — Vai bancar a covarde agora? Você é a mais pesada de todos nós.

Kiggs trotou na frente, a capa marrom esvoaçando atrás de si. Ele se sentava com leveza na sela, e o cavalo parecia responder aos seus próprios pensamentos; não havia os indecorosos puxões nas rédeas que eu me via forçada a dar. Ele nos levou para fora da estrada, do outro lado do canal. O pântano estava relativamente seco nessa época do ano; o que ainda havia de água parada tinha congelado em uma crosta vítrea que rangia sob os cascos. Ainda consegui encontrar pedaços lamacentos onde os cascos da égua derrapavam e afundavam.

— Leve-a para a relva — aconselhou Kiggs, mas a égua, mais inteligente do que eu, já estava fazendo isso.

Kiggs parou ao lado de alguns arbustos sem folhas e apontou para as colinas ao norte, escuras com as árvores de inverno.

— Eles estavam caçando em Queenswood, ali adiante. Os cortesãos de tio Rufus disseram que os cães se dispersaram...

— E os caçadores se dispersaram atrás deles?

— Não, não, não é assim que funciona. Os cães supostamente examinam todas as trilhas; eles são criados para a independência. Seguem um rastro até o fim e, se ele não leva a nada de útil, retornam para a matilha. É para isso que servem, para que os caçadores não tenham que esquadrihar cada trilha sem saída da floresta.

— Mas o Conde de Apsig disse que o Príncipe Rufus tinha seguido seus cães de caça.

Kiggs olhou para mim.

— Você fez perguntas a ele sobre aquele dia?

O conde não precisara de qualquer interrogatório; ele havia se gabado para as damas de companhia no Salão Azul. Kiggs tinha entrado na conversa, inclusive, mas, aparentemente, havia perdido a parte sobre os cães de caça. Parecia, no entanto, que eu tinha uma reputação de investigadora sagaz a zelar, então eu disse:

— Claro!

Kiggs balançou a cabeça, admirado, e eu me senti imediatamente culpada por mentir.

— Eles estão supondo que meu tio tenha seguido sua cadela premiada, Una, porque ele se separou do grupo e ninguém viu para onde foi. Mas meu

tio não tinha motivos para fazer isso. A cadela sabia o que estava fazendo.

— Então por que ele se afastou do grupo?

— Talvez nunca saibamos — disse Kiggs, incitando o cavalo a seguir um pouco mais adiante. — Aqui é o lugar onde o encontraram — com a ajuda de Una — na manhã seguinte, ao lado deste regato.

Havia pouco para ver; nada de sangue, nenhum sinal de luta. Até as pegadas dos cavalos da Guarda tinham sido encobertas pela chuva e pela infiltração da água do pântano. Havia uma cratera mais profunda, cheia de água, e me perguntei se seria ali que o Príncipe tinha sido encontrado. Ela não parecia ter a forma de Rufus.

Kiggs desmontou e enfiou a mão na algibeira do cinturão, tirando dali o medalhão de um santo, desgastado pelo uso e o tempo. Sem se importar com a lama, ele se ajoelhou ao lado da água e segurou o medalhão com reverência contra os lábios, murmurando como se estivesse fazendo uma oração. Fechou os olhos, rezando com fervor, mas também tentando conter as lágrimas. Eu senti por ele; eu amava meu tio também. O que faria se ele morresse? Eu não era exatamente piedosa, mas fiz uma oração assim mesmo, a qualquer Santo que pudesse ouvi-la: *Segure Rufus em seus braços. Guarde todos os tios. Abençoe este Príncipe.*

Kiggs levantou-se, enxugando os olhos disfarçadamente, e lançou o medalhão na água. O vento frio jogou seu cabelo para o lado errado; as ondulações provocadas pelo medalhão desapareceram na água encrespada pelo vento.

De repente, ocorreu-me a ideia de pensar como um dragão. Será que um dragão poderia ter aparecido bem ali, em plena luz do dia, e matado alguém sem ser visto? De jeito nenhum. Eu podia ver a estrada e a cidade à distância. Nada ocultava aquela visão.

Virei-me para Kiggs, que já estava olhando para mim, e disse:

— Se um dragão fez isso, seu tio deve ter sido assassinado em outro lugar e trazido para cá.

— É exatamente isso que eu penso. — Ele olhou para o céu, que estava começando a chover sobre nós. — Precisamos seguir em frente ou vamos ficar encharcados.

Ele montou seu cavalo e levou-nos para fora do pântano, de volta à estrada, mais elevada e seca. Pegou uma bifurcação para o norte, em direção às colinas de Queenswood; passamos pela extremidade sul daquela

vasta floresta. Ela tinha a reputação de ser escura, mas viajamos à luz do dia o tempo todo, galhos negros retalhando o céu cinzento, como as barras das janelas das catedrais. A garoa ficou mais fria e mais forte.

Depois da terceira colina, a floresta se transformou num bosquezinho; as leves ondulações do terreno, em depressões profundas e barrancos. Kiggs desacelerou o passo da montaria.

— Esta parece uma região mais provável para um dragão matar alguém. No bosquezinho a vegetação é mais esparsa do que na floresta, portanto ele tinha condições mais adequadas para manobrar, perfeitas até. Poderia ter ficado escondido num buraco, sem ser visto, até poder saltar direto em cima dele.

Você acha que o Príncipe Rufus topou com o dragão por acaso?

Kiggs encolheu os ombros.

— Se um dragão realmente o matou, parece provável. Qualquer dragão com a intenção de assassinar o Príncipe Rufus poderia encontrar centenas de maneiras mais fáceis de fazer isso sem levantar suspeitas contra os dragões. Se fosse comigo, eu me infiltraria na corte, ganharia a confiança do Príncipe, depois o atrairia para a floresta e dispararia uma flecha na parte de trás do seu crânio. Alegue um acidente de caça — ou desapareça. Nada desse pandemônio de arrancar a cabeça a mordidas.

Kiggs suspirou.

— Antes de os cavaleiros nos procurarem, eu estava convencido de que eram os Filhos de São Ogdo. Agora não sei o que pensar.

Um barulho vinha ficando cada vez mais alto no limiar da minha percepção, um chilrear como o de gafanhotos no verão. Estava alto o suficiente agora para que eu o notasse.

— Que barulho é esse?

Kiggs parou para ouvir.

— Devem ser bandos de gralhas, presumo. Há uma imensa colônia numa ravina ao norte daqui. São tantos pássaros que há sempre uma revoada sobre o lugar, visível a quilômetros de distância. Venha, vou lhe mostrar.

Ele guiou o cavalo para fora da trilha, através do bosque até o alto de uma colina, e eu o segui. Do alto vimos, a pouco mais de um quilômetro, uma nuvem preguiçosa de pássaros pretos, pairando e mergulhando todos juntos. Deveriam ser milhares deles para que fosse possível ouvir seus

gritos daquela distância.

— Por que eles se juntam ali?

— Por que os pássaros fazem algo? Acho que ninguém já se preocupou em descobrir.

Mordi o lábio, sabendo algo que ele não sabia e tentando encontrar a melhor maneira de lhe dizer.

— E se o dragão esteve lá? Talvez tenha deixado alguma, sei lá, carniça — eu disse, envergonhando-me da minha própria fraqueza. Claro, galhas gostavam de carniça, mas aquela não era a única coisa que os dragões deixavam para trás.

— Phina, aquela colônia está lá há anos — explicou ele.

— Imlann foi banido há dezesseis.

Kiggs parecia cético.

— Você não acredita realmente que ele acamparia no mesmíssimo lugar durante dezesseis anos! É um bosque. Lenhadores estão sempre andando por ali. Alguém teria notado.

Droga. Eu teria que tentar uma tática diferente.

— Você já leu *Belondweg*?

— Eu não poderia me considerar lá muito culto se não tivesse lido — disse ele.

Ele era de fato adorável e me fez sorrir, mas eu não podia deixá-lo ver.

Você se lembra como o Coelho Maluco, Pau-Henoa, enganou Mordondey deixando-o pensar que o exército de Belondweg era mais forte do que realmente era?

— Ele criou um campo de batalha falso. Mordondey acreditou que estava diante do palco de um massacre terrível. Por que eu tinha que explicar tudo para todos?

Francamente. Ele era tão ruim quanto meu tio.

— E como Pau-Henoa simulou essa carnificina?

— Ele espalhou excremento de dragão no campo, atraindo milhões de corvos, e... ah! — Ele olhou de volta para o bando de aves. — Você não acha...

— ...que pode haver uma fossa de dragão ali? Acho. Eles não deixam tudo espalhado, são meticolosos. Nas montanhas, existem vales de abutres. É a mesma coisa.

Olhei para ele, com vergonha de estar travando essa discussão, ainda

mais constrangida por Orma ter me contado esse tipo de coisas — em resposta às minhas perguntas, é claro. Tentei avaliar o quanto o Príncipe estava mortificado. Ele olhou para mim com os olhos arregalados, sem parecer enojado, sem rir, mas realmente intrigado.

— Tudo bem — ele disse. — Vamos dar uma olhada.

— Está fora do nosso caminho, Kiggs. É apenas um palpite.

— E eu tenho um palpite sobre seus palpites — disse ele, cutucando seu cavalo levemente nas costelas. — Não vai demorar muito.

O vozerio das aves ficava mais estridente à medida que nos aproximávamos. Quando já tínhamos percorrido metade da distância, Kiggs levantou a mão enluvada e fez sinal para que eu parasse.

— Não quero topiar com esse camarada por acidente. Se foi isso mesmo que aconteceu ao tio Rufus...

— O dragão não está aqui — eu disse. — Certamente as gralhas estariam alarmadas ou silenciosas. Elas me parecem indiferentes.

Seu rosto se iluminou quando uma ideia lhe ocorreu.

— Talvez isso tenha atraído tio Rufus até aqui: os pássaros estavam agindo de um modo estranho.

Chegamos mais perto, lentamente, através do bosque. À nossa frente abria-se a boca escancarada de um sumidouro; paramos nossos cavalos na borda e olhamos lá para dentro. O fundo era rochoso onde uma caverna subterrânea tinha desmoronado. As poucas árvores existentes eram altas, espigadas e escurecidas pelas aves disputando os galhos. Havia um amplo espaço ali para um dragão manobrar, e a evidência inequívoca de que isso tinha acontecido.

— Os dragões sempre deixam esse fedor de enxofre? — murmurou Kiggs, puxando a barra do manto e apertando-o contra o rosto. Fiz o mesmo. Nós podíamos suportar o mau cheiro do esgoto — afinal de contas éramos moradores da cidade —, mas esse fedor de ovos podres revirava o estômago.

— Tudo bem — disse ele. — Use este seu cérebro afiado, por favor, e me diga. Isto parece bem fresco, não acha?

— Acho.

É o único que vejo.

— Ele não teria que vir aqui mais do que uma vez por mês. Os dragões digerem lentamente e, se ele estiver se tornando um saarantras

regularmente, acho que... — Não. Não, eu não ia dar mais detalhes. — As gralhas teriam dado conta de qualquer coisa mais antiga, talvez — sugeri vagamente.

Apenas os olhos do Príncipe eram visíveis acima do manto, mas eles se franziram num sorriso diante do meu desconcerto.

— Ou a chuva teria dissolvido, suponho. Faz sentido. Mas não podemos afirmar que as gralhas vivem aqui porque um dragão tem o hábito de usar este lugar.

— Não precisamos confirmar isso. Um dragão esteve aqui recentemente, disso não há a menor dúvida.

Kiggs estreitou os olhos, refletindo.

— Digamos que as gralhas estivessem agindo de modo estranho. Meu tio veio ver o que estava acontecendo. Ele topou com um dragão. O dragão o matou e carregou seu corpo decapitado de volta para o pântano, na calada da noite.

— Por que mudar o corpo de lugar? — pensei alto. — Por que não devorar todas as evidências?

— A Guarda teria continuado a vasculhar o bosque para encontrar o corpo do tio Rufus. Isso teria nos trazido até aqui, por fim, para a prova inequívoca da presença de um dragão. — Kiggs lançou seu olhar de volta para mim. — Mas, então, por que devorar a cabeça?

— É difícil para um dragão fazer parecer que outra coisa o tenha matado. Arrancar a cabeça é algo razoavelmente ambíguo. E talvez ele soubesse que as pessoas culpariam os filhos de São Ogdo. Você culpou, não foi?

Ele balançou a cabeça, não concordando de fato com o meu ponto de vista.

— Então, por que ele se mostrou para os cavaleiros? Certamente sabia que iríamos ligar uma coisa à outra!

— Talvez ele não esperasse que os cavaleiros se arriscassem a ir para a prisão reportando-se à Rainha. Ou talvez presumisse que a Rainha nunca iria acreditar na história deles, o que também aconteceu, não foi? — Hesitei, porque parecia algo pessoal, mas finalmente acrescentei: — Às vezes, é difícil para a verdade violar a fortaleza das nossas crenças. Uma mentira, bem disfarçada, passa com mais facilidade.

Ele não estava escutando, no entanto; olhava para um segundo objeto

que despertava um intenso interesse nas aves, no fundo do buraco.

— O que é aquilo?

— Uma vaca morta? — eu perguntei, me retraindo.

— Segure meu cavalo. — Ele me entregou as rédeas, desmontou e se arrastou com dificuldade para dentro do buraco de pedra, antes que eu pudesse expressar surpresa. As gralhas se assustaram, explodindo ruidosamente no ar, obscurecendo minha visão. Se ele estivesse de uniforme, eu poderia ver o escarlate em meio a todo aquele negrume, mas como pouco conseguia ver, poderia confundi-lo com uma pedra coberta de musgo.

As gralhas fizeram um giro no ar e mergulharam juntas, gritando e depois se espalhando pelas árvores. Kiggs, os braços ao redor da cabeça para se proteger, já estava quase chegando ao fundo.

Minha égua se agitou, inquieta. O cavalo de Kiggs puxou as rédeas e relinchou. As gralhas tinham desaparecido, deixando o bosque e o buraco estranhamente silenciosos. Não gostei nem um pouco daquilo. Pensei em gritar para Kiggs, mas o cavalo dele deu um puxão violento, e tive que me concentrar para não cair da minha égua.

A garoa fria continuava a cair e eu via agora, ao norte, uma nuvem de vapor espiralando do bosque. Talvez fosse neblina; as montanhas mais ao norte tinham sido apelidadas de Mães da Névoa. Mas essa névoa parecia muito localizada para mim. Parecia uma garoa fria caindo sobre algo quente.

Coloquei a mão no coração, à procura do brinco de Orma, mas sem tirá-lo para fora ainda. Orma teria tantas dificuldades para se transformar e vir em meu socorro que eu não poderia me dar ao luxo de chamá-lo se não tivesse certeza absoluta.

A névoa estava se espalhando, ou sua fonte estava se movendo. Eu precisava ter mais certeza do que isso? Demoraria até Orma chegar; ele seria incapaz de voar durante vários minutos depois de transformado, e nós estávamos a quilômetros de distância. A fumaça moveu-se para oeste, depois serpentou em direção ao sumidouro. O bosque estava no mais absoluto silêncio. Tentei ouvir com atenção o raspar dos galhos, passos, o sopro do hálito quente que o denunciariam, mas não ouvi nada.

— Vamos embora — disse Kiggs ao meu lado, e eu quase caí da égua.

Ele acomodou-se na sela; eu lhe entreguei as rédeas, percebendo um

brilho prateado em sua mão. No entanto, não poderia perguntar sobre aquilo justamente agora. Meu coração batia freneticamente. A névoa estava ainda mais perto, e agora estávamos fazendo barulho. Consciente ou não do perigo, Kiggs esporeou o cavalo para a frente silenciosamente, e nos apressamos para voltar à estrada.

Ele esperou até sairmos completamente do bosque e emergirmos nas planícies cultivadas do outro lado, para me mostrar o que havia encontrado: duas medalhas equinas.

— Este era o patrono do tio Rufus, São Brandoll: o hospitaleiro, gentil com estranhos — disse Kiggs, tentando sorrir sem sucesso. Ele não falou da outra medalha, parecia ter ficado sem palavras. Ele a ergueu, no entanto, e vi que tinha as armas da família real: Belondweg e Pau-Henoa, a coroa de Goreddi, a espada e o anel de São Ogdo.

— O nome dela era Hilde — disse ele, quando recuperou a voz, depois de percorrermos uns quatrocentos metros. — Era uma boa égua.

DEZENOVE

Galopamos um pouco mais rápido depois disso, aparentemente para compensar o tempo perdido, uma ansiedade silenciosa pairando sobre nós, depois de percebermos o quanto poderíamos ter ficado próximos do dragão. Passamos por campos inverniais sem cultivo e pastagens queimadas pelo gelo. Muros baixos de pedra acompanhavam a ondulação das colinas. Passamos por aldeias — Gorse, Rightturn, Fetter's Mill, Remy, algumas pequenas demais para terem nomes. As sedes das propriedades rurais se espalhavam, austeras, pelos arredores. Em Sinkpond, abrimos a minha albarda e comemos nosso almoço, enquanto cavalgávamos: ovos cozidos, queijo, um pão doce grande que compartilhamos.

— Phina — disse Kiggs enquanto comia seu pedaço de pão —, sei que não é da minha conta, e sei que eu disse que não iria julgá-la por causa disso, mas não posso ficar em silêncio, não depois do que acabamos de ver naquela ravina. Eu sei que você tem idade para decidir por si mesma, é uma pessoa independente, livre e desimpedida, enfrentando o primeiro ágon, ou conflito, do seu coração...

Agora ele estava citando um termo da tragédia grega para mim, o que não poderia ser um bom sinal.

— Na verdade é “voluntariosa, livre e desimpedida”, não é? — eu disse, tentando disfarçar a apreensão com pedantismo.

Ele riu.

— Sempre omito a palavra mais importante! Eu deveria fazer melhor do que citar Necans para você. — Seu rosto ficou sério novamente, seu olhar dolorosamente sincero. — Perdoeme, Phina, mas eu me sinto compelido a dizer, como seu amigo...

Como meu amigo? Agarrei a sela firmemente para não cair... que é uma má ideia se apaixonar por um dragão.

Graças aos Céus eu tinha me asegurado.

— Azul de São Prue! — exclamei. — A quem você pode estar se referindo?

Ele mexeu nervosamente nas rédeas.

— Ao seu “professor”, certo? O dragão Orma.

Eu não disse nada, absolutamente pasma.

— Não fazia sentido, para mim, que ele fosse apenas seu professor — ele disse, tirando a luva e batendo distraidamente na paleta do cavalo. — Você o conhece bem demais, para começar. Você sabe muito sobre dragões em geral.

— Isso não foi uma desvantagem lá atrás, no bosque — eu disse, lutando para manter a voz estável.

— Não, não! Nunca foi uma desvantagem — disse ele, os olhos se arregalando. Estendeu a mão para mim, mas evitou tocar meu braço. — Eu não quis dizer isso! Agora temos provas concretas que ligam meu tio a um dragão, e isso tudo graças a você. Mas você vai causar uma quantidade extraordinária de problemas para esse Orma. Você gosta dele, você o protege...

— Gostar e proteger são o mesmo que amar? — Eu não sabia se ria ou chorava.

— Você colocou a mão no coração — disse ele. Ele não estava sorrindo.

Eu tinha inconscientemente buscado o brinco de Orma. Baixei novamente a mão.

— Tenho agentes, você sabe. — Ele parecia na defensiva agora. — Eles viram você encontrá-lo outra noite.

Viram vocês irem ao Buraco dos Quigs.

— Você anda me espionando?

Ele ficou encantadoramente enrubescido.

— Não, não você! Orma. Ele afirma que o pai dele é uma ameaça ao Ardmagar. Parecia prudente descobrir mais sobre ele e sua família.

Eu senti uma vertigem, o horizonte se inclinou um pouco.

— E o que descobriu?

O rosto do Príncipe se iluminou; tínhamos voltado a investigar um mistério.

— Toda a família dele parece estar sob uma nuvem de suspeita, mas ninguém sabe dizer claramente que crime foi cometido. Parece, no entanto, que não se trata apenas do pai dele. Se eu tivesse que adivinhar, com base no silêncio sepulcral da Embaixada, diria que...

— Você perguntou na Embaixada?

— Onde mais você perguntaria? De qualquer modo, meu palpite é loucura. Você ficaria surpresa se soubesse quantas coisas comuns os dragões consideram loucura. Talvez o pai dele tenha começado a contar piadas ou a mãe tenha fundado uma religião ou...

Não consegui me conter.

— Ou a irmã dele tenha se apaixonado por um ser humano?

Kiggs sorriu tristemente.

— Por mais grotesco que pareça, sim. Mas você vai ver onde quero chegar. Seu rapagão está sob escrutínio. Se ele amasse você — e eu não estou dizendo que ama —, seria extraditado e forçosamente excisado. Removeriam todas as lembranças que ele tem de você e...

— Sei o que significa excisão! — rebati. — Ossos dos Santos! Ele não sente nada por mim. Você não precisa se preocupar.

— Ah — ele disse, desviando o olhar. — Bem. Ele é um idiota.

Fitei-o, tentando avaliar o significado das suas palavras. Ele sorriu e tentou esclarecer.

— Porque é claro que está magoando você.

Não, não era claro, mas levei adiante aquela história.

— Talvez eu seja a idiota, por amá-lo.

O Príncipe não tinha resposta para isso, embora eu não estivesse convencida de que seu silêncio significasse concordância, pelo modo como olhou ao longe e franziu a testa.

Dirigimo-nos para o sul, e pegamos algo que mais parecia uma trilha de ovelhas do que uma estrada. Comecei a me preocupar com o tempo de viagem. Era Speculus, o dia mais curto do ano; assim que chegássemos aos cavaleiros, teríamos que começar a pensar na partida, se quiséssemos chegar em casa à luz do dia. Certamente Kiggs não tinha a intenção de cavalgar para casa no escuro, tinha? Talvez isso não preocupasse um cavaleiro experiente, mas eu já mal me aguentava na sela.

Chegamos a um celeiro velho e sombrio, incendiado não fazia muito tempo; na parte dos fundos o teto tinha cedido, a parede de trás estava carbonizada e cheia de bolhas, e todo areão do lugar recendia a fumaça. Alguém tinha conseguido apagar o fogo ou o celeiro era muito úmido para queimar. Kiggs examinou o lugar com atenção, então saiu abruptamente da estrada, em direção à mata fechada.

Contornamos a mata, que se revelou uma pequena porção da floresta; ao chegarmos à extremidade inferior da depressão, o que de cima pareciam arbustos vimos que na verdade eram árvores. Entrando pelo lado mais afastado, cavalgamos pelo meio de um riacho raso até chegar à sua nascente, a boca de uma caverna sob a colina.

Kiggs saltou do cavalo, pegou sua albarda e aproximou-se da caverna a pé. Eu não estava tão disposta a desmontar. Tinha encontrado muita dificuldade para convencer a égua a ficar parada. Felizmente, Kiggs não estava olhando para mim. Ele estava diante da boca da caverna com as mãos sobre a cabeça em um gesto de rendição, gritando:

— Por Belondweg e Orison, nós viemos em paz!

— Não finja que está com medo de mim. — Um homem barbudo e esquelético, que não era tão jovem, emergiu das sombras com uma besta sobre o ombro. Ele usava sobre as botas uma roupa de trabalho de camponês, incongruentemente bordada com frutas e tamancos de madeira.

— Maurizio! — exclamou Kiggs, rindo. — Eu o tomei por Sir Henri.

O outro sorriu como um lunático e disse:

— Henri estaria pronto e disposto a ameaçá-lo um pouco. Eu não poderia ter atirado em você. A besta não está nem mesmo carregada.

Ele e Kiggs apertaram-se as mãos; era evidente que se conheciam. Olhei para as minhas mãos, rendida por uma timidez súbita, imaginando se Maurizio me reconheceria como a garota que ele tinha levado para casa cinco anos antes. Eu tinha a sensação incômoda de ter vomitado durante o trajeto, naquela ocasião; realmente esperava que não tivesse sido em cima dele.

— O que você me trouxe? — perguntou Maurizio, levantando o queixo pontudo e olhando não para o pacote, mas para mim, meio cai não cai sobre a égua.

— Hã... Roupas de lã — disse Kiggs, seguindo o olhar de Maurizio e olhando para mim, surpreso. Acenei casualmente. O Príncipe fez o caminho de volta, riacho abaixo, até mim.

— Vocês já comeram? — perguntou Maurizio, juntando-se a Kiggs e pegando, junto com ele, as rédeas da minha égua. Ele voltou para mim os olhos de um azul intenso. — A aveia está boa hoje. Nem está mofada.

Meus pés pisaram em terra firme justamente quando um homem idoso, num tabardo puído, saiu piscando da caverna. Ele tinha manchas senis na

cabeça e usava uma lança de aparência sórdida como bengala.

— Garoto! Quem está aí?

— Acabei de fazer 30 anos — disse Maurizio baixinho, de modo que o velho cavaleiro não ouvisse — mas ainda sou chamado de garoto. O tempo parou por aqui.

— Você é livre para partir — disse Kiggs. — Era apenas um escudeiro quando eles foram banidos; tecnicamente, você não foi banido.

Maurizio balançou a cabeça desgrenhada com tristeza e me ofereceu seu braço magricela.

— Sir James! — ele falou em voz alta, como se falasse com alguém surdo. — Olha o que o dragão arrastou para cá!

Havia dezesseis cavaleiros ao todo, além de dois escudeiros, hibernados na caverna. Eles estavam ali há vinte anos e tinham civilizado o lugar, escavando novas reentrâncias, que eram mais limpas e secas do que o corpo principal da caverna. Tinham varrido tudo e construído móveis resistentes; num dos cantos da câmara principal ficavam 25 armaduras de dracomaquia à prova de fogo, pretas e acolchoadas. Eu não sabia os nomes certos das armas exibidas na parede — ganchos e arpões e algo que parecia uma espátula chata com uma haste — mas presumi que tinham algum propósito específico em dracomaquia.

Eles nos convidaram para sentar perto do fogo e nos deram cidra quente em pesadas canecas de cerâmica.

— Vocês não deviam ter vindo hoje — gritou Sir James, que era surdo de um ouvido, pelo menos. — Parece que vai nevar.

— Não tivemos escolha — disse Kiggs. — Precisamos identificar esse dragão que viram. Ele pode ser um perigo para o Ardmagar. Sir Karal e Sir Cuthberte nos disseram que você era o homem que conhecia os generais dele naquela época.

Sir James endireitou-se e levantou o queixo grisalho.

Na minha juventude, eu podia diferenciar o General Gann do General Gonn.

— Tudo em meio ao caos generalizado — pipilou Maurizio em tom de gozação dentro da sua caneca.

Sir James lançou-lhe um olhar de poucos amigos.

— Eram tempos terríveis. Tínhamos de saber quem era quem, para

termos alguma ideia do que fariam. Dragões não se dão muito bem juntos, eles preferem um ataque de surpresa, como o crocodilo zibou, e têm um olho diabolicamente rápido para identificar uma oportunidade. Se você sabe com quem está lidando, sabe o que é provável que ele faça e pode atraí-lo com uma falsa oportunidade — não sempre, mas, pensando bem, só tem que funcionar uma vez.

— Vocês reconheceram o dragão que se aproximou do seu acampamento? — perguntou Kiggs, olhando ao redor. — E o que ele fez? Enfiou a cabeça na entrada da caverna?

— Ateou fogo no celeiro. Nossa terceira porta de saída dá naquele celeiro; tinha fumaça até aqui no grande salão.

— Dois escudeiros precisaram de uma semana com trapos embebidos em vinagre para tirar o cheiro do ar — disse Maurizio secamente.

— Sir Henri foi ver o que tinha pegado fogo. Ele voltou relatando que havia um dragão agachado ao lado do celeiro, e, claro, todos nós rimos dele. — Ele sorriu ao suscitar a lembrança; faltavam-lhe alguns molares. — Estava ficando cada vez mais enfumaçado: o celeiro queimou, mas não totalmente, porque é úmido e mofado. Nós nos separamos.

Faz um tempo que não fazemos manobras militares, mas a gente nunca esquece a abordagem básica.

— Você envia os escudeiros primeiro, como isca — disse Maurizio.

Sir James não ouviu ou ignorou.

— Eu estava contra o vento, então fui o porta-voz. Eu disse: “Alto lá, seu verme! Você está violando o Tratado de Comonot, a menos que tenha os documentos para provar o contrário!”

— Assustador! — disse Kiggs.

Sir James acenou com a mão nodosa.

— Eles não passam de escriturários bestiais, esses dragões. Costumavam colocar as moedas de seus tesouros em ordem alfabética. De qualquer forma, este não falou nem se moveu. Ele tentou avaliar quantos éramos, mas tínhamos feito o blefe padrão de contingente.

— E o que é isso?

Sir James olhou para Kiggs como se ele tivesse um parafuso a menos.

— É quando camuflamos quantos somos — o que é mais difícil do que se imagina. Eles conseguem distinguir indivíduos pelo cheiro, então é preciso colocar os homens contra o vento e lançar no ar um mau cheiro, a

favor do vento. Trouxemos tochas para servir de chamariz e dois sacos de repolhos quentes, e fizemos também uns barulhinhos a mais. Não ria de mim, seu frangote de uma figa! Nunca podemos deixar um dragão saber quantos somos ou onde todos estamos escondidos.

É um Príncipe do reino, esse que você acabou de chamar de frangote de uma figa — alertou Maurizio.

— Eu o chamo daquilo que quiser! Já fui banido mesmo!

— Estou abismado com o fato de vocês terem repolhos quentes escondidos em algum lugar — disse Kiggs.

— Sempre. Estamos sempre preparados para o que aparecer.

— E, então, o que o dragão fez depois? — eu perguntei.

Sir James olhou para mim, uma centelha de paixão em seus olhos lacrimosos.

— Ele falou. Meu mootya já não é o que era antes, e nunca foi grande coisa, mas eu diria que ele estava tentando nos instigar a entrar em ação. Claro que não fizemos nada. Nós seguimos a lei, mesmo que os monstros não façam o mesmo.

Aquilo foi engraçado, vindo de um homem banido, e não há tanto tempo assim. Kiggs me olhou com cumplicidade e compartilhamos em silêncio o humor da situação. Ele incentivou Sir James a continuar o relato.

— Esse dragão era alguém que já conhecessem?

Sir James coçou a cabeça calva.

— Eu estava tão chocado que nem pensei nisso. Ele me lembrou alguém que já vi, mas onde? Em White Creek? Numa cervejaria de Mackingale? Deixe-me pensar. Tínhamos perdido nosso arremessador de pírria e o forçado; voltávamos enfraquecidos para o Forte Trueheart, quando tropeçamos no... ah, já sei. Cervejaria de Mackingale e o Quinto Ard.

Um calafrio percorreu a minha espinha. Era ele.

— Um dragão do Quinto Ard? — instigou Kiggs, curvando-se para a frente, com um olhar sagaz. — Que dragão?

— O General. Sei que todos eles se autointitulam generais; não são um rebanho de ovelhas, os dragões; não aceitam ordens muito bem... mas esse sujeito realmente era o que chamaríamos de general. Sabia o que estava fazendo e mantinha o resto “em ard”, como dizem. — Ele esfregou os olhos com o dedão e o indicador. — Seu nome, no entanto... Vai me ocorrer logo que vocês forem embora, imagino.

Eu queria muito deixar escapar o nome, mas Kiggs me lançou um olhar de advertência. Entendi, pois meu pai era advogado. Testemunhas podem ser muito sugestionáveis.

— Escudeiro Foughfaugh! — gritou o velho, aparentemente dirigindo-se a Maurizio. — Traga-me do meu baú os velhos registros dos ards. Não sei por que estou tentando tirar leite da minha cabeça de pedra, teimando em querer me lembrar, quando tenho tudo por escrito.

Maurizio trouxe o livro. As páginas se desfaziam e estalavam enquanto Sir James as virava, mas o nome ainda estava legível.

— General Imlann. É, agora me parece que é isso mesmo.

Sabia que íamos chegar àquilo, mas mesmo assim estremeci.

— Tem certeza de que era ele? — perguntou Kiggs.

Não. Mas essa é a minha melhor aposta, agora que já se passou uma semana. É tudo que posso oferecer a vocês.

Era o suficiente e, mesmo assim, não era. Tínhamos percorrido todo o caminho até ali para confirmar aquilo e, agora que sabíamos, não estávamos mais certos de como agir.

Os cavaleiros fizeram um chá e conversaram conosco, perguntando sobre seus camaradas presos e pedindo notícias da cidade. Maurizio continuou fazendo piada — essa parecia ser sua principal função como escudeiro —, mas Kiggs, perdido em pensamentos, não riu dos seus gracejos; e eu fiquei sentada em silêncio, tentando imaginar qual seria nosso próximo passo.

Nenhum curso de ação me parecia bom. Vasculhar o bosque atrás dele? Procurar nas aldeias pelo seu saarantras? Kiggs não poderia recrutar homens suficientes para cá sem pôr em risco a segurança de Comonot. Contar a Eskar? Por que não ao próprio Ardmagar e à Rainha? Fazer os autores do Tratado, os que mais investiam na manutenção da paz, resolverem o problema.

— Vamos embora logo? — sussurrei para Kiggs quando a conversa minguou. A maioria dos nossos anfitriões tinha se afastado para dar um cochilo; outros contemplavam o fogo com um olhar entorpecido. Maurizio e Pender, o outro escudeiro, tinham desaparecido. — Não estou tão ansiosa assim para cavalgar depois do anoitecer.

Kiggs passou a mão na cabeça e parecia que estava tentando não rir.

— Você já tinha cavalgado antes?

— O quê? É claro que eu... — Seu olhar me deteve. — Sou tão ruim assim?

— Você tem autorização para pedir ajuda quando precisar.

— Eu não queria nos atrasar.

— Você não nos atrasou, até que ficou claro que não sabia como desmontar. — Ele mordeu uma unha, a risada silenciosa ainda nos olhos. — Mais uma vez, no entanto, você me surpreende. Nada amedronta você?

Olhei-o em silêncio.

— Por... por que você ainda acha isso?

Ele começou a contar nos dedos.

— Você enganou meus guardas e se dispôs a vir aqui por conta própria. Subiu num cavalo como se soubesse o que estava fazendo, presumindo que simplesmente descobriria no caminho. — Ele se inclinou mais para perto. — Você enfrenta Viridius e o Conde de Apsig. Convida gaiteros loucos para ir ao palácio. Apaixona-se por dragões...

Parecia mesmo uma loucura, quando ele colocava daquela maneira; só eu sabia o medo que tinha sentido. Sentar ali tão perto dele era quase mais assustador do que tudo isso, pois a bondade em seu rosto me fazia sentir segura e eu sabia que era ilusão. Por um breve instante eu me imaginei dizendo-lhe que temia tudo, que a bravura era um disfarce. Então eu arregaçaria a manga e diria: *Aqui está o porquê. Eis o que eu sou. Veja-me.* E por um milagre, ele não sentiria repulsa.

Certo. Enquanto estava nas asas da minha imaginação desvairada, talvez eu devesse também fantasiar que ele não estava noivo. Talvez ele me beijasse.

Eu não tinha autorização para querer isso.

Fiquei de pé.

— Estimados senhores — eu disse, dirigindo-me aos nossos anfitriões, que tinham cochilado em seus bancos. — Nós agradecemos sua hospitalidade, mas temos que...

— Pensei que fossem ficar para a demonstração... — exclamou Maurizio, saindo do cômodo ao lado. Tinha agora um capacete na cabeça.

Kiggs e eu nos entreolhamos. Aparentemente estávamos tão preocupados que tínhamos concordado com algo sem sequer registrar.

— Se não levar muito tempo — disse Kiggs. — Vai escurecer em breve e temos um longo caminho pela frente.

Maurizio e seu companheiro escudeiro saíram, trajando uma armadura de dracomaquia.

— Temos que ir para o pasto para mostrar direito — disse o outro escudeiro, Pender.

— Vamos para o pasto — disse Maurizio, com a sua estranha e desesperada alegria. — Tragam os cavalos. Vocês podem partir de lá.

Uma agitação percorreu a caverna quando os mais velhos perceberam que os jovens iam demonstrar os últimos vestígios de seu antigo orgulho. A dracomaquia já tinha sido uma formidável arte marcial; Pender e Foughfaugh podiam ser os dois últimos praticantes fisicamente aptos em Goredd.

Seguimos os antigos cavaleiros riacho abaixo, até um campo de mato rasteiro, e fizemos um semicírculo em torno de uma velha meda de feno. Tinha esfriado consideravelmente enquanto nos demorávamos na caverna; a garoa se transformara em neve, que se agarrava ao mato, delineando os talos quebrados de branco, e o vento tinha aumentado. Puxei meu manto mais para perto de mim, com a esperança de que a apresentação não fosse muito longa.

Pender e Foughfaugh empunhavam lanças com um gancho peculiar em cada uma das extremidades, num ângulo que não os impedia de usá-las para salto. Deram saltos mortais e piruetas, pularam e giraram, trocando as lanças em pleno ar, e atacaram violentamente a meda de feno com seus ganchos.

Sir James tomou para si o dever de nos instruir.

— Esses ganchos, nós chamamos de talho. Agora vamos mostrar a punção. Escudeiros! Arpões!

Os escudeiros trocaram seus ganchos por uma arma mais parecida com uma lança, demonstrando seu uso na pobre e maltratada meda de feno.

— Os dragões são inflamáveis — explicou Sir James. — Desenvolveram sua chama para usá-la uns contra os outros. Afinal de contas, não cozinham carne com ela. Não temem nenhum outro animal — ou não temiam até que aprendemos a lutar. Sua pele é dura, mas ela queima se esquentar por bastante tempo; suas entranhas são voláteis, e é por isso que soltam fogo.

— A chave da dracomaquia é atear fogo ao monstro. Temos pírria — o fogo de São Ogdo — que se agarra a eles e não se extingue facilmente.

Uma boa punção e o sangue deles espirra como vapor. Bote fogo neles e estão liquidados.

— Quantos cavaleiros compunham uma unidade? — perguntou Kiggs.

— Dependia. Dois talhos, duas punções, um forçado, uma aranha, uma espada. São sete cavaleiros, mas tínhamos arremessadores lançando pírria e escudeiros empunhando armas... Quatorze ao todo, embora eu tenha matado um dragão com apenas três.

Os olhos de Kiggs brilharam.

— Puxa, queria tê-los visto em ação, pelo menos uma vez!

— Não sem armadura, rapaz. O calor era insuportável... e o mau cheiro!

Os escudeiros subiram nos ombros um do outro, dando saltos mortais e pulando por cima do feno. Achei sua precisão e força inspiradoras. Banidos e tendo pouco que fazer, eles evidentemente passavam muito tempo praticando. Todos nós devíamos nos dedicar assim à nossa arte.

— Doce Santa Siucré! — exclamei.

— O que foi? — perguntou Kiggs, alarmado, quando subitamente comecei a andar direto até os cavalos.

Vasculhei o alforje no lombo da minha égua até encontrar o diagrama que Lars tinha me dado. Kiggs captou meu pensamento no mesmo instante e me ajudou a desenrolar o pergaminho sobre o lombo do cavalo. Olhamos para a balista com jeito de tubo para clister, e então um para o outro.

— As bexigas seriam para a pírria — eu disse.

— Mas como é que acendem? — soou uma voz ofegante atrás de nós, que descobrimos ser do escudeiro Foughfaugh.

— Por autoignição, Maurizio. Olhe — disse Kiggs, apontando para um mecanismo semelhante a uma trava de mosquete que eu não tinha entendido.

— Inteligente — disse Maurizio. — Os escudeiros poderiam manejar isso; qualquer um poderia. Praticamente acabaria com os empregos dos cavaleiros.

Sir James veio ver o que era aquele alarido.

— Tapeação. Máquinas limitam a mobilidade. Caçar dragões não é uma questão de força bruta, ou estaríamos derrubando-os do céu com trabucos. É uma arte; é preciso sutileza.

Maurizio encolheu os ombros.

— Ter uma dessas ao nosso lado não ia ser nada mal.

Sir James fungou desdenhosamente.

— Poderíamos tê-la usado como isca. Nada atrai mais um dragão do que uma engenhoca estranha.

A neve estava soprando mais forte agora; já passara da hora de voltar. Começamos nossas despedidas. Maurizio insistiu em me ajudar a montar. Eu me encolhi, temendo irracionalmente que ele notasse minhas escamas.

— É um alívio, depois de todos esses anos, saber que você se recuperou do seu medo — disse ele em voz baixa, dando-me um aperto de mão — e que cresceu tão bonita!

— Você estava preocupado? — perguntei, comovida.

— Sim. Quantos anos você tinha, onze? Doze? Nessa idade somos todos desajeitados, e o resultado é sempre uma incógnita. — Ele piscou, deu um tapa no lombo da minha égua e acenou até que estivéssemos fora da vista.

Kiggs liderou o caminho de volta até a trilha das ovelhas e eu instiguei minha égua a se manter ao lado dele.

— Parece que você não tem luvas — disse Kiggs, quando me emparelhei com ele.

— Vou ficar bem. As mangas quase cobrem as minhas mãos, vê?

Ele não disse nada, mas tirou as próprias luvas e as entregou a mim com um olhar advertindo que eu não ousasse recusar. Elas estavam aquecidas; eu não tinha percebido o quanto os meus dedos estavam frios até calçá-las.

— Tudo bem, sou um idiota — disse Kiggs, depois de termos andado alguns quilômetros em silêncio. — Eu tinha toda a intenção de zombar do seu medo de cavalgar depois de escurecer, mas, se continuar nevando deste jeito, não vamos conseguir chegar à estrada.

Eu estava pensando justamente o contrário: a estrada agora se destacava, duas linhas brancas paralelas, onde a neve preenchia os sulcos deixados pelas carroças. Estava quase escuro, no entanto. Esta era a noite mais longa do ano, e a cobertura de nuvens pesadas contribuía para torná-la ainda mais longa.

— Havia uma estalagem em Rightturn — eu disse. — As outras aldeias eram muito pequenas.

— Falou como alguém pouco acostumado a viajar com um Príncipe —

ele riu. — Podemos requisitar qualquer solar ao longo do caminho. A questão será: qual? Não Remy, a menos que você queira passar a noite com Lady Corongi e sua prima, a duquesa reclusa. Se conseguirmos percorrer todo o caminho até Pondmere Park, diminuiremos o nosso tempo de viagem pela manhã. Tenho deveres a cumprir amanhã.

Assenti com a cabeça, como se eu também tivesse. Tenho certeza de que tinha, mas não conseguia me lembrar de um único.

— Fiquei pensando em lhe dizer o dia todo — disse Kiggs — que eu tinha algumas considerações adicionais sobre ser um bastardo, se quiser ouvir.

Não consegui evitar uma risada.

— Você... Mesmo? Tudo bem, então.

Ele freou o cavalo, emparelhando-o com o meu. Não tinha colocado o capuz da capa e havia neve em seu cabelo.

— Você vai me achar excêntrico, talvez, mas não consigo parar de pensar nisso. Ninguém jamais pergunta. Meu pai era um almirante samsamese. Minha mãe, a princesa Laurel, era a filha mais nova da rainha Lavonda e, segundo a lenda, era um pouco teimosa e mimada. Eles fugiram quando ela tinha 15 anos de idade; foi um escândalo tão terrível em Samsam quanto aqui. Ele foi rebaixado a capitão de navio cargueiro. Nasci em terra firme, mas vivia no mar quando bebê. Eles não me levaram na sua viagem final: um dia antes de zarparem do porto de Asado, em Ninys, encontraram Dama Okra Carmine, que os convenceu a deixá-la me levar a Goredd, para conhecer minha avó.

Eu tinha considerado um pouco tolo o talento dela para fazer prognósticos de curto prazo, mas estava errada.

Ele olhou para as nuvens.

— Eles morreram numa terrível tempestade. Eu contava 5 anos de idade, tinha a sorte de estar vivo, mas me sentia perplexo e confuso. Nem sequer falava goreddi. Minha avó não me aceitou de imediato; tia Dionne me odiou assim que me viu.

— O filho da própria irmã? — exclamei.

Ele deu de ombros, a capa esvoaçando ao vento.

— Minha própria existência era uma vergonha para todos. O que eles iam fazer com aquela criança inesperada, com modos de classe baixa, mesmo para um samsamese, e um sobrenome étnico mortificante?

— Kiggs é um nome samsamese?

Ele sorriu com tristeza.

— Não é nem mesmo Kiggs, é Kiggenstane, “O que corta pedra”. Alguém na árvore genealógica aparentemente trabalhava numa pedreira. Mas deu tudo certo. Eles se acostumaram comigo. Mostrei a eles que era bom para algumas coisas. Tio Rufus, que passou anos na corte de Samsam, ajudou a suavizar meu caminho.

— Você parecia tão triste, orando por ele esta manhã — soltei sem pensar.

Seus olhos brilharam no crepúsculo; sua respiração produziu uma névoa no ar frio.

— Ele deixou uma grande lacuna neste mundo, é verdade. Só a morte da minha mãe se compara. Mas, veja, é nisso que venho pensando, que venho imaginando dizer a você porque sinto que vai entender.

Prendi a respiração. A neve caía em silêncio ao nosso redor.

— Tenho sentimentos contraditórios quanto a ela. Quero dizer, eu a amava, ela era a minha mãe, mas... às vezes sinto raiva.

— Por quê? — perguntei, mesmo já sabendo. Eu sentia exatamente a mesma coisa. Mal podia acreditar que ele estava prestes a dizer em voz alta.

— Tenho raiva dela por me deixar tão jovem; você talvez sinta o mesmo em relação à sua mãe, mas também, para minha mortificação, raiva pelo fato de ela ter se apaixonado de maneira tão imprudente.

— Eu sei — sussurrei para o ar gelado, esperando e temendo que ele pudesse ouvir.

— Que tipo de patife inveja a própria mãe por ela ter seguido o amor de sua vida? — Ele deu uma risada autodepreciativa, mas seus olhos eram só tristeza.

Eu poderia ter me aproximado e tocado nele. Eu queria fazer isso. Agarrei com mais força as rédeas e olhei para a estrada à frente.

— Você não é um patife — disse eu. — Ou então nós dois somos patifes da mesma espécie.

— Prefiro achar que eu sou — ele disse suavemente e ficou em silêncio; por alguns momentos ouvíamos apenas o som dos cascos na neve e o ranger do couro frio da sela. Olhei para ele. O ar gelado tinha deixado suas bochechas avermelhadas; ele soprou as mãos para aquecê-las. E olhou para mim, seus olhos profundos e tristes.

— Eu não entendi — disse ele calmamente. — Eu julguei minha mãe, mas não entendi.

Ele desviou os olhos, tentou sorrir, quebrou o momento de estranheza.

— Não vou cair na mesma impulsividade destrutiva, claro. Estou vigilante quanto a isso.

— E você está noivo, de qualquer maneira — acrescentei, tentando parecer irreverente, porque temia que ele pudesse ouvir as batidas do meu coração, que martelava no peito.

— Sim, essa é uma boa garantia contra o inesperado — disse ele, a voz rouca de emoção. — Isso, e a fé. Santa Clara me mantém no caminho da retidão.

É claro que sim. *Obrigada por nada, Santa Clara.*

Cavalgamos em silêncio. Fechei os olhos; a neve batia contra minhas faces, ardendo como areia. Por um momento deixei-me imaginar que não tinha escamas de dragão e ele estava livre de promessas já feitas. Ali na escuridão gelada, sob o céu aberto infinito, poderia muito bem ser verdade. Ninguém podia nos ver, podíamos ser qualquer um.

Descobrimos, no entanto, que alguém de fato nos via, alguém com a capacidade de ver objetos quentes no escuro.

Senti uma rajada de calor contra a pele, um cheiro de enxofre, e abri os olhos para ver meu avô em toda sua hedionda imensidão reptiliana pousar na estrada nevada à nossa frente.

VINTE

Meu cavalo empinou e em seguida eu estava no chão, caída de costas na neve, sem fôlego.

Kiggs desceu do cavalo num instante, espada em punho, formando uma barreira entre mim e a escuridão impregnada de enxofre, o contorno muscular das asas contra o céu. Ele estendeu a mão esquerda, tateando o ar, para me ajudar a ficar de pé; eu me forcei a me sentar, coloquei a mão na dele, puxei o ar para os pulmões. Ele me fez ficar de pé e ficamos os dois ali, de mãos dadas, diante do apavorante beemote, meu avô.

Para minha surpresa absoluta, reconheci Imlann, mesmo com a escuridão descendo rapidamente sobre nós. Não foi graças à descrição despropositada de Orma; foi por causa da minha mãe, da caixa de memórias, que tinha dado um arroteo enfumaçado dentro da minha cabeça. Reconheci os contornos da sua cabeçorra espinhenta; o arco de seu pescoço sinuoso lembrava-me o de Orma...

Orma. Pescoço. Certo. Apalpei meu pescoço com a mão esquerda, porque Kiggs ainda segurava a direita, procurando o cordão com o brinco de Orma. Kiggs deu um passinho à frente, escudando-me, e disse:

— Você está violando o Tratado de Comonot, a menos que tenha documentos provando o contrário!

Fiz uma careta. Era fácil pensar nos dragões como burocratas selvagens quando não havia um espécime imenso e colérico bufando enxofre na sua frente. Achei o brinco, apertei seu interruptor minúsculo e enfiei-o de volta dentro da roupa.

Orma ia me matar; só esperava que ele nos ajudasse primeiro.

O dragão gritou:

— Você fede a saar!

Ele estava se referindo a mim. Eu me encolhi. Kiggs, que não sabia mootya, gritou:

— Transforme-se! Volte para o seu saarantras imediatamente.

Imlann ignorou a ordem. Fixou os olhos negros e redondos em mim e gritou:

— Quem é você? De que lado está? Você estava me espionando?

Não respondi, não sabia o que fazer. Imlann pensava que eu era um saarantras. Será que Kiggs presumiria o mesmo se descobrisse que eu sabia mootya? Mantive os olhos na neve.

Kiggs acenou com a espada. Aquilo não ia nos beneficiar em nada.

— Você se finge de surda — gritou meu avô. — O que posso fazer para que me ouça? Devo matar este príncipezinho irritante?

Eu me encolhi e o saar riu, ou o que teria sido uma risada num ser humano. Era mais como o canto de um galo, um grito de vitória horrível.

— Toquei num ponto fraco! Com certeza você não pode estar tão apegada a um mero humano. Talvez eu não mate você, afinal de contas. Ainda tenho um amigo no Conselho dos Censores; talvez eu o deixe virá-la do avesso.

Eu tinha que fazer algo; só consegui pensar em uma coisa. Dei um passo à frente e disse:

— É você que os Censores têm que capturar.

Imlann recuou, encrespando as laterais do pescoço sinuoso e emitindo uma rajada de fumaça acre das narinas.

Kiggs puxou meu braço e gritou:

— O que você está fazendo?

Eu não poderia tranquilizá-lo. Um saarantras não teria feito isso, e era o que eu teria que parecer se quiséssemos enganar Imlann até Orma chegar.

Se Orma estivesse mesmo vindo. A que distância ele estaria? Com que rapidez poderia voar?

— Entrei em contato com a Embaixada — gritei. — Eskar está a caminho, com uma comitiva.

— Por que você não se transforma e tratamos disso da maneira apropriada?

Era uma pergunta assustadoramente razoável.

— Eu obedeço à lei, mesmo que você não faça o mesmo.

— O que me impede de matar você neste instante?

Dei de ombros.

— Você parece não saber do dispositivo implantado na minha cabeça.

O dragão inclinou a cabeça para um lado, inflando as narinas, como se estivesse refletindo; eu esperava que ele chegasse a uma conclusão favorável e me deixasse viver um pouco mais.

— Está no meu dente — acrescentei. — Lance chamas em mim ou me atinja com força e ele vai explodir, destruindo você também. Se morder minha cabeça e engoli-lo, meu dente continuará a emitir sinais de dentro do seu estômago. A Embaixada vai localizá-lo, General Imlann.

Ele parecia convencido; nunca tinha ouvido falar de tais dispositivos, nem poderia; eu estava inventando tudo aquilo, mas ele tinha ficado afastado de Tanamoot durante dezesseis anos. Levantei o queixo com altivez, embora estivesse trêmula, e exclamei:

— O jogo acabou. Renda-se agora e conte-nos tudo.

Onde está se escondendo?

Isso quebrou o feitiço. A presunção rastejou sobre ele. Eu só sabia que era presunção graças às minhas memórias maternas; tudo o que os meus olhos humanos viram foram os espinhos na base da cabeça mudando de ângulo.

— Se você não sabe — disse ele —, não sabe de nada que valha a pena. Devo deixá-la com sua repugnante paixão. Os planos estão sendo executados, tudo em seu devido tempo; vou deixá-los. Nós nos encontraremos de novo, e mais cedo do que você imagina.

Ele se virou com uma onda sinuosa, passando por nós com sua cauda espinhenta, correu para a frente e lançou-se no ar. Fez um círculo amplo e baixo no céu, presumivelmente procurando dragões da Embaixada, então voou rapidamente para o sul, desaparecendo nas nuvens.

Meus joelhos tremiam e minha cabeça latejava, mas eu estava exultante.

Mal podia acreditar que tinha funcionado. Virei-me para Kiggs; devia estar com os olhos arregalados de alívio.

Ele se afastou, a expressão fechada, dizendo:

— O que é você?

São Masha e São Daan. Eu tinha nos salvado, mas agora tinha que pagar por isso. Levantei as mãos, como se em sinal de rendição.

— Sou o que sempre fui.

— Você é um dragão.

— Não sou. Pelas lareiras do Céu, eu não sou.

— Você fala mootya.

— Eu entendo.

— Como isso é possível?

— Sou muito, muito inteligente.

Ele não questionava isso; eu teria questionado.

— Você tem um dispositivo dragontino — ele disse. — É ilegal seres humanos de posse de um dispositivo de comunicação construído por quigutls.

— Não! Não tenho nada! Foi um blefe.

Ele estava ofegando agora, o pânico tardio finalmente se manifestando.

— Você blefou com ele? Duas toneladas porfirianas de fogo e enxofre, presas como espadas, garras como... como espadas! E você simplesmente... blefou com ele?

Ele estava gritando. Tentei não levar isso para o lado pessoal. Cruzei os braços.

— Sim. Estava.

Ele passou as mãos pelo cabelo. Curvou-se para a frente como se fosse vomitar, pegou um pouco de neve, esfregou-a no rosto.

— Santa Morada Celestial, Seraphina! Será que você pensou no que poderia nos ter acontecido se isso não funcionasse?

— Não surgiu nenhum plano melhor. — Céus, eu parecia tão fria quanto qualquer dragão.

Ele tinha deixado cair a espada em algum momento; então recolheu-a da neve, limpou a lâmina na capa e recolocou-a na bainha, os olhos ainda arregalados e chocados.

— Você não pode simplesmente... Quer dizer, ter coragem é uma coisa. Isso foi loucura.

— Ele ia matar você — eu disse, o queixo tremendo. — Tive que fazer alguma coisa.

Aos diabos com o decoro. Perdoe-me, Santa Clara.

Dei um passo à frente e tomei-o nos braços. Ele era exatamente da minha altura, o que me surpreendeu; a admiração que eu tinha por ele o fazia parecer mais alto. Ele emitiu um gemido de protesto, ou talvez de surpresa, mas passou os braços em volta de mim e enterrou o rosto no meu cabelo, meio lamentando, meio me repreendendo.

— A vida é tão curta — eu disse, sem saber com certeza por que estava dizendo aquilo, sem nem ter certeza se era verdade para alguém como eu.

Nós ainda estávamos ali de pé, agarrados um ao outro, os pés gelados na neve, quando Orma pousou no topo de uma colina próxima, seguido de

perto por Basind. Kiggs levantou a cabeça e olhou para eles, com os olhos arregalados. Meu coração se contraiu.

Eu dissera a ele que não tinha dispositivos. Tinha mentido na cara do Príncipe e ali estava a prova: o dragão que eu tinha chamado e seu estúpido ajudante.

VINTE E UM

O Speculus, para nós, goreddi, deve ser passado na contemplação dos nossos próprios pecados e deficiências. É a noite mais longa do ano, representando a longa escuridão da morte para a alma que rejeita a luz do Céu.

Foi sem dúvida a noite mais longa que eu já vivi.

Kiggs, claro, tinha desembainhado a espada novamente, mas ela pendeu da sua mão, sem propósito. Seria inútil contra um dragão; era meramente uma resistência simbólica contra dois.

— Não estamos em perigo — eu disse, tentando acalmá-lo, mas temendo que minha boa intenção fosse tão inútil quanto sua espada. — É Orma, e atrás dele está Basind. Eu não chamei Basind.

— Mas você chamou Orma? Com o dispositivo que você não tem?

— Eu não tenho aquele que disse a Imlann. Eu o inventei no calor do momento, e estava tentando tranquilizá-lo, e eu. . . eu esqueci.

— Compreendo. Então Orma lhe deu este dispositivo e veio de imediato, quando você chamou, como se fosse seu cão de estimação, porque ele... Que palavras você usou mesmo?...

Não sente nada por você?

— Nós não somos. ... não. Não é isso.

— Então, o que é? — ele gritou, furioso comigo. — Você é sua agente? Ele é seu escravo? Há alguma coisa entre vocês, além dessa fachada de mentor e pupila, além do que dragões e seres humanos deveriam ter em comum. Não é normal, e não consigo descobrir o que é, e estou cansado de tentar adivinhar!

— Kiggs... — Eu não tinha palavras.

— Príncipe Lucian, por gentileza — disse ele. — Digalhes para se transformarem.

Orma se aproximou, de cabeça baixa, numa posição submissa. Ele aparentemente tinha dito a Basind para se abaixar na neve, porque ele parecia um lagarto atropelado por uma carroça — um lagarto gigante e uma carroça inconcebivelmente grande.

— Vocês estão todos presos — disse Kiggs, em voz alta e lentamente.
— Vocês dois, por transformação não autorizada; a Donzela Dombegh, porque está claramente em conluio com dois dragões não autorizados...

— Associação com dragões não é crime — eu disse.

— A posse de um dispositivo de transmissão feito por quigutls é. Colaboração e cumplicidade com a delinquência de dragões é. Eu poderia continuar. — Ele virou-se para os dragões e disse: — Vocês vão se transformar agora.

— Seraphina — Orma exclamou —, se eu tiver me transformado inutilmente, vou estar numa encrenca sem tamanho. Diga-me por que não deveria arrancar a sua cabeça. Isso não poderia tornar as coisas piores para mim.

Traduzi isso da seguinte maneira:

— Nós vamos acompanhá-lo em silêncio, Príncipe, e iremos cumprir sua razoável exigência, mas não podemos nos transformar, porque você não tem roupas para nos dar e iríamos congelar.

— Você está apaixonada pelo Príncipe Lucian? — gritou meu tio. — O que vocês estavam fazendo quando cheguei? Não iam acasalar aqui na neve, iam?

Eu me dei um tempo para colocar a voz sob controle antes de dizer:

— Os dragões sugerem que andem à frente. Seus olhos mais aguçados podem distinguir a estrada mais facilmente do que os nossos. Eles não vão voar.

— Eu lhe disse para não ir atrás de Imlann — gritou meu tio. — Eu sei que ele esteve aqui, sinto o cheiro dele. Por que você não o manteve aqui para que eu pudesse matá-lo?

Aquilo foi demais. Gritei de volta:

— Você não pode ter tudo ao mesmo tempo, Orma!

— Volte para o seu cavalo — disse Kiggs, que tinha arrebanhado os animais. Eles ainda estavam nervosos com a presença contínua dos dragões, por isso levei algum tempo para montar. Kiggs segurou o arreio da minha égua, mas não olhou para mim.

Os dragões continuaram com a cabeça baixa, docilmente, enquanto seguiam pela estrada, deixando pegadas lamacentas, enormes e cheias de garras, atrás de si. O príncipe e eu seguimos num silêncio doloroso.

Isso me deu muito tempo para pensar. Como Imlann tinha nos

encontrado? Ele tinha nos seguido pela floresta ou estava esperando que voltássemos pela mesma estrada? Como poderia saber que iríamos voltar?

— Príncipe Lucian — comecei, emparelhando minha montaria com a dele.

— Prefiro não falar, Donzela Dombegh — disse ele, os olhos sobre os saar.

Isso doeu, mas fui em frente.

— Suspeito que Imlann sabia aonde estávamos indo e que íamos voltar. Alguém no palácio pode ter dito a ele ou alguém no palácio é ele. Quem sabia aonde estávamos indo hoje?

— Minha avó — disse laconicamente. — Glisselda. Nenhuma das duas é um dragão.

Eu dificilmente ousaria sugerir isso, mas tinha que sugerir.

— Glisselda poderia ter mencionado, de passagem, para o Conde de Apsig?

Ele se virou para mim bruscamente.

— Se ela tivesse... o que eu julgo improvável, o que está sugerindo? Que o Conde é um traidor ou que ele é um dragão?

— Ele surgiu do nada, há dois anos, você mesmo disse. Não toma vinho. Tem cabelos loiros e olhos azuis. — Ele tinha percebido o cheiro das minhas escamas, também, mas, obviamente, eu não poderia incluir esse pormenor. — Ele fazia parte do grupo de caça do seu tio — arrisquei.

Porém, aquilo não era uma prova, antes uma circunstância.

— Você está omitindo uma quantidade substancial de contraprovas — disse o Príncipe Lucian, finalmente interessado na conversa, mesmo que apenas para me refutar. — Pensei que tínhamos concluído que ele era meio-irmão de Lars.

— Você disse que era um boato. Pode ser falso. — Eu não ousava sugerir o que agora me ocorria: se Josef era um dragão, ele podia ser pai de Lars.

— Ele toca viola como um anjo. Admite que odeia dragões.

— Imlann pode adotar essa atitude estrategicamente, para evitar suspeitas — eu disse. Eu não poderia enfrentar a acusação de que ele tocava viola de modo angelical sem abrir o jogo a respeito da minha própria mãe, que, de acordo com Orma, tocava flauta com uma cadência estranhamente humana.

O Príncipe olhou para mim com sarcasmo, e apressei-me a acrescentar:

— Tudo o que eu peço é que considere a possibilidade.

Pergunte se alguém viu Josef na corte hoje.

— Será que isso é tudo, Donzela Dombegh?

Meus dentes batiam de frio e de nervosismo.

— Não é tudo. Eu quero explicar Orma.

— Realmente não faço questão de ouvir — disse ele, levando seu cavalo um pouco à frente.

— Ele salvou a minha vida! — gritei às suas costas, determinada a fazê-lo ouvir, quer ele quisesse ou não. — Orma era meu tutor quando eu era pequena. Você se lembra de que a família dele passou pelo escrutínio dos Censores. Bem, eles temiam que ele pudesse se apegar demais aos alunos, porque realmente adorava ensinar e era bom nisso. Eles enviaram um dragão chamado Zeyd para testá-lo. Ela me atraiu até o sino da Torre de Santa Gobnait com a promessa de uma aula de física, em seguida dependurou-me sobre a praça, como se pudesse me derrubar da torre. Se Orma me salvasse, veja você, isso poderia indicar que ele estava apegado aos alunos. Ele não deveria ter se importado tanto.

Eu engoli. Minha boca ainda estava seca, lembrando o terror de ver meus sapatos caindo, o rugido do vento nos ouvidos, o mundo se inclinando.

Kiggs ouvia mesmo que a contragosto; meu cavalo emparelhou com o dele.

— Orma chegou — eu continuei a contar — e meu primeiro pensamento foi *Viva, ele veio me salvar!* Mas ele se apoiou na balaustrada, totalmente despreocupado com meu bem-estar, e começou a tentar convencer Zeyd de que seria o fim de sua carreira, para não falar da paz, se ela me deixasse cair. Ela me sacudiu pra lá e pra cá, me deixou escorregar um pouco das suas mãos, mas ele nem vacilou. Ele não gostava de mim coisa nenhuma; estava apenas ajudando sua companheira saar.

Essa parte ainda doía, para ser franca.

— Ela finalmente me pôs na passarela. Orma a pegou pelo braço e eles foram embora juntos, deixando-me sozinha, chorando e descalça. Eu me arrastei escada abaixo, por todos os 420 degraus, e quando finalmente cheguei em casa, Orma me repreendeu por confiar em um dragão e me chamou de idiota prodígio.

— Mas ele é um dragão — disse Kiggs, sensato, ajustando as rédeas do cavalo.

Droga! Acho que não faria diferença se eu lhe dissesse.

— Eu não sabia naquela época.

Ele me estudava agora, mas não consegui encontrar seu olhar.

— Por que você está me dizendo isso?

Porque quero lhe contar uma coisa verdadeira, e isso é o mais perto que posso chegar. Porque acho que, em algum nível, você vai entender essa história. Porque preciso que você entenda.

— Quero que você entenda por que eu tenho que ajudá-lo.

— Tem que ajudá-lo porque ele foi tão frio com você? — Kiggs disse.

— Porque a deixou ir sozinha para casa e a chamou de idiota?

— Porque ele... ele salvou a minha vida — eu gaguejei diante da minha crescente confusão.

— Você achou que, como Capitão da Guarda da Rainha, eu já tinha ouvido essa história antes. Um dragão quase matar alguém não é uma questão sem importância e, no entanto, seu pai não se esforçou para vê-la processada?

Meu estômago deu um nó.

— Não.

A expressão de Kiggs endureceu.

— Eu gostaria de saber o quanto de sua história é verdadeira.

Ele esporeou o cavalo para a frente, deixando-me sozinha.

Nós nos aproximamos da cidade em passo lento; dragões a pé não são tão rápidos quanto cavalos, e os dois na nossa frente pareciam não ter pressa. Passava muito da meia-noite quando chegamos ao estábulo, ao pé da colina.

Os dragões se transformaram ao verem o estábulo, resfriando-se e condensando-se e dobrando-se num par de homens nus. Eles me seguiram com os cavalos, enquanto Kiggs ia ver se John Ostler tinha algumas roupas extras para eles. Orma não tinha mais sua barba falsa; eu esperava que ele pelo menos tivesse deixado seus óculos em algum lugar seguro antes de se transformar.

— Estou surpreso que não tenha se machucado — disse ele batendo os dentes de frio, um pouco mais simpático como ser humano. — O que você

inventou para que ele não a matasse?

Eu o puxei para o lado, longe de Basind, e contei-lhe como tinha blefado com Imlann. Os olhos de Orma se estreitaram enquanto escutava.

— É uma sorte que ele tenha acreditado que você era uma saar. Eu não tinha previsto que suas peculiaridades poderiam ser tão úteis.

— Não acho que a verdade tenha lhe ocorrido.

— A verdade? — perguntou Kiggs, que apareceu subitamente atrás de nós, os braços segurando um amontoado de túnicas e calças. — Não me diga que eu perdi essa — disse ele, passando as roupas para os saarantraí.

Não consegui encontrar seu olhar. Ele bufou de desgosto.

Basind, graças ao seu miolo mole, era o único entre nós que parecia estar se divertindo. Enquanto éramos conduzidos para casa, ficou perguntando a Orma o que ia acontecer em seguida e se já estávamos chegando. Agora, de volta ao seu saarantras, ele resmungou:

— Eles vão nos jogar na masmorra? — Ele parecia quase alegre com a perspectiva.

— Não sei — disse Kiggs infeliz, os ombros caídos.

O Príncipe tinha dormido apenas quatro horas na noite anterior; a exaustão ameaçava se abater sobre ele.

— Vou levá-los à Rainha e ao Ardmagar. Eles vão resolver o que fazer com vocês.

Conseguimos outros cavalos e seguimos viagem, desta vez em direção ao portão da cidade. Kiggs não quis revelar a porta de saída secreta aos dragões. Os guardas bloquearam rudemente nosso caminho, mas recuaram quando reconheceram o Príncipe. Continuamos nosso percurso através da neve intocada da cidade adormecida, de volta à colina do castelo.

Nem a Rainha nem o Ardmagar estavam acordados, é claro, mas Kiggs não nos deixou sair do seu raio de visão. Manteve-nos confinados dentro na antessala do gabinete da Rainha sob o olhar atento de três guardas. Basind, sentado ao lado do meu tio num sofá de veludo elegante, cochilou no ombro dele. Kiggs andava de um lado para outro. Seu queixo estava áspero com a barba por fazer, os olhos brilhavam com uma energia nervosa, febril, os últimos resquícios da exaustão. Não conseguia manter os olhos num só lugar; olhava para todos os lugares, menos para mim.

Eu não conseguia parar de olhar para ele, mesmo que uma emoção terrível ameaçasse se assomar sobre mim cada vez que eu fazia isso. Meu

corpo estava cheio de inquietação; meu braço esquerdo começava a coçar. Eu precisava sair dali, e só consegui pensar numa maneira de fazer isso.

Levantei-me e os três guardas ficaram de prontidão.

Kiggs foi obrigado a olhar para mim, então.

— Príncipe — eu disse. — Detesto incomodar, mas preciso ir ao *garderobe*.

Ele olhou para mim como se não tivesse entendido. Não era *garderobe* o termo que se usava entre as pessoas de fino trato? O que Lady Corongi diria? A câmara das infelizes necessidades? A urgência tornou minha voz anormalmente alta:

— Não sou um dragão. Não posso simplesmente me agachar num barranco ou urinar enxofre na neve — exclamei, me referindo a algo que Basind tinha feito no caminho de volta.

Kiggs piscou rapidamente, como se acordasse, e fez dois gestos com a mão. Antes que eu percebesse, um dos guardas estava me escoltando pelo corredor. E parecia determinado a me deixar o menos à vontade possível: passamos sem parar por todas as latrinas relativamente quentes do interior do castelo e cruzamos o Tribunal de Pedra, através da neve, em direção à latrina dos soldados, na ala sul. Passamos pelos guardas da noite, agrupados em torno de braseiros de carvão, limpando suas armas e rindo ruidosamente; quando nos viram, eles se calaram e encararam o companheiro me escoltando.

Não me importei. Ele poderia ter me escoltado por todo o caminho até Trowebridge. Eu só precisava ficar em algum lugar longe de Kiggs.

Fechei a porta do pequeno cômodo e tranquei escrupulosamente o ferrolho.

A latrina cheirava melhor do que eu temia; havia uma tábua com dois buracos, que davam diretamente numa vala mais embaixo. Eu podia ver o terreno nevado através dos furos. Um vento gelado soprava, frio o suficiente para congelar o traseiro do mais forte soldado.

Abri a janela desprovida de vidraças para deixar entrar alguma luz. Ajoelhei-me na tábua sobre os olhos do dragão (como alguns chamavam os tais buracos) e descansei os cotovelos no peitoral da janela, a cabeça nas mãos. Fechei os olhos, repetindo os mantras que Orma havia me ensinado para acalmar a mente, mas um pensamento continuou dando voltas na minha cabeça, aferroando-me como uma vespa, vezes e vezes sem conta.

Eu amava Lucian Kiggs.

Dei uma risada, uma risada azeda, porque não poderia ter escolhido um lugar mais ridículo para chegar a essa constatação. Então, chorei. Como eu podia ser tão estúpida, deixando-me sentir coisas que não deveria sentir, imaginando que o mundo poderia ser diferente do que era? Eu era um demônio escamoso; poderia confirmar isso levantando a manga. Isso nunca mudaria.

Graças a Todos os Santos o Príncipe tinha princípios e uma noiva para servir de barreira entre nós, e graças aos Céus eu o tinha afastado bancando uma mentirosa sem pudor. Eu deveria me alegrar com esses obstáculos, pois eles tinham me salvado da humilhação mais abjeta.

E, ainda assim, minha mente pervertida voltava para o que tinha acontecido depois que Imlann voara para longe. Por um momento, um momento impresso na minha memória obstinada, ele me amou também. Eu sabia disso, sem sombra de dúvida. Um instante, embora fugaz, era muito mais do que eu tinha acreditado ser digna de receber, mas ao menos para mim era suficiente. Eu nunca deveria ter permitido sequer esse pouco, nem mesmo por um instante; saber o que estava perdendo só fazia tudo ficar pior.

Abri os olhos. As nuvens tinham se dispersado, a lua brilhava gloriosamente sobre os telhados cobertos de neve da cidade. Era bonito, o que só fazia doer mais. Como o mundo se atrevia a ser bonito quando eu era tão horrível? Puxei as mangas externas e cuidadosamente desamarrei a faixa que prendia a manga da minha *chemise*. Arregacei essa última manga, expondo minhas escamas de prata ao ar da noite.

A lua irradiou luz suficiente para que eu pudesse discernir cada escama da faixa estreita e ondulada. Elas eram pequenas em comparação às escamas de um dragão de verdade, cada uma do tamanho de uma unha, com bordas rígidas e afiadas.

O ódio rasgou minhas entranhas. Eu estava desesperada para parar de sentir isso; como uma raposa numa armadilha, teria roído a própria perna para escapar. Tirei minha pequena adaga da bainha sob o manto e esfaqueei-me no braço.

O punhal resvalou, mas não sem espetar a tenra pele humana, ao lado das escamas. Apertei os lábios para abafar meu grito de surpresa, mas minha adaga cega não tinha rasgado a pele. Cortei a faixa escamosa com o

lado da lâmina desta vez, o que foi difícil fazer em silêncio; o aço deslizava e reluzia. Eu poderia atear fogo em algo com aquelas faíscas, queria queimar o mundo inteiro.

Não: eu queria extinguir todo aquele fogo. Não poderia viver me odiando tanto.

Uma péssima ideia floresceu em mim como a geada sobre o vidro. Flexionei o punho para levantar as bordas das escamas e enfiei a faca embaixo da extremidade de uma delas. E se eu as arrancasse? Será que cresceriam de novo?

Se deixassem uma cicatriz no meu braço, será que seria pior?

Levantei uma com a lâmina. A escama não se moveu. Enfiei a faca sob a escama lentamente, cutucando para a frente e para trás, como se fosse descascar uma cebola. Doeu, mas ainda assim... senti um frio glacial cobrindo meu coração, extinguindo o fogo da vergonha. Cerrei os dentes e levantei a escama com mais força. Um canto se desprende, eu me curvei de dor e inspirei o ar gelado com força através dos dentes. Senti o congelamento de novo, através de todo o meu corpo, e o senti como alívio. Eu não poderia odiar enquanto meu braço doía tanto. Fechei os olhos e dei um puxão final.

Meu grito preencheu a pequena latrina. Embalei meu braço, chorando. Sangue escuro brotava onde a escama estava antes. A escama brilhava na extremidade da faca. Eu a atirei por um dos buracos, e ela cintilou ao cair.

Eu tinha quase duzentas escamas só no braço. Não podia fazer aquilo sozinha. Era como arrancar as próprias unhas.

Orma uma vez tinha me dito que, quando os dragões aprenderam a assumir a forma humana, séculos atrás, alguns sentiam o impulso de ferir a si mesmos, rasgar a própria carne com os dentes, porque a intensidade das emoções humanas os pegava desprevenidos. Eles preferiam suportar a dor física à angústia mental. Essa era uma razão entre muitas que os fazia manterem suas emoções humanas em total segredo.

Se ao menos eu pudesse fazer o mesmo. Comigo nunca funcionou; só fazia o sentimento reaparecer mais tarde.

Soldados estavam batendo à porta em resposta ao meu grito.

Quanto tempo eu ficara ali? O frio me consumia: eu estava tremendo quando embainhei a faca e cobri o pulso sangrento com a *chemise*. Juntei o que podia da minha dignidade e abri a porta.

O guarda olhou para mim sob o elmo.

— A Rainha Lavonda e o Ardmagar Comonot estão de pé e esperando sua presença — disparou ele. — São Masha e São Daan, o que você estava fazendo aí?

— Coisas de mulher — eu disse, observando-o parar à menção do inominável.

Até minha metade humana poderia assustar as pessoas. Esbarrei nele ao passar, odiando isso. Em algum lugar no meu coração, a chama ainda queimava.

VINTE E DOIS

No momento em que cheguei, Kiggs já tinha feito um resumo para a Rainha e Comonot e ido para a cama. Senti sua ausência como um soco no estômago.

O gabinete da Rainha lembrava o de meu pai, embora tivesse menos livros e mais estátuas antigas. A Rainha estava sentada atrás de uma escrivaninha ampla, precisamente onde meu pai estaria. O Ardmagar Comonot ocupava uma cadeira semelhante a um trono, perto das janelas; por trás dele, o céu estava começando a adquirir um brilho róseo. Cada um deles tinha trazido uma pequena comitiva, que esperava ao longo das paredes, como se protegessem os livros das nossas mãos sujas. A nós três, os canalhas, não foram oferecidos assentos.

Fiquei aliviada que ninguém tivesse pensado em notificar meu pai. Ele teria ficado furioso comigo, mas talvez isso não fosse óbvio para os outros. Talvez temessem que ele virasse sobre eles seu olhar funesto de homem da lei.

Orma não pareceu preocupado com minha longa ausência, embora tivesse fungado bastante alto quando me aproximei. Ele percebeu que eu estava sangrando, mas eu não tinha intenção de falar sobre aquilo.

— Um pedido — disse Orma, falando primeiro, embora não fosse sua vez. — Exclua Basind desses processos. Atribua sua culpa a mim. Ele é um pelenova, inexperiente e singularmente estúpido. Fui designado para instruí-lo; ele simplesmente seguiu minhas ordens.

— Concedido — disse Comonot, levantando o queixo proeminente. — O pelenova Basind pode ir.

Basind saudou seu Ardmagar e saiu, acenando a cabeça levemente para a Rainha.

— O Príncipe Lucian nos relatou seu encontro com o dragão Imlann — disse a Rainha, franzindo a testa enquanto seguia o pelenova com os olhos. — Gostaria de ouvir a sua versão, Donzela Dombegh.

Eu disse tudo o que pude, sublinhando nosso compromisso com a paz e nosso desejo de descobrir a verdade, o melhor para proteger o Ardmagar.

A Rainha ouviu impassível; Comonot parecia tocado pelo fato de termos nos incumbido de avaliar a extensão dessa ameaça. Quase se poderia tomá-los pelos seus opostos: Comonot, o humano simpático, a Rainha Lavonda, o saar desapaixonado. Talvez essas qualidades fossem o que havia lhes permitido chegar a um acordo após séculos de desconfiança e de guerra. Cada um via algo familiar no outro. — A Donzela Dombegh não cometeu nenhuma violação material ao Tratado — disse a Rainha. — Não vejo justificativa para prendê-la. A posse de um dispositivo de transmissão é contra a lei, mas estou inclinada a ignorar isso, se ela devolvê-lo.

Tirei o brinco do cordão em volta do pescoço e entreguei-o a Orma.

Comonot dirigiu-se a Orma.

— Por direito, devido à sua transformação não autorizada, eu deveria revogar sua erudição e suas permissões para ir e vir. No entanto, estou impressionado com sua iniciativa e empenho para proteger o seu Ardmagar.

Aparentemente eu tinha contribuído com essa parte da história, ao colori-la um pouco.

Orma saudou o céu, à moda saar.

— Optei por abrir mão das suas punições — disse Comonot, olhando de soslaio para a Rainha, como se para avaliar sua reação a essa magnanimidade. Ela parecia apenas cansada. — Vamos discutir o melhor curso de ação no Conselho. Um descontente solitário representa pouca ameaça para mim, graças à ótima segurança dos meus anfitriões, mas ele ainda está violando o Tratado e deve ser preso.

Orma saudou novamente e disse:

— Ardmagar, posso aproveitar essa audiência inesperada para lhe pedir algo em particular?

Comonot concordou com um aceno dos dedos grossos. A Rainha e seus assistentes saíram para o café da manhã, deixando Comonot apenas com uma pequena comitiva de saarantrai. Eu fiz que ia sair também, mas a mão de Orma no meu cotovelo me impediu.

— O senhor dá permissão para que seus atendentes saiam também, Ardmagar? — perguntou Orma.

O Ardmagar aquiesceu, para meu espanto. Orma devia parecer particularmente inofensivo, apesar de seu pai famoso.

— Tudo em ard — disse Orma. — Isso envolve os Censores, e eu não gostaria...

— Não vejo como sua família poderia se prejudicar ainda mais — disse o Ardmagar. — Depressa, por favor. Descobri que este corpo fica irritado sem o seu café da manhã.

Orma piscou os olhos destituídos dos óculos.

— Tenho sido perseguido pelos Censores há dezesseis anos: incansavelmente testado, monitorado, reavaliado, minha pesquisa sabotada. Até quando? Quando eles vão ficar satisfeitos e se convencer de que sou tudo o que deveria ser?

Comonot se remexeu, cauteloso, em seu assento.

— Essa é uma questão para os Censores, mestre. Eles estão fora da minha jurisdição; na verdade, eu me submeto a eles tanto quanto você. É assim que deve ser. Sua neutralidade nos mantém sob controle quando descemos à mente simiesca.

— Não há nada que o senhor possa fazer?

— Existe algo que *você* poderia fazer, mestre: a excisão voluntária. Tenho uma agendada para mim, assim que voltar. — Ele deu uma batidinha na sua cabeçorra, o cabelo grudado dando-lhe a aparência de uma rocha coberta de algas marinhas. — Vou remover todos os resíduos emocionais. É incrivelmente revigorante.

Orma não ousou parecer perturbado; eu esperava que o movimento do pequeno músculo perto da mandíbula fosse visível apenas para mim.

— Não vai adiantar, Ardmagar. Eles inevitavelmente vão remover lembranças também, e isso iria acabar com a minha pesquisa. Mas e se eu capturasse Imlann? — Orma parecia não saber quando parar. — Isso provaria com quem está a minha lealdade ou deixaria o Estado em débito...

— O Estado não paga dívidas dessa forma, como você bem sabe — disse Comonot.

A rapidez de sua interrupção eriçou os pelos da minha nuca; ele estava mentindo.

— Basind não deveria estar aqui, mas ele está — eu falei ríspidamente. — Eskar disse explicitamente que foi um favor à mãe dele, por entregar o marido.

— Não me lembro do caso, mas isso certamente não é política — disse Comonot, um alerta na voz.

— Seraphina — disse meu tio, sua mão pairando perto do meu braço.

Eu o ignorei; não tinha terminado.

— Tudo bem. Chame de circunstância excepcional, mas não seria possível fazer uma exceção também para o meu tio, que não fez nada...

— Mestre Orma, quem é essa pessoa? — perguntou o Ardmagar, de repente de pé.

Virei-me para meu tio, boquiaberta. Seus olhos estavam fechados, os dedos unidos na frente do queixo como se estivesse orando. Ele inalou profundamente pelo nariz, abriu os olhos e disse:

— Seraphina é a filha da minha irmã sem nome, Ardmagar.

Os olhos de Comonot se arregalaram de modo alarmante.

— Não... não com aquele...

— Com ele, sim. O humano, C...

— Não diga o nome dele — ordenou o Ardmagar, de repente o mais desapaixionado dos saarantrai. Ele refletiu por um momento. — Você informou que ela morreu sem filhos.

— Sim, eu informei — disse Orma. Meu coração se partiu um pouco com sua voz.

— Os Censores sabem que você mentiu — adivinhou o Ardmagar, astutamente. — Essa é uma marca contra você; é por isso que não vão deixá-lo em paz. Estranho que não tenha comunicado ao Ker.

Orma encolheu os ombros.

— Como o senhor diz, Ardmagar, os Censores não se reportam ao senhor.

— Não, mas você, sim. Seu visto de estudioso está revogado, saar, a partir deste instante. Você vai voltar para casa e fazer a excisão. Deixar de se apresentar aos cirurgiões dentro de uma semana vai resultar numa declaração de *magna culpa*. Entendeu?

— Entendi.

Comonot nos deixou. Eu me virei para Orma tão cheia de raiva, horror e tristeza que por um momento não consegui falar.

— Achei que ele soubesse — lamentei. — Eskar sabia.

— Eskar costumava ficar com os Censores — disse Orma suavemente.

Joguei as mãos para o alto num desespero inútil, andando ao redor dele; Orma estava muito, muito quieto, olhando para o vazio.

— Sinto muito — eu disse. — A culpa é minha. Eu estraguei tudo, eu...

— Não — disse Orma, sem se alterar. — Eu deveria tê-la tirado da sala.

— Presumi que você pretendia me apresentar a ele, como fez com Eskar!

— Não. Mantive você aqui porque eu... Eu queria você aqui. Pensei que fosse ajudar. — Seus olhos se arregalaram de horror por si mesmo. — Eles estão certos. Estou emocionalmente comprometido de maneira irremediável.

Eu queria tanto tocar seu ombro ou pegar a sua mão para que ele soubesse que não estava sozinho no mundo, mas não poderia fazer isso. Ele me espantaria como a uma mosca.

No entanto, ele tinha segurado o meu braço e queria que eu ficasse. Lutei contra as lágrimas.

— Então você vai voltar para casa?

Ele olhou para mim como se minha cabeça tivesse se separado do pescoço.

— Para Tanamoot? Nunca. Não é apenas uma questão de varrer “resíduos emocionais”, não para mim. O câncer é muito profundo. Eles eliminariam todas as lembranças de Linn. Todas as lembranças de você.

— Mas você estaria vivo. *Magna culpa* significa que, se o acharem, poderão matá-lo na hora. — Papai teria ficado chocado com a frequência com que banquei o advogado nessa noite.

Ele ergueu as sobrancelhas.

— Se Imlann conseguiu sobreviver no sul por dezesseis anos, imagino que eu possa conseguir sobreviver por alguns. — Ele se virou para ir; em seguida, pensou melhor. Tirou o brinco e entregou-o de volta. — Você ainda pode precisar disso.

— Por favor, Orma, eu já lhe trouxe muitos problemas...

— Acho que não conseguirei arranjar mais nenhum. Tome. — Ele não pararia de olhar para mim se eu não colocasse o brinco de volta no cordão. — Você é tudo o que restou de Linn. Seu próprio povo nem mesmo diz o nome dela. Eu... eu valorizo sua vida, uma continuação da dela.

Não consegui falar; ele tinha tocado fundo o meu coração.

Como era seu costume, ele não se despediu. O peso total de tudo o que tinha acontecido comigo, naquela noite mais longa do ano, caiu em cheio sobre mim, e fiquei um tempo muito longo olhando para o vazio.

VINTE E TRÊS

Eu tinha ficado acordada a noite toda; cambaleei para a cama.

Normalmente não conseguia dormir durante o dia, mas na verdade não queria ficar acordada. A vigília era um estado particularmente desagradável para eu estar. Meu corpo inteiro doía e, quando eu não estava me preocupando com meu tio, não conseguia parar de pensar em Lucian Kiggs.

Uma pancada indignada na porta me acordou no meio da tarde.

Eu tinha adormecido sem trocar de roupa, então saí da cama e cambaleei até a porta, mal conseguindo abrir os olhos. Um ser brilhante, perolado e opalescente entrou pela porta, passando por mim imperiosamente: a Princesa Glisselda. Uma presença mais suave me conduziu até uma cadeira; era Millie.

— O que você fez a Lucian? — exclamou Glisselda, assomando sobre mim, as mãos nos quadris.

Eu não tinha conseguido acordar por completo. Olhei para ela, sem entender. E o que havia para dizer? Que eu tinha salvado a vida dele e feito com que me odiasse, tudo de uma só vez? Que eu sentia coisas que não devia sentir e lamentava por isso?

— A reunião do Conselho acabou de ser suspensa — disse ela, andando em direção à lareira e voltando. — Lucian nos contou tudo sobre o encontro com o dragão fora da lei no campo, sobre sua bravura ao persuadi-lo a não matá-los. Vocês formam uma bela dupla de heróis investigativos.

— O que o Conselho decidiu? — murmurei, esfregando um olho com as costas da mão.

— Estamos enviando para o campo um grupo de dragões. Um petit ard, como estão sendo chamados, liderado por Eskar. — Ela brincou com seu longo colar de pérolas, amarrando-o em um grande nó. — Exceto em caso de emergência, eles vão ficar em suas saarantrai; vão começar na coluna de gralhas, pois é um lugar em que sabem que Imlann esteve recentemente, e vão tentar farejar seu rastro a partir dali.

— Mas, veja, isso é o que me confunde. — Ela fez uma careta e sacudiu o colar amarrado na minha direção — Você foi tão útil e perspicaz,

seria de esperar que Lucian estivesse cantando seus louvores à cúpula do Céu. Ele não está. Sei que ele mandou prendê-la por um pretexto insignificante. Está com raiva de você, evidentemente, mas não quer dizer por quê; ele se fechou na sua torre abominável. Como faço para servir de mediadora se não sei o que está acontecendo? Não posso ter vocês dois em desacordo!

Devo ter cambaleado um pouco, porque Glisselda retrucou:

— Millie! Faça um chá para esta pobre mulher!

O chá ajudou, embora parecesse também umedecer meus olhos.

— Meus olhos estão lacrimejando — eu disse, só para esclarecer a todos.

— Está tudo bem — disse Glisselda. — Eu também choraria muito se Lucian estivesse com raiva de mim.

Não consegui pensar no que dizer a ela. Isso nunca tinha me acontecido antes; eu sempre sabia quais coisas podiam ser contadas e quais não podiam e, embora não gostasse de mentir, nunca tinha sentido isso como um fardo. Tentei me lembrar das minhas regras: quanto mais simples melhor. Disse com a voz trêmula:

— Ele está com raiva porque menti para ele.

— Lucian de fato pode ficar muito contrariado com isso — disse Glisselda sabiamente. — Por que você mentiu?

Olhei-a boquiaberta, como se ela tivesse me perguntado por que eu respirava. Eu não podia dizer a ela que a mentira não era exatamente algo que eu dizia, mas algo que eu era, ou que eu tinha desejado assegurar a Kiggs que era humana, desesperada para que ele não tivesse medo de mim porque eu tinha descoberto, lá entre a neve que soprava e as cinzas, que eu...

Eu não conseguia nem mesmo pensar na palavra com sua noiva ali, e essa era outra mentira. Aquilo nunca terminava.

— Nós estávamos apavorados depois de enfrentar Imlann — gaguejei. — Falei sem pensar, tentando tranquilizá-lo. Honestamente, naquele momento, esqueci que ainda estava com o...

— Vejo sinceridade no seu rosto. Diga apenas isso a ele, e tudo ficará bem.

Evidentemente eu já havia dito isso a ele, mais ou menos, e tinha deixado as coisas ainda piores. A Princesa Glisselda andou em direção à

porta, Millie como uma sombra atrás dela.

— Haverá um encontro entre vocês, e você vai consertar as coisas. Vou providenciar isso.

Levantei-me e fiz uma reverência. Ela acrescentou:

— Você precisa saber: o Conde Josef ficou ausente do palácio durante todo o dia de ontem. Lucian mencionou suas suspeitas e fiz com que ele perguntasse por aí. Apsig disse que estava na cidade, visitando sua amante, mas não deu o nome dela. — Ela parecia estar quase pedindo desculpas. — Mencionei a expedição de vocês para ele no baile. Ele queria saber por que Lucian queria falar com você. Foi imprudente, talvez.

— Mas — ela acrescentou, animada de novo — nossos olhos estão sobre ele agora.

As duas se despediram, mas Glisselda parou na porta, levantando um dedo como que para me repreender.

— Não posso ter você e Lucian brigando! Preciso de você!

Fui aos tropeços até o outro cômodo e desabei sobre a cama depois de ela partir, desejando compartilhar seu otimismo, imaginando se ela estaria tão interessada em consertar as coisas entre nós se soubesse o que se passava no meu coração.

Acordei à meia-noite em pânico, porque algo estava pegando fogo.

Sentei-me ereta, ou tentei; como um pântano, meu colchão de plumas me puxava de volta para baixo, como se carrapatos na cama estivessem tentando me devorar.

Eu estava encharcada de suor. As cortinas da cama flutuavam suavemente, iluminadas pelo fogo perfeitamente pacífico da lareira. E se eu tivesse sonhado? Não me lembrava de nenhum sonho, e eu sabia que o fogo... ainda estava ardendo.

Eu quase podia sentir o cheiro de fumaça; podia sentir o calor dele dentro da minha cabeça. Seria algo que estava acontecendo no jardim dos grotescos?

Cães dos Santos! Eu teria acreditado que estava ficando louca, se coisas como essa não acontecessem na minha mente o tempo todo.

Desabei novamente na cama, fechei os olhos e entrei no meu jardim. Havia fumaça à distância; corri até chegar às margens do pântano do Pastelão. Felizmente, ele estava sob a superfície da água, dormindo, e pude

seguir adiante. Ele era o menos humano de todos os meus grotescos, uma criatura semelhante a uma lesma chafurdante. Ele me enchia de piedade e temor, mas era um dos meus assim como Lars certamente era.

No meio do pântano, estava agachado o Morcego das Frutas e ele estava em chamas.

Ou não exatamente: as chamas vinham da minha caixa de memórias, à qual ele se agarrava, com todo seu corpo debruçado sobre ela. Ele choramingou, o que me tirou do choque. Corri, agarrei a coisa, que queimou meus dedos, e arremessei-a na água negra. A caixa sibilou, levantando uma nuvem de vapor turvo. Eu me ajoelhei diante do Morcego das Frutas — ele era apenas uma criança! — e examinei sua barriga nua, o interior dos braços, o rosto dele. Não tinha bolhas visíveis, mas sua pele era tão escura que eu não tinha certeza se reconheceria as queimaduras.

— Você está ferido? — perguntei.

— Não — ele disse, cutucando-se com a ponta dos dedos.

Pedra de São Masha! Ele estava falando comigo agora. Eu lutava contra o medo, quando disse:

— O que você estava fazendo? Espreitando minha caixa de segredos?

— A caixa pegou fogo — ele disse.

— Porque você tentou olhar dentro dela!

— Nunca, madamina. — Ele cruzou os polegares, imitando com as mãos o formato de um pássaro, o gesto porfiriano de súplica. — Eu sei o que é seu e o que é meu. Ela explodiu em chamas na noite passada. Eu me atirei sobre ela, para que ela não a machucasse. Será que fiz bem?

Virei-me bruscamente para a água; a caixinha de lata ainda se mexia, mas o fogo tinha se apagado. Eu estava começando a sentir a dor das labaredas em mim mesma, agora que o Morcego das Frutas não estava abafando as chamas com seu corpo.

Eu sabia, sem saber como, que ela tinha pegado fogo quando Imlann aterrissou no campo de neve, tal como vazara à vista de Comonot. Foi muita sorte o Morcego das Frutas ter saltado sobre ela; se eu tivesse sido assaltada por uma lembrança enquanto Imlann avançava sobre nós, teria sido muito mais do que apenas uma caixa imaginária em chamas.

Virei-me para o menino. O branco de seus olhos brilhava contra seu rosto escuro.

— Qual é o seu nome? Seu nome de verdade — perguntei.

— Abdo — disse ele. O nome me causou um déjà vu, mas não consegui identificá-lo.

— E onde você está, Abdo?

— Estou numa estalagem, com minha família. Segurar a caixa me deu dor de cabeça; fiquei na cama o dia todo. Meu avô está muito preocupado, mas vou conseguir dormir agora e tranquilizá-lo.

A caixa em chamas tinha lhe causado dor, mas ele a segurara durante mais de um dia.

— Como é que você sabia como ajudar? — perguntei.

— Existem duas causas sagradas neste mundo — disse ele, levantando o dedo mínimo e o anular. — O acaso e a necessidade. Por acaso, eu estava lá para ajudar quando você teve necessidade.

Ele era um pequeno filósofo. Talvez em seu país todos fossem. Abri a boca para interrogá-lo um pouco mais, mas ele colocou as mãos sobre meu rosto e me olhou intensamente.

— Eu ouvi você, procurei você e encontrei você. Eu alcancei você, através do espaço e do sentimento e das leis da natureza. Não sei como.

— Você fala com os outros dessa maneira? Os outros falam com você? Meu medo se dissipou. Ele era tão inocente.

Ele deu de ombros.

— Só conheço três outros ityasaari, em Porfíria. Mas você os conhece também: eles estão aqui. Você deu a eles os nomes de Salamandra, Miserere e Homem Pelicano. Nenhum deles fala comigo mentalmente, mas até hoje nenhum deles me chamou. Só você.

— Quando eu chamei você?

— Ouvi a sua flauta.

Assim como Lars.

— Madamina — disse ele, — eu preciso dormir. Meu avô está preocupado.

Ele me soltou e fez uma mesura. Fiz outra incerta e, em seguida, olhei para a caixa de memórias. Pastelão borbulhou embaixo d'água e deu uma pancada irritada na água com a cauda, fazendo a caixa vir balançando de volta para mim. Eu sentia uma dor de cabeça intensa agora. Não podia mais adiar, tinha que enfrentar a caixa; a lembrança certamente me engolfaria contra minha vontade se eu a reprimisse, assim como já tinha feito. Olhei para Abdo, mas ele tinha se enrodilhado e estava dormindo sob um grande

repolho. Puxei a caixa em direção à margem com uma taboa resistente.

A caixa explodiu ao meu toque, numa erupção de histeria pirotécnica. Engasguei com a fumaça, imaginando como era possível sentir o gosto de raiva e o cheiro da grama contra a minha pele.

Irrompo da encosta da montanha e voo em direção ao sol. Chicoteio com a cauda e abro uma saída sob uma avalanche. A massa combinada de doze velhos generais vai sobrepular essa massa de gelo; apenas consegui um adiamento. Não devo desperdiçá-lo. Mergulho na direção leste, com o vento, correndo através das nuvens baixas lenticulares até um recesso circular glacial.

Há uma caverna debaixo da geleira, se eu conseguir alcançá-la. Deslizo perto demais de um riacho calcário e o frio queima minha barriga. Afasto um amontoado de blocos de gelo com uma rajada de pedras, elevo-me no ar rapidamente para evitar pináculos de gelo afiados o suficiente para me estripar.

Ouço um rugido e um estrondo atrás de mim, no alto da montanha. Os generais e meu pai estão livres, mas voei rápido o suficiente. Rápido demais: bato na borda do recesso circular, fazendo xisto deslizar pela face do penhasco, e temo que percebam os líquens esmagados. Eu me contorço para entrar na caverna, o gelo azul derretendo ao meu toque, facilitando minha passagem.

Eu os ouço cruzando o céu, gritando, mesmo sobre o rugido dos riachos glaciais. Mergulho mais ainda, para não provocar muito vapor e me delatar.

O gelo resfria meus pensamentos e condensa minha racionalidade. Eu vi e ouvi o que não devia: meu pai e onze outros generais conversando sobre seu tesouro. Como diz o antigo ditado, palavras sobre um tesouro devem ser mantidas em segredo. Eles podem me matar por espionagem.

Pior: falaram em traição. Não posso manter em segredo essas palavras.

A gruta me deixa claustrofóbica. Como os quigutls conseguem ficar espremidos em fendas sem enlouquecer? Talvez não enlouqueçam. Eu me distraio pensando: no meu irmão filhote, que está estudando em Ninys e em segurança enquanto ficar lá; no caminho mais rápido de volta para Goredd; e em Claude, que eu amo. Não sinto amor quando assumo minha

forma natural, mas me lembro dele e o quero de volta. O vasto espaço vazio onde o sentimento uma vez esteve faz com que eu me contraia em desconforto.

Ah, Orma. Você não vai entender o que me aconteceu.

A noite chega; o gelo azul reluzente escurece até se tornar negro. A caverna é muito apertada para eu fazer uma volta completa — não sou tão ágil e sinuosa quanto alguns —, por isso retorno, passo a passo, até a passagem escorregadia. A ponta da minha cauda emerge no ar da noite.

Sinto o cheiro dele tarde demais. Meu pai morde minha cauda com o pretexto de me puxar, depois me morde novamente, atrás da cabeça, como castigo.

— General, me coloque de volta em ard — eu digo, depois de mais três mordidas.

— O que você ouviu? — ele rosna.

Não há por que fingir que não ouvi nada. Ele não me educou para ser uma tola obtusa, e meu cheiro no corredor lhe teria revelado por quanto tempo fiquei escutando.

— Que o General Akara infiltrou-se entre os cavaleiros de Goreddi, e que suas ações causaram o banimento deles. — Isso é o de menos; meu próprio pai faz parte de uma cabala traiçoeira, que trama contra o nosso Ardmagar. Reluto em proferir isso em voz alta.

Ele cospe fogo na geleira, fazendo a entrada da caverna desmoronar.

— Eu poderia ter enterrado você viva lá dentro. Sabe por que não fiz isso?

É difícil fingir submissão o tempo todo, mas meu pai não aceita outra atitude dos filhos, e ele pesa duas vezes mais do que eu. Haverá o dia em que a força do nosso intelecto contará mais que a força física. Esse é o sonho de Comonot e eu acredito nele, mas por enquanto abaixo a cabeça. Os dragões levam muito tempo para mudar.

— Eu permito que viva porque sei que não vai dizer ao Ardmagar o que ouviu — diz ele. — Você não vai contar a ninguém.

— Em que baseia essa crença? — Eu me abaixo ainda mais, sem querer representar nenhuma ameaça.

— Sua lealdade e sua honra familiar deveriam ser base suficiente — ele exclama. — Mas você admite que não tem nem uma nem outra.

— E se minha lealdade for para com o meu Ardmagar? — Ou para

com as suas ideias, de qualquer maneira.

Meu pai cospe fogo nos dedos dos meus pés; eu pulo para trás, mas sinto o cheiro das garras chamuscadas.

— Então preste atenção nisto, Linn: meus aliados entre os Censores me dizem que você está com problemas.

Eu não tinha ouvido nenhuma palavra oficial, mas já esperava por isso. Mesmo assim, inflo as narinas e eriço os espinhos da cabeça, como se estivesse assustada.

— Disseram por quê?

— Eles não revelam detalhes, mas não importa o que você fez. Você está na lista. Se revelar o que foi dito sobre meu tesouro ou quem você viu, ou quantos, será a sua palavra contra a minha. Vou considerar você uma pervertida perigosa.

Na verdade eu sou uma pervertida perigosa, mas até o momento eu tinha sido uma pervertida perigosa que estava em dúvida quanto a voltar para Goredd. Agora não estou mais dividida.

Meu pai escala a face da geleira para poder levantar voo mais facilmente. O gelo está quebradiço pelo degelo pesado do verão; blocos tão grandes quanto a minha cabeça quebram sob suas garras, caem sobre mim, reduzem-se a pedaços. O desmoronamento do túnel deixou a geleira instável; vejo uma fenda profunda no gelo.

— Suba, filhote — ele grita. — Vou levar você de volta para sua mãe. Você não vai para o sul de novo; vou fazer com que o Ker cancele seus vistos.

— General, você é sábio — eu digo, elevando o tom da minha voz, imitando o chilrear dos recém-nascidos. Eu não escalo a geleira; estou concluindo um cálculo. Preciso detê-lo. — Coloque-me de volta em ard. Se não vou para o sul, não é hora de me acasalar?

Ele havia chegado ao topo do penhasco de gelo. Arqueia o pescoço, seus músculos ondulando. A lua subiu atrás dele, dando-lhe um brilho formidável. Ele é intimidante; meu temor é quase sincero. Tenho que calcular mais alguns vetores e o atrito. Será que o atrito vai me ajudar ou vai atrapalhar? Estendo uma asa discretamente, tentando calcular com mais precisão a temperatura.

— Você é a filha de Imlann! — ele exclama. — Poderia ter qualquer um dos generais que viu hoje. Poderia ter todos eles, em qualquer ordem

que quisesse.

É um desafio mantê-lo falando enquanto minha boca está ocupada. Recuo numa reverência exagerada, quase cômica para um dragão, mas meu pai aceita isso inquestionavelmente, como se merecesse.

— Vou providenciar isso — diz ele. — Você não é a fêmea mais poderosa, mas voa bem e seus dentes são sólidos. Eles ficarão honrados em unir sua linhagem à minha. Só prometa quebrar todos os ovos fracos antes que choquem, como eu deveria ter quebrado o de Orma.

Ah, Orma. Você é o único de quem vou sentir falta.

Cuspo uma bola de fogo rápida e cirúrgica, mirando um delgado espigão abaixo da parede de gelo. Seu desmoronamento abala o equilíbrio estrutural. Uma fenda se abre atrás do meu pai; o gelo se esfacela quando a face da geleira recebe o talho. Dou um pulo para trás, evitando ficar no caminho do gelo que voa, e avanço com dificuldade pelos blocos de gelo, saltando as pedras até conseguir dar impulso e me lançar no ar. Manobro aproveitando os ventos do colapso glacial, circulando numa espiral ascendente. Eu deveria voar o mais rápido que podia para qualquer outro lugar, para longe, mas não consigo me afastar. Preciso ver o que fiz: é a minha dor, eu a mereci, e vou levá-la comigo pelo resto dos meus dias.

Não é menos do que qualquer um de nós merece.

Pelos meus cálculos, o gelo abaixo da massa calefaciente do meu pai era macio e liso demais para que suas garras conseguissem um bom apoio. Ele não conseguiu se lançar no ar a tempo; caiu para trás e mergulhou na fenda. Uma torre de gelo mais acima — numa área que não fazia parte da minha álgebra — caiu em cima dele, prendendo sua asa. Talvez perfurando-a. Eu circulo, tentando determinar se o havia matado. Sinto o cheiro de seu sangue, como enxofre e rosas, mas ele rosna e se debate, e concluo que não está morto. Ligo cada dispositivo quigutl que tenho e os derrubo em cima de seu corpo; eles brilham à luz do luar e eu suponho que à distância alguém poderia confundir-lo com um tesouro. Ele vai ser encontrado.

Circulo o céu, despedindo-me de Tanamoot — montanhas, céu, água, todos os dragões. Rompi com minha família, com meu pai, com as minhas promessas, com tudo.

Sou uma traidora agora.

Ah, Orma. Fique longe das garras dele.

As cortinas da cama dançavam sua sarabanda fantasmagórica nas mornas correntes de ar. Olhei para elas por algum tempo, não vendo nada, sentindo-me moída e desossada.

Cada lembrança subsequente preenchia lacunas no meu entendimento. Aquela primeira lembrança, de muito tempo atrás, tinha arrancado as travas dos meus olhos cegos e destruído minha paz, acho que talvez para sempre. A seguinte tinha me deixado ressentida com seu egoísmo impensado; agora eu conseguia admitir aquilo. Eu a invejei depois da terceira, mas agora... algo estava diferente. Não em minha mãe, ela estava morta e imutável, mas em mim. Eu estava mudada. Apertei com firmeza meu pulso esquerdo dolorido contra o peito, compreendendo essa diferença.

Senti a luta de minha mãe nesse momento, senti os ecos da minha própria. Ela tinha escolhido meu pai e abandonado a família, o país, a própria espécie, tudo com o que crescera. Ela se preocupara com Orma, na proporção em que os dragões podiam se preocupar com alguém; isso representou largos passos no longo caminho para ganhar a minha compaixão. Quanto ao vazio retumbante no coração dela, para mim era apenas muito familiar.

— Achei que era a única que já tinha sentido isso, mãe — sussurrei para as cortinas da cama. — Pensei que estava totalmente sozinha, e talvez meio louca.

O colchão de penas já tinha parado de tentar me devorar; agora parecia uma nuvem, alçando-me rumo a alguma epifania brilhante: minha mãe tinha revelado a existência de uma cabala de conspiradores hostis ao Ardmagar. Por mais difícil que isso fosse, no âmbito pessoal, por mais que Kiggs fosse me desprezar ainda mais ou o Ardmagar me condenasse, eu não poderia manter em segredo essas palavras.

VINTE E QUATRO

Mas a quem eu poderia contar?

Kiggs estava furioso comigo. Glisselda iria se perguntar como eu sabia e por que não tinha tomado nenhuma providência antes. Acho que eu poderia mentir e dizer que Orma tinha acabado de me contar, mas só de pensar em Orma meu coração se apertava.

Eu devia contar a Orma. Ocorreu-me de repente que ele ia querer saber. Levantei-me à primeira luz da aurora e sentei-se à espineta, cruzando os braços para me proteger do frio da manhã. Toquei o acorde de Orma, sem saber se ele ia responder ou se já tinha partido para lugares desconhecidos.

O gatinho zumbiu.

— Estou aqui.

— Isso é oitenta e três por cento do que eu queria saber.

— Quais são os outros dezessete?

— Quando você vai partir? Preciso falar com você.

Houve um silêncio pontuado por pancadas surdas, como se ele estivesse empilhando livros pesados. Se ele fosse levar todos os livros que tinha, teria sorte se conseguisse partir em uma semana.

— Lembra-se do pelenova de quem eu estava encarregado? Ele ainda está aqui.

Cães dos Santos!

— Não o consideraram inadequado para ser mentor dele?

— Ou ninguém se importa que eu o esteja levando para o mau caminho, possivelmente pelo fato de ele ser inútil, ou acham que ele é uma boa ajuda para fazer as malas, o que ele não é.

O gatinho transmitiu alguns resmungos descontentes, e em seguida meu tio disse alto e bom som:

— Não, você não é. — Sorri com pálida solidariedade para o olho do gatinho. — Em resposta à sua pergunta — ele disse finalmente —, vou para *casa* e para os *cirurgiões* dentro de três dias, após o seu Ano Novo, depois de *embalar* tudo por aqui. Vou *fazer exatamente* o que a *lei* exige de mim.

Fui pego, e eu estou recebendo minha sentença, e não há alternativa.

— Preciso falar com você a sós. Quero me despedir, enquanto você ainda me conhece.

Houve uma pausa muito longa, e por um momento pensei que ele tinha desligado. Bati no olho do gatinho, preocupada, mas finalmente sua voz soou fraca:

— Queira me desculpar, a laringe ridícula deste corpo parece que inchou de repente, mas acho que já voltou a funcionar. Você vem à cidade amanhã com o resto da corte, para assistir às Peças Douradas?

— Não posso. Amanhã haverá o ensaio geral para o concerto da Véspera do Tratado.

— Então não sei como será possível falar com você. Agora é quando eu solto uma praga violenta, acho eu.

— Faça isso — pedi-lhe, mas desta vez ele realmente tinha ido embora.

Fiquei tentando entender todas as suas ênfases estranhas enquanto cuidava das minhas escamas, me vestia e bebia meu chá. Talvez eu tivesse testemunhado o primeiro caso conhecido de um dragão tentando ser sarcástico. Era uma pena que eu não soubesse como o dispositivo da espineta funcionava, porque ela certamente poderia ter gravado sua declaração para que futuras gerações de dragões pudessem aprender com ela: *Filhotes, este é um esforço válido, mas não suficiente.*

Tentei rir, mas o riso soou falso. Meu tio estava partindo; eu não sabia quando nem para onde nem por quanto tempo. Se estivesse fugindo dos Censores, ele não podia se arriscar a ficar perto de mim. Orma iria embora para sempre. Eu talvez nem tivesse chance de lhe dizer adeus.

Algo havia mudado durante o dia em que passei na cama. Os salões estavam vazios de conversas; todos cumpriam suas obrigações com aparência melancólica e preocupada. Pelo visto, dragões à solta no campo não agradavam a ninguém. Enquanto eu ia tomar meu café da manhã, notei que as pessoas andavam a passos rápidos e entravam em salas laterais à minha passagem, recusando-se a me olhar nos olhos ou a me dar bom-dia, caso se vissem forçadas a cruzar comigo no corredor.

Claro que ninguém estava me culpando, estava? Eu tinha encontrado Imlann, mas não tinha enviado o petit ard atrás dele; essa tinha sido uma

decisão da Rainha e do Conselho. Disse a mim mesma que estava imaginando coisas até que entrei no refeitório da torre norte e todo o salão ficou em silêncio.

Havia espaço no banco entre Guntard e o sacabuxista magricela, se um deles chegasse um centímetro para o lado.

— Com licença — eu disse, mas eles fingiram não ouvir. — Eu gostaria de me sentar aqui — insisti, mas cada um tinha uma tigela extremamente interessante de mingau à sua frente e não podia olhar para cima. Levantei minha saia e passei por cima do banco de forma bem pouco feminina; agora não poderiam fugir rápido o suficiente. Na verdade, o sacabuxista decidiu que seu café da manhã não era, afinal, tão fascinante assim e abandonou-o completamente.

Não consegui atrair a atenção do rapaz que servia às mesas; ninguém à mesa notou minha presença. Eu não conseguia acreditar: essas pessoas podiam não ser exatamente amigos meus, mas eram colegas e os autores da minha canção de louvor. Certamente isso significava alguma coisa.

— Parem com isso! — exclamei. — O que eu fiz para merecer esse voto de silêncio?

Eles olharam uns para os outros, de soslaio. Ninguém queria ser o primeiro a falar. Finalmente Guntard disse:

— Onde a senhorita estava noite passada?

— Na cama, dormindo, me recuperando de uma noite insone na noite anterior.

— Ah, certo, sua expedição heroica para encontrar o dragão fora da lei — disse um cromornista, palitando os dentes com um osso de arenque. — Bem, agora deu aos dragões uma desculpa para perambular por Goredd livremente, e à Princesa Glisselda uma desculpa para mandar espetar todos nós!

— Espetar? — Ao redor de toda a mesa, os músicos levantaram o dedo enfaixado. Alguns fizeram um gesto rude com o dedo. Tentei não levar para o lado pessoal, mas não foi fácil.

— A iniciativa da Princesa para a checagem das espécies — resmungou Guntard.

Havia apenas uma maneira infalível de identificar um saarantras: o sangue prateado. Glisselda estava tentando expulsar Imlann, se ele estivesse escondido na corte.

Um alaudista acenou perigosamente com o garfo de peixe.

— Olhem para ela; não tem nenhuma intenção de deixar que a espetem!

Os dragões não coram; eles empalidecem. Minhas bochechas vermelhas podiam ter debelado todas as dúvidas, mas é claro que isso não aconteceu.

— Vou cooperar com prazer — eu disse. — Esta é a primeira vez que ouço falar nessa checagem, é só isso.

— Eu disse a vocês, imbecis — disse Guntard, pondo um braço sobre meus ombros e tornando-se de repente meu defensor. — Não importa o que dizem os boatos, a nossa Phina não é nenhum dragão!

Meu estômago foi parar na garganta. Por São Prue! Havia uma enorme diferença entre “não ser espetada como o resto de nós” e “há boatos de que você é um dragão disfarçado”. Tentei manter a voz leve, mas ela saiu esganiçada:

— Que boato é esse?

Ninguém sabia quem tinha começado, mas já tinha corrido por toda a corte no dia anterior, como fogo no palheiro. Eu era um dragão. Tinha partido não para caçar o dragão fora da lei, mas para avisá-lo. Eu sabia falar mootya. Tinha dispositivos. Havia colocado o Príncipe em perigo deliberadamente.

Fiquei sentada ali, atordoada, tentando descobrir quem poderia ter dito tudo aquilo. Kiggs poderia, mas eu não queria acreditar que ele fosse tão rancoroso. Não, dizer que *eu não queria* era muito pouco: para mim era impensável! Eu não tinha muita fé nos Santos, mas acreditava na honra do Príncipe, mesmo ele estando com raiva. Talvez especialmente quando estava com raiva — Kiggs me parecia alguém que, sob coação, se agarrava ainda mais aos seus princípios.

Mas, então, quem?

— Não sou um dragão — eu disse debilmente.

— Vamos testar isso agora — disse Guntard, batendo as palmas das mãos no tampo da mesa. — Vamos todos tirar a pulga detrás da orelha e ter um pouco de diversão, tudo de uma só vez.

Recuei, pensando que ele pretendia me espetar com... o quê, sua colher de mingau? Mas ele se levantou e agarrou meu braço esquerdo. Eu o puxei bruscamente, o sorriso frágil como vidro, mas me levantei para segui-lo,

esperando que ele não sentisse necessidade de me agarrar novamente se eu fosse com ele de boa vontade. Olhos seguiram-nos de todos os cantos.

Atravessamos o salão de jantar estranhamente silencioso e paramos à mesa dos dragões. Havia apenas dois aquela manhã, um homem pálido e uma mulher de cabelos curtos, simples escriturários que não tinham ido caçar Imlann porque ficaram encarregados de cuidar dos escritórios da Embaixada. Eles se empertigaram na cadeira, os pãezinhos a meio caminho da boca, olhando para Guntard como se ele fosse um nabo falante que tivesse se esgueirado da cozinha e fugido até ali.

— Com licença, saarantrai — exclamou Guntard em voz alta, dirigindo-se a todo salão, mesas, janelas, lacaaios e tudo mais. — Vocês podem reconhecer sua própria espécie pelo cheiro, não é verdade?

Os saarantrai trocaram um olhar desconfiado.

— A palavra de um saarantras não tem peso na corte em certas questões, e essa é uma delas — disse o homem, limpando meticulosamente os dedos na toalha da mesa. — Se espera escapar da checagem de espécies, não podemos ajudá-lo.

— Não eu. Nossa mestra de música, Seraphina. Ela vai se submeter à checagem, como todos nós, mas andam correndo boatos maldosos e eu quero acabar com eles. — Guntard colocou uma mão no peito e a outra no ar, como um fanfarrão numa peça de teatro. — Ela é minha amiga, e não um dragão vil e mentiroso! Cheirem-na e confirmem isso.

Fiquei paralisada; eu tinha passado os braços em torno de mim mesma, como se isso fosse o bastante para me impedir de entrar em combustão espontânea. Os saarantrai tiveram que se levantar e se aproximar de mim, para chegar perto o suficiente para sentir alguma coisa. A fêmea cheirou atrás da minha orelha, segurando meu cabelo de lado como uma cortina escura. O homem se curvou sobre minha mão esquerda teatralmente e deu uma boa fungada. Eu tinha trocado a atadura do meu ferimento autoinfligido aquela manhã, mas ele sem dúvida nenhuma reconheceria o cheiro. Talvez eu cheirasse a algo comestível; meu sangue era vermelho como o de qualquer goreddi.

Carrei os dentes, preparando-me para a desgraça repentina. Os saarantrai se afastaram e voltaram a se sentar sem dizer uma palavra.

— E então? — exigiu Guntard. O salão inteiro prendeu a respiração.

Tinha chegado a hora. Fiz uma pequena oração.

— Sua mestra de música não é um dragão — a fêmea falou.

Guntard começou a bater palmas, como um punhado de cascalho jogado pela encosta de uma montanha, e pouco a pouco outras mãos se juntaram às dele até que eu me vi soterrada por uma avalanche de aplausos.

Olhei boquiaberta para os saarantrai. Eles não podiam ter deixado de sentir o cheiro de dragão. Será que tinham pressuposto que eu era uma estudiosa isenta de sino e mantido silêncio por respeito à minha suposta pesquisa?

Talvez.

— Que vergonha, todos vocês, acreditando em boatos! — disse Guntard. — Seraphina nunca foi nada além de uma pessoa honrada, justa, bondosa; uma boa amiga e uma excelente musicista.

O saar masculino piscou lentamente, como um sapo engolindo seu jantar; a mulher fez um gesto em direção ao céu, de maneira sutil, mas inconfundível. Minhas dúvidas se dissiparam: eles tinham identificado meu cheiro. E haviam mentido. Talvez esperassem que eu *fosse* de fato um dragão não autorizado, apenas para ofender Guntard e todos os outros que balançaram a cabeça concordando com todas as qualidades nobres, morais e não dragontinas que eu possuía.

Eu nunca tinha visto o abismo entre nossos povos exibido com tamanha crueza. Esses saarantrai não levantariam um dedo para ajudar os seres humanos dessa sala; não entregariam o próprio Imlann. Quantos dragões ficariam do lado dele se a escolha fosse entre se submeter à intolerância dos Goreddi ou violar a lei?

Guntard ainda estava me aplaudindo e exaltando minhas virtudes humanas. Eu me virei e saí do salão sem o meu café da manhã. Imaginei Guntard deixando de notar que eu tinha ido embora, batendo palmas para o vazio.

— Quero que você tire o dia de folga amanhã. Vá assistir às Peças Douradas, visite sua família, saia para beber, qualquer coisa. Eu cuido do ensaio geral — disse Viridius, em seus aposentos, depois do ensaio do coral. Ele estava ditando uma composição; seu comentário me surpreendeu de tal modo que comprimi a pena desajeitadamente sobre um remendo áspero de pergaminho, provocando uma enorme mancha de tinta.

— Fiz algo errado, senhor? — perguntei, enxugando a mancha com um pano.

Ele se reclinou sobre sua almofada de veludo e contemplou pela janela o céu nublado e o pátio coberto de neve.

— Muito pelo contrário. Você melhora tudo o que toca. Acho que merece um dia de descanso.

— Acabei de tirar um dia de descanso. Dois, se ser atacada por dragões também contar como descanso.

Ele mordeu o lábio inferior.

— O conselho aprovou uma resolução na noite passada...

— A checagem das espécies? Guntard me contou.

Ele me olhou intensamente.

— Pensei que você ia preferir não estar aqui.

Minhas mãos ficaram úmidas; enxuguei-as na saia.

— Senhor, se está se referindo aos boatos que circulam sobre mim, espalhados por desconhecidos, posso assegurar que...

Ele colocou no meu braço a mão em forma de garra, inchada por causa da gota, e ergueu as sobrelhas cor de ferrugem.

— Vou lhe dar meu apoio — disse ele. — Sei que não sou um sujeito muito afável, nem sempre é fácil trabalhar comigo, mas você tem feito um bom trabalho. Se eu não digo com muita frequência, não significa que não reparo. Você é a coisa mais talentosa que já rondou por essas bandas desde que Tertius foi tirado de nós, que ele possa se fartar no banquete do Céu.

— Vai me dar seu apoio *por quê?*

Seus lábios grossos tremeram.

— Seraphina, eu conheci a sua mãe.

Engoli em seco.

— Está enganado, senhor. — O cômodo parecia não ter ar suficiente.

— Eu ouvi a apresentação dela no Château Rodolphi em Samsam, uns vinte anos atrás, quando estava viajando com Tertius, que ele descansa na lareira do Céu. Ela era absolutamente cativante. Quando Tertius me disse que ela era uma saar, não acreditei a princípio.

Viridius apontou para a jarra, eu lhe servi um copo d'água, mas, quando o levei até ele, disse-me:

— Não, não, é para você. Você ficou roxa no pescoço. Acalme-se, filha. Conheço toda a história, não conheço? E disse alguma coisa?

Trêmula, neguei com a cabeça. O copo tiniu ruidosamente contra meus dentes.

Viridius ficou batendo a bengala no chão até que achou que eu estava pronta para ouvir novamente.

— Pedi a Linn para dar aulas no Santa Ida, onde eu era diretor na ocasião. Ela disse que não podia, que ela própria era uma estudante, apenas terminando sua pesquisa. Patrocinei sua petição para a isenção do sino, pois assim poderia prosseguir com sua pesquisa aqui sem aterrorizar os bibliotecários — ou seus alunos, porque eu esperava que ela lecionasse. Parecia o ideal.

Eu me vi desesperada para esbofeteá-lo, como se ele fosse o causador de todos os meus problemas.

— Pelo que parece, não foi o ideal.

— Olhando em retrospectiva, talvez isso não seja nenhuma surpresa. Ela poderia realmente passar por um ser humano, sua mãe, e ela era algo extraordinário. Não se incomodava com delicadezas ou acanhamentos ou outras tolices como essas; ela era forte e prática, e não aceitava tolices de ninguém. Se tivesse algum interesse em mulheres, até mesmo eu teria acabado me apaixonando por ela. Era acadêmico, é claro, como a ideia de que se pode mudar o mundo inteiro com uma alavanca longa o suficiente. Poder-se-ia, mas não se pode. Feche a boca, querida.

Meu coração palpitava dolorosamente.

— O senhor sabia que ela era uma saar e meu pai era humano, e nunca disse a ninguém?

Ele conseguiu se erguer sobre as próprias pernas e mancou até a janela.

— Eu sou um daanita. Não saio por aí criticando os casos de amor das outras pessoas.

— Como protetor dela, não esperavam que a denunciasses à Embaixada antes que a questão fosse longe demais? — perguntei, a voz embargada. — Não poderia ter avisado meu pai, pelo menos?

— Parece tão óbvio, agora — ele disse em voz baixa, examinando uma mancha na frente da camisa solta de linho.

— Na época, fiquei apenas feliz por ela.

Eu inalei o ar, trêmula.

— Por que está me dizendo isso agora? O senhor não decidiu...

— Denunciar a minha insuperável assistente? Pareço louco aos seus olhos, Donzela? Por que acha que estou avisando-a sobre a checagem? Vamos dar um sumiço em você, ou vamos encontrar uma pessoa de

confiança, nos altos escalões, que possa manter segredo. O Príncipe...

— Não! — exclamei, rápido demais. — Não há necessidade. Meu sangue é tão vermelho quanto o seu.

Ele suspirou.

— Então eu revelei o quanto admiro seu trabalho por nada. Agora você vai se sentir à vontade para ficar perambulando por aí, toda vaidosa, eu suponho!

— Viridius, não — eu disse, dando um passo em direção a ele e beijando impulsivamente sua cabeça calva. — Estou bem ciente de que esse papel é seu.

— Pode apostar — ele resmungou. — E bem merecido, também.

Ajudei-o a voltar para seu sofá e ele terminou de ditar o tema principal e dois subtemas da sua composição, junto com uma ideia para metamorfosear um no outro, o que envolvia uma transposição extraordinária. Anotei tudo mecanicamente de início; levou algum tempo até eu me acalmar depois da revelação de Viridius sobre minha mãe, mas a música me acalmou e depois me deslumbrou. Eu estava extasiada interiormente, como uma garota do campo vendo a catedral pela primeira vez. Aqui estavam arcobotantes e rosáceas musicais; ali, colunas e abóbadas, elementos estruturais mais prosaicos, e tudo isso a serviço de um propósito unificado: clarificar e aperfeiçoar o espaço interior majestoso, uma expansão crescente tão inspiradora quanto a arquitetura que ela delimitava.

— Suspeito que você não me leve a sério — resmungou Viridius enquanto eu limpava minhas canetas e me aprontava para partir.

— Senhor? — eu disse, ofendida. Tinha passado a última hora maravilhada com a arte dele. A meu ver, isso o qualificava como alguém que eu levava a sério.

— Você é nova na corte, não compreende os prejuízos que os boatos podem causar. Vá embora, Donzela. Não é nenhuma vergonha fazer uma retirada estratégica, enquanto espera que o Escândalo, aquele maldito basilisco, vire seu olhar fulminante para outro lugar, especialmente se você é alguém que, de fato, tem algo a esconder.

— Vou manter isso em mente — disse, fazendo-lhe meia reverência.

— Não, não vai — ele murmurou, quando me virei para ir embora. — Você é muito parecida com sua mãe.

A luz do dia acabou impossivelmente cedo, auxiliada por uma cobertura de nuvens carrancudas; mais neve estava chegando. Depois de um dia cheio de incumbências e tarefas, só faltava a aula de cravo da Princesa. Ela também tivera um dia agitado, ocupado por obrigações relacionadas ao Conselho; cinco mensageiros me procuraram ao longo do dia, cada um deles solicitando um atraso no horário da aula, até que ela foi protelada até quase a hora do jantar. Quando me aproximei do solar sul, um último mensageiro me interceptou; devo ter revirado os olhos, porque o rapaz refreou a língua antes de sair apressado pelo corredor.

O bilhete tinha sido evidentemente ditado. Dizia: *A Princesa pede que a senhorita encontre-a lá embaixo na segunda lavanderia. É urgente. Venha imediatamente.*

Pisquei para o pergaminho, confusa. Por que Glisselda queria me encontrar num lugar tão obscuro? Talvez estivesse com receio de que alguém a ouvisse.

Desci uma escada usada pelos criados, até os estreitos corredores de serviço, no andar de baixo. Passei sob o grande salão e as câmaras de Estado, antigos armazéns, a ala dos serviçais e a entrada trancada e sombria do calabouço. Passei por uma lavanderia sufocante, mas não era aquela — ou assim deduzi pela ausência evidente da Princesa Glisselda. Questionei uma lavadeira, que apontou para um trecho mais adiante do corredor escuro.

Cheguei à fornalha pertencente ao hipocausto do banheiro da Rainha. Três homens imundos jogavam carvão em sua boca aberta, que me lembrou desconfortavelmente a de Imlann.

Os homens olharam de soslaio para mim, apoiando-se em suas pás e exibindo sorrisos desdentados.

Fiz uma pausa, o cheiro forte de carvão nas narinas. Será que eu tinha entendido a lavadeira corretamente? Será que alguém ia querer usar roupas lavadas em tal proximidade com a fumaça do carvão?

Pensei em pedir instruções aos fogueistas do hipocausto, mas havia algo de sinistro no aspecto dos homens. Fiquei olhando os dois trabalhando com a pá; não conseguia me afastar. O calor explodia contra meu rosto exposto, mesmo a essa distância. Suas silhuetas eram buracos escuros na luz frenética da fornalha. Uma fumaça acre permeava todo o cômodo, fazendo

meus olhos e pulmões arderem.

Era como o Inferno, os tormentos que aguardavam as almas avessas à luz do Céu. De algum modo, a dor eterna ainda era considerada preferível a não ter alma nenhuma. Eu não sei bem se entendia o motivo.

Virei as costas a essa visão infernal. Uma figura escura e chifruda entrou no meu caminho.

VINTE E CINCO

Para meu assombro, era Lady Corongi; eu tinha confundido os dois bicos do seu antiquado xale.

— É você, Donzela Dombegh? — ela perguntou, perscrutando como se seus olhos não tivessem se ajustado à penumbra. — Parece perdida, cara menina.

Emiti uma risadinha de alívio e fiz uma reverência, mas não achei que deveria confessar que iria me encontrar com a Princesa em algum lugar ali embaixo.

— Eu estava a caminho da aula de música de Glisselda.

— Você escolheu uma rota bem excêntrica. — Ela olhou para os trogloditas encardidos atrás de mim e torceu o nariz empoadado, enojada. — Venha, vou lhe mostrar o caminho de volta. — Ela ficou esperando, o cotovelo esquerdo se projetando como uma asa de galinha; deduzi que eu deveria tomá-lo.

— Então — disse ela, enquanto caminhávamos juntas de volta ao corredor estreito. — Já faz algum tempo desde que nos falamos.

— Er... Acho que sim — eu disse, incerta quanto à sua intenção.

Ela sorriu sob o véu.

— Ouvi dizer que você se tornou uma corajosa aventureira desde então, flertando com cavaleiros, sendo insolente com dragões, beijando o noivo da segunda herdeira.

Gelei. Então essa história circulava também? Era isso o que Viridius queria dizer, que os boatos ganhavam força enquanto se espalhavam, até que ficavam totalmente fora de controle?

— Milady — eu disse com voz trêmula —, alguém tem lhe contado mentiras.

Sua mão no meu braço me apertou como uma garra.

— Você acha que sabe tanto! — disse ela, a voz absurdamente agradável. — Mas é manipulada, queridinha. Sabe o que São Ogdo diz da arrogância? “Há cegueira na visão e loucura na astúcia. Espere só: mesmo o

fogo mais brilhante acaba por se extinguir.”

— São Ogdo estava falando de dragões — eu disse. — E o que eu fiz para fazê-la pensar que sou arrogante? Será porque critiquei o seu modo de ensinar?

— Para os justos, tudo se esclarece — disse ela descontraidamente, me arrastando pelo corredor. Viramos para oeste e entramos numa lavanderia.

A segunda lavanderia.

Os caldeirões estavam todos virados para cima e as lavadeiras tinham subido para jantar, mas o fogo ainda ardia. Lençóis brancos pendiam de varais no teto, as barras arrastando no chão, flutuando como vestidos num baile fantasmagórico. Sombras adejavam grotescamente contra essas pálidas telas, crescendo e diminuindo de acordo com o fogo inconstante.

Uma sombra se moveu com determinação. Havia mais alguém ali.

Lady Corongi me conduziu através do labirinto de lençóis pendurados, até o canto do cômodo, onde a Princesa Dionne nos aguardava, andando de um lado para o outro como uma leoa enjaulada. Algo parecia errado. Parei; Lady Corongi me empurrou para a frente. A Princesa olhou-me com desprezo.

— Suponho que seria justo deixar que se explique, Donzela Dombegh.

O cômodo não tinha outra porta e só uma janela ínfima, no alto da parede, completamente embaçada pelo vapor. Comecei a suar de calor; não sabia dizer o que ela queria que eu explicasse. Por que eu estava me esquivando da checagem? Os boatos de que eu era um dragão? Outra acusação de Lady Corongi? Todas essas? Eu não ousava adivinhar.

— Explicar o quê, exatamente, Sua Alteza?

Ela tirou uma adaga do corpete.

— Repare, por gentileza: eu fui justa. Clarissa, segurea.

Lady Corongi era surpreendentemente forte para alguém tão pequeno e gentil. Ela me prendeu com uma manobra de luta chamada “gravata”, embora seja como uma gravata para os ombros e o pescoço. A Princesa Dionne se moveu como se fosse pegar meu braço esquerdo, e eu rapidamente estendi para ela o direito. Ela fez um pequeno aceno com a cabeça e fungou, satisfeita por eu estar cooperando. Eu esperava que ela fosse pegar um dos meus dedos, mas ela empurrou as mangas, deu um puxão violento na minha mão e fez um talho com a faca no meu pulso pálido.

Eu gritei. Meu coração galopava como um cavalo. Puxei a mão e respingos de sangue vermelho mancharam toda a roupa de cama pendurada na nossa frente como um campo de papoulas ou alguma paródia hedionda de um lençol de noiva.

— Ora. Isso é irritante — disse a Princesa, enojada.

— Não — gritou Lady Corongi. — É um truque! Eu soube por fonte fidedigna que ela cheira a saar!

— Sua fonte fidedigna estava enganada — disse a princesa Dionne, franzindo o nariz. — Não sinto cheiro de nada, e você também não. Os boatos vão mudando à medida que se espalham; talvez ela não seja a pessoa originalmente implicada. Eles são todos parecidos, esses brutos comuns.

Lady Corongi me soltou; eu desabei no chão. Ela ergueu a bainha do vestido meticulosamente, com o mindinho levantado, e me chutou com seus sapatos pontudos.

— Como é que você faz isso, monstro? Como disfarça seu sangue?

— Ela não é uma saarantras — disse uma voz calma de mulher atrás da floresta de lençóis. Alguém começou a cruzar a sala até nós, sem prestar atenção ao labirinto, empurrando os lençóis para o lado e se intrometendo sem pedir licença. — Pare de chutá-la, sua cadela ossuda — disse Dama Okra Carmine, deixando o lençol sujo de sangue voltar à posição original, atrás de si.

Princesa Dionne e Lady Corongi a fitaram, como se a figura sólida de Dama Okra parecesse um fantasma mais convincente do que todos os lençóis volumosos ao seu redor. — Eu ouvi um grito — disse Dama Okra. — Pensei em chamar a Guarda, mas decidi ver o que tinha acontecido primeiro. Talvez alguém tivesse apenas visto um rato. — Ela zombava de Lady Corongi. — Quase acertei.

Lady Corongi me chutou uma última vez, como que para provar que Dama Okra não poderia detê-la. A Princesa Dionne limpou a adaga num lenço, que jogou num cesto nas proximidades, e contornou polidamente minha forma de bruços. Então fez uma pausa para olhar para mim.

— Não pense que ser humana é o que basta para recuperar a minha estima, rameira. Minha filha pode ser uma tola, mas eu não sou.

Ela pegou o braço de Lady Corongi, e as duas partiram com seu ar digno de mulheres nobres que nada têm para se envergonhar.

Dama Okra segurou a língua até que elas se foram, em seguida correu

para me ajudar, cacarejando:

— Ora, ora, isto sim, você é uma idiota por segui-las até uma lavanderia vazia. Imaginava que tinham uma bela fronha para mostrar a você?

— Nunca imaginei isso! — Eu embalava meu braço, que sangrava de modo alarmante.

Dama Okra recuperou o lenço da Princesa Dionne e envolveu meu pulso.

— Você tem mesmo cheiro de saar — disse ela, calmamente. — Um pouco de perfume disfarçaria bem. É assim que eu faço. Não podemos deixar um detalhezinho como um parentesco se intrometer no nosso caminho, não é?

Ela me ajudou a ficar de pé. Eu lhe disse que precisava chegar ao solar sul; ela empurrou os óculos com um dedo gordo e fez uma careta para mim como se eu fosse louca.

— Você precisa de ajuda, de várias frentes — disse ela. — Meu estômago está puxando em duas direções diferentes, o que é extremamente irritante. Não tenho certeza de que caminho pegar primeiro.

Saímos lá em cima, nas proximidades do Salão Azul. Dama Okra levantou a mão em sinal de advertência; fiquei um pouco para trás enquanto ela olhava em todas as direções. Ouvi vozes e passos, os sons de Millie e da Princesa Glisselda se afastando do solar sul, onde haviam me esperado inutilmente para uma aula de música.

Dama Okra apertou meu cotovelo e sussurrou:

— Independentemente do que a mãe dela possa dizer, Glisselda não é boba.

— Eu sei — eu disse, engolindo em seco.

— Não seja também.

Dama Okra me puxou ao virar uma esquina, deparando-se com as garotas. A Princesa Glisselda emitiu um gritinho.

— Seraphina! Santos do Céu, o que aconteceu com seu braço?

— Parece que ela tem uma boa desculpa para chegar atrasada — disse Millie. — Você me deve uma...

— Sim, sim, cale a boca. Onde a encontrou, Embaixadora?

— Não há tempo para explicar agora — disse Dama Okra. — Leve-a a algum lugar seguro, Infanta. Pode haver pessoas procurando por ela. E

cuide do braço dela. Tenho mais uma coisa para fazer, e depois encontro vocês.

O lenço tinha ficado encharcado; e havia um rastro de sangue na frente do meu vestido. Minha visão ficou turva, mas no instante seguinte havia uma jovem segurando cada um dos meus cotovelos, me sustentando, fazendo-me andar, tagarelado. Elas me levaram para cima, até um apartamento que eu deduzi ser de Millie.

— ...você é quase do mesmo tamanho — Glisselda exclamou animadamente. — Nós vamos finalmente fazer com que fique o mais bonita possível.

— Primeiro o principal, Princesa — disse Millie. — Vamos cuidar desse braço.

Eu precisava de pontos; elas chamaram o cirurgião da própria Rainha. Ele me administrou um copo de conhaque de ameixa, depois outro, até que eu tivesse engolido com dificuldade o terceiro. Eu parecia imune aos seus efeitos de entorpecimento, então ele finalmente desistiu e costurou meu punho, fazendo um som de desaprovação diante das minhas lágrimas e desejando em voz alta que eu estivesse bêbada. Eu esperava que as meninas desviassem os olhos, mas elas não fizeram isso. Arquejaram, agarrando-se, mas observaram cada picada e puxada da agulha.

— Posso perguntar como fez isso a si mesma, Mestre de Música? — perguntou o cirurgião, um senhor fleumático sem um fio de cabelo na cabeça.

— Ela caiu — Glisselda explicou. — Numa... coisa afiada.

— No porão — acrescentou Millie, o que eu tenho certeza reforçou imensamente a credibilidade da história. O cirurgião revirou os olhos, mas não se incomodou em saber mais.

Depois que as meninas o tinham enxotado, Glisselda me olhou com uma expressão grave.

— Como isso aconteceu?

O álcool parecia finalmente ter subido à minha cabeça; com o conhaque, a perda de sangue e a falta de jantar, a sala começou a rodar diante dos meus olhos. Por mais que eu quisesse mentir — porque, como eu poderia dizer a Glisselda que sua própria mãe tinha me cortado? —, não consegui encontrar nenhuma história plausível. Pelo menos omiti a Princesa Dionne.

— Você já ouviu o boato de que eu sou uma... uma saar?

Que o Céu não permitisse que ela tivesse ouvido o outro boato.

— É cruel — disse a Princesa — e evidentemente infundado.

— Eu não tinha sido sangrada ainda. Alguns zelosos vigilantes, ãh, decidiram fazer isso por mim.

Glisselda ficou de pé num salto, o sangue fervendo.

— Não é exatamente o que esperávamos evitar?

— É, Princesa — disse Millie, balançando a cabeça e colocando a chaleira no fogo da lareira.

— Seraphina, estou chocada que tenham chegado a isso — disse a Princesa. — Minha ideia original...

— E de Lucian — disse Millie, aparentemente permitindo-se interromper a segunda herdeira.

Glisselda lançou-lhe um olhar irritado:

— Um dos filósofos porfirianos dele ajudou também, se você faz questão de frisar isso. *A* ideia era que todos nós deveríamos ser sangrados, sem exceção, desde a minha avó até o mais humilde ajudante de cozinha, nobres e gente comum, humanos e dragões. Seria o justo.

— Mas vários nobres e dignitários argumentaram veementemente contra isso. “Nós deveríamos ser isentos! Somos pessoas de estirpe!” No final, apenas plebeus e cortesãos com menos de dois anos nessa condição deveriam fazer o teste, e você vê o resultado, minha querida Millie? Vigilantismo, e aquele bastardo do Apsig saindo sem um arranhão.

Glisselda declamava com extravagância; eu não conseguia prestar atenção nela. O quarto balançava como o convés de um navio. Eu estava completamente embriagada agora, tinha a impressão de que minha cabeça ia cair, pois parecia pesada demais para eu suportar. Alguém falou, mas levou alguns minutos para que as palavras penetrassem na minha consciência:

— Devemos pelo menos tirá-la desse vestido ensanguentado antes que Dama Okra volte.

— Não, não — eu disse, ou pretendia. Intenção e ação estavam curiosamente turvas e o julgamento parecia estar completamente suspenso. Millie tinha um biombo de certa altura, pintado com salgueiros e lírios-d’água, e deixei que me persuadissem a entrar atrás dele.

— Tudo bem, mas apenas o vestido de cima precisa ser substituído —

disse eu, minhas palavras flutuando sobre o biombo, como bolhas insípidas e ineficazes.

— Você sangrou muito — disse Millie. — Será que não sujou a roupa de baixo?

— Ninguém pode ver o que está por baixo... — eu comecei, vagamente.

Glisselda olhou atrás do biombo laqueado; eu ofeguei e quase pulei por cima do biombo, apesar de ainda estar coberta.

— Eu vou descobrir — ela disse, com uma voz esganiçada. — Millie! Camadas superior e inferior!

Millie exibiu a chemise de linho mais suave e branca que eu já tinha tocado. Eu queria vesti-la, o que contradizia meu julgamento ainda mais. Comecei a me despir. Do outro lado da sala, as meninas brigavam para decidir a cor do meu vestido; aparentemente minha tez e meu cabelo exigiam álgebra complicada. Ri, e comecei a explicar como resolver uma quadrática equação dérmica, mesmo sem conseguir me lembrar.

Eu tinha tirado toda a roupa e junto com ela meu bom senso, quando Glisselda pôs a cabeça dentro do biombo atrás de mim, dizendo:

— Segure este escarlata na sua frente e vamos ver se... oh!

Seu grito fez o mundo voltar a ficar em foco por um instante.

Virei-me de frente para ela, segurando a chemise de Millie diante de mim como um escudo, mas ela tinha ido embora. A sala cambaleou. Ela tinha visto a faixa de escamas prateadas nas minhas costas. Coloquei a mão na boca para me impedir de gritar.

Elas sussurraram juntas com urgência, a voz estridente do Glisselda em pânico, Millie calma e sensata. Arranquei a chemise de Millie pela cabeça, quase rasgando a costura do ombro na correria, porque não conseguia descobrir onde ficavam todos os meus membros ou como movê-los. Sentei-me enrodilhada no chão, embolando meu vestido, pressionando-o contra a boca, porque estava ofegante demais. Esperei em agonia que uma delas viesse dizer alguma coisa.

— Phina? — chamou a princesa Glisselda por fim, batendo no biombo como se ele fosse uma porta. — Isso é um... fardo de Santo?

Meu cérebro nebuloso não conseguiu analisar as palavras. O que era um fardo de Santo? Meu reflexo foi responder que não, mas misericordiosamente consegui deixar aquilo em suspenso. Ela estava me

oferecendo uma maneira de me safar, se ao menos eu pudesse entender o que era.

Eu tinha conseguido ficar em silêncio. Ela não podia ouvir as lágrimas que desciam pelo meu rosto. Respirei fundo e disse com voz trêmula:

— O que você está perguntando se é um fardo de Santo?

— Essa cinta prateada que você usa.

Agradei a todos os Santos do Céu, e seus cães. Ela não tinha acreditado em seus próprios olhos. Que loucura era aquela, pensar que tinha visto escamas de dragão brotando da carne humana? Devia ser alguma coisa, qualquer outra coisa. Tossi, para limpar as lágrimas da voz, e disse tão casualmente quanto pude:

— Ah, isso. Sim. É um fardo de Santo.

— Para que Santo?

Que Santo... que Santo... Eu não conseguia pensar em um único Santo. Felizmente, Millie começou a falar:

— Minha tia usava uma tornozeleira de ferro para São Vitt. Funcionou: ela nunca mais deixou de ter fé.

Fechei os olhos; era mais fácil produzir pensamentos coerentes sem a visão para me distrair. E injetei alguma verdade:

— No dia da minha bênção, minha padroeira foi Santa Yirtrudis.

— A herética?! — ambas engasgaram. Ninguém parecia saber que heresia Yirtrudis tinha cometido, mas isso não parecia ter importância. A própria ideia de heresia já era terrível demais.

— O padre nos disse que o Céu pretendia que fosse Santa Capiti — continuei. — Mas a partir daquele dia, tive que usar uma cinta de prata para... combater a heresia.

Elas pareceram impressionadas e aparentemente satisfeitas. Entregaram-me um vestido; o escarlata tinha vencido a disputa. Pentearam o meu cabelo e exclamaram o quanto eu ficava adorável quando me dava ao trabalho de tentar.

— Fique com o vestido — insistiu Millie. — Use-o na Véspera do Tratado.

— Está um poço de generosidade, esta minha Millie! — disse Glisselda, dando uma beliscadinha na orelha de Millie com orgulho, como se ela mesma tivesse inventado sua dama de companhia.

Uma batida na porta e era Dama Okra, que ficou na ponta dos pés para

espiar sobre o ombro de Millie.

— Ela está arrumada? Acabei de encontrar uma pessoa para levá-la em segurança... após o que eu preciso ter uma palavrinha com a senhorita, Infanta.

Millie e a Princesa ajudaram-me a ficar de pé.

— Sinto muito — Glisselda sussurrou calorosamente em meu ouvido. Olhei para ela. Tudo parecia mais brilhante visto através dos três copos de conhaque, mas as lágrimas brilhantes nos cantos dos olhos dela eram reais.

Dama Okra conduziu-me até a porta, em direção ao meu pai, que esperava do lado de fora.

VINTE E SEIS

O vento frio no trenó aberto contribuiu muito pouco para me deixar mais sóbria. Meu pai dirigia, sentado bem perto de mim, compartilhando a manta no colo e a caixa para apoiar os pés. Minha cabeça balançava instável; ele me deixou descansá-la em seu ombro. Se eu chorasse, as lágrimas certamente iriam congelar nas minhas bochechas.

— Sinto muito, papai. Tentei manter segredo; não queria que desse tudo errado — murmurei com a boca comprimida contra sua capa de lã escura. Ele não disse nada, o que eu achei inexplicavelmente encorajador. Fiz um gesto amplo para a cidade às escuras, um pano de fundo adequado para meu senso embriagado de destino épico trágico. — Mas eles estão enviando Orma para longe, tudo culpa minha, e eu toquei flauta tão bem que me apaixonei por todos e agora quero tudo. E não posso ter. E estou envergonhada por estar fugindo.

— Você não está fugindo — disse meu pai, tomando as rédeas numa mão enluvada e batendo, hesitante, no meu joelho com a outra. — Pelo menos, não precisará decidir até amanhã de manhã.

— Você não vai me trancafiar para sempre? — perguntei, à beira das lágrimas. Alguma parte sóbria do meu cérebro parecia observar tudo o que eu fazia, cacarejando com desdém, informando-me que eu deveria estar envergonhada, mas sem mover um músculo para me deter.

Papai ignorou esse comentário, o que provavelmente foi mais sensato. A neve fazia brilhar o seu barrete cinza de homem da lei; havia gotículas presas às suas sobrancelhas e cílios. Ele perguntou em tom comedido:

— Você se apaixonou por alguém especificamente ou simplesmente pelas coisas que não pode ter?

— Pelas duas coisas — expliquei — e por Lucian Kiggs.

— Ah. — Por algum tempo, os únicos sons foram os sinos do arreio, os cavalos bufando no frio e a neve rangendo sob os trilhos do trenó. Minha cabeça ficou mais pesada.

Despertei num sobressalto. Meu pai falava:

— ...que ela nunca tenha confiado em mim. Isso me feriu mais

profundamente do que qualquer outra coisa. Ela acreditava que eu não fosse mais amá-la se soubesse a verdade. Todos os riscos que ela correu, e nunca correu o mais importante de todos eles. Um em mil é uma chance melhor do que zero, mas zero é o que ela estabeleceu.

Porque... como eu poderia amá-la se não podia vê-la? A quem eu amava, exatamente?

Concordei com a cabeça, e acordei com um solavanco outra vez. O ar estava vivo e brilhante com os flocos de neve.

— ...tempo para meditar sobre isso — ele continuou —, e eu não estou mais com medo. Estou enojado que você tenha herdado sua casa do engano em ruínas, e que, em vez de pô-la abaixo, eu a tenha escorado com mais engano ainda. Se existe um preço que deve ser pago é meu dever pagar. Se você tem medo por si, isso é muito justo, mas não tema por mim...

Então, ele estava sacudindo meu ombro levemente.

— Seraphina. Estamos em casa.

Joguei os braços em torno dele. Ele me levantou e me ajudou a entrar pela porta iluminada.

Na manhã seguinte, fiquei deitada durante um longo tempo, olhando para o teto do meu antigo quarto, me perguntando se tinha imaginado a maior parte do que ele dissera. Aquilo não se parecia com uma conversa que eu poderia ter tido com meu pai, mesmo que tivéssemos nos fartado de bebida tanto quanto reis.

O sol estava odiosamente brilhante e minha boca tinha gosto de morte, mas, fora isso, eu não me sentia mal. Olhei para o meu jardim interior, que eu tinha negligenciado a noite anterior, mas todo mundo estava calmo; até mesmo Morcego das Frutas estava empoleirado numa árvore, sem exigir minha atenção. Levantei-me e vesti um vestido antigo que encontrei no guarda-roupa; o escarlata com que tinha chegado era muito elegante para o dia a dia. Desci para a cozinha. Risos e o aroma de pão recém-assado flutuaram até mim enquanto eu percorria o corredor. Parei, a mão na porta da cozinha, discernindo as vozes, uma por uma, temendo entrar nesse cômodo aquecido e congelar de medo.

Respirei fundo e abri a porta. Por um breve instante, antes de a minha presença ser notada, apreciei a cena doméstica acolhedora: a lareira crepitante, os três finos pratos de porcelana azul pendurados sobre a lareira,

altares de janelinhas para Santa Loola e Santa Yane e um novo para Santo Abaster, ervas penduradas e tranças de cebola. Minha madrasta, com os braços até os cotovelos dentro de uma gamela de massa, levantou a cabeça ao ouvir o barulho da porta e empalideceu. Na pesada mesa da cozinha, Tessie e Jeanne, as gêmeas, descascavam maçãs; agora elas estavam paralisadas, em silêncio, me olhando; Tessie com uma longa casca pendendo da boca como uma língua verde. Meus meios-irmãos menores, Paul e Ned, olharam para a mãe, inseguros.

Eu era uma estranha na família. Sempre tinha sido.

Anne-Marie limpou as mãos no avental e tentou sorrir.

— Seraphina. Bem-vinda. Se você está à procura do seu pai, ele já partiu para o palácio. — Sua testa se franziu em confusão. — Você veio de lá? Deve ter passado por ele no caminho.

Agora que pensava nisso, eu não conseguia me lembrar de ninguém nos encontrando na porta na noite anterior. Será que meu pai tinha me escondido furtivamente no andar de cima da casa, sem dizer nada a ela? Isso era mais a cara do meu pai do que uma conversa sobre amor, mentiras e medo.

Tentei sorrir. Era uma aliança tácita com minha madrasta: nós duas tentávamos.

— Eu... na verdade, estou em casa para pegar uma coisa. Do meu, ãh, quarto. Que me esqueci de levar comigo, e preciso.

Anne-Marie assentiu ansiosamente. *Sim, sim, ótimo.* A enteada estranha ia embora logo.

— Por favor, fique à vontade. Esta ainda é a sua casa.

Voltei para cima, levemente atordoada, desejando ter dito a ela a verdade, porque, como eu iria tomar o café da manhã agora?

Surpreendentemente, minha bolsa de moedas tinha feito a viagem completa e não estava definhando no chão do quarto de Millie. Eu iria comprar um pão em algum lugar, ou... meu coração deu um salto. Podia ir ver Orma! Ele tinha esperança de que eu fosse vê-lo naquele dia. Esse era o plano, pelo menos. Eu faria a Orma uma surpresa antes de ele desaparecer para sempre.

Afastei esse último pensamento.

Arrumei o vestido escarlate cuidadosamente numa mochila e fiz a cama. Eu nunca saberia afofar as cobertas como Anne-Marie; ela

descobriria que eu tinha dormido ali.

Ah, bem, que descobrisse, então. Era papai que teria que explicar.

Anne-Marie não precisava de despedidas. Ela sabia o que eu era, e parecia se sentir mais confortável quando eu me comportava como uma saardoidivas. Abri a porta da frente, pronta para me dirigir à cidade nevada, quando ouvi um ruído de chinelinhos atrás de mim. Virei-me e vi minhas meias-irmãs correndo na minha direção.

— Você achou o que queria pegar? — perguntou Jeanne, a testa de um moreno claro enrugada de preocupação. — Porque Papai disse para dar isto a você.

Tessie brandiu uma caixa longa e fina em uma mão e uma carta dobrada na outra.

— Obrigada. — Coloquei ambas na minha mochila, suspeitando que deveria vê-las quando estivesse sozinha.

Elas morderam os lábios exatamente da mesma maneira, embora não fossem idênticas. O cabelo de Jeanne era da cor do mel de trevo; Tessie tinha as madeixas escuras de papai, como eu.

— Vocês vão fazer 11 anos dentro de poucos meses, não vão? — perguntei. — Gostariam de... ir ver o palácio no seu aniversário? Se sua mãe permitir, quero dizer.

Elas concordaram com a cabeça, constrangidas na minha presença.

— Tudo bem, então. Vou providenciar. Vocês poderiam conhecer as princesas.

Elas não responderam, e não consegui pensar em mais nada para dizer. Eu tinha tentado. Acenei um débil adeus e saí para as ruas nevadas em busca do meu tio.

Orma morava num apartamento de um cômodo só sobre um cartógrafo, mais perto da casa de meu pai do que do Santa Ida, então verifiquei lá primeiro. Basind atendeu à porta, mas não fazia ideia de onde meu tio tinha ido.

— Se eu soubesse, estaria lá com ele — explicou, sua voz como areia nas minhas meias. Ele fitou o vazio, roendo uma unha com os dentes, enquanto eu deixava uma mensagem. Eu não tinha confiança de que seria entregue.

A ansiedade apressou meus pés em direção ao Santa

Ida.

As ruas estavam apinhadas de cidadãos a caminho das Peças Douradas. Cogitei descer pelo rio, onde devia haver menos gente, mas minha roupa não era quente o suficiente. A multidão nas ruas pelo menos detinha o vento. Havia grandes braseiros de carvão a aproximadamente cada quarteirão para impedir que os passantes congelassem de frio; eu tirava vantagem deles quando conseguia chegar perto o suficiente.

Eu não tinha a intenção de assistir às peças, mas foi difícil não fazer uma pausa diante da visão de uma cabeça gigante de São Vitt, arrotando fogo, do lado de fora do depósito da Guilda dos Vidreiros. Uma língua ardente de quase dez metros bramiu para diante e todos gritaram. São Vitt pôs fogo nas próprias sobranceiras sem querer, mas, Céus! Como ficou aterrador com a testa em chamas!

— São Vitt, bufa e cospe! — entoava a multidão.

São Vitt não tinha tais talentos dragontinos em vida, é claro. Era uma metáfora para o seu temperamento feroz ou pelo julgamento que fazia dos incrédulos. Ou então, provavelmente, alguém na Guilda dos Vidreiros tinha acordado no meio da noite com a ideia mais fantástica já vista, mesmo sendo teologicamente questionável.

As Peças Douradas levavam as biografias dos Santos ao extremo, porque, o fato era que ninguém as conhecia. *As Vidas dos Santos* continha muitas contradições; os poemas do saltério não deixavam nada muito claro e havia a estatuária. São Pólipos na Vida dos Santos tinha três pernas, por exemplo, mas santuários por todo o país mostravam até vinte. Na nossa catedral, Santa Gobnait tinha uma colmeia de abelhas abençoadas; na South Forkey, ela era afamadamente representada como uma abelha, grande como uma vaca, com um ferrão tão longo quanto o antebraço de uma pessoa. Minha protetora substituta, Santa Capiti, geralmente era retratada carregando a cabeça decepada numa bandeja, mas em alguns contos sua cabeça tinha pernas minúsculas e ela deslizava de forma independente, repreendendo as pessoas.

Investigando a verdade mais a fundo, é claro, o meu saltério tinha originalmente expelido Santa Yirtrudis. Eu nunca a vi sem sua cara pintada de preto ou sua cabeça esmagada até virar pó de gesso, então certamente ela tinha sido a Santa mais terrível de todas.

Continuei andando, passando pela maçã de Santa Loola e pelo colossal

merganso de São Kathanda, os dragões assassinos de São Ogdo e São Yane fazendo suas peripécias habituais, que muitas vezes envolviam a fecundação de aldeias inteiras. Passei por vendedores de castanhas, pastéis e tortas, o que fez meu estômago roncar. Ouvi música à frente: siringe, alaúde e tambor, uma combinação porfiriana peculiar. Acima das cabeças da multidão, divisei os andares superiores de uma pirâmide de acrobatas, porfirianos, a julgar por sua aparência, e...

Não, não acrobatas. Dançarinos de pigestria. O que estava no topo parecia o Morcego das Frutas.

Eu quis dizer Abdo. Doce Santa Siucra! Era Abdo, em calças largas de cetim verde, os braços nus serpenteando sinuosamente contra o céu de inverno.

Ele tinha estado ali o tempo todo, tentando me encontrar, e eu vivia adiando o encontro.

Ainda estava olhando para os dançarinos, boquiaberta, quando alguém agarrou meu braço. Eu me assustei e gritei.

— Quieta! Ande — murmurou a voz de Orma no meu ouvido. — Não tenho muito tempo. Consegui escapar de Basind; não sei se consigo fazer isso novamente. Suspeito que a Embaixada esteja lhe pagando para me vigiar.

Ele ainda segurava meu braço; cobri sua mão com a minha. A multidão fluía em torno de nós como um rio contornando uma ilha.

Descobri algo novo sobre Imlann numa das minhas memórias maternas — eu disse a ele. — Podemos encontrar um lugar mais tranquilo para conversar?

Ele soltou meu braço e se enfiou num beco; eu o segui através de um labirinto de paredes de tijolos cheio de barris e pilhas de lenha, até os degraus de um pequeno santuário a Santa Clara. Recuei quando a vi, pensando em Kiggs, sentindo o olhar melancólico da Santa como uma crítica, mas beijei as articulações da mão respeitosamente e me concentrei no meu tio.

Sua barba falsa tinha desaparecido ou ele não se preocupara em recolocá-la. Havia vincos profundos dos lados da boca, o que o fazia parecer inesperadamente velho.

— Depressa — disse ele. — Se eu não tivesse visto você, já teria desaparecido.

Dei um suspiro trêmulo; tinha chegado tão perto de perdê-lo!

— Sua irmã uma vez ouviu por acaso Imlann conspirando com uma cabala de generais traidores, cerca de uma dúzia ao todo. Um deles, o General Akara, contribuiu para que os cavaleiros de Goredd fossem banidos.

— Akara é um nome conhecido — disse Orma. — Ele foi preso, mas o Ardmagar fez com que seu cérebro fosse podado muito perto do tronco e ele perdeu a maior parte do seu raciocínio.

— Será que a Rainha sabe? — perguntei, chocada. — Os cavaleiros foram banidos sob falsos pretextos, mas nada foi feito para corrigir isso!

Meu tio deu de ombros.

— Duvido que Comonot tenha desaprovado as consequências.

Ai de mim, eu acreditava nisso; as regras de Comonot eram aplicadas de maneira muito inconsistente.

— Se a cabala conseguiu se infiltrar entre os cavaleiros — eu disse —, eles poderiam estar em qualquer lugar.

Orma olhou para Santa Clara, ponderando.

— Eles não poderiam estar em qualquer lugar, não com tanta facilidade. Haveria o perigo de os dragões cumpridores da lei sentirem seu cheiro na corte. Eles se certificariam de que não houvesse outros dragões presentes entre os cavaleiros.

Ocorreu-me, então, o que Imlann poderia estar fazendo.

— E se seu pai estivesse vigiando os cavaleiros? Ele poderia ter queimado o celeiro e se mostrado para fazer uma última avaliação das habilidades deles.

— Uma última avaliação? — Orma sentou-se impiamente sobre o altar, imerso em pensamentos. — O que significa que Akara não baniu os cavaleiros só por vingança? O que significa que essa cabala tem estado tramando a extinção da dracomaquia?

Isso tinha uma clara implicação; nós dois sabíamos qual era. Meus olhos formularam a pergunta, mas Orma já estava balançando a cabeça em negação.

A paz não é um artifício — disse ele. — Não é um truque para acalmar Goredd numa complacência falsa até que os dragões recuperem uma clara superioridade...

— Claro que não — atalhei rapidamente. — Pelo menos, Comonot não

tinha essa intenção. Eu acredito nisso, mas não é possível que seus generais tenham apenas fingido concordar com ele, fazendo o tempo todo o sinal de São Pólipos pelas costas, por assim dizer?

Orma manuseou as moedas no ofertório sobre o altar, deixando as peças de cobre caírem entre seus dedos como água.

— Então eles calcularam muito mal — disse ele. — Enquanto estiveram sentados esperando os cavaleiros envelhecerem, uma geração mais jovem está sendo criada com base em ideais pacíficos, sabedoria e cooperação.

— E se o Ardmagar fosse morto? E se quem tomasse o lugar dele quisesse guerra? Será que essa cabala precisaria de você e dos seus contemporâneos? Eles não poderiam travar uma guerra sem você, especialmente se não houvesse dracomaquia contra eles?

Orma sacudiu as moedas na mão e não respondeu.

— Será que a geração mais jovem ficaria contra a mais velha se chegassem a isso? — insisti, lembrando-me dos saarantrai na mesa do café da manhã. Eu estava sendo dura com ele, mas esse era um ponto crucial. — Será que o grupo atual de estudiosos e diplomatas ao menos lutaria?

Ele recuou como se já tivesse ouvido essa acusação antes.

Me perdoe — eu disse — mas, se a guerra está se formando nos corações dos velhos generais, sua geração pode ter algumas decisões dolorosas a tomar.

— Geração contra geração? Dragão contra dragão? Parece traição para mim — disse uma voz discordante atrás de mim. Virei-me e vi Basind subindo os degraus do santuário. — O que você está fazendo aqui, Orma? Não está fazendo oferendas a Santa Clara, não é?

— Esperando você — disse Orma, alegremente. — Só me perguntava por que estaria demorando tanto.

— Sua meretriz me trouxe até aqui — disse Basind, numa voz untuosa. Se ele estava esperando conseguir uma reação de Orma, ficou decepcionado. O rosto do meu tio permaneceu completamente vazio. — Eu poderia denunciá-lo — disse o pelenova. — Você está tendo encontros amorosos em santuários à beira da estrada.

— Faça isso — disse Orma, fazendo um gesto de desprezo com a mão. — Vá. Corra para lá e conte tudo.

Basind parecia não saber direito como enfrentar esse desafio. Afastou,

hesitante, o cabelo liso dos olhos e fungou.

— Estou encarregado de fazê-lo se reportar aos cirurgiões em tempo hábil.

— Deduzi isso — disse Orma. — Mas você vai se lembrar de que minha sobrinha — sim, minha sobrinha, filha da minha irmã sem nome — desejava me dar adeus, e queria fazer isso em particular. Ela é metade humana, afinal de contas, e lhe dói que eu não vá mais reconhecê-la quando a vir novamente. Se puder nos dar só mais alguns minutos...

Não pretendo tirar os olhos de você de novo. — Basind arregalou os olhos para frisar suas palavras.

Orma deu de ombros, parecendo resignado.

— Se você consegue suportar uma humana chorando, tem um estômago mais forte do que a maioria.

Meu tio me lançou um olhar penetrante, e de repente nos entendemos perfeitamente. Comecei a chorar ruidosamente, sem conseguir me conter. Eu uivava como um demônio, como um vendaval pela encosta da montanha. Chorava como um bebê com cólica. Eu esperava que Basind teimasse em ficar — esse me parecia um jeito muito tolo de afastá-lo —, mas ele recuou com repugnância, dizendo:

— Vou ficar de guarda do lado de fora.

— Como quiser — disse meu tio. Ele o seguiu com os olhos até Basind virar as costas, então se aproximou de mim, falando diretamente no meu ouvido:

— Continue a chorar, enquanto pode.

Olhei para ele, triste de fato, incapaz de dizer qualquer palavra de despedida, porque tinha que gastar todo meu fôlego chorando alto.

Sem olhar para trás, Orma se enfiou atrás do altar e ficou fora de vista. Devia ter existido uma cripta sob o altar, como às vezes acontecia; a cripta certamente estava ligada a um grande labirinto de túneis sob a cidade.

Eu chorava, de verdade, olhando para Santa Clara, batendo na barra do seu manto com meu pulso até ficar rouca e começar a tossir.

Basind olhou para trás, então olhou novamente, assustado. Eu não podia deixá-lo perceber onde Orma tinha ido. Olhei para Basind por cima do ombro, fingindo ver o rosto do meu tio nas janelas providas de venezianas do beco atrás dele, e gritei:

— Orma! Corra!

Basind girou, perplexo que Orma tivesse conseguido chegar ao beco sem que ele visse. Corri até ele, empurrando-o sobre uma pilha de lenha, causando uma pequena avalanche de troncos. Saí correndo tão depressa quanto pude. Ele se recuperou muito mais rapidamente do que eu esperava, os passos dos pés chatos ecoando atrás de mim, o sino de prata soando como um aviso.

Eu não era muito boa em corridas, cada passo parecia enfiar um prego em meus joelhos, e a barra do vestido, encharcado com a neve suja, agarrava-se aos meus tornozelos, quase me fazendo tropeçar. Virei-me para a esquerda e corri em linha reta, deslizando sobre o gelo ensanguentado atrás de um açougue. Subi uma escada até a oficina de alguém, icei-a depois e a usei para descer do outro lado. Isso me pareceu inteligente até que vi as mãos de Basind na borda mais distante do telhado. Ele era forte o suficiente para içar seu corpo; aquilo era inesperado. Saltei da escada e me estatelei no chão, causando um tumulto entre os frangos do quintalzinho de alguém. Corri até o portão e topei com outro beco.

Virei para o norte, depois para o norte novamente, na direção da estrada lotada que margeava o rio. Certamente a multidão deteria Basind — não apenas o retardaria, mas o impediria de ir atrás de mim. Nenhum goreddi poderia ficar de braços cruzados enquanto um saarantras perseguia alguém de sua própria espécie.

A respiração de Basind roçou no meu pescoço; sua mão bateu na minha mochila, mas ele não conseguiu agarrá-la. Saí correndo pelo beco em plena luz do sol. Pessoas dispersavam-se diante de mim, gritando de surpresa. Levou um instante até que meus olhos se ajustassem, mas o que vi me fez parar instantaneamente. Ouvi Basind parar de correr quase ao mesmo tempo, pasmo diante da mesma visão — estávamos bem no meio de um grupo de homens de chapéus de penas pretas: os Filhos de São Ogdo.

VINTE E SETE

Fiz a primeira coisa que me ocorreu. Apontei para Basind e gritei:

— Ele está tentando me atacar!

É possível que de fato estivesse; estou certa de que aparentava culpa, perseguindo-me por um beco como aquele, e eu sabia, em meu coração, que estava difamando um dragão para salvar outro. Mas eu nunca deveria ter dito tal coisa, não para os filhos de São Ogdo, que precisavam de muito pouco para agredir um saar.

Eles se aglomeraram em torno dele, jogando-o contra a lateral de um edifício, e eu sabia que tinha começado algo muito maior do que pretendia. Deveria haver uns quarenta Filhos só naquele grupo; e, com o Ardmagar na cidade, o número de membros crescia diariamente.

Meus olhos encontraram os de um dos Filhos e, com um choque, reconheci o Conde de Apsig.

Ele estava disfarçado — roupas feitas em casa, avental de sapateiro, um chapéu achatado onde estava espetada sua pena preta —, mas nada poderia alterar aqueles arrogantes olhos azuis. Ele certamente tinha me visto quando disparei do beco; tentava se esconder agora, agachando-se atrás de seus companheiros, escondendo o rosto, enquanto eles gritavam a Maldição de São Ogdo Contra o Verme: *Olho do Céu, busca o saar. Não deixes que ele se esconda entre nós, mas revela-o em sua impiedade. Sua desumanidade sem alma tremula como uma bandeira diante dos olhos exigentes dos justos. Vamos varrê-lo deste mundo!*

Olhei em volta desesperadamente à procura da Guarda e a vi se aproximando pelo norte, vindo a cavalo na nossa direção numa unidade.

Eles escoltavam os coches reais até as Peças Douradas. Os Filhos notaram também, e alertaram uns aos outros. Com apenas dois homens encarregados de segurar Basind, que pendia flácido entre eles, o resto se espalhou pela rua, da mesma maneira que faziam quando eu me deparara com o beco.

Os Filhos tinham se amoitado ali, esperando pelo coche do Ardmagar.

Com o canto do olho vi Josef se esquivar pelo beco. Ele teve a ideia

certa. Eu já tinha testemunhado tumultos antes; a novidade se desgastava rapidamente.

Abri caminho através da multidão e cheguei ao beco assim que a Guarda alcançou a linha de frente dos Filhos. Gritos soaram atrás de mim, mas não me virei para olhar. Eu não podia. Fugir da briga tão rápido quanto meus pés frios conseguiam me levar.

Como descobri, os Filhos tinham gangues por toda a cidade. Eu não tinha, na verdade, iniciado o pior dia de desordens que a nossa cidade já vira, mas isso não me confortava. Os Filhos tinham se apoderado da Ponte Wolfstoot; no bairro dos armazéns, eles estavam atirando tijolos. Continuei a andar pelos becos, mas ainda tinha que atravessar as principais artérias da cidade sem que o meu crânio fosse rachado ao meio. Orma tinha sorte de estar nos subterrâneos.

Eu nutria a esperança de alcançar o gabinete do meu pai. Consegui chegar à catedral; a partir daí, o cenário na praça e sobre a Ponte da Catedral parecia sombrio. A Guarda tinha dominado a praça, mas os Filhos tinham erguido uma barricada sobre a ponte e lhe ateado fogo, e estavam defendendo seu território atrás dela.

Alguém tinha vandalizado o Relógio de Contagem Regressiva, trocando as cabeças do Dragão e da Rainha e posicionando-os de modo sugestivo. Uma pergunta tinha sido rabiscada no relógio: *Mas quanto tempo falta para os quigs asquerosos irem para casa?* Outro punho tinha escrito uma resposta: *Só vão quando pusermos os demônios para fora!*

A catedral poderia me oferecer refúgio até a Guarda retomar a ponte. Eu não era a única que esperava isso. Havia cerca de cinquenta pessoas na nave, a maioria crianças e idosos. Os sacerdotes tinham colocado todos juntos e estavam tratando os feridos. Eu não me importava de ficar espremida ali com os outros. Contornei o lado leste da Casa Dourada sem chamar a atenção dos sacerdotes e rastejei silenciosamente até o transepto sul.

O mega-harmônio estava em sua alcova sob uma lona, protegido da poeira e de dedos gordurosos. Perambulei por detrás dele para olhar melhor e porque a capela oferecia um espaço longe dos olhos questionadores dos sacerdotes. Atrás do mega-harmônio havia foles que se erguiam até a altura dos meus ombros. Será que alguém tinha que se sentar ali, bombeando sem

parar, até ir ficando surdo aos poucos? Parecia um trabalho bem desagradável.

Pela aparência, a capela tinha ficado vazia por um longo período; as paredes despidas de decoração tinham apenas vestígios de dourado nas rachaduras dos painéis de madeira. Eu podia discernir formas negras que um dia tinham sido letras pintadas. Precisei forçar a vista, mas finalmente consegui ler as palavras *Nenhum Céu além deste*.

Esse era o lema de Santa Yirtrudis. Estremeci.

Acima de mim, seu contorno mal era visível sob camadas de cal. Havia um remendo tosco onde seu rosto tinha sido arrancado a cinzel, mas em torno dele sua sombra permanecia: os braços estendidos, seu imenso vestido, seu... cabelo? Eu esperava que fossem cabelos e não tentáculos ou pernas de aranha ou algo pior. Nada estava claro, a não ser a silhueta.

Ouvi murmúrios no transepto e espiei disfarçadamente para fora da capela. Lá estava Josef, o Conde de Apsig, desprovido do seu chapéu de pena preta. Ele falava calmamente com um padre. O padre estava de costas para mim, mas vi que usava um colar de contas de âmbar em torno do pescoço. Recuei rapidamente e me agachei atrás do instrumento, de onde via os pés deles entre as pernas do banco. Eles confabularam, abraçaram-se e depois se separaram. No momento em que me senti segura para sair do meu esconderijo, Josef já tinha partido através das portas do sul.

Arrastei-me de volta para a grande intersecção, fiquei atrás da Casa Dourada e procurei pelo sacerdote com quem ele tinha falado entre aqueles que estavam com os feridos na nave. Nenhum deles usava contas de âmbar.

Um movimento peculiar no corredor norte da nave chamou a minha atenção. A princípio pensei que a figura encapuzada e de sotaina era um monge, mas ele se movia de um jeito muito estranho. Ficava parado com atitudes não naturais por longos períodos, seguidos por movimentos quase imperceptíveis. Era como ver os ponteiros de um relógio ou nuvens num dia sem vento, tudo isso pontuado por eclosões extremamente breves de movimento. Ele obviamente pretendia uma ação furtiva, mas parecia não estar familiarizado com os meios usuais de conseguir isso.

Suspeitei que fosse um saar.

Fiquei abaixada até que a figura chegou ao transepto norte, onde eu tinha um melhor ângulo de visão. Olhei bem para ele, reconheci seu perfil, e congelei.

Era o Ardmagar.

Eu o segui em direção à abside sombria, mantendo certa distância. O chão da abside era de mármore, tão bem polido que parecia molhado. Centenas de velinhas se refletiam nas abóbadas do teto dourado, emprestando brilho ao ar perfumado de incenso. Comonot andava mais normalmente agora; passou pelo sombrio São Vitt e pelo errante São Pólipos. Prosseguiu até a capela, onde Santa Gobnait, benevolente e de bochechas rechonchudas, sentavase num trono, com sua abençoada colmeia no colo e a cabeça coroada com um favo de mel dourado. Os olhos fulguravam num brilhante azul sobrenatural, o branco dos olhos em gritante contraste com o rosto lustroso.

Comonot fez uma pausa, baixou a capa e virou-se para mim, sorrindo.

O sorriso me pegou de surpresa, vindo de um dragão, mas evaporou no instante em que ele me reconheceu. Ele se virou de costas para mim, voltando para a Santa Colmeia, que os monges levavam para fora na primavera, para servir de morada para suas abelhas abençoadas.

— O que você quer? — perguntou Comonot, dirigindose a Santa Gobnait.

Eu me dirigi ao seu cabelo emplastrado:

— O senhor não deveria andar por aí sozinho.

— Atravessei a cidade a pé, sem incidentes — disse ele, fazendo um gesto amplo. Fui atingida por uma lufada de um perfume incongruente. — Ninguém olha duas vezes para um monge.

Eles olhariam duas vezes para um monge perfumado, mas não adiantaria nada discutir sobre esse ponto. Continuei obstinadamente:

— Existe algo que preciso lhe dizer sobre meu avô.

Ele se manteve de costas para mim, fingindo examinar a Colmeia.

— Nós sabemos tudo sobre ele. Eskar está, provavelmente, arrancando a cabeça dele agora.

— Tenho lembranças maternas... — Ele zombou, mas eu insisti. — Imlann revelou à minha mãe que ele não era o único que desprezava a paz. Existe uma cabala. Eles estão esperando que Goredd esteja suficientemente enfraquecida, até o ponto em que posso apenas imaginar...

— Tenho certeza de que você não tem um único nome para delatar.

— General Akara.

— Pego e modificado, vinte anos atrás.

Desisti de tentar não antagonizar com ele.

— O senhor nunca informou a nossa Rainha.

— Meus generais são leais — ele fungou sobre o ombro. — Se quer me convencer de uma trama, vai ter que se esforçar mais.

Abri a boca para argumentar, mas senti um braço em volta da garganta, sufocando minha voz, e então alguém me apunhalou as costas.

VINTE E OITO

Ou tentou, pelo menos.

Meu atacante me soltou com um grito de espanto. Sua adaga não fez nenhum corte em meu torso escamoso; ele deixou cair a arma no piso de mármore, o que produziu um barulho metálico. Comonot virou-se ao ouvir o barulho, desembainhando uma espada escondida em suas vestes. Eu me abaixei, o Ardmagar avançou mais rápido do que eu acreditava ser possível para um homem da sua idade e constituição — mas ele não era um homem comum. No momento em que levantei a cabeça, havia um sacerdote morto no chão da abside, suas vestes uma massa confusa de preto, sua vida numa poça vermelha diante do trono do bispo. Seu sangue fumegava no ar gelado.

Vi a fileira de contas de âmbar em seu pescoço. Este certamente era o padre que eu tinha visto falando com Josef.

Rolei seu corpo e gritei de susto.

Era o comerciante de roupas que tinha me ameaçado. Thomas Broadwick.

As narinas do Comonot inflaram. Isso não podia ser bom, um saarantras farejando morte fresca. Ouvei vozes e os passos de pés apressados pela abside em nossa direção; o barulho da nossa breve batalha não tinha passado despercebido. Fiquei paralisada de pavor, sem saber se exortava o Ardmagar a correr ou se o entregava eu mesma.

Ele tinha salvado a minha vida, ou eu salvara a dele. Nem isso estava claro. Três monges chegaram até nós, derrapando até parar ao ver o quadro horrível. Virei-me para Comonot, com a intenção de seguir suas instruções, mas ele estava inesperadamente chocado e pálido; olhou em silêncio para mim, balançando a cabeça. Respirei fundo e disse:

— Foi uma tentativa de assassinato.

Comonot e eu não fomos oficialmente detidos, mas “voluntariamente” confinados no gabinete do bispo até a Guarda da Rainha chegar. O bispo tinha mandado vinho e boa comida das cozinhas do seminário, e nos convidou a examinar sua biblioteca.

Eu teria ficado feliz em poder examinar livremente os livros, mas Comonot não parava de andar de um lado para o outro, e sempre que eu me mexia ele se encolhia, como se temesse que eu pudesse chegar perto e tocá-lo. Eu provavelmente poderia tê-lo encurralado atrás do púlpito, se tivesse isso em mente.

Por fim, ele deixou escapar:

— Explique este corpo para mim!

Ele estava perguntando à pessoa certa. Eu tinha abordado questões semelhantes com Orma centenas de vezes.

— O que perturba o senhor especificamente, Ardmagar?

Ele se sentou na minha frente, olhando diretamente para mim pela primeira vez. Seu rosto estava branco; o suor emplastava seu cabelo, fazendo-o grudar na testa.

— Por que eu fiz isso? — perguntou. — Por que matei esse homem num reflexo?

— Autopreservação. Ele me esfaqueou, era provável que fosse fazer o mesmo com o próximo que encontrasse pela frente.

— Não — ele disse, balançando as bochechas. — Isto é, talvez ele me atacasse, mas não foi isso que passou pela minha cabeça. Eu estava protegendo você.

Quase lhe agradei, mas ele parecia tão profundamente perturbado pela coisa toda que hesitei.

— Por que o senhor se arrependeu de me proteger? Por causa do que sou?

Ele recuperou um pouco de sua altivez: o lábio se curvou para baixo e suas pálpebras pesadas se abaixaram.

— O que você é... é tão repulsivo para mim como sempre foi. — Ele se serviu de uma grande taça de vinho. — No entanto, estou agora em débito com você. Se estivesse sozinho, eu poderia estar morto.

— O senhor não deveria ter vindo aqui sozinho. Como se esgueirou da comitiva sem ser visto?

Ele deu vários goles grandes e contemplou o ar diante de si.

— Nunca cheguei a entrar na minha carruagem. Não tinha nenhuma intenção de assistir às Peças Douradas; não tenho interesse pela sua estranha religião ou pelos dramas que ela produz.

— Então o que o senhor estava fazendo na catedral? Não estava atrás

de religião, presumo.

— Não é da sua conta. — Ele tomou um gole de vinho, seus olhos se estreitando enquanto refletia. — Como vocês chamam quando se faz algo em benefício de outra pessoa sem motivo aparente? Altruísmo?

— O senhor está se referindo ao que fez por mim?

— Evidentemente estou me referindo a isso.

— Mas o senhor tinha razão: estava grato por eu ter salvado sua vida.

— Não! — ele gritou. Eu pulei, assustada. — Isso só me ocorreu depois. Defendi você sem sequer pensar. Por um breve instante eu... — Ele fez uma pausa, a respiração difícil, os olhos vidrados de horror. — Eu tive uma forte sensação quanto ao que aconteceu a você. Talvez eu tenha me importado! A ideia de você ferida... doeu em mim!

— Acho que eu diria que é empatia — eu disse, não sentindo exatamente empatia ao ver o quanto a ideia lhe causava aversão.

— Mas não era eu, você entende? — exclamou ele, o vinho já o deixando meio cômico. — Era este corpo infernal. Ele se enche com um grande surto de sentimento antes mesmo que eu tenha a chance de pensar. É uma espécie de instinto de preservação da espécie, talvez, para defender os jovens e indefesos, mas eu não me importo nada com você. Este corpo quer coisas que eu jamais poderia querer.

Foi, é claro, naquele exato momento que o capitão Kiggs abriu a porta.

Ele pareceu constrangido. Imagino que eu não parecesse muito diferente.

Na última vez que tínhamos nos falado eu estava presa.

— Ardmagar. Donzela Dombegh — disse ele, acenando com a cabeça. — Vocês causaram um pequeno tumulto na Colmeia. Podem me contar o que aconteceu?

Comonot tomou a frente; de acordo com sua versão, tínhamos ido até a abside para falar em particular. Prendi a respiração, mas Comonot não deixou escapar nada sobre meu passado ou minha memória materna. Ele simplesmente alegou que eu tinha informações confidenciais para transmitir a ele.

— Concernentes a quê? — perguntou Kiggs.

— Concernentes a nada que lhe diga respeito — resmungou o Ardmagar.

Ele tinha tomado vinho suficiente para não encontrar mais a porta do

compartimento mental onde deveria guardar suas emoções. Se é que ele tinha tal lugar.

Kiggs deu de ombros e Comonot continuou, detalhando a rápida e sangrenta batalha. Kiggs puxou o punhal de Thomas para fora do cinto, girando-o em seus dedos. A ponta tinha amassado grotescamente.

— Alguma ideia de como isso aconteceu?

Comonot franziu a testa.

— Poderia ter caído no chão de tal forma que...

— Não é provável, a menos que ele tenha jogado a adaga direto contra as pedras — disse Kiggs, olhando em cheio para mim pela primeira vez.

— Seraphina?

O antigo e inconveniente sentimento borbulhou quando o ouvi me chamando pelo primeiro nome.

— Ele me apunhalou — eu disse, olhando para as mãos.

— O quê? Ninguém me disse isso! Onde? — Ele parecia tão assustado que olhei para ele. Desejei não ter feito isso; doía vê-lo preocupado comigo.

Pus a mão perto do meu rim direito. O buraco atravessava minha capa e todas as camadas do meu vestido, o que não era de surpreender. Será que eu conseguiria afivelar novamente o cinto para cobri-lo? Olhei de novo para Kiggs; estava boquiaberto. Ele tinha razão: eu deveria estar morta.

— Glisselda não lhe disse? Eu tenho um... fardo de santo — esclareci. — Uma cinta de prata que me protege da heresia. Ela me salvou.

Kiggs balançou a cabeça em admiração.

— Você sempre surge com algo inesperado, hein? Ao bom entendedor: um golpe duro o suficiente para provocar isso — ele levantou a adaga amassada — vai deixar uma dolorosa contusão, ou mesmo uma laceração. Eu deixaria os médicos do palácio darem uma olhada.

— Vou me lembrar disso — disse eu. Minhas costas doíam; eu me perguntei que aparência teriam escamas machucadas.

— Ardmagar, a cidade está segura — disse Kiggs. — Um grande contingente da Guarda está aqui para escoltá-lo de volta ao Castelo de Orison. Espero que o senhor permaneça lá pelo resto de sua visita.

Comonot acenou rapidamente; se ele já tinha duvidado da necessidade de se manter sob os cuidados da Guarda, não duvidava mais.

— O que o senhor estava fazendo aqui sozinho? — perguntou Kiggs. Comonot deu-lhe quase a mesma resposta que havia me dado, sua voz

agora impregnada de melodrama. A testa de Kiggs se franziu. — Vou deixá-lo reconsiderar essa resposta. Alguém sabia que o senhor estaria aqui. O senhor está negando informação com respeito a este caso. Nós temos leis com relação a isso; tenho certeza de que minha avó ficaria feliz em resumilas para o senhor no jantar desta noite.

O Ardmagar inchou como um ouriço zangado, mas Kiggs abriu a porta, sinalizou para seus homens e em questão de minutos o velho saar foi escoltado pelos guardas. O Príncipe fechou a porta e me encarou.

Fiquei olhando para o tapete porfiriano ornamentado do bispo, agitada e nervosa.

— Você não ajudou o Ardmagar a escapar da sua guarda, eu suponho? — ele disse.

— Não.

— Por que você estava lá na Colmeia com ele?

Balancei a cabeça, sem me atrever a olhá-lo.

Kiggs pôs as mãos nos quadris e atravessou a sala, fingindo examinar a versão caligráfica emoldurada da Bênção de Santa Gobnait pendurada entre as estantes.

— Bem — ele disse — pelo menos sabemos quem era o agressor.

— Sim — eu disse.

Ele se virou lentamente para mim, e eu percebi que ao dizer “nós” ele não estava se referindo a ele e a mim. Significava ele próprio e a Guarda.

— Então, você o conhecia — disse melodicamente. — Isso muda um pouco as coisas. Você sabe por que ele poderia tentar matá-la?

Com as mãos trêmulas, apalpei minha mochila, por baixo do vestido vermelho e do presente do meu pai, até que encontrei a bolsa de moedas. Esvaziei-a no assento do púlpito do bispo, a superfície horizontal mais próxima; uma sombra na minhas mãos mostrou que Kiggs passara em frente à luz da janela, chegando mais perto para ver. Peguei o lagarto do monte de moedas e entreguei-o ao Príncipe sem dizer uma palavra.

— Isso é um pouco grotesco — disse ele, virando-o na mão até ficar do lado certo, para estudar as feições da estatueta. Ele sorriu, no entanto; então pelo menos de imediato não tinha concluído que se tratava de outro dispositivo ilegal. — Há uma história aqui, presumo?

— Dei uma moeda a um mendigo quigutl, e ele me deu isso em troca.

O Príncipe assentiu, circunspecto.

— Agora, o quig vai pensar que encontrou uma esquina particularmente promissora, os vizinhos vão ficar chateados e vamos ser chamados duas vezes por semana para escoltá-lo de volta ao Buraco dos Quigs. Mas qual é a ligação com o comerciante morto?

Ah, agora a mentira tinha de começar: houve um desmaio e uma visão no meio dessa história, emaranhados com vergonha e medo.

— Ele viu a transação — eu disse. — Ficou muito contrariado, e me chamou de nomes horríveis de todo tipo.

— E mesmo assim ele a trouxe de volta para o palácio — disse Kiggs, com calma.

Olhei para ele, chocada ao ver que estava a par do episódio, mas, claro, a guarda da barbacã fazia registros e o mantinha informado. Seus olhos estavam tranquilos, mas era a calma de um céu de verão nebuloso: poderia se tornar tempestuoso sem nenhum aviso. Eu tinha que tomar muito cuidado:

— O irmão dele, Silas, insistiu para que me oferecessem uma carona para compensar a grosseria de Thomas.

— Ele deve ter sido extremamente rude.

Afastei-me do Príncipe, enfiando minha bolsa de volta na mochila.

— Ele me chamou de amante de quig que gostava de fornicar com vermes, e disse que mulheres como eu eram jogadas no rio dentro de sacos.

Kiggs ficou em silêncio por tempo suficiente para que eu erguesse os olhos e encontrasse seu olhar. Sua expressão era um emaranhado de choque, preocupação e desgosto. Ele desviou os olhos primeiro, balançando a cabeça e dizendo:

— É uma pena que o Ardmagar o tenha matado; eu teria apreciado conversar com ele sobre essas mulheres em sacos. Você deveria ter contado isso para mim ou para seu pai.

— Tem razão. Eu deveria — murmurei. Estava começando a notar que a necessidade de me esconder era um obstáculo para que eu fizesse o que era certo.

Ele voltou sua atenção para a estatueta em sua mão.

— Então, o que ela faz?

— O que ela faz? — Eu não tinha me dado ao trabalho de verificar.

Ele confundiu minha pergunta com uma profunda ignorância.

Nós confiscamos dispositivos demoníacos toda semana. Todos eles

fazem alguma coisa, até mesmo os permitidos.

Ele virou-a em suas mãos, cutucando aqui e ali com dedos curiosos. Nós dois nos inclinamos sobre a coisa, como duas crianças pequenas ao capturar uma cigarra. Como amigos. Apontei uma junção na base do pescoço; Kiggs entendeu o que eu queria dizer imediatamente. Ele puxou a cabeça. Nada. Torceu.

Thuuu-thuuu-thuuuu!

A voz soou tão forte que Kiggs deixou a estatueta cair. Ela não se quebrou, mas quicou sob o púlpito, onde continuou a pular enquanto Kiggs tasteava o chão na tentativa de recuperá-la.

— Isso é mootya quigutl, não é? Você consegue entender? — perguntou ele, voltando a cabeça para mim enquanto continuava a procurar o dispositivo com o tato.

Ouvi com atenção.

— Parece um discurso retórico sobre dragões transformando-se em saarantrai. “Eu vejo você aí, impostor! Acha que os enganou, que você passa invisível no meio da multidão, mas seus cotovelos ficam num ângulo engraçado e você fede. Você é uma fraude. Pelo menos nós, quigutl, somos honestos...” Continua nessa mesma vertente.

Kiggs deu um meio sorriso.

— Eu não sabia que os quigs tinham tanto desprezo pelos seus primos.

Duvido que todos tenham — eu disse, mas percebi que não sabia. Eu tinha menos medo dos quigs do que a maioria das pessoas, mas mesmo assim nunca tinha me preocupado em descobrir o que eles pensavam.

Ele voltou a torcer a cabeça da estatueta e o discurso rangedor e de pronúncia defeituosa cessou. — Que truques horríveis alguém poderia fazer com um dispositivo como esse — ponderou o príncipe. — Você pode imaginar o que aconteceria se ele fosse ativado no Salão Azul?

— Metade das pessoas ia saltar sobre os móveis, gritando, e a outra metade iria desembainhar as adagas — eu disse, rindo. — Para a diversão ser completa, você pode adivinhar quem faria o quê.

— O que você faria? — ele perguntou, e de repente havia um tom de perspicácia em sua voz. — Meu palpite é: nenhuma das duas coisas. Você entenderia o que estavam dizendo, e ficaria em pé imóvel, ouvindo, atenta. Você não ia querer que alguém machucasse um quig, não se pudesse evitar.

Ele deu um passo na minha direção; cada centímetro do meu corpo

estremeceu à sua proximidade.

— Por mais prática que você tenha em enganar, não pode prever todas as eventualidades — disse ele calmamente. — Mais cedo ou mais tarde, algo pega você de surpresa, você reage honestamente como você mesma, e é pega em flagrante.

Cambaleei um pouco, em estado de choque. Como ele tinha se transformado tão rapidamente num inquisidor?

Você está se referindo a algo específico? — perguntei.

— Só estou tentando entender o que você estava fazendo aqui com o Ardmagar Comonot, e por que foi esfaqueada. Isto não explica. — Ele balançou minha estatueta, presa entre seu polegar e o indicador. — Não foi um crime cometido por impulso; o homem estava disfarçado de padre. Quem disse a ele que Comonot estaria aqui? Ele esperava que Comonot fosse se encontrar com alguém, alguém que ele também tinha a intenção de matar — ou você estava apenas no lugar errado na hora errada?

Eu o fitava, boquiaberta.

— Tudo bem — disse Kiggs, a expressão fechada. — Melhor ficar em silêncio do que contar uma mentira.

— Eu nunca quis mentir para você! — exclamei.

— Hum. Deve ser uma vida miserável, essa a sua, forçada a mentir quando não quer.

— Sim! — Não consegui mais me conter; chorei, escondendo o rosto nas mãos.

Kiggs se manteve afastado de mim, observando-me chorar.

— Fui mais duro do que pretendia, Phina — disse ele, parecendo infeliz. — Sinto muito. Mas este é o segundo dia seguido em que alguém esfaqueia você.

Olhei-o bruscamente; ele tinha respondido à minha pergunta não formulada.

— Tia Dionne confessou, ou melhor, lamentou a pouca inteligência de Lady Corongi para quem quisesse ouvir. Selda ficou consternada ao saber que foi sua própria mãe quem a cortou.

Ele se aproximou; mantive os olhos nos botões dourados do seu gibão.

— Seraphina, se você estiver com algum tipo de problema, se precisar de proteção contra alguém, eu quero ajudar. E não posso ajudar se você não me dá nenhuma indicação do que está acontecendo.

— Não posso contar. — Meu queixo tremeu. — Não quero mentir para você, mas, se eu não fizer isso, então não há nada que eu possa dizer. Minhas mãos estão atadas.

Ele me entregou o lenço. Lancei um olhar furtivo para seu rosto; ele parecia tão preocupado que eu não conseguia suportar. Queria envolvê-lo em meus braços, como se fosse ele quem tivesse necessidade de segurança.

As palavras do meu pai, da noite anterior, voltaram à minha lembrança.

E se ele estivesse certo? E se houvesse uma chance, qualquer chance, de Kiggs não me desprezar se soubesse a verdade? Uma chance em um milhão ainda era melhor do que zero. Eu senti uma vertigem diante desse pensamento; era muito semelhante a pairar sobre o parapeito da torre do sino, observando o sapato girando no espaço, caindo na praça mais abaixo.

Não eram apenas as minhas escamas entre nós. Ele tinha deveres e obrigações e uma vaidosa necessidade de fazer a coisa certa. O Kiggs que eu amava não poderia me amar da maneira como as coisas eram; se pudesse, não seria o meu Kiggs. Eu tinha me aproximado dele uma vez, e ele tinha ficado tão horrorizado que não protestara, mas eu não poderia imaginá-lo tolerando isso novamente.

Kiggs limpou a garganta.

— Selda estava fora de si de tanta preocupação esta manhã. Eu disse a ela que você com certeza voltaria, que a tia Dionne não tinha afugentado você para sempre. Espero, sinceramente, que seja verdade.

Trêmula, assenti com a cabeça. Ele abriu a porta para mim e segurou-a, mas pegou o meu braço quando eu passava.

— Tia Dionne não está acima da lei, seja primeira herdeira ou não. Se você deseja buscar justiça para seu braço, Selda e eu gostaríamos de apoiá-la.

Respirei fundo.

— Vou pensar nisso. Obrigada.

Ele parecia angustiado; algo importante ainda não tinha sido dito.

— Fiquei com raiva de você, Phina, mas também preocupado.

— Perdoe-me, Príncipe...

— Kiggs. Por favor — disse ele. — Eu estava com raiva de mim também. Comportei-me como um tolo depois do nosso encontro com Imlann, como se eu pudesse ignorar alegremente minhas obrigações e...

— Não — eu disse, balançando a cabeça com um pouco de veemência demais. — De maneira nenhuma. As pessoas fazem coisas estranhas quando estão aterrorizadas. Nem pensei mais nisso.

— Ah. É um grande alívio ouvir você dizer isso. — Ele não parecia aliviado. — Por favor, saiba que me considero seu amigo, apesar dos contratemplos que tivemos naquela estrada. Seu coração é bom. Você é uma investigadora inteligente e destemida, e uma boa professora também, ouvi dizer. Glisselda jura que não conseguiria sem você. Nós queremos que fique.

Ele ainda segurava meu braço. Eu me soltei delicadamente e deixei-o me levar para casa.

VINTE E NOVE

O céu já estava escurecendo quando nossa carruagem entrou no Tribunal de Pedra. A Princesa Glisselda esperava para nos encontrar; ela fez um alvoroço ao me ver e um estardalhaço com Kiggs, por ter deixado que eu me machucasse mais uma vez, como se me proteger devesse ser a prioridade dele, quando toda a cidade estava em pé de guerra. Kiggs sorriu, como se ela fosse uma galinha protegendo seus pintinhos. Glisselda se colocou firmemente entre nós, dando um braço para cada um, tagarelando como era seu costume. Aleguei extremo esgotamento e desfiz nosso pequeno trio na primeira oportunidade.

Eu estava exausta, embora ainda não fossem nem cinco horas. Marchei para o meu quarto e desabei numa cadeira, deixando a mochila cair no chão entre meus pés.

Não podia continuar a viver em tal proximidade com Kiggs se fosse sempre doloroso daquele jeito. Eu ficaria até a Véspera do Tratado, a noite seguinte, e então notificaria Viridius. Talvez nem isso. Eu simplesmente desapareceria, fugiria para Blystane ou Porfíria ou Segosh, uma das grandes cidades, onde poderia desaparecer na multidão e nunca mais ser vista.

Meu pulso esquerdo coçava sob a bandagem. Eu só queria olhar a cicatriz, disse a mim mesma. Ver como tinha ficado. Comecei a tirar o curativo, puxando-o com os dentes quando ficava mais difícil.

Havia, de fato, uma crosta onde a escama estava antes; ela se espremia malevolamente entre as escamas prateadas e lisas dos dois lados. Corri um dedo sobre ela; estava áspera e dolorida. Comparada com a crosta escura, as escamas não eram tão feias. Não havia ninguém melhor do que eu para transformar minha hediondez nata em algo ainda mais horripilante. Odiei aquela crosta. Levantei uma borda, então tive que desviar o olhar, rangendo os dentes e encolhendo-me com repulsa.

Ainda assim, eu não tinha a intenção de parar até que tivesse cavado um buraco em mim mesma novamente.

A bolsa aos meus pés se abriu. Devo tê-la chutado. Caídas para fora da mochila estavam a caixa, longa e estreita, e a carta, que apenas aquela

manhã — parecia ter acontecido muito antes disso —, minhas irmãs tinham me entregado em nome do meu pai. Deixei de lado o pulso por um momento e peguei a caixa. Meu coração batia dolorosamente; a caixa tinha o tamanho e a forma certa para conter um determinado instrumento musical. Eu não tinha certeza se poderia suportar o sofrimento se não fosse.

Peguei a carta e a abri primeiro.

Minha filha,

Suspeito que você vá se lembrar pouco da nossa última conversa na noite passada, e até aí tudo bem. Receio que eu tenha falado algumas bobagens. No entanto: devo-lhe isso, pelo menos. Sua mãe tinha mais do que uma flauta, ou eu nunca teria suportado quebrar a outra. Ainda me arrependo disso, não por causa do seu olhar de acusação. Eu era o monstro em nossa casa, não você.

O que aconteceu, aconteceu. Fiz as pazes com o passado e com o futuro. Faça o que achar que deve, e não tenha medo.

Com todo o meu amor, para o bem ou para o mal, Papai

Com as mãos trêmulas abri a caixa de madeira. No interior, envolta numa longa faixa de tecido cor de açafão, havia uma flauta de ébano polido, incrustada com prata e madrepérola. Ela me deixou sem fôlego; eu soube imediatamente que era dela.

Coloquei-a em meus lábios e toquei uma escala, suave como água. Meus dois pulsos doeram quando movi os dedos.

Peguei a faixa açafão e a envolvi em torno do pulso esquerdo, escamoso. Ela vinha dos meus pais. Fazia-me lembrar que eu não estava sozinha, e me protegia de mim mesma.

Levantei-me renovada, e me dirigi para a porta. Ainda havia trabalho a ser feito e eu era a única que poderia realizá-lo.

Comonot era importante o suficiente para que lhe dessem uma sala na ala privativa da família real, a parte mais luxuosa e fortemente guardada do palácio. Quando me aproximei do posto de guarda, meu estômago se contraiu de ansiedade. Eu não tinha um plano claro acerca de como blefar neste momento; não havia nenhuma mentira que eu pudesse contar a eles.

Eu lhes pediria para ver o Ardmagar e esperaria para ver o que aconteceria.

Quase dei meia-volta quando reconheci Mikey, o Peixe, um dos guardas de antes, mas agarrei meu pulso enrolado no tecido açafião, levantei o queixo e me aproximei dele assim mesmo.

— Preciso falar com o Ardmagar — eu disse. — Como posso fazer isso?

Mikey, o Peixe, sorriu para mim.

— A senhorita me persegue, Mestra de Música — disse ele, abrindo as pesadas portas duplas para mim e acenando para os companheiros.

Ele me acompanhou até a proibida ala residencial do palácio. Tapeçarias brilhantes se alinhavam nas paredes do corredor, pontuado por estátuas de mármore, retratos e pedestais apoiando finas porcelanas e frágeis cristais.

A Rainha era conhecida pelo seu amor à arte; aparentemente esse era o lugar onde ela guardava suas obras de arte. Eu mal ousava respirar para não esbarrar em alguma coisa.

— Aqui é a suíte dele — disse Mikey, virando-se para ir embora. — Cuidado, a Princesa Dionne disse que o velho saar flertou com ela.

Descobri que lamentavelmente isso era fácil de acreditar. Fiquei olhando até o guarda recuar pelo corredor, mas notei que ele não voltou para seu posto; em vez disso, embrenhou-se um pouco mais na ala residencial. Ele devia ter ordens para me deixar entrar e tinha ido informar que eu havia chegado. Bem, eu não iria questionar minha sorte. Bati na porta de Comonot.

O servo do Ardmagar — um garoto humano, designado para servi-lo dentre os pajens do palácio — abriu a porta de uma vez, assumindo uma expressão muito peculiar ao me ver. Outra pessoa era esperada, evidentemente.

— É o meu jantar? Pode trazê-lo — gritou o Ardmagar do outro cômodo.

— É uma moça, Sua Excelência — gritou o rapazinho quando passei por ele na direção do que era, evidentemente, o gabinete. O menino ficou nos meus calcanhares como um terrier:

— Você não vai entrar a menos que o Ardmagar diga que pode!

Comonot estava escrevendo numa mesa ampla; ele se levantou ao me ver e me encarou, sem palavras. Fiz uma reverência completa.

— Perdoe-me, senhor, mas eu não tinha acabado de lhe falar, quando fomos tão rudemente interrompidos por seu suposto assassino.

Ele estreitou os olhos com astúcia.

— É sobre aquela sua teoria da cabala?

— O senhor ignorou a mensagem por causa da aversão que sentiu pelo mensageiro.

— Sente-se, Seraphina — disse ele, apontando para uma poltrona estofada, esculpida com arabescos e bordada com uma elegante e improvável folhagem. O quarto dele era todo de brocado de veludo e de um suntuoso carvalho envelhecido; o próprio teto tinha grandes pinhas em relevo esculpidas no centro de cada caixotão, como a ponta dos dedos escamosos de algum gigante. Essa ala do palácio tinha um padrão mais elaborado de decoração do que a minha.

Ele tinha tido tempo para ficar sóbrio desde a nossa conversa na biblioteca do bispo, e agora me dirigiu um olhar tão penetrante quanto o de Orma. Sentou-se na minha frente, passando cuidadosamente a língua sobre os dentes.

— Você deve me achar um tolo supersticioso — disse ele, colocando as mãos dentro das mangas volumosas da sua houppelande bordada.

Eu precisava de mais informações antes de poder responder; era possível que eu as obtivesse.

— Admito — ele disse — que tenho sido. Você é algo que não deveria existir. Os dragões têm dificuldade com aquilo que contraria os fatos.

Eu quase ri.

— Como posso contrariar os fatos? Estou bem aqui.

— Se você fosse um fantasma alegando o mesmo, eu deveria acreditar em você? Será que não deveria, em vez disso, considerá-la um sintoma da minha própria loucura? Você me mostrou, na catedral, que tem algum conteúdo.

Gostaria de entender a natureza desse conteúdo.

— Tudo bem — eu disse, com certa apreensão.

— Você tem um pé nos dois mundos: se tem memórias maternas, viu o que é ser um dragão, em comparação com o que é ser um saarantras, comparado mais uma vez com o que é ser humana, ou quase isso.

Com isso eu estava preparada para lidar.

— Experimentei esses estados, sim.

Ele se inclinou para a frente.

— E o que acha de ser um dragão?

— Eu... eu acho desagradável, para ser franca. E confuso.

— Você acha? Talvez isso não seja inesperado. É muito diferente.

— Eu me canso dos incessantes cálculos para medir a velocidade do vento e do fedor do mundo inteiro.

Ele mexeu seus dedos gordos e estudou meu rosto.

— Mas você tem alguma compreensão, talvez, de como esta forma é estranha para nós. O mundo ao redor parece diferente; nós nos perdemos com facilidade, tanto dentro de nós mesmos quanto fora. Se como saarantras eu reajo de maneira diferente de como reagiria como dragão, então quem sou eu agora, de verdade? Eu amo você? — ele perguntou. — Ocorre-me que um possível motivo para defender você seria o amor. Só que eu não tenho certeza de como ele é. Não tenho nenhuma maneira de medir isso.

— O senhor não me ama — eu disse sem rodeios.

— Mas talvez eu tenha amado apenas por um momento? Não é?

— Não.

Ele havia retirado todo o braço da manga; a mão emergiu da gola do seu houppelande e ele coçou o queixo. Fitei-o, surpresa com essa manobra.

— O amor requer correção extrema — ele disse. — Ensinamos aos nossos alunos que o amor é o estado emocional com o qual eles devem ter mais cuidado. Ele apresenta um perigo real a um saar porque, veja bem, os nossos estudiosos que se apaixonam não querem voltar. Eles não querem mais ser dragões.

— Como minha mãe — eu disse, cruzando os braços com força.

— Exatamente! — ele exclamou, insensível ao fato de que eu poderia me ofender com seu tom. — Meu governo apertou o cerco contra toda a hiperemotividade, mas especialmente contra o amor, e é certo que temos feito isso.

Mas uma vez aqui, sendo *isto*, eu me sinto curioso para sentir tudo, ao menos uma vez. Eles vão limpar minha mente quando eu chegar em casa, eu não vou me perder dentro dela, mas quero medir esse perigo, olhar direto para as garras terríveis do amor, sobreviver à sua explosão mortal, e encontrar maneiras melhores de tratar os outros que sofrem dessa doença.

Eu quase ri. Depois de sofrer tantas dores de cabeça por causa de

Kiggs, eu não poderia discordar das palavras “terrível” ou “doença”, mas também não podia deixá-lo pensar que aprovava seu plano.

— Se o senhor já viveu a experiência do amor, espero que ela desperte alguma simpatia com relação às escolhas dolorosas e impossíveis que minha mãe teve que fazer sozinha, entre seu povo e o homem que amava, entre sua filha e a própria vida!

Comonot esbugalhou os olhos para mim.

— Ela escolheu equivocadamente em ambos os casos.

Ele estava me deixando com raiva. Infelizmente, eu tinha vindo com um propósito específico que ainda não tinha atingido.

— General, sobre a cabala...

— Sua obsessão? — Ele recolocou o braço na manga e tamborilou os dedos no braço da cadeira. — Sim, enquanto estamos refletindo sobre o que contraria os fatos, vamos considerar isso. Se você descobriu algo sobre uma cabala por causa de uma lembrança materna, então a informação tem quase vinte anos. Como sabe que eles não foram capturados e se separaram?

Cruzei as mãos com força, tentando conter a irritação.

— O senhor poderia me dizer isso com bastante facilidade.

Ele puxou um brinco.

— Como você sabe que eles não se dispersaram quando Imlann foi banido?

— Imlann ainda parece estar seguindo seu propósito, como se acreditasse que a cabala ainda existe — eu disse. — Ele fez com que os cavaleiros fossem banidos; está investigando se a dracomaquia está realmente extinta. Se estiver, eles encontram uma maneira de ganhar força. O seu assassinato lhes daria força, ou talvez eles estejam liderando um golpe em Tanamoot agora mesmo.

Comonot fez um gesto com a mão, descartando a possibilidade; os anéis brilharam em seus dedos grossos.

— Ouvi falar de um golpe. Imlann poderia estar agindo sozinho, ele é suficientemente delirante para acreditar que os outros estão com ele. E se uma cabala queria me ver morto, não poderia me matar com mais facilidade enquanto eu estivesse em Tanamoot?

— Isso só resultaria numa guerra civil; eles querem que Goredd seja arrastada para essa guerra.

— É pura especulação — disse ele. — Mesmo que alguns generais

descontentes estivessem conspirando contra mim, meus generais leais, sem mencionar a geração mais jovem, que se beneficiou mais diretamente da paz, rapidamente reprimiriam qualquer revolta.

— Acabou de haver um atentado contra sua vida! — eu exclamei.

— Que nós frustramos. Está acabado. — Ele tirou um de seus anéis e recolocou-o distraidamente, refletindo. — O Príncipe Lucian disse que o homem era um dos Filhos de São Ogdo. Não posso imaginar os Filhos colaborando com uma cabala de dragões, você pode? Que tipo de dragão acharia uma opção viável aproveitar-se de um deles?

De repente percebi: um dragão diabolicamente inteligente! Se os Filhos comessem a assassinar pessoas, a Rainha seria forçada a tomar medidas enérgicas com relação a eles. Imlann conseguiria que seu trabalho sujo fosse feito pelas mãos dos fanáticos antidragões, e depois teria seu fanático problema antidragão anulado pela Coroa — tudo enquanto ele observava e esperava como o réptil vil que era.

— Ardmagar — eu disse, levantando-me. — É hora de lhe desejar boa-noite.

Ele estreitou os olhos.

— Não a convenci de que está errada, e você é teimosa demais para desistir. O que pretende?

— Falar com alguém que vai ouvir — eu disse — e que, quando confrontado com algo previamente considerado contra os fatos, adapte suas filosofias à realidade e não o contrário.

Saí. Ele não fez nenhuma tentativa de me deter.

Kiggs esperava no corredor, encostado na parede oposta, um livrinho na mão. Ele o fechou assim que me viu e colocou-o no seu gibão escarlate.

— Sou assim tão previsível? — perguntei.

— Só quando faz exatamente o que eu teria feito.

— Obrigada por autorizar os guardas a me deixar passar. Evitou um bocado de constrangimento para ambas as partes.

Ele se curvou, numa mesura mais exagerada do que eu merecia.

— Selda acha que devo lhe perguntar, mais uma vez, o que vocês dois poderiam ter para discutir. Prometi que faria isso, embora eu espere que...

— Eu estava justamente indo procurar vocês dois. Há coisas que eu deveria ter lhe contado e que... não contei. Sinto muito por isso. Mas vamos encontrar a sua prima primeiro; ela precisa ouvir também.

Ele olhou como se não estivesse certo se deveria confiar em minha súbita vontade de falar. Eu merecia esse ceticismo; mesmo agora, não tinha nenhuma intenção de contar a verdade sobre mim mesma. Suspirei, mas tentei sorrir para ele. Ele me acompanhou em direção ao Salão Azul.

TRINTA

Glisselda nos localizou de imediato além da multidão efervescente de cortesãos; ela sorriu, mas algo em nossas expressões a deixou rapidamente com um ar interrogativo.

— Podem nos dar licença? — disse ela para o grupo de cavalheiros à sua volta. — Assuntos de Estado importantes, vocês sabem.

Ela se levantou, imperiosa, e nos levou para uma salinha adjacente, mobiliada com um solitário sofá porfiriano; fechou a porta e gesticulou para que nos sentássemos.

— Quais são as últimas da cidade? — ela perguntou.

— Toque de recolher. Confinamento — disse Kiggs, sentando-se cautelosamente, como se sentisse as dores de um velho. — Não estou ansioso pelo dia de amanhã, caso se espalhem as notícias de que Comonot matou um cidadão na catedral, mesmo que em legítima defesa.

— Você não pode abafar essa informação? — perguntei, demorando-me perto da porta, não querendo me sentar ao lado dele, mas sem saber o que fazer comigo mesma se não me sentasse.

— Nós estamos tentando — ele retrucou —, mas a população descobriu sobre Imlann e o petit ard muito rápido. Aparentemente estão vazando muitas informações do palácio.

Eu tinha uma ideia de qual seria a fonte desses vazamentos.

— Tenho muito a dizer a vocês dois — eu disse.

Glisselda agarrou meu braço e me prensou no sofá entre ela e Kiggs, sorrindo como se fôssemos o grupo mais íntimo e feliz do mundo.

— Fale, Phina.

Respirei fundo.

— Antes de Comonot ser atacado, eu vi o Conde de Apsig na catedral, conversando com um padre encapuzado que me pareceu ser Thomas Broadwick — comecei.

— Pareceu ser — disse Kiggs, mexendo-se no assento, a postura muito cética. — O que significa que não está completamente certa. Suponho que não tenha ouvido o que disseram.

— Também vi Josef na cidade um pouco antes, recitando a Maldição de São Ogdo na companhia de um grupo de Filhos — continuei, teimosamente.

— Se ele se juntou aos Filhos, isso é grave — disse

Kiggs —, mas eis a falha no seu raciocínio: ou ele é um filho de São Ogdo ou é um dragão. Você não pode ter as duas coisas.

Graças à minha conversa com Comonot, eu estava pronta para esse argumento. Expliquei como era diabolicamente inteligente conseguir que os Filhos se envolvessem na causa, acrescentando:

— Orma disse que Imlann estaria onde menos esperássemos. Onde menos esperamos do que na companhia dos Filhos?

— Ainda não vejo como seria possível um dragão viver aqui na corte, durante mais de dois anos, e não ser descoberto pelo faro de outros dragões — disse Kiggs.

— Obviamente, ele finge desprezá-los, para que possa sair de um cômodo sempre que eles entram — disse

Glisselda.

— Ele poderia mascarar facilmente seu cheiro com perfume — eu disse, sentindo-me infeliz. Lá estava eu, monstruosa e espremida entre os dois, e eles não faziam ideia. Apertei as mãos entre os joelhos para me impedir de cutucar o pulso. — Mas ouçam — continuei. — Ainda há mais.

Expliquei o que eu suspeitava sobre Imlann e a cabala, só omitindo minha lembrança materna: que Imlann estava ali para determinar o quanto a dracomaquia havia se tornado inoperante, e que a cabala certamente tinha interesse em ver Comonot morto.

— Talvez tenha acabado, talvez aquela tentativa tenha sido o melhor que conseguiram, mas não acho que possamos nos arriscar. Acho que eles vão tentar de novo.

— “Eles” seriam quem? — perguntou Kiggs. — Essa cabala que você de repente tirou do nada? Os Filhos? Imlann, numa misteriosa nova pluralidade?

— Lucian, deixe de ser pedante — disse Glisselda, colocando um braço em torno de mim.

Eu continuei.

— Muito disso é extrapolação, mas seria imprudente ignorar a possibilidade...

— Extrapolação de quê? — disse Kiggs. Glisselda estendeu o braço por trás de mim e deu uma palmada de leve na lateral da cabeça dele. — O que foi? É uma pergunta importante! Qual é a fonte dessa informação, e até que ponto ela é confiável?

A Princesa ergueu o queixo em desafio.

— Phina é a fonte e Phina é confiável.

Ele não discutiu, embora tenha se contorcido no sofá, claramente desejando isso.

— Eu diria a você, se pudesse — eu disse. — Mas tenho obrigações particulares e...

— Minha primeira obrigação é com a verdade — disse ele amargamente. — Sempre.

Glisselda endireitou-se, afastando-se um pouco de mim, e percebi que a menção de minhas “obrigações” tinha colocado minhas próprias lealdades para além do ponto em que ela poderia me defender. Ela falou num tom imparcial:

Se essa cabala realmente existe ou não, o fato é que alguém tentou matar o Ardmagar e falhou. Não há muito tempo para outra tentativa.

Kiggs expirou ruidosamente pelos lábios, em frustração, e passou a mão pelo rosto.

— Você está certa, Selda. Não podemos nos dar ao luxo de não fazer nada. Melhor pecar por excesso do que por falta de cautela.

Deixamos de lado nossas picuinhas e colocamos as cabeças para pensar juntas, formulando um plano, contornando a Rainha e Comonot, colocando todo o peso da paz sobre nós mesmos. Apenas tínhamos que manter o Ardmagar seguro por mais uma noite, fazer com que a Véspera do Tratado se passasse sem que ninguém morresse, e depois Comonot voltaria para casa. Se a tal cabala realmente existisse e o matasse em Tanamoot, bem, isso estaria fora da nossa alçada.

Kiggs iria reforçar a segurança do palácio, embora já não houvesse muito mais que ele pudesse fazer, se não pretendíamos ver os dignitários estrangeiros dançando com membros da Guarda no baile. O Príncipe também informaria o Embaixador Fulda que, aos olhos dele, um perigo real espreitava Comonot em nossa cidade, e solicitaria que Eskar e o petit ard fossem chamados de volta para que pudessem ajudar. O último relatório

dizia que eles estavam a muitos quilômetros de distância, mas não deixava claro se voltariam a tempo. Glisselda teria que ficar o maior tempo possível junto ao Ardmagar; ela se queixou de que não teria nenhuma chance de praticar o Tertius antes do concerto, mas eu poderia dizer pelo brilho em seus olhos que a intriga a interessava mais do que a música.

Eu já tinha meus deveres, é claro, auxiliando Viridius e preparando os entretenimentos. Esse seria o meu foco até o baile em si, quando nos revezaríamos nos cuidados com o Ardmagar.

Em particular, defini algumas tarefas adicionais para mim. Eu queria todos os meus três mestiços presentes. Íamos precisar de toda a ajuda que pudéssemos conseguir.

Procurei por Abdo no jardim dos grotescos assim que voltei aos meus aposentos. Ele estava pendurado de cabeça para baixo em sua figueira, mas saltou assim que me aproximei e ofereceu-me castanhas.

— Vislumbrei sua trupe hoje de longe — disse eu, sentando-me de pernas cruzadas no chão ao lado dele. — Gostaria de poder ter me apresentado, porque me sinto estranha pedindo sua ajuda antes mesmo de conhecê-lo.

— Não diga isso, madamina! Claro que vou ajudar se puder.

Disse-lhe o que estava acontecendo.

— Traga a sua trupe toda. Vou conseguir um espaço para vocês na lista de apresentações. Vistam... ãh...

— Nós sabemos o que é apropriado para a corte de Goredd.

Claro que sabem. Perdoe-me. Haverá outros da

nossa espécie ali, outros... qual foi a palavra porfiriana que você usou?

— Ityasaari?

— Sim. Conhece o Sujeito Barulhento e a Senhorita Exigente, do jardim?

— É claro — disse ele. — Vejo tudo o que você me permite ver.

Reprimi um tremor, perguntando se ele era capaz de sentir minhas emoções no vento como Jannoula fazia.

— Quero que todos vocês ajudem uns aos outros e trabalhem em equipe, assim como você me ajuda.

— Você é quem dá as ordens, madamina. É seu direito. Estarei lá e a postos.

Sorri para ele e me levantei para ir, tirando a poeira das saias.

— *Madamina* é “donzela” em porfiriano como *grausleine* é em samsamese?

Os olhos dele se arregalaram.

— Não, claro que não! Significa “general”.

— Oh! Por que você me chama assim?

— Por que você me chama de Morcego das Frutas? Eu tinha que chamá-la de alguma coisa, e todos os dias você vem aqui como que para rever as suas legiões. — Ele sorriu timidamente e acrescentou: — Uma vez, há muito tempo, você disse a alguém aqui, àquela menina com lindos olhos verdes, que você mandou embora. Você disse seu nome em voz alta, mas eu não ouvi direito.

Em torno de nós, um vento soprou atônito.

Eu não sabia onde Lars dormia à noite, mas havia tantas indicações, vindas de vários quadrantes, que eu temi ver mais de Viridius do que desejava.

Esprei até de manhã, fiz uma revigorante xícara de chá, e fui direto para o jardim. Peguei nas mãos do Sujeito Barulhento e tudo girou, acabando numa visão. Para meu espanto, o mundo inteiro pareceu se espalhar abaixo de mim: a cidade cor-de-rosa, brilhando à luz do amanhecer; a brilhante faixa do rio; as ondulantes plantações. Lars estava sobre as ameias da barbacã, cada pé num merlão, tocando seus tubos para a aurora e para a cidade aos seus pés. Minha presença etérea não o deteve; eu o deixei terminar, saboreando secretamente a sensação de que estava voando acima da cidade, impulsionada pela sua música. Era emocionante estar tão alto e não ter medo de cair.

— É você, Serraphina? — perguntou ele, por fim.

Sim. Preciso da sua ajuda.

Eu lhe contei que temia pela vida do Ardmagar, que eu poderia precisar dele a qualquer momento, que os outros de nossa espécie, Abdo e Dama Okra, estariam lá para ajudar, e como reconhecê-los. Se ficou surpreso ao ouvir que havia outros meio-dragões, o estoicismo samsamese de Lars não demonstrou. Ele disse:

Mas de onde vem esse perrigo, Serraphina? Um ataque ao castelo? Um traidor de dentro dos seus muros?

Eu não sabia como lhe dizer de quem suspeitávamos. Comecei cautelosamente: *Eu sei que você não gosta de falar sobre Josef, mas...*

Ele me interrompeu.

— Não. Eu não tenho nada a dizerr sobre ele.

Ele pode estar envolvido. Pode ser a pessoa por trás de tudo.

Sua expressão desmoronou, mas a sua determinação, não.

— Se forr assim, eu defendo você dele. Mas jurro não falarr o que ele é. — Ele tocou com os dedos, distraidamente, o bocal dos foles de guerra.

— Talvez — disse finalmente — eu venha armado.

Eu não acho que Kiggs permitirá que alguém que não seja da Guarda do Palácio chegue armado.

— Sempre posso contarr com meus punhos e foles de guerra!

Hã... certo. O espírito é esse, Lars.

Seria, no mínimo, uma noite memorável.

Eu conhecia um meio melhor que a telepatia para entrar em contato com Dama Okra. Eu não precisava que meu nariz ficasse todo roxo e inchado na Véspera do Tratado.

Trabalhei com rapidez e rabugice durante toda a manhã, dando instruções sobre como pendurar as guirlandas, colocar os lustres e aparadores, transportar o cravo, que mais parecia um caixão de defunto quando levado porta afora sem as pernas, nas costas de quatro homens; e cuidando de inúmeros outros detalhes de última hora. O tempo todo eu tentava conscientemente chamar a atenção de Dama Okra, sem entrar em contato mental com ela. Minhas tentativas de fazê-la aparecer, projetando uma falsa necessidade — suspirando, lamuriando-me e resmungando: “Tenho certeza que Dama Okra ia poder me ajudar com isso!” —, foram um retumbante fracasso.

Mal tive tempo de correr para os meus aposentos e me vestir para o jantar; eu já tinha separado o vestido escarlate que Millie havia me dado, então não tive nem que pensar, só trocar meu traje externo. Nada de me arriscar a ficar nua: uma criada poderia aparecer a qualquer momento para pentear meu cabelo. Glisselda tinha insistido nisso, chegando ao ponto de me ameaçar com Millie, se eu não jurasse arrumar meu cabelo.

A criada chegou; submissa, deixei que quase arrancasse meu cabelo. Minha primeira reação, ao me olhar no espelho, foi um choque ao ver o quanto meu pescoço era longo. Meu cabelo normalmente disfarçava esse fato, mas, com o coque no alto da cabeça, eu parecia sem dúvida um

camelopardo. O decote do vestido de Millie não estava ajudando muito. Ai, ai.

Pendurei o brinco de Orma numa corrente de ouro em volta do pescoço, mais para acalmar os nervos com algo que eu estimava do que por achar que poderia ser útil. Quem saberia onde meu tio estava ou se poderia receber seu sinal? Era um pingente intrigante. Eu já não temia que o Ardmagar o reconhecesse. Ele que dissesse duas palavras sobre Orma! Ele que ousasse! Iria ouvir muito mais do que imaginava.

Certamente ninguém iria tentar fazer nada contra o Ardmagar enquanto eu estivesse lá, arrancando sua pele a sangue-frio.

Eu nunca tinha participado de uma festa de tal magnitude. Estava sentada o mais longe possível da mesa da família real, é claro, mas tinha visão total dela. O Ardmagar estava acomodado entre a Rainha e a Princesa Dionne; Kiggs e Glisselda, sentados do outro lado da Rainha, ambos vigiando o salão com uma expressão ansiosa. Tomei isso por simples vigilância a princípio, até que Glisselda me viu, acenou freneticamente e me apontou para seu primo. Ele levou um momento para me ver, no entanto, porque eu não estava muito parecida comigo mesma.

Ele sorriu, por fim, depois que parou de me olhar com uma expressão abismada.

Mal posso recordar os tipos e o número de pratos; deveria ter tomado nota. Tivemos carne de javali, veado e aves de todos os tipos, uma torta de pavão com sua grande cauda aberta, saladas, pão branco e macio, creme de amêndoas, peixe, figos, tâmaras zibou. Meus companheiros de mesa, parentes distantes de duques e condes que estavam na outra extremidade da sala, riam gentilmente diante da minha vontade de experimentar tudo.

— Não coma tanto — disse um companheiro idoso com barba de bode. — Do contrário, não espere sair desta mesa andando com os próprios pés!

O banquete terminou com uma torta flamejante de seis camadas, alta como uma torre, representando, surpreendentemente, o Farol de Ziziba. Infelizmente, eu já estava muito satisfeita a esse ponto, e demasiadamente ansiosa para comer mais.

Graças aos céus podia confiar cegamente em meus músicos, porque fiquei presa em meio à turba a caminho do grande salão e nunca poderia ter chegado lá rápido o suficiente para organizar todos em seus lugares. No

momento em que entrei, a viela de roda já estava tocando a abertura, uma dessas peças com um ciclo sem fim, que poderia ser tocada repetidamente até a família real chegar e a primeira dança ser iniciada.

Alguém pegou meu braço direito e sussurrou em meu ouvido:

— Pronta?

— Tão pronta quanto podemos estar para o desconhecido — respondi, sem ousar olhar para ele. Kiggs exalava um aroma amendoado, como torta de marzipã.

Captei seu aceno de cabeça com minha visão periférica.

— Selda está guardando uma garrafa de café zibou para você em algum lugar no palco, para o caso de começar a ficar sonolenta. — Kiggs deu uma palmadinha em meu ombro e disse: — Reserve-me uma pavana.

E desapareceu na multidão.

TRINTA E UM

Assim que ele saiu, Dama Okra já estava ao meu lado.

— Do que você precisa agora? — ela perguntou, rabugenta.

Eu a conduzi até uma parede do grande salão, longe do aglomerado de pessoas; ficamos perto de um alto candelabro como uma árvore frondosa que nos protegia.

— Temos algumas preocupações esta noite com relação à segurança do Ardmagar. Posso contar com sua ajuda se precisar?

Ela ergueu o queixo, examinando a multidão à procura de Comonot.

— O que devo fazer? Andar atrás dele?

— Observe-o discretamente, por favor. E mantenha o estômago, hã, focado.

Seus óculos de lentes grossas refletiram a luz das velas para mim.

— Que seja.

Puxei sua manga de cetim quando ela se virou para mergulhar na festa.

— Posso contatá-la com minha mente?

— De jeito nenhum! — Ela se antecipou às minhas objeções: — Se precisar de mim, estarei lá.

Suspirei.

— Tudo bem. Mas não sou só eu; um dos outros talvez precise de você.

Os vincos ao lado de sua boca se aprofundaram.

— Que outros?

Abri e fechei a boca, espantada por ter me esquecido de que ela não vivia dentro da minha cabeça. Só Abdo podia ver o jardim.

— Os outros... como nós — sussurrei imediatamente.

O rosto dele passou por um amplo espectro de emoções num só segundo — espanto, tristeza, assombro, alegria —, finalizando com aquela em que ela era particularmente perspicaz: aborrecimento. Ela me golpeou com o leque.

— Você não podia ter me dito isso antes? Faz ideia de quantos anos eu tenho?

— Hã, não.

— Cento e vinte e oito! — ela rosnou. — Passei todos esses anos achando que estava sozinha. Então você aparece na minha vida, quase me provocando uma convulsão, e só agora se digna a me dizer que existem outros. Quantos são? — Dezoito, contando você e eu — respondi, sem me atrever a esconder mais nada dela. — Mas apenas outros dois estão aqui: o tocador de gaita de foles — ela gargalhou, aparentemente se lembrando dele — e um dos dançarinos de pìgegíria. Um menino porfiriano.

As sobrancelhas dela se ergueram.

— Você convidou bailarinos de pìgegíria? Para hoje à noite? — Ela jogou a cabeça para trás e riu. — Qualquer coisa é possível vinda de você; você faz as coisas à sua maneira, com uma revigorante teimosia cheia de autoconfiança. Gosto disso!

Ela se virou para a multidão colorida, deixando-me ali decifrando o elogio.

Falando de pìgegíria, eu não tinha visto a trupe. Estendi a mão: *Onde você está?*

No pequeno saguão de entrada. Somos muitos para os seus camarotes minúsculos.

Fique aí. Estou indo encontrá-lo.

Deslizei para o corredor e encontrei as portas duplas da salinha com bastante facilidade. Hesitei, minhas mãos sobre as maçanetas de bronze. Abdo era tão diferente dos outros que eu tinha conhecido — sua mente funcionava mais como a minha ou a de Jannoula — que eu estava ansiosa para encontrá-lo. Depois que o conhecera, ele tinha passado a fazer parte inextrincável da minha vida, para o bem ou para o mal.

Respirei fundo e abri as portas.

Uivos e um estouro explosivo da bateria me saudaram.

A trupe estava toda em movimento, um círculo dentro de outro círculo, cada qual voltado numa direção diferente. Por um momento, não consegui me concentrar em nada; era tudo um borrão de lenços coloridos e véus brilhantes, mãos morenas e fileiras tilintantes de moedas.

Os círculos abriram-se, os dançarinos giraram tangencialmente, revelando Abdo, no centro, com uma túnica e calças verdes brilhantes, os pés descalços, os braços ondulantes. Os outros tremeluziam à distância,

correntes e lenços de moedas tilintando. Ele girou, seus braços se estenderam, a franja sobre o cinto formando um halo em sua cintura.

Pela primeira vez, entendi o motivo de se dançar. Eu estava acostumada demais à música como veículo de expressão, mas ali estava ele falando comigo e não com a mente, mas com seu corpo: *Eu sinto esta música em meu próprio sangue. Isto é o que ela significa para mim, bem aqui, bem agora, corpo sólido, ar etéreo, eterno movimento. Eu sinto isso, e é verdade além de toda a verdade.*

Os céus pareciam girar com ele, o sol e a lua, o próprio tempo. Ele rodopiava tão rápido que parecia estar parado. Eu poderia jurar que cheirava a rosas.

Com um estrondo de tambores, Abdo congelou, imóvel como uma estátua. Eu não sabia bem se os porfirianos aplaudiam, mas fui em frente e aplaudi. Isso quebrou o feitiço, os dançarinos sorriram e deixaram a formação, tagarelando entre si. Eu me aproximei de Abdo, que me aguardava com olhos brilhantes.

— Foi lindo! — elogiei. — Acho que o público vai adorar vocês, querendo ou não.

Ele sorriu.

— Eu os coloquei no programa da tarde, quando as pessoas irão precisar de algo para acordá-las. Há comida e bebida para os artistas na salinha ali fora...

— Madamina! — gritou um homem idoso. Levei um segundo para perceber que se tratava do homem ansioso para me conhecer depois do funeral do Príncipe Rufus; ele estava coberto de sedas agora. Presumi que era o avô que Abdo mencionara.

— Mil perdões! — ele disse. — A senhorita veio aqui, tentar falar com Abdo, mas ele não pode falar sem ajuda. Mil perdões.

— Ele o quê? — Eu não estava convencida de que tinha entendido.

Olhei para Abdo, que parecia irritado. Ele fez uma série de gestos com as mãos para o velho, que gesticulou de volta com urgência. Será que o menino... era surdo? Se era, como falava goreddi tão fluentemente no jardim? Ele finalmente convenceu o velho a ir embora, o que eu achei surpreendente. Ele tinha 10, talvez 11 anos de idade, mas o velho o tratava com deferência.

Todos os dançarinos o tratavam assim. Ele era o líder da trupe.

Ele sorriu para mim se desculpando e ouvi sua voz na minha cabeça: *O Sujeito Barulhento e a Senhorita Exigente. Sei o que tenho que fazer. Não vou falhar.*

Você é mudo? pensei em resposta, não querendo deixar escapar o óbvio.

Ele deu um sorrisinho triste, jogou a cabeça para trás e abriu a boca o mais que podia. Sua longa língua, as gengivas, o palato, tudo, mesmo a garganta até onde eu podia ver, brilhavam com escamas prateadas de dragão.

Aquela noite arrastou-se indefinidamente ao mesmo tempo que passou como um borrão. Kiggs havia postado a Guarda em toda parte onde havia espaço; alguns, sem uniforme, assaltavam casualmente a mesa do bufê, e um estava no palco, vigiando meus músicos. Os primos reais e eu nos espalhamos pelo salão para observar o Ardmagar; Glisselda dançou com ele três vezes ou dançou perto dele com Kiggs. Dama Okra entreteu-o com uma conversa perto da mesa de refrescos; eu fiquei no palco atrás da cortina, examinando a multidão através da abertura. Ninguém fez nada suspeito — bem, a Princesa Dionne sorriu muito, o que era incomum, e fofocou com Lady Corongi, o que não era. O Conde de Apsig dançou com todas as damas na sala, sem nunca parecer cansado.

Viridius estava lá, numa cadeira de rodas, vários jovens lhe buscando vinho e queijo. O alimento gorduroso iria deixá-lo de mau humor e incapacitado por uma semana; eu não entendia como ele podia achar que valia a pena.

A viela de roda deixou o palco, enquanto Lars e Guntard traziam o cravo para a apresentação da Princesa Glisselda. Ela estava de repente ao meu lado na coxia, dando risadinhas e segurando o meu braço.

— Não consigo fazer isso, Phina!

— Respire — eu disse, tomando-lhe as mãos para acalmá-la. — Não acelere durante os arpejos. Mantenha a pavana imponente. Você vai estar maravilhosa.

Ela beijou meu rosto e deu um passo para a luz, onde abruptamente deixou de ser uma menininha nervosa e afetada, e transformou-se numa jovem cheia de dignidade. Seu vestido era azul como o céu, seu cabelo dourado como o sol. Ela se manteve bem equilibrada, levantou uma mão

para a audiência, manteve o queixo alto e orgulhoso. Eu pisquei, surpresa, mas não deveria ter me surpreendido com essa presença calma e dominante. Essa confiança ainda estava crescendo dentro dela, mas a base era algo que ela parecia possuir naturalmente.

Talento musical, por outro lado... bem. Glisselda era de uma mediocridade de tirar o fôlego, mas isso não importava. Ela evoluiu um pouco no final da apresentação, demonstrando equilíbrio e presença, e com certeza pôs Viridius em seu lugar. Eu o vi atrás da cortina. Estava boquiaberto. Isso foi gratificante em vários níveis.

Vigiei Comonot também, já que ninguém mais parecia estar fazendo isso. Dama Okra tinha se distraído com sua companhia menos favorita, Lady Corongi, e olhava para ela com suspeita. Kiggs, mais à esquerda, sorria calorosamente enquanto assistia à apresentação da prima. Senti uma pontada de dor; olhei para outro lugar. O Ardmagar — a quem eu observava ostensivamente — estava de pé na parte de trás com a Princesa Dionne, sem falar, observando a apresentação, um copo numa mão, o outro braço em torno da cintura da princesa.

Ela não parecia se importar, mas... ugh.

Fiquei chocada com a repulsa que senti. Eu, dentre todas as pessoas, não deveria ficar enojada com a ideia de um ser humano com um saarantras.

Não, certamente minha repulsa tinha origem nas personalidades nocivas dos envolvidos, e no fato de que eu tinha acabado de imaginar o Ardmagar em estado de nudez.

Eu tinha uma mente suja.

Glisselda terminou e recebeu aplausos retumbantes. Eu esperava que ela pulasse direto para fora do palco, mas não fez isso. Deu um passo à frente, levantou a mão, pedindo silêncio, e depois disse:

— Obrigada por seus aplausos tão generosos. Espero que tenham guardado alguns, no entanto, para a pessoa que mais os merece, minha professora de música, Seraphina Dombegh!

Os aplausos recomeçaram. Ela fez um gesto para que eu me unisse a ela no palco, mas empaquei. Ela andou a passos largos, agarrou meu braço e me puxou. Fiz uma reverência para o mar de rostos, profundamente envergonhada. Olhei e vi Kiggs; ele fez um pequeno aceno. Tentei sorrir de volta, mas suspeito que não tenha conseguido.

Glisselda apontou a multidão em silêncio.

— Espero que a Donzela Dombegh me perdoe por interromper sua cuidadosa programação, mas todos merecem uma música excelente como recompensa depois de aceitarem minha insignificante contribuição: uma apresentação da própria Seraphina. E, por favor, ajudem-me a pedir à Rainha para fazer de Phina uma compositora da corte, no mesmo patamar que Viridius. Ela é boa demais para ser apenas sua assistente!

Eu esperava uma carranca de Viridius, mas ele jogou a cabeça para trás e riu. O público aplaudiu mais um pouco e aproveitei a oportunidade para dizer a Glisselda:

— Não trouxe nenhum dos meus instrumentos.

— Bem, a espineta está bem atrás de nós, sua boba — ela cochichou. — E eu confesso: tomei a liberdade de mandar buscar sua flauta e seu alaúde. Você escolhe.

Ela trouxe a flauta da minha mãe. Senti uma dor aguda e repentina quando a vi: queria tocá-la, mas era algo muito pessoal. O alaúde, um presente que Orma me dera havia muito tempo, seria mais fácil de tocar com o pulso direito. Isso me fez decidir. Guntard me trouxe o instrumento e a palheta; Lars me trouxe uma cadeira. Ajeitei no colo o instrumento em forma de melão, enquanto verificava os harmônicos em todas as onze cordas; ele parecia afinado. Lancei um olhar para a plateia enquanto fazia isso. Kiggs me observava; Glisselda se juntou a ele, e o Príncipe colocou um braço ao redor dela. Ninguém estava vigiando o Ardmagar. Tentei um contato mental com Lars e enviei-o naquela direção; quando fiquei satisfeita ao ver que ele tinha atravessado a multidão, fechei os olhos e comecei a tocar.

Não pensei em tocar nada em particular; dedilhei o alaúde à moda zibou, improvisando, procurando uma forma no som, como quando procuramos imagens nas nuvens, e, então, solidificando-a. Minha mente continuava voltando para Kiggs ao lado de Glisselda, um oceano de pessoas entre nós, e isso deu à minha música/nuvem uma forma de que não gostei, melancólica e introspectiva. Enquanto eu tocava, no entanto, outra forma emergiu. O oceano ainda estava lá, mas minha música era uma ponte, um navio, um farol. Ela me ligava a todos ali, segurava-nos a todos em suas mãos, carregava-nos juntos para um lugar melhor. Ela modulou (ondulações sobre o mar) e modulou de novo (o voo das gaivotas) e pousou de um modo que eu adorava (um penhasco de calcário, um farol varrido pelo vento). Eu

poderia tocar uma música diferente, uma da autoria da minha mãe, um pouco abaixo da superfície; toquei uma melodia tímida, uma variação enigmática, fazendo menção à cantiga dela sem exibí-la explicitamente. Fiz uma transição até a canção dela, circulei-a, toquei-a levemente antes de mergulhar mais uma vez. Ela me chamou de volta para a sua órbita de novo e mais uma vez, até que lhe dei atenção. Toquei a melodia da minha mãe na íntegra, e cantei a letra do meu pai, e por um momento brilhante estávamos os três juntos:

Mil arrependimentos eu tive no amor, Mil vezes desejei mudar o passado. Eu sei, meu amor, não há caminho de volta, Não há como renegar nossos mil deveres.

Temos de seguir com o coração pesado.

Mil arrependimentos eu tive no amor, Mas de você nunca me arrependerei.

A música me liberou, então, e fiquei livre para improvisar de novo, meus círculos cada vez maiores, até que, mais uma vez, abarquei o mundo todo com a música.

Abri os olhos para um público boquiaberto, como se ele esperasse conservar na boca o sabor da última nota. Ninguém aplaudiu até que me levantei completamente e então os aplausos foram tão estrondosos que dei um passo para trás. Fiz uma reverência, exausta e eufórica.

Quando levantei os olhos, vi meu pai. Eu nem tinha percebido que ele estava ali. Estava tão pálido quanto estivera depois do funeral, mas entendi sua expressão de modo diferente agora. Ele não estava furioso comigo: sua expressão era de dor e de uma determinação de aço para não deixar que ela o abalasse. Soprei-lhe um beijo.

Kiggs e Selda estavam juntos à esquerda, causando em mim uma pontada de dor. Eles sorriram e acenaram; eram meus amigos, ambos, por mais difícil que isso fosse para mim. Na parte de trás, Dama Okra Carmine estava junto com Lars e Abdo, que saltava de alegria. Eles tinham encontrado uns aos outros; todos nós tínhamos.

Tocar no funeral tinha me deixado esgotada, mas desta vez foi diferente. Amigos me rodeavam, e a corte ofereceu-me algo de volta com seu aplauso. Por um instante fugaz, eu me senti como se pertencesse a esse

lugar. Fiz uma reverência novamente e saí do palco.

O incansável fardo da noite acabou por reduzir nossa vigilância a pó; ali pelas três da manhã, surpreendi-me esperando que alguém esfaqueasse Comonot apenas para que pudéssemos acabar logo com aquilo e ir para a cama. Era difícil ficar de olho nele quando parecia que nunca se cansava. Ele dançou, comeu, bebeu, conversou com a Princesa Dionne, riu maravilhado diante dos dançarinos de pipegíria, e depois de tudo isso ainda tinha a energia de três homens comuns.

Ouvi o sino badalar a quarta hora e já havia praticamente decidido perguntar aos meus companheiros se eu não podia dar uma escapada e tirar uma soneca, quando o próprio Kiggs entrou no espaço vazio ao meu lado e pegou a minha mão.

— A pavana — foi tudo o que disse, sorrindo e me puxando para o desfile de abertura.

Meu cérebro cansado tinha deixado de processar as danças, mas a música entrou em foco, assim como as velas, os imponentes dançarinos, o salão inteiro. Kiggs era melhor do que café.

— Estou começando a achar que tivemos todo esse trabalho à toa — eu disse, pisando com muito mais energia do que um minuto antes.

— Considerarei alegremente que nos equivocamos quando Comonot estiver seguro em casa — disse Kiggs, com os olhos cansados. — Não pague Pau-Henoa até que ele leve você até o outro lado.

Olhei para o Ardmagar entre os dançarinos, mas ele não estava lá desta vez. Finalmente o localizei encostado a uma parede, observando, sem falar com ninguém, um copo de vinho na mão e um olhar vidrado na cara. Estaria ficando cansado? Essa era uma boa notícia.

— Onde está a Princesa Glisselda? — perguntei, quando não consegui localizá-la.

Ele me levou pela mão a perfazer um círculo.

— Ou cochilando ou discutindo algo com a vovó. Pretendia fazer as duas coisas, mas não ficou claro em que ordem.

Talvez eu pudesse tirar um cochilo no final das contas. Nesse instante eu não queria. Não queria que a dança chegasse ao fim ou Kiggs largasse minha mão. Eu não queria que ele desviasse os olhos nem viver outro momento que não fosse aquele.

Um sentimento aflorou em mim, e eu dei livre vazão a ele, porque, que mal poderia fazer? Ele só tinha outros trinta e dois compassos lentos de vida neste mundo. *Vinte e quatro. Dezesseis. Ainda oito compassos mais em que eu te amo. Três. Dois. Um.*

A música terminou e eu o deixei ir, mas ele não me soltou.

— Um minuto, Phina. Tenho algo para você.

Ele me levou para o palco, subimos os degraus e entramos na coxia, onde eu já tinha passado grande parte da noite. No canto estava a garrafa de café de Glisselda, há muito vazia; ao lado dela havia um pacotinho embrulhado num tecido no qual eu não tinha tocado, por não saber a quem pertencia. Ele o pegou e me entregou.

— O que é isso?

— Obviamente, você não vai saber até abrir — disse ele, os olhos brilhando à meia-luz. — Feliz Ano Novo!

Era um volume fino, encadernado com pele de novilho.

Abri e dei uma risada.

— Pontheus?

— O próprio. — Kiggs estava de pé ao meu lado, como se para ler sobre meu ombro, sem tocar meu braço. — É seu último livro, *Amor e Trabalho*, o que mencionei antes. Trata-se, como você pode deduzir, do trabalho, mas também do pensamento e do autoconhecimento e do que é bom na vida, e...

Ele parou de falar. Havia, é claro, outra palavra no título.

Ela pairou entre nós como uma bolha de ar.

— E da verdade? — eu disse, pensando num tema neutro e percebendo tarde demais que ele não era absolutamente neutro.

— Bem, sim, mas eu ia dizer, hã, amizade. — Ele sorriu, desculpando-se; olhei para o livro. Ele acrescentou: — E felicidade. É por isso que ele é considerado louco. Os filósofos porfirianos assinaram, todos eles, um pacto para serem infelizes.

Não pude deixar de rir; Kiggs riu comigo e Guntard, que estava no meio de um solo de charamela, só então olhou para nós dois, rindo nos bastidores.

— Agora eu estou envergonhada — eu disse — porque não tenho nada para você.

— Não seja tola! — disse ele com veemência. — Você deu a todos nós

um presente esta noite.

Virei-me para o lado, o coração batendo dolorosamente, e vi, através da abertura das cortinas, Dama Okra Carmine em pé ao lado de uma porta, do outro lado do corredor, acenando com urgência a longa manga verde.

— Alguma coisa está acontecendo — eu disse.

Kiggs não perguntou o quê; só seguiu meus passos através do turbilhão de dançarinos e saiu para o corredor. Lá Dama Okra Carmine puxava o braço de Comonot, impedindo de ir a qualquer lugar, enquanto guardas confusos hesitavam por perto, sem saber para que lado ir.

— Ele diz que está indo tirar um cochilo, mas eu não acredito — ela exclamou.

Obrigado, Embaixadora — disse Kiggs, sem saber por que Dama Okra estava envolvida em tudo aquilo. Eu teria que inventar algum motivo.

Todo o peso daquela noite desabou sobre mim novamente.

Comonot, braços cruzados e mandíbula cerrada, observou Dama Okra fazer uma mesura sarcástica e voltar para a festa.

— Agora que estamos livres dessa louca — ele disse —, será que eu poderia tratar dos meus assuntos particulares?

Kiggs fez uma reverência.

— Senhor, receio ter que insistir para que leve consigo um guarda ou dois. Temos algumas preocupações com relação à sua segurança esta noite, e...

Comonot balançou a cabeça.

— Ainda convencida de que há uma conspiração contra mim, Seraphina? Eu gostaria de poder dar uma olhada naquela sua memória. Sua paranoia com relação a esse assunto quase me faz andar por aí olhando por sobre o ombro. Essa é outra resposta humana/corporal, não é? Medo do escuro e do desconhecido? Medo de dragões?

— Ardmagar — eu disse, profundamente perturbada por ele ter mencionado minha memória materna de maneira tão arrogante —, por favor, apenas aceite nossa palavra com relação a esse assunto.

— Vocês não têm muito a me dizer.

— A paz depende da sua contínua liderança — eu supliquei. — Temos muito a perder se acontecer alguma coisa ao senhor.

Seus olhos se aguçaram com astúcia.

— Você sabe de quem mais ela depende? Da Casa Real de Goredd, aquela cujo Príncipe, se bem me lembro, foi recentemente assassinado. Vocês estão vigiando os seus com tanta atenção quanto estão me vigiando?

— É claro — disse Kiggs, mas a pergunta evidentemente o pegou de surpresa. Eu podia vê-lo tentando explicar o paradeiro da avó, da tia e da prima e chegando à conclusão perturbadora de que não sabia onde nenhuma delas estava.

— Sei que você não sabe onde está a titia — disse Comonot com um olhar malicioso desconcertante.

Kiggs e eu olhamos para ele com horror.

— O que o senhor está sugerindo, Ardmagar? — perguntou Kiggs, um tremor na voz.

— Apenas que você não é tão observador quanto pensa — disse Comonot — e que... — Ele parou abruptamente; seu rosto empalideceu. — Por todos os brilhos! Sou tão estúpido quanto vocês.

Ele disparou numa corrida. Kiggs e eu, em seus calcanhares, Kiggs gritando:

— Onde ela está?

O Ardmagar subiu a grande escada de mármore, escalando dois degraus de cada vez.

Quem o assassino pretendia esfaquear — gritou Comonot — antes de se contentar com Seraphina?

— Onde está tia Dionne, Ardmagar? — Kiggs gritou.

— Em meus aposentos! — disse o saar, que estava ofegante agora.

Kiggs disparou atrás dele pelas escadas, em direção à ala da família real.

TRINTA E DOIS

Comonot e eu chegamos aos aposentos dele ao mesmo tempo; Kiggs tinha chegado bem antes de nós com alguns guardas que recrutou ao longo do caminho. Entramos assim que um guarda correu de volta para fora, e nós logo vimos o porquê: Kiggs o enviara correndo atrás de um médico.

Kiggs e o outro guarda ajudavam a Princesa Dionne a se levantar do chão, tentando fazê-la ficar numa posição semiereta no sofá.

Kiggs pôs dois dedos em sua boca, tentando fazê-la vomitar. Ela lançou uma golfada de algo pegajoso e roxo dentro do capacete do guarda de serviço, mas não parecia nada melhor depois disso.

Ela estava verde; a parte branca dos olhos estava muito visível, e ela não conseguia focá-los.

Apsig! Vinho! — ela resmungou. O guarda, tomando isso como um pedido, começou a encher uma taça de uma garrafa sobre a mesa, mas Kiggs bateu com a mão na taça, que se espatifou no chão.

— O vinho fez mal a ela, obviamente — disse Kiggs entredentes, tentando evitar que a tia caísse do sofá enquanto ela entrava em convulsão. Comonot correu para ajudar a contê-la.

— Há quanto tempo o senhor tem essa garrafa, Ardmagar?

— Não é minha. Ela deve ter trazido consigo. — Seus olhos se arregalaram. — Será que ela pretendia me envenenar?

— Não seja idiota! — exclamou Kiggs, deixando sua ira levar a melhor sobre os seus bons modos. — Por que ela teria bebido ela mesma?

— Remorso pelo que estava prestes a fazer?

— Não é assim que funciona, seu dragão estúpido! — gritou Kiggs, a voz embargada de lágrimas, enxugando os lábios. — Por que ela iria se encontrar com o senhor aqui? Por que estava trazendo vinho? Por que o senhor acha que pode vir a Goredd e bancar o ser humano quando não sabe nada a respeito?

— Kiggs — eu disse, timidamente, colocando uma mão em seu braço. Ele se afastou de mim.

Comonot encostou-se na parte de trás do sofá, atordoado.

Eu... eu não sei *nada*, exatamente. Isto é, estou sentindo alguma coisa. Não sei o que é. — Ele virou seus olhos suplicantes para mim, mas eu não sabia o que dizer a ele.

O médico chegou com três assistentes do sexo feminino. Ajudei-os a carregar Dionne para a cama, onde tiraram sua roupa, limparam-na com uma esponja, sangraram-na, administraram-lhe pó de carvão e examinaram o vinho e o vômito de perto, procurando por pistas sobre o que deveriam usar como antídoto. Comonot, que não tinha nada que vê-la sem roupas, vagou por ali sem que ninguém contestasse e ficou olhando para ela, boquiaberto. Kiggs andava de um lado para o outro, na antessala.

Um pensamento terrível me surpreendeu. Virei-me para sair correndo, mas Comonot pegou minha manga.

— Ajude-me — disse ele. — Eu sinto algo...

— Culpa — rebati, tentando soltar-me.

— Faça isso desaparecer! — Ele parecia completamente apavorado.

— Eu não posso. — Olhei para a comoção sobre a cama; Dionne estava em meio a uma nova convulsão. Senti uma pontada de pena pelo velho e tolo saar.

Estávamos todos perdidos, dragão e humanos, em face da morte.

Coloquei a mão na sua bochecha rechonchuda e falei como a uma criança:

Fique aqui. Ajude como puder; ela ainda pode ser salva. Tenho que me certificar de que ninguém mais vai morrer esta noite.

Corri para Kiggs. Ele estava sentado no sofá, com os cotovelos sobre os joelhos, as mãos cobrindo a boca, os olhos arregalados.

— Kiggs! — Ele não olhou para mim. Ajoelhei-me diante dele. — Levante-se. Ainda não acabou. — Ele olhou para mim, com um olhar sem expressão. Permiti-me tocar seu cabelo em desalinho. — Onde está Selda? Onde está sua avó? Precisamos ter certeza de que estão seguras.

Minhas palavras surtiram efeito. Ele se pôs de pé num salto. Corremos para suas respectivas suítes, mas nem a Rainha nem a Princesa estavam dormindo em suas camas.

— Glisselda tinha intenção de falar com ela — disse Kiggs. — Elas provavelmente estão juntas. No gabinete da Rainha, ou... — Ele deu de ombros. Eu me virei na direção do gabinete, mas ele pegou uma lanterna, agarrou meu braço e me levou através de uma porta oculta na parede do

quarto da Rainha, para um labirinto de passagens.

O caminho era estreito; eu andava atrás dele. Quando já não podia mais suportar o silêncio, perguntei:

— Você ouviu sua tia dizer “Apsig”?

Ele acenou afirmativamente com a cabeça.

— A implicação parece suficientemente clara.

— Que Josef deu-lhe o vinho? Era destinado apenas para o Ardmagar ou...

Para ambos, sem dúvida. — Ele olhou para mim, com o rosto na sombra: — Tia Dionne deveria ir se encontrar com Comonot na catedral.

— Thomas não poderia ter me confundido com ela.

— Eu imagino que ele tenha reconhecido você e decidido, no calor do momento, matá-la no lugar dela. Mas lembre-se: você viu Josef perto do local.

— Você achou que era muito circunstancial.

— Eu achava até o nome dele aparecer justo agora! — ele exclamou, o stress da noite substituindo sua descrição habitual.

Chegamos ao gabinete da Rainha apenas para encontrá-lo vazio. Kiggs praguejou.

— Precisamos nos separar — disse eu. — Vou voltar ao grande salão.

Ele concordou com a cabeça, tristemente.

— Vou mobilizar a Guarda. Nós vamos encontrá-las.

Eu já estava tentando entrar em contato com Abdo mentalmente enquanto corria em direção ao corredor. *Abdo, encontre Lars. Espere por mim perto do palco. Você pode ver Dama Okra?*

Abdo avistou a Embaixadora perto das sobremesas, então disse que estava saindo do salão para ir aos camarins, procurar Lars. Entrei em contato com Lars para que ele soubesse que Abdo estava chegando.

Considerei a possibilidade de não cumprir a minha palavra e contatar Dama Okra, mas ela tinha se mostrado bem irritada antes e eu precisava de sua ajuda agora. Eu precisava de seu dom, por mais estranho que fosse, para cumprir sua peculiar promessa. Quando cheguei ao grande salão, ela estava exatamente onde Abdo havia indicado, tendo uma conversa animada com Fulda, o recluso embaixador dragão. Contornei os casais dançando, maravilhada ao ver que alguém ainda tinha energia para dançar uma volta

quando já estava quase amanhecendo. Parei ao lado de Dama Okra e disse:

— Perdoe-me, Embaixador Fulda, mas preciso roubar Dama Okra por um instante. Temo que seja urgente.

As boas maneiras eram mais para benefício dela do que para o dele. Ela empertigou-se, sentindo-se importante — o que não contribuiu nem um pouco para deixá-la mais alta — e disse:

— Você ouviu, Fulda. Xô.

Os olhos do Embaixador Fulda brilharam, enquanto ele me encarava.

— Então você é a Donzela Dombegh. Estou empolgado por travar conhecimento com a senhorita, enfim.

Olhei para ele, perguntando-me o que ele tinha ouvido.

— Ah, fora! — gritou Dama Okra, dando-lhe uma pancada. — Ela não é mais especial do que eu sou, e você me conhece há anos. Venha, Seraphina!

Ela pegou meu braço e me arrastou para longe.

— Tudo bem, o que você quer? — perguntou quando estávamos num canto sozinhas.

Respirei fundo.

— Precisamos encontrar a Rainha e Glisselda.

— Elas não estão no gabinete, não é?

Arregalei os olhos para ela.

— O que o seu estômago lhe diz?

— Meu estômago não aceita pedidos, senhorita — ela disse com altivez. — Ele me dirige, e não o contrário.

Inclinei-me na direção da sua cara de sapo, demonstrando além de qualquer dúvida que eu não apenas me equiparava a ela na capacidade de intimidar as pessoas, mas a superaria um dia.

— Você me disse que seu estômago lhe permite estar no lugar certo, na hora certa. A Rainha e Glisselda podem estar correndo perigo mortal neste exato momento, então eu diria que o lugar certo é onde quer que estejam, e a hora certa é antes que elas sofram algum mal!

— Bem, obrigada pela informação adicional — ela fungou. — Preciso de algo para ir em frente. Não é magia, você sabe. É mais como indigestão.

— Ele está apontando para algum lugar, ou não?

Ela considerou por um instante, batendo um dedo contra os lábios.

— Sim. Por aqui.

Ela me levou em direção a uma porta do salão, justo quando Kiggs entrava por outra. Eu o chamei e acenei; ele atravessou a pista de dança como um dardo na nossa direção, dispersando e confundindo os casais que dançavam.

Dama Okra não esperou por ele, mas mergulhou no corredor, rumo à ala leste. Eu a segui à distância até Kiggs nos alcançar.

— Para onde estamos indo? — ele perguntou sem fôlego.

— Localizamos Glisselda e a Rainha — eu disse, temendo sua próxima pergunta.

— Onde elas estão?

— São Vitt, como vou saber? — rosnou Dama Okra, aumentando o ritmo dos passos.

Kiggs virou os olhos incrédulos para mim.

— O que se passa?

— Ela tem um palpite. Eu confio nele. Vamos lhe dar uma chance.

Kiggs resmungou, cético, mas seguiu em frente. Chegamos à porta da sua torre abominável. Dama Okra sacudiu a maçaneta, mas a fechadura estava trancada.

— Onde essa porta vai dar, e você tem uma chave, Príncipe? — perguntou Dama Okra.

— Elas não estariam lá em cima — ele murmurou, mas procurou pela sua chave.

— Como é que elas teriam entrado? — perguntei quando a fechadura se abriu com um clique.

— Glisselda tem uma chave. Não é impossível, mas não é plausível tampouco... — Ele parou. Vozes quase inaudíveis ecoaram na escada em espiral. — Santos ossos!

Dama Okra fez menção de subir as escadas, mas Kiggs a deteve, olhando para cima atentamente. Colocou um dedo sobre os lábios e moveu-se silenciosamente, a mão sobre o punho da espada; seguimos atrás dele. A porta no topo estava levemente entreaberta, deixando a luz e o som flutuarem na nossa direção. Ouvimos risadas e três... não, quatro vozes diferentes. Kiggs acenou-nos para ficarmos paradas.

— Isso é ótimo. Uma delícia! — disse uma voz que supus ser da Rainha.

— Obrigada! — soou uma voz que era claramente de Glisselda. —

Não deveríamos esperar por minha mãe e o primo Lucian?

Uma terceira voz deu uma resposta abafada, seguida do tinido de vidro contra vidro enquanto outra taça de vinho estava sendo abastecida.

Kiggs virou-se para nós e contou nos dedos: três, dois, um...

Ele abriu a porta, justo quando a Rainha, Glisselda e Lady Corongi brindavam o Ano-Novo com uma taça de vinho. Josef, o Conde de Apsig, estava um pouco distante, a garrafa de vinho na mão.

TRINTA E TRÊS

Oh, aí está você, Lucian! — gorjeou Glisselda, que estava voltada para a porta.

— Não! — gritou Kiggs, avançando para o outro lado da sala em direção à sua avó, que era a única pessoa que tinha colocado a taça entre os lábios.

— Achei que poderíamos ter uma linda vista do nascer do sol aqui de cima — continuou a prima, registrando suas ações, mas lentamente. Sua expressão desmoronou quando Kiggs pegou a taça de sua mão. — O que está acontecendo?

— Alguém envenenou sua mãe. Algo no vinho. Não podemos confiar neste vinho tampouco: suspeito que seja da mesma fonte. Sua taça, por favor, Lady Corongi — disse Kiggs. Lady Corongi entregou a taça, parecendo escandalizada.

Espero que você esteja errado — disse a Rainha, sentando-se trêmula num banquinho. Ela apoiou o cotovelo numa mesa próxima, coberta de livros e mapas. — Receio ter dado um gole antes de você irromper pela porta.

— Precisamos levar a senhora aos médicos — disse Dama Okra, uma certeza na voz que ninguém ousou questionar. Ela ajudou a Rainha a ficar de pé e levou-a para a escada.

— O Dr. Ficus está na suíte do Ardmagar — Kiggs disse a ela —, mas o Dr. Johns deve estar...

— Eu sei para onde estamos indo — gritou uma voz irritada já na metade da escada.

— Selda, você não bebeu nem uma gota, espero — disse Kiggs, voltando-se para a prima.

Selda inclinou-se contra a lateral de uma estante como se estivesse tonta, mas disse:

— Não. Você apareceu bem na hora. Mas e você, Lady Corongi?

A velha balançou a cabeça bruscamente. Fosse qual fosse o veneno que havia na bebida, não era nada comparado com o olhar venenoso que ela

enviou para o Conde de Apsig.

Josef tinha ficado completamente branco. Ele entregou a garrafa a Kiggs e ergueu as mãos como se em sinal de rendição.

— Por favor — disse ele —, sei que isso parece ruim...

— Estou vendo que você não se serviu de vinho, Conde Josef — disse Kiggs delicadamente, apontando para a garrafa sobre a mesa. — Você não é um saar, é?

— Eu sou samsamese! — gaguejou Josef. — Nós não tomamos a bebida do diabo... — Ele parou, e então virou os olhos arregalados para Lady Corongi. — Você estava contando com isso. Qual foi o seu plano, sua bruxa? A Rainha e a Princesa bebem, você finge beber, vocês três desmaiam e, quando eu corro para chamar os médicos, o que acontece? Você sai às escondidas? Deixa-me ser incriminado pelos seus crimes?

— Você está acusando esta nobre senhora de alguma coisa, seu monstro? — gritou Glisselda, colocando um braço protetor em torno dos ombros da mulherzinha. — Ela foi minha professora durante quase toda a minha vida!

O branco dos olhos de Josef brilhou; ele parecia desequilibrado. Seus lábios se moviam, como se estivesse realizando algum cálculo medonho em sua cabeça, enquanto corria as mãos pelo cabelo loiro.

— Príncipe — ele resmungou —, não sei o que dizer para convencê-lo. É a minha palavra contra a dela.

— Você deu à minha tia uma garrafa de vinho envenenado — disse Kiggs. A ira que demonstrara antes se transformou em gelo.

— Eu juro para você, eu nunca suspeitei. Por que iria questionar um presente que sua querida amiga Lady Corongi me disse para entregar? — Ele estava vulnerável agora, agarrando qualquer argumento que pudesse. — Você não sabe se este vinho aqui está envenenado, apenas presume. E se não estiver?

Sei que você estava na catedral no dia em que Seraphina foi apunhalada — disse Kiggs, distraidamente, reorganizando os objetos em sua mesa de trabalho.

— Eu vi você falando com Thomas Broadwick — eu disse, cruzando os braços.

Josef sacudiu a cabeça com veemência.

— Eu estava entregando uma mensagem para os Filhos de São Ogdo.

Estava codificada, eu não tinha ideia do que dizia — alegou ele.

— Mentiroso! — gritei.

— Pergunte a ela — ele gritou, apontando para Lady Corongi. — Ela é a pessoa que me pôs em contato com os Filhos. Ela é a única que dá a eles informações secretas do palácio. Ela é a causa de todos os meus problemas!

— Bobagem — fungou Lady Corongi, olhando para o dedo do conde apontado para ela, como se aquilo a ofendesse mais do que qualquer outra coisa. — Príncipe, não vejo por que já não amarrou os pés e as mãos desta criatura miserável.

Josef abriu a boca para responder, mas naquele momento um barulho horrível — Tluu-tluu-tluuuu! — surgiu de algum lugar perto de Kiggs. A Princesa Glisselda subiu num banquinho, gritando:

— Pelas pernas de São Pólipos, de onde veio isso? — Josef tirou sua adaga e olhou em volta desorientado.

Só Lady Corongi ficou paralisada, os olhos arregalados de espanto, quando a voz balbuciou:

— Vejo você aí, impostor!

Olhei para Kiggs. Ele acenou para mim e abriu a mão atrás das costas, revelando minha estatueta de homem lagarto.

— Quem isto aqui está chamando de impostor, Lady? — perguntou Kiggs.

Lady Corongi saiu de seu estado de choque com um estremecimento. Eu a encarei. Seus olhos azuis encontraram os meus só por um segundo, mas naquela frágil eternidade vislumbrei a mente por trás das boas maneiras; nesse instante sem fim, eu soube.

Lady Corongi investiu contra Glisselda, que ainda estava sobre o banquinho. Glisselda gritou e dobrou-se ao meio, caindo sobre o ombro de Corongi. A venerável senhora virou-se e saiu correndo pelas escadas.

O choque nos congelou no lugar por um instante longo demais; Kiggs se recuperou primeiro, agarrou meu braço e me arrastou pela escuridão. Josef gritou algo atrás de nós, mas, se estava nos chamando ou chamando Corongi, não consegui discernir. No pé da escada, Kiggs olhou para a direita e eu olhei para a esquerda. Vi a barra da saia de Lady Corongi desaparecendo numa curva.

Sáimos voando atrás dela, seguindo as mínimas pistas — uma porta aberta, um resquício de seu perfume, uma cortina esvoaçando com uma

brisa inexistente — até chegarmos num armário que tinha sido puxado para longe da parede, revelando uma entrada para uma passagem secreta.

Kiggs interrompeu a perseguição.

Isso foi um erro, Lady — disse. Ele correu de volta para o corredor; três portas depois havia uma sala dos guardas.

Ele abriu a porta, gritou para chamar a atenção, e fez cinco sinais com a mão numa rápida sucessão. Os guardas saíram pela porta e se espalharam em todas as direções. Kiggs correu de volta para o armário; já havia um guarda ao lado dele, que o saudou e deu-nos uma lanterna enquanto passávamos.

— O que você pediu que fizessem? — perguntei.

Ele demonstrou os sinais à medida que falava:

— Espalhem a ordem; toda a Guarda; fechar as saídas dos túneis inferiores; notificar a guarnição da cidade e seus olhos encontraram os meus — dragão.

Era uma impressionante variedade de sinais.

— Eles vão nos seguir até lá embaixo?

— Em breve. Vai levar tempo para que todos se posicionem. Existem sete entradas.

— Contando a porta de saída do castelo?

Ele não respondeu; em vez disso precipitou-se na escuridão. Claro que o guarda do palácio não seria capaz de chegar à porta de saída a tempo, por isso ele estava enviando a ordem para a cidade, mas eles chegariam tarde demais. Meu coração se contraiu em desespero. Glisselda podia ser morta antes que qualquer um de nós pudesse chegar até ela.

Eu tinha minhas próprias tropas que poderia reunir. Ativei o brinco de Orma na corrente, rezando para que ele o ouvisse, que já não tivesse viajado e percorrido uma longa distância, e que pudesse chegar até nós a tempo. Então entrei em contato com Abdo.

Onde você está? ele perguntou. *Estávamos ficando preocupados!*

Coisas ruins estão acontecendo. Preciso que você e Lars corram, o mais rápido possível, para o noroeste da Colina do Castelo. Da porta de saída na encosta da colina pode sair em breve um dragão hostil.

Ou poderia ser uma velha muito forte e perversamente rápida.

Havia ainda alguma incerteza sobre esse ponto.

Como é que vamos descer a muralha do castelo daquele lado?

Pedra de São Masha! *Vocês vão encontrar um caminho.* Eu esperava que fosse verdade.

E o que nós dois vamos fazer contra um dragão hostil?

Não sei. Tudo o que sei é que estou nos túneis agora, atrás dele, e se você e Lars aparecerem haverá o dobro de pessoas. Não temos de matá-lo, só temos de atrasá-lo até meu tio chegar.

Eu o deixei ir, porque tinha certeza de que ele ia protestar outra vez e porque eu ficava tropeçando no chão desnivelado quando minha concentração estava em outro lugar.

Passamos pelas três portas, agora destrancadas e entreabertas, e eu sabia que Lady Corongi tinha vindo dessa forma também. Quando chegamos à área da caverna natural, Kiggs desembainhou a espada. Ele me olhou de cima a baixo.

Nós deveríamos ter lhe arranjado uma arma antes de vir para cá! — Seus olhos pareciam assombrados à luz da lanterna. — Quero que você volte.

— Não seja ridículo.

— Phina, não sei o que eu faria se você se ferisse! Por favor, volte! — Ele se empertigou como se pretendesse bloquear meu caminho.

— Pare com isso! — gritei. — Você está perdendo tempo.

Um véu de tristeza caiu sobre seu rosto, mas ele balançou a cabeça e retornou à tarefa que tinha em mãos. Partimos em uma corrida.

Chegamos à boca da caverna, mas não *se via ninguém*, apenas roupas femininas espalhadas pelo chão como a pele velha de uma cobra. Kiggs e eu olhamos um para o outro, lembrando-nos do vestido dobrado que tínhamos encontrado ali antes. Ele estivera bem na nossa frente e nós nem desconfiamos.

Glisselda tinha claramente se debatido, enquanto “Lady Corongi” se despia, portanto havia esperança de que a criatura não tivesse voado ainda. Corremos para fora da caverna na direção da relva, lisa por causa da neve, procurando ao redor pelas duas. Glisselda gritou; nós nos viramos para a direção de onde vinha o som de sua voz. Acima da entrada da caverna, com a silhueta recortada contra o céu cor-de-rosa, havia um homem magro e nu, Glisselda jogada sobre seu ombro.

Ele tinha vivido na corte, disfarçado como uma velha, durante quase a vida inteira de Glisselda. Encharcado de perfume, evitando outros saar,

insinuando-se junto à Princesa Dionne, ele esperara sua hora com uma paciência que apenas os répteis possuem.

Apesar de todas as exposições aos saarantrai, eu nunca tinha visto antes alguém se transformar de humano em dragão. Ele se desdobrou, alongou-se, encaixou-se e desenrolou-se um pouco mais. Parecia lógico enquanto acontecia, todas as suas partes humanas transformando-se plausivelmente em dragão: seus ombros separando-se em asas, a coluna vertebral se estendendo até a cauda, seu rosto se alongando, a pele explodindo em escamas. Ele conseguiu fazer a coisa toda sem largar Glisselda, e concluiu com ela apertada com firmeza em suas garras dianteiras.

Se tivéssemos sido inteligentes, teríamos investido contra ele enquanto estava se transformando, mas ficamos presos ao chão, surpresos demais para pensar.

Todas as dúvidas tinham finalmente se dissipado: era Imlann.

Ele não seria capaz de voar durante vários minutos; um saar recém-transformado é mole e fraco como uma borboleta recém-saída da crisálida.

Sua mandíbula já estava em forma; ele podia cuspir fogo. Puxei Kiggs de volta para dentro da caverna antes que uma bola de fogo caísse no chão da entrada da caverna, enviando uma enxurrada de pedras queimadas numa explosão de enxofre. Imlann não conseguira formar uma bola muito grande ainda, mas, se esticasse o pescoço para baixo, em direção à boca da caverna, não precisaria de toda sua capacidade, especialmente se Kiggs se recusasse a recuar.

Quanto tempo levaria para Lars e Abdo chegarem? E Orma, se é que ele estava vindo mesmo? Eu via apenas um modo de ação, e virei a cabeça para olhar de novo fora da caverna.

— Você está louca? — gritou Kiggs, agarrando meu braço.

Eu estava louca, de fato. Virei-me para trás e beijei-o em cheio na boca, porque essa bem poderia ser a última coisa que eu faria, e eu o amava, e o fato de que talvez ele nunca soubesse me deixava desesperadamente triste. O beijo deixou-o tão surpreso que ele largou meu braço, e eu corri para fora do seu alcance, em direção à encosta nevada.

— Imlann! — gritei, pulando e agitando os braços como uma maluca.
— Leve-me com você!

O monstro levantou a cabeça e gritou:

— Você não é um dragão; resolvemos isso na lavanderia. O que diabos você é, afinal?

Era isso. Eu tinha que interessá-lo o suficiente para que ele não me matasse logo de cara, e só havia um fragmento de informação que poderia funcionar:

— Sou sua neta!

— Não é possível.

— Sim, é possível! Linn se casou com o humano, Clau...

— Não fale o nome dele. Quero morrer sem nunca ter ouvido esse nome. Ele é uma coisa sem nome, a antítese do ard.

— Bem, sua filha sem nome teve uma filha com seu marido “coisa sem nome”.

— Orma nos disse que...

— Orma mentiu.

— Eu deveria matá-la.

— Você faria melhor me levando com você. Eu poderia ser útil para o conflito que está para começar. — Abri os braços, posando de forma dramática, o vestido vermelho como uma ferida aberta na encosta de neve.

— Ser uma mestiça me deu habilidades formidáveis que nem os dragões nem os seres humanos possuem. Posso entrar em contato com outros mestiços mentalmente, posso comandá-los à distância com um pensamento. Tenho visões e memórias maternas. Como você imagina que eu sabia quem você era?

As narinas de Imlann se inflaram, embora eu não pudesse discernir se ele estava cético ou intrigado. Mais embaixo na caverna, Kiggs, agitado, movia-se lenta e silenciosamente, colocando-se em posição de ataque.

— Sei tudo sobre sua cabala — eu disse, sentindo a urgência de manter a boca em movimento. — Sei que seus planos em seu país estão em curso, agora mesmo, enquanto nos falamos.

Imlann eriçou a crista como se estivesse alarmado com a ideia de eu saber disso.

Será que eu tinha adivinhado corretamente? O desespero tomou conta de mim, mas eu continuei:

— Você matou o Ardmagar e metade da família real; a guerra está chegando. Mas Goredd não é suficientemente fraca para permitir que você

se infiltre nesse momento. Você vai precisar da minha ajuda.

Imlann bufou, a fumaça espiralando das suas narinas.

— Mentirosa. Eu sei que você blefou comigo antes. Não deveria ter sido tão rápida em se gabar. Mesmo que eu acreditasse em seus poderes, sua lealdade é para com o Príncipe na caverna. Qual das suas “capacidades formidáveis” você vai usar quando eu me inclinar para baixo e transformá-lo em carvão? Sou capaz de expelir um bom fogo agora.

Abri a boca, e ouvi um barulho como se o mundo estivesse acabando.

Não tinha sido eu, embora eu fosse ridiculamente lenta para compreender isso. Lars, que havia se infiltrado pela esquerda, tinha soprado seus enormes foles de guerra, gritando e proferindo obscenidades musicais ao alvorecer. Imlann sacudiu a cabeça na direção do som e uma figura escura saltou sobre ele vindo do outro lado, agarrando o pescoço do dragão, e apertando os braços e as pernas em torno de sua garganta ainda flácida. Imlann mexeu violentamente o pescoço, mas Abdo segurou firme, apertando o suficiente para impedir que Imlann cuspsse fogo.

— Kiggs! Agora! — gritei, mas ele já estava lá, atacando o pé que prendia Glisselda. Imlann soltou um gorgolejo e afastou o pé num reflexo. Cheguei onde estava Kiggs justo nesse momento; juntos nós rolamos Glisselda para o lado. Ajudei a Princesa, que chorava, a descer pelas pedras em direção à entrada da caverna, enquanto Kiggs, sem se conter, deu uma punhalada no outro pé do dragão. Imlann golpeou Kiggs, fazendo o Príncipe cair no mesmo nível em que estávamos. Ele desabou no chão de costas, expelindo todo o ar dos pulmões. Glisselda correu até ele.

Senti um vento quente e sulfúrico, e olhei para cima a tempo de ver Imlann lançando-se da encosta, Abdo ainda agarrado ao seu pescoço.

Gritei, mas não havia nada que eu pudesse fazer. Abdo não poderia largar o dragão enquanto ele estava no ar; a queda iria matá-lo. Imlann circulou preguiçosamente de volta para nós. Se ele tinha endurecido o suficiente para voar, agora estava muito rígido para que Abdo o impedisse de soltar chamas. Ele estava vindo na nossa direção para nos transformar em cinzas.

— Para trás! — gritei para Glisselda e Kiggs, empurrando os dois para dentro da caverna. — Afastem-se o máximo que puderem!

— Su... sua mentira nos salvou! — engasgou Kiggs, ainda tonto da queda.

Minha mentira. De fato.

— Depressa! Corram! — apressei-os.

Algo enorme gritou no céu acima de nós.

Olhei para cima e vi Orma lançando-se contra Imlann, e suspirei de alívio.

TRINTA E QUATRO

Imlann virou a cauda e fugiu, ou pareceu fugir. Ele quase deixou Orma pegá-lo antes de circular no céu e agarrá-lo. Segurando-se pelas asas, eles mergulharam em direção à terra, mas conseguiram se desvencilhar antes de bater nas árvores. Dispararam para cima novamente, cada um procurando uma abertura. Imlann lançou chamas; Orma, notavelmente, não fez o mesmo.

Ele tinha visto Abdo e não queria machucá-lo. A humanidade da sua atitude me tirou o fôlego; sua burrice colossal me encheu de desespero.

Abdo, preso no pescoço de Imlann, impediria Orma não apenas de usar o fogo, mas também de morder cabeça de Imlann. A única esperança de Orma seria derrubar o pai, que era bem maior do que ele. Não ia ser fácil, e Abdo ainda assim poderia morrer.

Vinda da cidade, outra coisa enorme, rosa escuro, se elevou no céu e se aproximou, em alta velocidade, dos dois dragões que lutavam. Era outro dragão, mas eu não sabia dizer quem era. Ele circulou de uma distância segura os dois dragões que rosnavam, sem se envolver com qualquer um deles, mas observando e esperando.

Atrás de mim, Kiggs falou baixinho com Glisselda.

— Você está ferida?

— Posso ter quebrado uma costela, Lucian. Mas... o Ardmagar está realmente morto?

— Foi tudo um blefe. Eu a vi fazer isso antes. É um talento especial que ela tem.

— Bem, você vai buscá-la, não vai? Ela está de pé na neve com sapatilhas de baile, e vai congelar.

Eu não tinha percebido até aquele momento o quanto estava frio. Nem mesmo vestia um manto. Kiggs se aproximou de mim, mas eu não iria desviar os olhos da batalha no céu. Imlann voava um pouco mais para leste a cada passagem; em breve eles estariam travando sua batalha acima da cidade. Se Orma não estava disposto a arriscar a vida de um menino, ele iria realmente fazer Imlann cair sobre edifícios cheios de pessoas? Meu coração

se contraiu ainda mais.

Os sinos da catedral começaram a tocar de um modo que não se ouvia há quarenta anos: o alerta de ard. *Dragões!*

Protejam-se!

— Phina — disse Kiggs. — Vamos para dentro.

Eu não conseguiria ver os dragões da entrada da caverna, não da maneira como estavam posicionados agora. Afastei-me do Príncipe, afundando bastante na neve. Kiggs veio atrás de mim e colocou a mão no meu braço, como se fosse me arrastar de volta, mas seus olhos também estavam no céu iluminado.

— Quem é esse terceiro dragão?

Eu suspeitava saber, mas não tinha energia para explicar.

— Ele está pairando ali inutilmente — disse Kiggs. — Se for um dragão da Embaixada, espero que fique do lado do seu professor.

Essa última palavra me causou um choque. Eu esperava que ele dissesse “tio”, na verdade. Eu tinha dito a verdade na frente dele, e ele não podia, ou não queria, acreditar. Estava me oferecendo uma maneira fácil de voltar ao normal, e eu estava extremamente tentada. Teria sido tão simples não corrigi-lo, deixar aquilo de lado. Teria sido fácil.

Mas eu o beijara, e tinha contado a verdade, e não era mais a mesma.

— Ele é meu tio — eu disse, em voz alta o suficiente para garantir que Glisselda também ouvisse.

Kiggs não largou o meu braço, mas sua mão parecia ter se transformado em pedra. Ele olhou para Glisselda; não vi a expressão que ela tinha no rosto.

— Phina, não brinque — ele disse. — Você nos salvou.

Está tudo acabado.

Encarei-o até que ele me olhasse nos olhos.

— Se você vai exigir a verdade de mim, poderia pelo menos ter a cortesia de acreditar.

— Não pode ser verdade. Isso não acontece. — Sua voz ficou presa. Seu rosto enrubescera até as orelhas. — Ou seja, o que tia Dionne pode ter planejado... Eu vou admitir que *aquilo* acontece. Talvez, às vezes.

Subitamente percebi o que esteve prestes a acontecer com a Princesa Dionne, também por sugestão de Lady Corongi.

— Mas o cruzamento de espécies é certamente impossível —

continuou Kiggs teimosamente. — Cães e gatos, como eles dizem.

— Ou cavalos e burros — eu disse. O vento frio fazia meus olhos lacrimejarem. — Isso acontece.

— O que você disse sobre minha mãe, Lucian? — perguntou Glisselda, a voz trêmula.

Kiggs não respondeu. Ele soltou meu braço, mas não se afastou.

Os olhos dele se arregalaram. Segui seu olhar a tempo de ver Orma escapar por pouco de uma queda, derrubando uma chaminé e o telhado de uma taverna com sua cauda. O barulho da colisão chegou aos nossos ouvidos um instante depois, juntamente com os gritos dos cidadãos em pânico.

— Santos do Céu! — exclamou Glisselda, que havia se aproximado por trás de nós sem que eu notasse. — Por que aquele ali não o ajuda?

Na verdade, “aquele ali” estava deslizando preguiçosamente até nós. Ele foi ficando cada vez maior e maior, até finalmente aterrissar numa plataforma abaixo de nós; uma rajada de vento fedendo a enxofre nos forçou a dar um passo para trás. Ele esticou o pescoço sinuoso, e então começou a fazer o oposto do que Imlann tinha feito, dobrando-se para dentro de si mesmo, resfriando-se e condensando-se num homem. Basind ficou completamente nu na neve, esfregando as mãos.

— Saar Basind! — gritei, mesmo sabendo que era inútil ficar furiosa com ele. — Você está deixando Orma lá para morrer. Volte a se transformar imediatamente!

Os olhos de Basind giraram na minha direção, e eu me detive. Seu olhar era agudo, seus movimentos, suaves e coordenados enquanto ele caminhava na minha direção através da neve. Ele afastou o cabelo liso dos olhos e disse:

— Esta luta não tem nada a ver comigo, Seraphina. Recolhi os dados pertinentes sobre seu tio e agora tenho que ir para casa.

Eu o olhei, boquiaberta.

— Você é... você é do...

— Do Conselho de Censores, sim. Testamos seu tio regularmente, mas tem sido difícil pegá-lo. Ele geralmente percebe e estraga o teste. Desta vez, ele estava experimentando emotividade excessiva em várias frentes ao mesmo tempo; ele não poderia manter sua vigilância. O Ardmagar já ordenou a excisão de Orma, claro, poupando-me do problema de ter de

discutir o caso.

— O que Orma fez? — perguntou Glisselda, atrás de mim. Eu me virei para ela, que estava sobre um afloramento de rocha, parecendo surpreendentemente régia contra o céu rosa e ouro atrás dela.

— Ele colocou sua sobrinha meio-humana antes de seu próprio povo várias vezes — disse Basind, parecendo entediado. — Demonstrou várias emoções em doses que excedem os limites admissíveis, incluindo amor, ódio e tristeza. Ele está, neste exato momento, perdendo uma batalha que poderia vencer facilmente, não fosse a preocupação com um garoto humano que ele sequer conhece.

Enquanto Basind falava, Orma foi jogado contra a torre do sino da catedral, esmagando o telhado do campanário com suas costas. Ardósia e madeira fizeram os sinos tocarem, acrescentando uma cacofonia ao alerta de ard, que ainda soava nas igrejas de toda a cidade.

— Eu ofereço asilo a ele — disse Glisselda, cruzando os braços sobre o peito.

Basind levantou uma sobrancelha.

— Ele está arruinando sua cidade.

— Está lutando com um traidor de sua própria espécie.

Imlann tentou matar o Ardmagar!

Basind encolheu os ombros ossudos.

— Na verdade, isso não me preocupa nem um pouco.

— Você não se importa que a paz acabe?

— Nós, Censores, estávamos aqui antes da paz e estaremos também muito tempo depois que ela se desintegrar. — Ele olhou para si mesmo, parecendo perceber pela primeira vez que estava nu. Voltou-se para a boca da caverna. Kiggs tentou bloquear seu caminho; Basind revirou os olhos.

— Este corpo idiota está gelado. Há roupas no chão. Entregue-as a mim.

Kiggs fez o que lhe foi dito sem reclamar. Fiquei surpresa por sua boa vontade, até que vi com meus próprios olhos do que ele tinha se lembrado: era o vestido de Lady Corongi. Basind o vestiu, reclamando que era muito apertado, mas não percebendo mais nada de errado com ele. Ele se virou e caminhou até a porta de saída do castelo, sem que ninguém contestasse.

— Lucian! — gritou Glisselda. — Não o deixe ir embora. Não estou convencida de que seja amigável.

— Os túneis estão todos bloqueados. Ele vai ser detido antes que possa fazer algum mal.

Se ao menos isso fosse verdade. O dano já estava feito. Voltei-me para o céu, onde meu tio ainda estava levando a pior. Mesmo que sobrevivesse, seria mandado de volta para a Tanamoot para ter o cérebro podado. Eu não podia suportar isso.

Imlann começou a atacá-lo novamente, e desta vez Orma não conseguiu se recuperar rápido o suficiente. Em chamas, ele riscou o céu e caiu pesadamente bem dentro do rio, levando consigo a Ponte Wolfstoot. Uma nuvem de vapor subia de onde ele havia caído.

Levei a mão à boca. Imlann circulou no céu, soltando gritos estridentes e cuspidando fogo, triunfante; o sol que acabara de nascer brilhava sobre sua pele.

A Véspera do Tratado tinha acabado. Geralmente nós, goreddi, brindávamos a nova luz e gritávamos: “As guerras contra os dragões terminaram para sempre!” Este ano, no entanto, todos tinham saído às ruas para assistir aos dragões guerreando entre si no céu.

Eu ainda podia ouvir gritos, mas não eram do povo da cidade. O tom estava errado. De repente, percebi que os pontos escuros no céu, mais ao sul, que tinham me parecido bandos de pássaros, estavam voando rápido demais e ficando muito grandes para serem pássaros.

Eskar e o petit ard estavam voltando.

O dragão Imlann, meu avô materno, não tentou fugir nem mordeu a própria cauda em sinal de rendição. Voou na direção dos dragões que se aproximavam, bafejando fogo e urrando, rumo à sua destruição inevitável.

Como Lady Corongi, ele tinha sido desonesto, cruel e calculista. Tinha tentado matar a família real inteira e seu Ardmagar; talvez tivesse conseguido matar o próprio filho. Sua sentença final não podia ser senão o suicídio. E, no entanto, embora tivesse assistido na íntegra sua fúria na batalha, golpeando e mordendo como se fosse rasgar o próprio céu, senti uma dor terrível dentro de mim. Ele era o pai da minha mãe. Ela havia arruinado a vida dele, tanto quanto a sua própria, ao se casar com meu pai, mas será que a teimosia dela tinha sido tão diferente, afinal, do seu ataque fadado ao fracasso? Será que ela também não tinha ido contra todas as probabilidades?

Eskar sozinha não conseguiu derrubá-lo. Três dragões juntos

finalmente lhe atearam fogo, e mesmo assim ele ficou no ar mais tempo do que eu jamais imaginei possível. Quando finalmente Eskar o decapitou, foi mais um golpe de misericórdia do que de vitória. Eu vi o corpo do meu avô espiralar para baixo, brilhante como um cometa, e chorei.

Os sinos da igreja mudaram seu padrão para alarme de incêndio quando a fumaça começou a formar vagalhões na parte sul da cidade. Mesmo morto, Imlann fez um grande estrago.

Virei-me para a entrada da caverna, os olhos ardendo, as mãos e o rosto gelados, um vazio terrível no peito. Kiggs e Glisselda estavam juntos, os dois me estudando, preocupados, mas disfarçadamente. Nas sombras, atrás deles, estava Lars, de quem eu tinha me esquecido. Ele estava agarrado aos foles, os nós dos dedos brancos.

— Phina — disse ele, quando encontrei seu olhar —, o que aconteceu a Abdo?

O dragão ao qual Abdo tinha se agarrado tinha sido consumido pelas chamas e decapitado.

Eu não via muita esperança.

— Não posso procurar por ele, Lars — eu disse. A ideia de alcançar a mão de Abdo na minha mente e encontrar o vazio me apavorava.

— Não pode ou não querr?

— Não quero!

Lars me olhou furioso.

— Você precisa! Você deve isso a ele! Ele fez tudo por você, de boa vontade! Ele descobriu o caminho na parede, se jogou sobre aquele dragão, fez tudo que você pediu e até mais. Você tem que encontrarr Abdo.

— E se ele não estiver lá?

— Então você vai encontrarr Abdo no Céu, mas você vai encontrarr.

Balancei a cabeça, abrindo caminho através da neve até Lars.

Kiggs e Glisselda se afastaram para me deixar passar, os olhos arregalados.

— Não me deixe cair, está bem? — eu disse para Lars, que silenciosamente colocou em volta de mim o braço que não segurava os foles e me deixou inclinar a cabeça contra seu peito. Fechei os olhos e estendi a mão mentalmente.

Encontrei Abdo no mesmo instante. Consciente, alerta, quase ileso; ele estava sentado sobre o que de início me pareceu uma ilha, no meio do rio.

Eu me precipitei para baixo mentalmente para um olhar mais atento. Abdo acenou para mim, sorrindo entre lágrimas, e só então percebi onde ele estava sentado.

Em cima de Orma.

Abdo, este dragão está vivo ou morto?, gritei, mas Abdo não respondeu.

Talvez ele não soubesse. Eu circulei. O peito de Orma subiu — seria sua respiração? Uma aglomeração de pessoas alinhava-se nas margens do rio, gritando e acenando com tochas, mas com medo demais para chegar mais perto dele.

Uma sombra cruzou por cima deles e a multidão se dispersou, gritando. Era Eskar: ela aterrissou na margem e arqueou o pescoço na direção do meu tio, no rio.

Com um tremendo esforço, ele levantou a cabeça e tocou o nariz dela com o seu.

— Abdo está vivo — murmurei, voltando para Lars. — Está no rio com meu tio Orma. Ele deve ter trocado de dragão em pleno voo.

Lars me apertou e beijou o topo da minha cabeça; em seguida, conteve sua exuberância.

— E seu tio?

— Ele está se mexendo. Não muito bem. Eskar está lá, e vai cuidar dele. — Eu esperava que fosse cuidar. Será que ela de fato não estava mais com os Censores? Ela é que fizera meu tio tomar conta de Basind. Será que ela sabia quem ele era? Chorei no gibão de Lars.

Havia outra mão no meu ombro. A Princesa Glisselda estava me passando seu lenço.

— São estes seus formidáveis poderes mentais? — ela perguntou com suavidade. — Você pode ver seus companheiros em sua mente? É assim que você me encontrou?

— Ela só pode verr outros meio-drragões — explicou Lars, encarando-a com uma irritação desnecessária.

— Existem mais meio-dragões? — sussurrou Glisselda, os olhos azuis arregalados.

— *Mise* — disse Lars. — Eu, eu mesmo.

A Princesa assentiu lentamente, com a sobrancelha franzida em reflexão.

— E aquele menininho porfiriano. Era dele que vocês estavam falando, não é?

Kiggs estava balançando a cabeça, andando em círculos.

— Não posso acreditar nem que exista um neste mundo, quanto mais três!

— Quatro, contando Dama Okra Carmine — eu disse, cansada. Eu bem que poderia tê-la deixado fora do grupo, embora tivesse a sensação de que ela ficaria muito irritada se eu fizesse isso.

— Poderiam ser dezessete, se eu localizasse o resto. — Dezoito, se eu encontrasse Jannoula ou ela me encontrasse.

Glisselda olhou espantada, mas Kiggs cerrou os dentes como se não acreditasse.

— Você ouviu Basind chamar Orma de meu tio — eu lhe disse. — Está lembrado de que você pensou que eu o amava, que estava louco para descobrir? Eis a sua explicação, finalmente.

Kiggs estava balançando a cabeça teimosamente.

— Eu simplesmente não consigo... Seu sangue é vermelho. Você ri e chora como qualquer pessoa...

Lars pareceu ficar mais alto, pairando protetoramente sobre mim. Coloquei uma mão reconfortante em seu braço e lhe disse em minha mente: *Chegou a hora. Posso lidar com isso.*

O Príncipe e a Princesa ficaram me olhando, hipnotizados ao ver quantas mangas e nós eu tive que desfazer. Ergui o braço nu na direção deles; a luz do sol incidiu sobre as escamas prateadas em espiral.

Um vento gelado soprava. Ninguém falou.

Kiggs e Glisselda não se moveram. Não fitei seus rostos; não queria ver quantas palavras diferentes para descrever a repugnância deviam estar escritas ali. Puxei minha manga de volta ao lugar, engoli o nó considerável em minha garganta, e murmurei:

— É melhor entrarmos para ver quem ainda está vivo.

Os primos reais se sobressaltaram, como se despertassem de um sonho horrível, e apressaram-se em direção à caverna, à frente e se distanciando de mim. Lars colocou o braço em volta dos meus ombros. Apoiei-me nele por todo o caminho até o castelo, chorando um pouco por Orma e um pouco por mim.

TRINTA E CINCO

Quando voltamos, todo o palácio estava em alvoroço, procurando por Glisselda; ninguém além de nós sabia para onde ela tinha ido. A Princesa saiu dos túneis com a aparência de uma menina cansada, assustada e com frio, mas em instantes, mesmo antes de ter ouvido falar do destino da mãe e da avó, já tinha recuperado o ar majestoso e reconfortava cortesãos em pânico e chefes de Estado aterrorizados.

A Princesa Dionne não sobreviveu àquela noite. A Rainha estava viva, mas por um fio. Glisselda correu para o andar de cima para ficar ao lado da avó.

Kiggs foi direto ao encontro dos seus guardas, exigindo relatórios e certificando-se de que a mudança de turnos tinha ocorrido sem problemas e estavam todos cumprindo a contento as tarefas do dia. Eles haviam detido Basind; Kiggs decidiu que ele poderia ser interrogado e liberado.

Lars e eu fomos deixados por nossa própria conta. Sem dizer uma palavra, ele pegou meu braço e me levou através dos corredores labirínticos até chegarmos a uma porta. O servo de Viridius, Marius, atendeu. Viridius estava gritando nos fundos:

— Que espécie de filho da mãe bate antes de o sol nascer?

— O sol já nasceu, Mestre — disse Marius, cansado, revirando os olhos e fazendo um gesto para que entrássemos. — É apenas Lars e...

Viridius escureceu o vão da porta do quarto de dormir ao se arrastar para a frente com duas bengalas. Sua expressão se suavizou ao nos ver.

— Perdoem-me, meus queridos. Vocês despertaram um velho que levantou com o pé esquerdo.

Lars, que me sustentava, entoou:

— Ela precisa de um lugar para dormir.

— Ela não tem mais uma suíte só dela? — perguntou Viridius, tirando almofadas e um roupão do seu sofá para eu me sentar. — Sente-se, Seraphina, você está com uma aparência horrível.

— Sua verdadeira natureza foi revelada para a Princesa e o Príncipe — disse Lars, colocando a mão no ombro do velho homem. —

Ela não deve enfrentar o mundo até rrepousarr, quieta, longe das pessoas.

Marius foi para o solário arrumar uma cama improvisada para mim, mas eu dormi ali mesmo no sofá.

Dormi e acordei várias vezes ao longo do dia todo. Viridius e Lars mantiveram todos afastados e não fizeram perguntas.

Na manhã seguinte, acordei com Lars sentado aos pés da minha cama improvisada.

— A Princesa esteve aqui — disse ele. — Ela querr nós dois no gabinete da Rrainha depois que você se vestirr. Muita coisa aconteceu.

Concordei com os olhos turvos. Ele me deu o braço e fomos juntos.

A Princesa Glisselda havia se apropriado da escrivaninha maciça da avó; oito cadeiras de espaldar alto, a maioria delas já ocupada, tinham sido colocadas em semicírculo à sua frente. Kiggs sentava-se atrás de Glisselda, um pouco à esquerda, e examinava um pergaminho; ele relanceou os olhos para a porta quando Lars e eu entramos, mas não levantou a cabeça. À direita da Princesa, como uma sombra acinzentada perto das janelas, estava meu pai. Ele sorriu fracamente. Balancei a cabeça para ele e segui Lars para os dois lugares vazios ao lado de Dama Okra Carmine.

Abdo espiou por trás das formas amplas de Dama Okra e acenou para mim.

O Regente de Samsam, o Conde Pesavolta de Ninys, o Embaixador Fulda e o Ardmagar ocupavam os outros lugares. O Regente vestia-se todo de preto, o cabelo grisalho roçando os ombros, enquanto o Conde Pesavolta era largo, bochechudo e calvo; todos os dois, no entanto, tinham expressões graves no rosto. Lars afundou na cadeira ao meu lado, como se quisesse ficar menor, e lançou olhares desconfiados para o Regente.

A Princesa Glisselda cruzou as mãos pequenas sobre a mesa diante dela e limpou a garganta. Ela usava um houppelande branco e a tiara de primeira herdeira; uma rede dourada continha a exuberância dos seus cachos. Mesmo pequena como era, parecia iluminar todo o aposento.

— Minha mãe está morta e minha avó, muito doente — ela disse. — Sou a primeira herdeira por sucessão legítima. A incapacidade da Rainha — Santo Eustace permita que ela viva por muitos anos ainda — exige que eu fale, decida e aja em Seu nome. — O Regente e o Conde Pesavolta mudaram de posição em seus assentos, resmungando. Glisselda retrucou:

— Conselheiro Dombegh! Precedentes!

Meu pai limpou a garganta.

— Quando a Rainha Favônia II estava incapacitada devido a um derrame, a Princesa Annette substituiu a Rainha até que ela se recuperasse. Ninguém em Goredd questionaria seu direito, Sua Alteza.

— Mas a senhorita tem apenas 15 anos de idade — disse o conde Pesavolta, o rosto redondo sorridente, mas os olhos duros. — Com todo respeito.

— A Rainha Lavonda tinha apenas 17 quando firmamos o Tratado — disse Comonot sem aviso. Ele descansou as mãos nos joelhos, vários anéis feitos por quigs em cada dedo; eles brilhavam como um tesouro em miniatura contra o azul escuro de sua houppelande.

— Sua juventude não justifica sua insensatez — disse o Regente, olhando do alto do seu nariz estreito.

Comonot não deu atenção ao comentário; ele estava falando apenas com Glisselda.

— Ela já era Rainha por direito. Já era mãe. Escalou a Passagem Tíbia debaixo de uma furiosa tempestade de neve, apenas com duas pastoras de cabras do Posto Avançado de Dewcomb para guiá-la. Eu presumia que nenhum ser racional enfrentaria aquele clima, então eu não estava nem mesmo no meu saarantras para cumprimentá-la. Meus escudeiros a levaram até nossa caverna, aquela menininha semicongelada, a neve girando em torno dela. Todos nós olhamos para a Rainha, sem saber bem o que pensar, até que ela jogou para trás o capuz forrado de pele e tirou o xale de lã do rosto. Olhou-me nos olhos, e eu soube.

Fez-se uma longa pausa até Glisselda perguntar:

— Soube o quê, Ardmagar?

— Que eu tinha encontrado uma adversária à altura — disse Comonot, o rosto alerta, se lembrando.

Glisselda acenou com a cabeça para o Ardmagar, um pequeno sorriso nos lábios. Ela estendeu a mão para Kiggs, que lhe passou o pergaminho dobrado.

— Recebemos uma carta esta manhã. Embaixador Fulda, não gostaria de ler em voz alta?

O Embaixador físgou um par de óculos do bolso do colete e leu:

Nós, abaixo-assinados, aproveitamos o Kerama iniciado ontem. Nós nos proclamamos governantes legítimos de Tanamoot, de todas as suas terras e exércitos, até que cada um de nós seja retirado à força.

O traidor Comonot ainda vive. Ele é procurado por crimes contra dragões, incluindo, mas não se limitando a: fazer tratados e alianças contra a vontade do Ker, prejudicar nossos valores e modo de vida, entregar-se à emotividade excessiva; confraternizar com seres humanos; tolerar aqueles fora dos padrões; tentar alterar nossa natureza básica de dragão e nos tornar mais semelhantes aos humanos.

Exigimos seu retorno imediato a Tanamoot. A não obediência será equivalente a um ato de guerra. Reconheçam, goreddi, que vocês não estão em posição de lutar. Nós esperamos que vocês ajam de acordo com seus interesses. Vocês têm três dias.

— Está assinado por dez generais — disse o embaixador Fulda, voltando a enrolar o pergaminho.

Comonot abriu a boca, mas Glisselda silenciou-o com um gesto.

— O dragão Imlann, assim como minha governanta, ensinaram-me que Goredd é poderosa e que os dragões são fracos e desmoralizados. Acreditei nisso até que vi por mim mesma como os dragões lutam. Orma destruiu a Ponte Wolfstoot e o telhado da Catedral de Santa Gobnait; onde Imlann caiu, um quarteirão inteiro foi incendiado. Não seria muito pior se eles estivessem lutando conosco e não entre si? A dracomaquia é um matadouro. Temo que a cabala esteja certa: não venceríamos sozinhos os dragões. Por mais que eu o admire, Ardmagar, vai ter que me convencer a não entregá-lo.

Ela se virou para Fulda.

— Embaixador, a espécie dragontina apoiará o Ardmagar deles?

Fulda franziu os lábios, pensando.

— Não será uma sucessão legal enquanto Comonot viver. Pode haver aqueles que rejeitem a cabala apenas por esse motivo, mas suspeito que a geração mais velha estará, em grande parte, em sintonia com os objetivos dos generais.

— Eu contesto isso — disse o Ardmagar.

— A geração mais jovem — disse Fulda, insistindo — provavelmente ficará a favor da paz. Isso pode se transformar numa guerra entre gerações.

— Infanta! — disse o Regente de Samsam, sacudindo um dedo ossudo como que para repreendê-la. — Certamente não tem intenção de dar asilo político a essa criatura. Já foi suficientemente degradante que a sua nobre avó — Santo Eustace passe por ela sem vê-la — tenha negociado com ele. Não mostre misericórdia quando sua própria espécie quer vê-lo morto.

— Vossa Alteza estaria arrastando o seu país — e as demais relutantes Terras do Sul consigo — para uma guerra civil entre dragões — falou o Conde Pesavolta na sua fala arrastada, tamborilando os dedos na pança avantajada.

— Se me permite — interveio meu pai —, o Tratado contém uma cláusula proibindo Goredd de interferir nos assuntos internos dos dragões. Nós não poderíamos interferir numa guerra civil.

— O senhor nos deixou de mãos atadas, Ardmagar — disse Glisselda, a boca pequena e bonita se curvando ironicamente. — Teríamos que violar seu próprio tratado para salvá-lo.

— Talvez tenhamos que violar o tratado para salvar o tratado — disse o Ardmagar.

Glisselda voltou-se para os representantes de Ninys e Samsam.

— Vocês gostariam que Comonot retornasse. Posso decidir não permitir isso. Se houver uma guerra entre Goredd e os dragões, posso confiar em vocês? Se não para nos ajudar, pelo menos para não pegarem em armas contra nós de forma oportunista?

O Regente de Samsam parecia pálido e irritadiço; o Conde Pesavolta pigarreou, hesitante. Finalmente murmuraram algo, se não exatamente, próximo a um sim.

— O Tratado de Goredd com Ninys e Samsam banuiu os cavaleiros para as Terras do Sul — continuou Glisselda, os olhos azuis frios fixados neles com severidade. — Não vou correr o risco de provocar uma guerra a menos que estejamos livres para reviver a dracomaquia. Isso significaria a renegociação desse acordo.

— Sua Alteza — disse meu pai —, há rumores de que muitos dos cavaleiros samsameses e ninysh fugiram para o Forte Além-Mar, na ilha de Paola. A dracomaquia deles pode estar em melhores condições do que a nossa. A alteração do Tratado permitiria que os cavaleiros de todas as três nações unissem forças.

A Princesa assentiu, pensativa.

— Gostaria de contar com sua ajuda para redigir esse documento.

— Seria uma honra — concordou meu pai, fazendo uma mesura.

O Regente de Samsam empertigou-se na cadeira, com o pescoço magro esticado como o de um abutre.

— Se isso significa que poderemos reintegrar nossos valentes exilados, talvez Samsam esteja disposta a negociar algum tipo de pacto de não agressão.

— Ninys nunca se aliaria aos dragões contra Goredd — o Conde Pesavolta anunciou. — Apoiamos vocês, é evidente!

Glisselda assentiu para os dois com um olhar travesso. Kiggs, atrás dela, tinha estreitado os olhos, desconfiado. Os representantes de Ninys e Samsam se contorceriam em seus assentos se tivessem percebido o intenso escrutínio sobre eles.

— Isso me leva finalmente a vocês — disse a Princesa, indicando os meio-dragões com um gesto elegante. — Temos aqui um menino destemido que lutou corpo a corpo com um dragão em sua própria versão de dracomaquia, um homem que pode projetar sofisticadas máquinas de guerra...

— E instrumentos musicais — murmurou Lars... uma mulher que pode prever o futuro imediato com o estômago, e outra que é capaz de encontrar outras pessoas de extraordinário talento. — Glisselda sorriu calorosamente para mim. — Ao menos, você mencionou que existem mais. São todas tão talentosas?

Eu quase disse que não sabia, mas ocorreu-me de repente que poderia saber. Se tivesse pensado nisso, saberia o que esperar desses três primeiros: Abdo estava sempre subindo e se equilibrando em árvores; Lars construía gazebos e pontes; Dama Okra arrancava ervas daninhas antes que tivessem chance de brotar. Cada um dos meus grotescos tinha comportamentos idiossincráticos. O Homem Pelicano fitava as estrelas. O Pastelão era um monstro por direito próprio. Jannoula — se eu me atrevesse a olhar para ela de novo — podia entrar na minha mente, mas talvez não só na minha.

— Acho que seria formidável, todos nós juntos — eu disse. — E acho que poderia encontrar os outros, se saísse à procura deles. Eu queria mesmo encontrá-los.

— Faça isso — disse Glisselda. — Tudo o que você precisar — cavalos, guardas, dinheiro, basta falar com Lucian — e ele providenciará.

— Ela assentiu com a cabeça para o primo; ele acenou de volta, embora evitasse olhar na minha direção.

O Regente não conseguiu mais se conter.

— Perdão, Alteza, mas quem são essas pessoas? Conheço a Embaixadora do Conde Pesavolta, mas e o resto? Um caipira das montanhas, uma criança porfiriana, e esta... esta mulher...

— Minha filha Seraphina — disse meu pai, a expressão dura.

— Ah, isso explica tudo — exclamou o Regente. — Princesa? O que está acontecendo?

A Princesa Glisselda abriu a boca, mas as palavras não saíram.

Naquele momento de hesitação, percebi que ela estava envergonhada — por mim, por todos nós. Éramos tema de centenas de piadas sujas. Como ela poderia falar de coisas tão nojentas para o líder de uma terra estrangeira?

Levantei-me, pronta para poupá-la dessa mortificação. Meu pai teve a mesma ideia e encontrou a voz primeiro:

— Eu me casei com um dragão. Minha filha, a quem amo, é meio-dragão.

— Papai! — exclamei, apavorada por ele, grata, triste e orgulhosa.

— Infanta! — cuspiu o Regente, saltando da cadeira. — Por São Vitt, são abominações contrárias à natureza. Feras sem alma!

O Conde Pesavolta bufou.

— Não posso acreditar que estava preocupada com nossa lealdade, mas está disposta a confiar nestas coisas. Como pode saber com certeza de que lado ficarão? Do lado dos dragões ou dos seres humanos? Minha Embaixadora já parece estar determinada a escolher Goredd em vez de Ninys. Certamente esta é apenas a primeira mostra da sua traição.

— Eu escolho o que é certo — rosnou Dama Okra —, como espero que também fará, senhor.

Comonot virou-se para os representantes de Ninys e Samsam, os olhos brilhando, mas a voz cheia de tranquila autoridade:

— Os senhores não conseguem ver que não se trata mais de uma questão de dragões contra seres humanos? A divisão agora é entre aqueles partidários da ideia de que vale a pena preservar esta paz e aqueles que nos manteriam em guerra até que uma das partes sucumbisse. Existem dragões que veem os benefícios do Tratado. Eles vão se juntar a nós. Os jovens têm

sido criados com ideais pacíficos; eles não vão simpatizar com esses generais grisalhos que querem de volta suas reservas e campos de caça.

Ele se virou para Glisselda e apontou para o céu.

— Algo que nós, os dragões, aprendemos com vocês é que somos mais fortes juntos. Não precisamos enfrentar o mundo inteiro sozinhos. Vamos ficar juntos agora pela paz.

A Princesa Glisselda se levantou, contornou a grande mesa de carvalho e abraçou Comonot, eliminando todas as dúvidas. Ela não iria entregá-lo aos generais. Estaríamos prontos para enfrentar uma guerra para defender a paz.

TRINTA E SEIS

A reunião foi suspensa; o Regente e o Conde Pesavolta estavam com pressa para sair da sala. Glisselda e Kiggs já estavam confabulando, planejando a melhor maneira de abordar o Conselho ao meio-dia. A Princesa sorria timidamente para o primo.

— Você estava certo: Ninys e Samsam não encararam muito bem a situação. Eu esperava ser eficiente, mas deveria ter me reunido com cada um deles separadamente. Pode se vangloriar, se quiser.

— De jeito nenhum — disse Kiggs suavemente. — Seu instinto não falhou. Um dia eles teriam que saber dos meiodragões, e nos acusariam de hipocrisia. Eles vão se acostumar com a ideia.

Olhei para a nuca do Príncipe, como se ela pudesse revelar se ele próprio já tinha se acostumado. Se sua recusa em olhar para mim era uma indicação, a resposta era não. Eu me afastei e deixei-os com seus planos.

Meu pai esperava por mim no corredor, com os braços cruzados e os olhos ansiosos. Ele estendeu a mão quando me viu. Eu a peguei e ficamos em silêncio.

— Sinto muito — disse ele, por fim. — Tenho vivido nesta prisão há tanto tempo... Eu... De repente descobri que não poderia viver mais assim.

Apertei a mão dele e a soltei.

— Você só fez o que eu mesma iria fazer. E agora? Deve haver repercussões dentro da Guilda para advogados que infringem a lei. — Ele tinha uma esposa e outros quatro filhos para criar, mas não tive coragem de enfatizar esse ponto em voz alta.

Ele sorriu melancolicamente.

— Venho preparando minha causa há dezesseis anos.

— Com licença — disse uma voz à minha esquerda; eu me virei e vi Comonot parado ali. Ele limpou a garganta e passou uma mão cheia de joias sobre as bochechas. — Você é, era, o humano envolvido com a inominável... isto é, com Linn, filha de Imlann?

Meu pai curvou-se rigidamente.

Comonot se aproximou, cauteloso como um gato.

— Ela deixou sua casa, seu povo, seus estudos, tudo. Por você. — Ele tocou o rosto do meu pai com seus dedos grossos: a bochecha esquerda, a direita, o nariz e o queixo.

Meu pai suportou o toque, impassível.

O que é você? — perguntou o Ardmagar, uma severidade inesperada na voz. — Não é um maníaco depravado. É conhecido no norte como um intérprete imparcial do Tratado; você se dá conta disso? Você defendeu dragões no tribunal quando ninguém mais o faria; não pense que não reparamos. E, ainda assim, foi você quem atraiu nossa filha e a fez ir embora.

— Eu não sabia — explicou meu pai com a voz rouca.

— Não, mas ela sabia. — Comonot colocou a mão em cima da cabeça calva do meu pai, impressionado. — O que ela viu? E por que eu não consigo ver?

Meu pai desvencilhou-se, fez uma reverência e começou a andar pelo corredor. Por um instante, na curva triste dos seus ombros, eu vi o que Comonot não conseguia ver: o cerne da decência; o peso que ele havia carregado por tanto tempo, a luta sem fim para fazer o que era certo, em consequência daquele erro irreversível; o marido de luto e o pai assustado; o autor de todas aquelas canções de amor. Pela primeira vez, eu entendi.

Comonot pareceu não se incomodar com a retirada apressada do meu pai. Ele pegou meu braço e cochichou em meu ouvido, ofegante como uma criança pequena:

— Seu tio está na enfermaria do seminário.

Arregalei os olhos para ele.

— Ele se transformou?

O Ardmagar encolheu os ombros.

Ele foi inflexível, exigindo que nenhum médico saísse perto dele; parece acreditar que iam lhe fazer a excisão no ato. Em todo caso, será levado amanhã.

Recuei, afastando-me dele.

— Porque Basind vai levá-lo para que tenha o cérebro podado?

Comonot lambeu os lábios grossos, como se precisasse provar da minha amargura para compreendê-la.

— De jeito nenhum. Estou perdendo Orma; não que os Censores vão obedecer aos ditames de um Ardmagar exilado. À meia-noite Eskar vai

escondê-lo e nem mesmo eu sei onde. Pode demorar até que você possa vê-lo novamente.

— Não me diga que o senhor está aceitando não conformistas emocionais!

Seu olhar penetrante mostrou uma sagacidade que eu não tinha visto antes.

— Aceitando, não — disse ele —, talvez compreendendo melhor suas complexidades ocultas. Eu achava que sabia o que nós dragões devíamos aprender e o que era desnecessário, mas agora vejo que minhas opiniões eram obsoletas. Eu estava tão inflexível no meu jeito de pensar quanto os velhos generais que roubaram meu país.

Ele procurou minha mão, levantou-a e bateu-a na lateral do seu pescoço. Tentei me afastar, mas ele a segurou firme e disse:

— Que isso signifique a minha submissão à sua tutela, visto que eu duvido que concorde em morder minha nuca.

Você é a minha professora. Vou ouvir e tentar aprender.

Vou tentar ser digna do seu respeito — eu disse, as palavras da minha mãe emergindo das profundezas da caixa de memória. Senti-me obrigada a acrescentar as minhas próprias: — E vou tentar valorizar os seus esforços, mesmo quando falhar.

— Bem colocado — disse ele, soltando-me. — Agora vá.

Diga ao seu tio que você o ama. Você o ama, não é?

— Sim — disse eu, de repente com a voz rouca.

— Vá. E, Seraphina — ele me chamou —, sinto muito pela sua mãe. Acredito que eu sinta. — Ele fez um gesto em direção ao seu estômago. — Aqui, não é? É aqui que se sente isso?

Fiz-lhe uma reverência completa e saí correndo.

Um monge idoso me levou até a enfermaria.

— Ele tem o lugar todo só para ele. Depois que os outros pacientes souberam que um dragão estava a caminho, milagrosamente ficaram bem! Os coxos conseguiram andar e os cegos decidiram que na verdade não precisavam enxergar. Ele é uma panaceia.

Agradei ao homem e entrei silenciosamente, no caso de meu tio estar dormindo. Na extremidade da ala, ao lado da única janela, ele estava apoiado sobre vários travesseiros, conversando com Eskar. Aproximei-me e percebi que não estavam falando, exatamente. Cada um levantava a mão em

direção ao outro, tocando apenas as pontas dos dedos; eles se revezavam correndo as pontas dos dedos pela mão um do outro.

Limpei a garganta. Eskar se levantou, o rosto impassível e digno.

— Desculpe — eu disse, sem saber por que estava pedindo desculpas. Não era como se tivesse flagrado os dois fazendo algo impróprio.

Exceto que, talvez eu tivesse feito isso, do ponto de vista de um dragão. Apertei a boca para não rir. Eskar não parecia ser do tipo que me perdoaria se eu risse.

— Gostaria de falar com meu tio antes de levá-lo embora — eu disse. — Obrigada por ajudá-lo.

Ela ficou de lado, mas não mostrou nenhuma disposição para sair, até que Orma disse:

— Eskar, vá. Volte mais tarde. — Ela assentiu secamente, puxando o manto em volta de si, e saiu.

Olhei de soslaio para ele.

— O que vocês dois estavam...

— Estimulando respostas nervosas corticais — disse meu tio, sorrindo de um jeito assustador. Os monges, evidentemente, tinham lhe administrado algo para a dor. Ele parecia mole no meio e macio nas bordas. Seu braço direito estava envolvido numa tala; sua mandíbula, manchada de branco, o que indica contusões quando se tem sangue prateado. Eu não podia ver onde ele tinha sido queimado. Sua cabeça pendia contra os travesseiros.

— Ela é bastante majestosa em sua forma original. Eu tinha me esquecido. Já faz anos. Ela tinha praticamente a mesma idade de Linn, você sabe? Costumava vir até o ninho de minha mãe para destripar auroques.

— Confiamos nela? — perguntei, odiando trazer esse assunto à baila quando ele parecia tão despreocupado. — Ela foi responsável por Zeyd e Basind. Você tem certeza...

— Não quanto a Basind.

Fiz uma careta, mas não insisti. Tentei deixar meu próprio humor mais leve, provocando-o:

— Então você escapou dessa, seu velho não conformista desonesto.

Suas sobrancelhas se uniram, e eu me perguntei se minha brincadeira tinha ido um pouco longe demais. Mas era outra coisa que o incomodava:

— Não sei quando vou ver você de novo.

Dei um tapinha no braço dele, tentando sorrir.

— Pelo menos você vai me reconhecer quando me encontrar novamente.

— Pode demorar muito tempo, Seraphina. Você pode estar na meia-idade, estar casada e ter seis filhos até lá.

Se ele estava falando esse tipo de absurdo, era porque estava realmente fora de si.

— Posso estar na meia-idade, mas ninguém iria se casar comigo, e certamente não poderei ter filhos. Uma mula não pode. Mestiços são o fim da linha.

Ele olhou beatificamente para o espaço.

— Eu me pergunto se isso é realmente verdade.

— Eu não pergunto. Vim para dizer adeus e desejar-lhe boa viagem, e não para especular sobre a minha capacidade de reprodução.

— Você fala como um dragão — disse ele com ar sonhador. Estava ficando sonolento.

Enxuguei os olhos.

— Vou sentir tanto a sua falta!

Ele virou a cabeça para mim.

— Eu salvei o menininho. Ele saltou do pescoço de Imlann para o meu, e então eu caí no rio e ele dançou. Ele dançou bem na minha barriga; eu podia sentir.

— Ele estava dançando em cima de você. Claro que você podia sentir.

— Não, não dessa maneira. De outra maneira. Eu não estava em meus saarantras, mas estava... feliz, apesar das minhas pernas quebradas e do rio gelado. Eu estava feliz. E então Eskar aterrissou, e eu fiquei grato. E o sol brilhou, e eu me senti triste pelo meu pai. E por você.

— Por que por mim?

— Porque os Censores tinham finalmente me pegado, e eu ia ser extirpado, e você ia chorar.

Eu estava chorando agora.

— Você vai estar seguro com Eskar.

— Eu sei. — Ele pegou a minha mão e apertou-a. — Não posso suportar a ideia de que você estará sozinha.

— Não estarei sozinha. Existem outros da minha espécie. Vou encontrá-los.

— Quem vai beijá-la? Quem vai embalá-la para você dormir? — Sua

voz estava engrolada, sonolenta.

— Você nunca fez isso — eu disse, tentando provocá-lo. — Você foi mais pai para mim do que o meu pai, mas nunca fez isso.

— Alguém deveria fazer. Alguém deveria amá-la. Eu vou mordê-lo se ele não amá-la.

— Psiu! Você está falando bobagem agora.

— Bobagem não. Isso é importante! — Ele lutou para se sentar ereto e não conseguiu. — Sua mãe me disse uma vez algo, e eu preciso lhe dizer... porque você precisa... para entender...

Seus olhos se fecharam, e ele ficou em silêncio por tanto tempo que pensei que tinha adormecido, mas então ele disse, numa voz tão suave que mal pude ouvir:

— O amor não é uma doença.

Encostei minha testa em seu ombro, todas as palavras que eu nunca tinha falado se embolando na minha garganta de uma vez, formando um nó terrível ali. Ele acariciou o meu cabelo, hesitante.

— Não tenho certeza absoluta de que ela estava certa — ele murmurou. — Mas não posso deixá-los afastar você de mim, nem ela também. Vou me agarrar à minha doença... se é uma doença... Eu vou mantê-la perto de mim como o... o sol, e o...

Ele adormeceu de novo, desta vez definitivamente. Sentei-me com os braços em volta dele até Eskar retornar.

Alisei o cabelo da sua testa e beijei-o levemente. Eskar me olhou.

— Cuide bem dele ou eu vou... eu vou morder você! — eu disse a ela. Ela não pareceu preocupada.

O céu lá fora era azul, frio, e muito distante; o sol estava brilhante demais para se olhar, quanto mais para mantê-lo perto de mim.

— Mas eu vou tentar, tio — murmurei —, embora ele me queime. Vou mantê-lo perto de mim.

Corri de volta para casa pelas ruas lamacentas. Eu tinha um Príncipe para encontrar.

TRINTA E SETE

Quando cheguei ao palácio, havia um grande congestionamento de carruagens nos portões. Os magistrados da cidade, o bispo, o cabido de cônegos, os líderes das guildas, a Guarda da Rainha — todas as pessoas importantes da cidade haviam chegado de uma só vez. No interior do palácio, fui carregada na direção do grande salão por uma multidão de pessoas, mais do que o edifício comportava confortavelmente, como se viu. Metade de nós foi desviada de volta para a Corte de Pedra.

Aparentemente, o Conselho havia sido breve.

Estávamos prestes a ouvir as decisões oficiais.

Uma varanda na metade da parede abria-se tanto para o salão quanto para o pátio, fazendo com que uma voz pudesse ser ouvida em ambos os lugares. Glisselda apareceu ali, acenando para a multidão que rugia. Ela falava em nome da avó, mas todos que a viram naquele dia, vestida de branco pela sua mãe, o cabelo dourado brilhando como qualquer coroa, sabiam que estavam na presença da próxima Rainha. Todos nós ficamos em silêncio em sinal de respeito.

Ela entregou um pergaminho dobrado a um arauto, um sujeito particularmente tonitruante, cuja voz soou claramente sobre a multidão silenciosa.

Generais de Tanamoot:

Goredd rejeita a legitimidade de sua reivindicação de soberania sobre as Terras dos Dragões. O Ardmagar Comonot ainda vive; ameaças mesquinhas não vão nos induzir a entregá-lo, nem reconhecemos a validade dessas acusações forjadas contra ele. Ele é nosso amigo comprovado e aliado, autor e defensor da paz e governante legítimo de Tanamoot.

Se vocês insistirem em travar a guerra, não sejam tolos de imaginar que estamos indefesos ou que seu próprio povo vai concordar em lutar por vocês em vez de continuar apoiando a cooperação entre as nossas espécies. Esta paz tem sido uma verdadeira bênção para o mundo, que mudou para

melhor; vocês não podem arrastá-lo de volta ao passado.

Sinceramente esperando que possamos resolver isso com palavras, eu sou, Sua Alteza Princesa Glisselda, a primeira herdeira de Goredd, falando em nome de Sua Majestade, a Rainha Lavonda, a Magnífica.

Aplaudimos com o coração pesado, sabendo que esse era todo o pretexto de que os generais precisavam para começar a guerra. Outro conflito estava a caminho, quer quiséssemos quer não. Vi sorrisos maliciosos nos rostos da multidão e temi que alguns entre nós na verdade quissem.

Levou uma eternidade para a multidão se dispersar; todo mundo queria uma oportunidade para fazer uma petição à Princesa ou ao Ardmagar, jurar lealdade, discutir. A Guarda do Palácio conduziu as multidões da melhor forma possível, mas não vi Kiggs em lugar nenhum. Era como se ele não estivesse no epicentro dos acontecimentos.

A Princesa Glisselda também tinha dado um jeito de desaparecer. Eu suspeitava que Kiggs pudesse estar com ela. Havia dois lugares fora da ala real onde alguém como eu poderia olhar. Eu tinha acabado de pôr o pé no primeiro degrau da grande escadaria, no entanto, quando uma voz atrás de mim me deteve:

— Diga-me que não é verdade, Seraphina. Diga-me que estão mentindo sobre você.

Olhei para trás. O Conde de Apsig atravessava o átrio na minha direção, suas botas ecoando sobre o piso de mármore. Não perguntei o que ele queria dizer. Os representantes de Ninys e Samsam tinham espalhado a notícia por todos os cantos da corte. Agarrei o corrimão com força, para me apoiar.

— Não é mentira — eu disse. — Sou meio-dragão, como Lars.

Ele nem se encolheu nem avançou para me bater, como eu quase temi que fizesse. O rosto dele ficou frouxo de desespero; ele deixou-se cair pesadamente sobre os largos degraus de pedra, com a cabeça entre as mãos. Por um momento pensei em me sentar ao lado dele, tal era sua expressão de tristeza! Mas ele era muito imprevisível.

— O que devemos fazer? — disse ele por fim, erguendo as mãos e olhando para mim, com os olhos vermelhos. — Eles ganharam. Nenhum

lugar é exclusivamente humano; nenhum lado neste conflito é só nosso. Eles se infiltraram em tudo, controlam tudo! Entrei para os Filhos de São Ogdo porque pareciam ser as únicas pessoas dispostas a fazer alguma coisa, os únicos procurando olhar o Tratado no olho e chamando-o pelo que era: a nossa ruína.

Ele passou as mãos pelos cabelos, como se quisesse arrancá-los pela raiz.

— Mas quem me apresentou aos Filhos e pediu para eu me envolver? Aquele dragão, Lady Corongi.

— Eles não estão todos lá fora, prontos para nos atacar — eu disse suavemente.

— Não? O que você me diz do que enganou seu pai, ou do que enganou a minha mãe e a fez parir um bastardo?

Eu ofeguei, e ele olhou com raiva na minha direção.

— Minha mãe criou Lars como se ele fosse meu igual. Um dia começaram a nascer escamas nele. Ele tinha apenas 7 anos; mostrou a todos nós, inocentemente arregaçou a manga. — Sua voz enfraqueceu, ele tossiu. — Meu pai apunhalou-a no pescoço. Era um direito dele, sua honra ferida. Ele poderia ter matado Lars, também.

Ele olhou para o ar como se não quisesse falar mais.

— Você não deixou — eu adivinhei. — Você o convenceu a não matá-lo.

Ele olhou para mim como se eu estivesse falando mootya.

— Eu o convenci? Não. Eu matei o velho. Empurrei-o da torre redonda. — Ele sorriu tristemente ao ver meu choque. — Nós vivemos nas mais remotas montanhas. Esse tipo de coisa acontece o tempo todo. Adotei o sobrenome da minha bisavó para evitar perguntas embaraçosas se fosse para a corte de Blystane. As genealogias do povo das montanhas são complexas; nenhum dos samsamese da região costeira consegue entendê-las.

Então, isso é o que ele era: não um dragão, mas um parricida que tinha adotado outro nome.

— E Lars?

— Disse-lhe que iria matá-lo se o visse novamente, e então o deixei nas montanhas. Eu não fazia ideia do seu paradeiro, até que ele apareceu aqui, um fantasma vingativo enviado para me assombrar.

Ele olhou para mim com mau humor, me odiando por saber demais, não se importando por ter sido ele mesmo a me contar. Limpei a garganta.

— O que você vai fazer agora?

Ele se levantou, ajeitou a bainha do seu gibão preto e fez uma mesura debochada.

— Estou voltando para Samsam. Vou fazer o Regente recuperar o senso.

Seu tom de voz me gelou.

— Que tipo de senso?

— O único que existe. O tipo que coloca os seres humanos antes dos animais.

Com essas palavras, ele se afastou e cruzou todo o átrio. Parecia ter levado todo o ar consigo ao sair.

Encontrei Glisselda no quarto de Millie, chorando, com a cabeça entre as mãos. Millie, que estava esfregando os ombros da Princesa, pareceu assustada ao ver que eu tinha entrado sem bater.

— A Princesa está cansada — disse Millie, dando um passo na minha direção, ansiosamente.

— Está tudo bem — disse Glisselda, enxugando os olhos. Seu cabelo solto sobre os ombros e suas bochechas rosadas a deixavam com uma aparência muito jovem. Ela tentou sorrir.

— É sempre uma satisfação vê-la, Phina.

Meu coração se contraiu ao ver a tristeza dela. Ela havia acabado de perder a mãe e tinha sobre os ombros o peso de governar o reino inteiro; e eu era uma péssima amiga. Não poderia perguntar como Kiggs estava; não sabia por que aquela tinha me parecido uma boa ideia.

— Como você está? — perguntei, sentando-me em frente a ela.

Ela olhou para as mãos.

— Bem o suficiente em público. Eu estava apenas me dando um tempinho para... me permitir ser uma filha. Temos que fazer a vigília a Santo Eustace esta noite, os olhos do mundo estão sobre nós, e achamos que um pouco de tristeza serena e digna seria o mais apropriado. Isso significa reservar algum tempo para berrarmos como um bebê agora.

Pensei que ela estava se referindo a si mesma no plural, como era seu direito real, mas ela continuou:

— Você deve ter nos visto redigindo a carta depois do Conselho. Eu estava chorando, e Lucian tentava me consolar; então ele começou a chorar também e me fez chorar ainda mais. Enviei-o à sua torre abominável, disse-lhe para pôr tudo para fora.

— Ele tem sorte de ter você cuidando dele — eu disse, e estava falando sério; no entanto, me sentia destruída por dentro.

— Eu é que tenho sorte — ela disse, a voz enfraquecendo. — Mas é quase hora do pôr do sol, e ele ainda não voltou aqui para baixo. — Sua expressão desmoronou; Millie apressou-se a se sentar a seu lado e colocou um braço ao redor dela.

— Será que você pode ir buscá-lo, Phina? Seria muita gentileza.

Era um péssimo momento para perder a habilidade de mentir, mas muitos sentimentos contraditórios se agitavam dentro de mim de uma só vez. Ser gentil com ela por razões egoístas seria pior do que ser virtuosamente inútil? Não haveria um caminho que eu pudesse tomar sem ser solapada pela culpa?

Glisselda notou minha hesitação.

— Sei que ele está um pouquinho mal-humorado desde que descobriu que você é meio-dragão — disse ela, inclinando-se na minha direção. — Você entende, certamente, que ele pode ter um pouco de dificuldade para se adaptar à ideia.

— Minha consideração por ele não diminuiu por causa disso — eu disse.

— E... E a minha consideração por você também não — disse Glisselda com firmeza. Ela se levantou; levantei-me com ela, pensando que pretendia me dispensar. Ela levantou um pouco os braços e depois deixou-os cair, um mau começo, mas em seguida ela se empertigou e me envolveu em seus braços. Eu a abracei também, incapaz de conter as lágrimas ou de saber se eram de alívio ou arrependimento.

Ela me soltou e permaneceu com o queixo erguido.

— Não foi tão difícil aceitar — disse ela resolutamente.

— Foi simplesmente uma questão de vontade.

Seu protesto foi veemente demais, mas reconheci suas boas intenções e acreditei totalmente na sua vontade de aço.

— Vou repreender Lucian se ele for menos que cortês com você, Seraphina. Você me avise!

Concordei com a cabeça, meu coração se partindo um pouco, e segui para a torre.

A princípio não tive certeza de que ele estava lá. A porta da torre estava destrancada, então subi correndo as escadas com o coração na garganta só para encontrar a sala no andar de cima vazia. Bem, não totalmente — ela estava cheia de livros, penas, palimpsestos, geodos e lentes, cofres antigos, desenhos. A Rainha tinha seu gabinete; esse era o do Príncipe Lucian, charmosamente desarrumado e com tudo em uso. Eu não tinha reparado no ambiente quando entrei ali com Lady Corongi. Agora, tudo o que eu via eram mais motivos para amá-lo, e isso me deixou triste.

O vento correu um dedo gelado no meu pescoço; a porta para a passarela externa estava levemente entreaberta. Respirei fundo, controlei a vertigem e abri a porta.

Ele estava inclinado no parapeito, olhando para a cidade ao pôr do sol.

O vento despenteava o cabelo dele; a barra do manto esvoaçava. Andei cautelosamente até ele, contornando as poças de gelo, enrolando o manto em torno de mim para reunir coragem e me aquecer.

Ele olhou para mim, os olhos escuros distantes, embora não exatamente hostis. Gaguejei minha mensagem:

— Glisselda me enviou para lembrá-lo de que todos vão estar na vigília de Santo Eustace em homenagem à mãe dela, logo que o sol se puser, e ela, ãh...

— Eu não me esqueci. — Ele olhou ao longe. — O sol ainda não se pôs, Seraphina. Você ficaria aqui comigo um pouco?

Fui até o parapeito e vi as sombras se alongarem nas montanhas. Qualquer decisão que eu tivesse tomado estava desaparecendo no horizonte junto com aquele sol. Talvez fosse melhor assim. Kiggs iria descer para encontrar a prima, eu iria viajar em busca do resto da minha espécie. Tudo seria como deveria ser, na superfície pelo menos, cada parte disparatada e inconveniente de mim escondida onde ninguém veria.

Ossos dos santos! Eu não aguentava mais viver assim.

— A verdade sobre mim foi revelada — disse eu, minhas palavras cristalizando-se numa nuvem de ar gelado.

— Toda ela? — ele perguntou. Falou menos asperamente do que na ocasião em que estava realmente me interrogando, mas eu poderia dizer que

tudo dependia da minha resposta.

— Todas as partes importantes, sim — disse eu com firmeza. — Talvez não todos os detalhes bizarros. Pergunte, e eu responderei. O que você quer saber?

— Tudo. — Ele estava apoiado nos cotovelos, mas tinha se inclinado para trás agora e agarrava o balaústre com ambas as mãos. — É sempre assim comigo: se pode ser conhecido, eu quero saber.

Eu não sabia por onde começar, então me pus a falar. Conteí a ele sobre os desmaios na ocasião das visões, sobre a construção do jardim e sobre as memórias da minha mãe caindo todas em torno de mim como neve. Conteí a ele como eu tinha reconhecido Orma na pele de dragão, como as escamas irromperam da minha pele, como era me sentir completamente asquerosa e como mentir se tornara um fardo insuportável.

Era bom falar. As palavras fluíam com tanta força que eu me imaginei um jarro cujo conteúdo era derramado. Sentime mais leve quando concluí, e pelo menos desta vez o vazio foi um doce alívio e uma condição apreciada.

Olhei de relance para Kiggs; os olhos dele ainda não tinham se tornado vítreos, mas de repente me senti embaraçada ao perceber durante quanto tempo tinha falado.

— Tenho certeza de que estou me esquecendo de algo, mas há coisas sobre mim que ainda não consigo sequer imaginar.

— “O mundo dentro de mim é mais vasto e mais rico do que este plano insignificante, povoado por meras galáxias e deuses” — ele citou. — Estou começando a entender por que você gosta de Necans.

Encontrei seu olhar, e havia calor e simpatia em seus olhos. Eu estava perdoada. Não, melhor do que isso: compreendida. O vento corria entre nós, soprando seu cabelo.

Finalmente consegui balbuciar:

Tem mais uma coisa... uma coisa verdadeira que eu quero que você saiba, e eu... Eu amo você.

Ele me olhou fixamente, mas não falou nada.

— Eu sinto tanto! — eu disse, desesperada. — Tudo o que faço é errado. Você está de luto; Glisselda precisa de você, você acabou de saber que sou meio-monstro...

— Nenhuma parte de você é um monstro — disse ele com veemência. Levei um instante para encontrar minha voz de novo.

— Eu queria que você soubesse. Queria partir daqui com a consciência limpa, sabendo que eu lhe disse a verdade por fim. Espero que isso tenha algum valor aos seus olhos.

Ele olhou para o céu rubro e disse com uma risada autodepreciativa:

— Você me deixa envergonhado, Seraphina. Sua coragem sempre faz isso.

— Não é coragem; é teimosia disparatada.

Ele negou com a cabeça, olhando à meia distância.

— Reconheço a coragem quando a vejo, e quando me falta.

— Você é muito duro consigo mesmo.

— Eu sou um bastardo; isso é o que fazemos — disse ele, sorrindo amargamente. — Você, mais do que qualquer pessoa, entende o fardo que é ter que provar que é bom o suficiente para existir, que vale toda a tristeza que sua mãe provocou em todos. Os bastardos são iguais aos monstros nos respectivos léxicos dos nossos corações, é por isso que você sempre teve essa compreensão com relação a isso.

Ele esfregou as mãos para combater o frio.

— Você está disposta a ouvir outra história de autopiedade sobre ser um triste filho bastardo?

— Fico feliz em ouvi-la; provavelmente eu a vivi.

— Não essa história — disse ele, arrancando um tufo de líquen da balaustrada. — Quando meus pais se afogaram e eu cheguei aqui, estava com raiva. Eu de fato bancava o bastardo, comportando-me tão mal quanto um menininho poderia se comportar. Mentia, roubava, arranjava briga com os pajens, envergonhava minha avó sempre que tinha uma chance. Continuei com esse comportamento durante anos, até que ela procurou tio Rufus...

— Que ele descanse na lareira do Céu — dissemos juntos, e Kiggs sorriu tristemente.

— Ela o trouxe de volta de Samsam, achando que ele teria mão firme para me manter na linha. Ele teve, embora tenham se passado meses antes de eu me sujeitar. Havia um vazio em mim que eu não entendia. Ele viu isso, e deu um nome a esse vazio por mim. “Você é como o seu tio, rapaz”, disse ele. “O mundo não é grande o bastante para nós se não tivermos um verdadeiro trabalho. Os Santos têm um propósito para você. Ore, ande com o coração aberto, e você vai ouvir o chamado. Vai ver a sua tarefa brilhando

diante de você, como uma estrela.”

— Então orei a Santa Clara, mas dei um passo além: fiz uma promessa. Se ela me mostrasse o caminho, daquele dia em diante eu só falaria a verdade.

São Masha e São Daan! — deixei escapar. — Quero dizer, isso explica muita coisa.

Ele sorriu, quase imperceptivelmente.

— Santa Clara me salvou, e me deixou de mãos atadas. Mas eu estou pulando uma parte da história. Tio Rufus foi a um casamento quando eu tinha 9 anos de idade, para que o evento contasse com uma presença real. Fui com ele. Foi a primeira vez em anos que ele concordou em me levar além das muralhas do castelo, e eu estava ansioso para mostrar que era digno de confiança.

— O casamento do meu pai, onde eu cantei — eu disse, minha voz inesperadamente rouca. — Você me contou. Eu me lembro vagamente de ver vocês dois.

— Foi uma bela canção — disse ele. — Nunca mais me esqueci. Ainda me dá arrepios quando ouço.

Olhei para a silhueta dele contra o céu avermelhado, surpresa ao saber que aquela canção de minha mãe era uma das suas favoritas. Era a glorificação da imprudência romântica; era tudo o que ele desprezava ser ou fazer. Não consegui me conter. Comecei a cantar, e ele se juntou a mim:

*Feliz é aquele que passa, amor,
Sob a sua janela
E não se furta a suspirar.
Foi-se o meu coração, foi-se a minha alma
Olhe para mim, amor, olhe para baixo Antes que eu me vá.
Um vislumbre, minha pérola real,
um sorriso basta para me sustentar,
Conceda-me isso,
Ou tire a minha vida e faça-a sua:
Eu lutaria cem mil guerras Apenas por um beijo seu.*

— Vo... você não é um mau cantor. Poderia se juntar ao coro do castelo — eu disse, tentando dizer algo neutro que não me fizesse chorar. Minha

mãe era tão imprudente quanto a dele, mas ela acreditava nisto; ela tinha dado tudo o que tinha. E se nossas mães não fossem as tolas que julgávamos? O amor realmente não valia a pena? Cem mil guerras?

Ele sorriu, fitando as mãos sobre o parapeito, e continuou:

— Você cantou, e então algo me atingiu como um raio, como o clarim do Céu: a voz de Santa Clara, dizendo: *A verdade se revelará!* Você mesma encarnou a verdade que não podia ser contida ou ocultada, nem por uma centena de pais ou uma centena de babás; a verdade que irromperia espontaneamente e encheria o mundo de beleza. Eu sabia que iria investigar a verdade das coisas, eu tinha sido chamado para fazer isso. Caí de joelhos, agradecendo à Santa Clara, e jurei que não me esqueceria do juramento que fiz a ela.

Eu estava olhando para ele, estupefata.

— Eu era a verdade, e bela? O Céu tem um terrível senso de humor.

Eu confundi você com uma metáfora. Mas você está

certa sobre o Céu porque, do contrário, como é que eu estaria nesta posição agora? Fiz uma promessa e a mantive o melhor que pude; embora tenha mentido para mim mesmo, que Santa Clara possa me perdoar. Mas eu esperava evitar essa armadilha que me prende entre meu próprio sentimento e o conhecimento de que proferir a verdade em voz alta machucará alguém muito importante para mim.

Eu mal ousava pensar que verdade seria essa; tanto esperava quanto temia que ele me dissesse.

Sua voz tornou-se densa de tristeza.

— Tenho vivido muito preocupado com você, Phina. Continuo me martirizando. Será que eu poderia ter evitado que tia Dionne entrasse na suíte de Comonot se não estivesse dançando com você? Eu estava tão preocupado em dar a você aquele livro. Poderíamos nunca ter notado Comonot deixando o baile, se não fosse Dama Okra.

— Ou você poderia ter detido os dois, e depois subido e brindado o ano-novo com Lady Corongi — eu disse, tentando tranquilizá-lo.

— Você poderia estar morto nessa outra hipótese.

Ele ergueu as mãos, desesperado.

— Lutei toda a minha vida para colocar a razão antes do sentimento, para não ser tão imprudente e irresponsável quanto minha mãe!

— Ah, certo, sua mãe, e seus crimes terríveis contra a família! —

exclamei, irritada com ele agora. — Se eu visse sua mãe no Céu, sabe o que eu faria? Gostaria de beijá-la na boca! E então iria arrastá-la para a parte mais baixa da Escada Celestial e apontaria para você aqui, e diria: “Olha o que você fez, sua criatura diabólica!”

Ele parecia escandalizado, ou assustado mesmo. Não consegui me conter.

— O que Santa Clara estava pensando, escolhendo-me como seu instrumento indigno? Ela deveria saber que eu não podia falar a verdade a você.

— Phina, não — disse Kiggs, e de início eu pensei que ele estava me repreendendo por difamar Santa Clara. Ele levantou a mão, deixou-a no ar por um momento e, em seguida, colocou-a sobre a minha. Estava quente, e me tirou o fôlego.

— Santa Clara não escolheu mal — ele disse, suavemente. — Sempre vi a verdade em você, por mais que você tenha mentido, mesmo que tenha mentido bem na minha cara. Vislumbrei-a no seu coração, tão clara quanto a luz do sol, e foi algo extraordinário.

Ele segurou minha mão entre as dele.

— Suas mentiras não me impediram de te amar; sua verdade também não.

Olhei para baixo num reflexo; ele estava segurando minha mão esquerda. Notando o meu embaraço, ele levantou minha manga — todas as quatro mangas — com um toque hábil e delicado, expondo meu antebraço ao ar gelado, ao sol poente e às estrelas que surgiam. Correu o polegar pela faixa prateada de escamas, com o cenho franzido de preocupação ao ver a crosta, e então, com um olhar furtivo para mim, baixou a cabeça e beijou meu pulso escamoso.

Eu não conseguia respirar; estava estarecida. Geralmente não sentia muito as minhas escamas, mas senti aquele toque até a sola dos pés.

Ele baixou novamente as mangas, respeitosamente, como se cobrisse o altar de um Santo. Manteve minha mão entre as dele, aquecendo-a.

— Eu estava pensando em você, antes de vir aqui para cima. Pensando, rezando e não chegando a conclusão nenhuma. Estava inclinado a não falar de amor. Enfrentemos essa guerra, deixemos Glisselda herdar a coroa. Chegará o dia, se o Céu quiser, em que poderei lhe dizer isso sem nos lançarmos no caos. Talvez ela me libere da minha promessa, mas talvez

não. Talvez eu tenha que me casar com ela de qualquer jeito, porque ela deve se casar e eu continuo sendo sua melhor opção. Você pode viver com isso?

— Não sei — disse. — Mas você tem razão: ela precisa de você.

— Ela precisa de nós dois — disse ele — e precisa que não fiquemos tão distraídos um com o outro que não sejamos capazes de fazer a nossa parte nesta guerra.

Balancei a cabeça.

— Crise primeiro, amor depois. Esse dia virá, Kiggs. Eu acredito nisso.

A testa dele franziu-se de aflição.

— Detesto esconder isso dela; enganá-la. Pequenas mentiras não são melhores do que grandes mentiras, mas se pudermos, por favor, manter tudo num nível mínimo até...

— Tudo? — perguntei. — Filosofia porfiriana? Contos divertidos de bastardia?

Ele sorriu. Ah, eu poderia viver um longo tempo com esses sorrisos. Eu os semearia e os colheria como trigo.

— Você sabe o que eu quero dizer — disse ele.

— Quer dizer que não vai beijar meu pulso de novo — eu disse. — Mas, tudo bem, porque eu vou beijar você.

E beijei.

Se eu pudesse manter um único instante eternamente, seria esse.

Tornei-me o próprio ar; fiquei cheia de estrelas. Eu era o espaço entre as torres pontiagudas da catedral, a respiração solene das chaminés, uma oração sussurrada no vento invernal. Eu era o silêncio, e eu era a música, um claro acorde transcendente subindo em direção ao Céu. Acreditei, naquele momento, que teria subido fisicamente ao céu se não fosse a âncora da mão dele nos meus cabelos e sua boca arredondada, suave e perfeita.

Nenhum Céu a não ser este!, pensei, e eu sabia que era verdade num nível que nem Santa Clara poderia contestar.

Então tinha acabado, e ele ainda segurava minhas mãos entre as dele e dizia:

— Em algum romance ou balada porfiriana, ficaríamos juntos.

Olhei rapidamente para o rosto dele, tentando discernir se estava propondo que fizéssemos exatamente isso. A determinação escrita em seus

olhos indicava que não, mas eu pude ver exatamente onde teria que pressionar, e com que força, para romper essa determinação. Seria escandalosamente fácil, mas achei que não queria isso. O meu Kiggs não poderia se comportar de maneira tão mesquinha e ainda continuar sendo o meu Kiggs. Alguma outra parte dele iria se desintegrar junto com sua determinação, e eu não via uma maneira de torná-lo inteiro novamente. As arestas afiadas deixadas por essa atitude iriam perfurá-lo ao longo de toda sua vida.

Se fosse para seguirmos em frente a partir daí, não poderíamos agir precipitadamente, sem pensar; teríamos que agir à moda “Kiggs e Phina”. Essa era a única maneira de dar certo.

— Acho que já ouvi essa balada — eu disse. — É bonita, mas tem um final triste.

Ele fechou os olhos e encostou a testa na minha.

— Mais triste do que eu pedir para você não me beijar mais?

— Sim. Porque é apenas por hora. Chegará o dia.

— Quero crer que sim.

— Creia.

Ele deu um suspiro estremecido.

— Tenho que ir.

— Eu sei.

Deixei-o entrar primeiro; minha presença não era apropriada no ritual daquela noite. Encostei-me no parapeito, observando minha respiração se elevar cinzenta contra o céu crepuscular, como se eu fosse um dragão bafejando fumaça ao vento. A fantasia me fez sorrir, e depois uma ideia me ocorreu. Cautelosamente, evitando o gelo, subi no parapeito. Ele tinha uma balaustrada larga o suficiente para eu me sentar, mas eu não tinha a intenção de me sentar apenas. Com uma lentidão cômica, como Comonot tentando fazer algo furtivo, coloquei os pés em cima da balaustrada. Tirei os sapatos, querendo sentir a pedra debaixo dos pés. Eu queria sentir tudo.

Levantei-me e fiquei em pé, como Lars sobre a barbaca, a cidade às escuras estendendo-se sob os meus pés. Luzes piscavam nas janelas da taberna, na extremidade da ponte Wolfstoot. Um dia eu tinha ficado suspensa sobre aquele vasto espaço, pendurada e indefesa, à mercê de um dragão. Um dia tive medo de que dizer a verdade fosse como cair, que o amor seria como bater no chão, mas aqui estava eu, os pés firmemente

plantados, de pé ali sozinha.

Éramos todos monstros e bastardos, e todos nós éramos belos.

Eu tivera mais do que a minha quota de beleza por esse dia. No dia seguinte retribuiria com alguma coisa, restauraria e reabasteceria o mundo. Tocaria um instrumento no funeral da Princesa Dionne; eu me incluiria no programa desta vez, deliberadamente, já que não havia mais necessidade de me esconder dos olhos do público. Eu poderia muito bem me levantar e oferecer o que tinha a oferecer.

O vento levantou minha saia e eu ri. Estendi o braço em direção ao céu, abrindo os dedos, imaginando que minha mão era um ninho de estrelas. Num impulso, joguei meus sapatos o mais longe que pude na escuridão, gritando:

— Disperse a escuridão, disperse o silêncio!

Eles aceleraram a 32 metros por segundo elevado ao quadrado, aterrissando em algum lugar do Tribunal de Pedra, mas Zeyd estava errada sobre a inevitabilidade do arremesso em direção ao nosso destino. O futuro viria, cheio de guerra e incerteza, mas eu não o enfrentaria sozinha. Eu tinha amor e trabalho, amigos e um povo. Eu tinha um lugar para ficar.

CAST

NA CASA DOS DOMBEGH

Seraphina Dombegh — nossa encantadora heroína, também chamada de Phina

Claude Dombegh — o pai dela, um advogado com um segredo

Amaline Duchanahan — a madrasta de Phina

Linn — a mãe verdadeira de Phina, ai dela!

Orma — o misterioso mentor de Phina

Zeyd — A professora anterior de Phina, um dragão

Anne-Marie — a madrasta não tão perversa de Phina

Tessie, Jeanne, Paul e Nedward — os meio-irmãos moderadamente malvados

A FAMÍLIA REAL DE GOREDD

Rainha Lavonda — uma monarca que apoia os dragões

Príncipe Rufus — único filho da Rainha, inexplicavelmente assassinado

Princesa Dionne — a filha da Rainha, primeira na linha de sucessão ao trono

Princesa Glisselda — filha alegre da Princesa Dionne, segunda na linha de sucessão ao trono

Princesa Laurel — a outra filha da Rainha, que morreu depois de fugir para se casar

Príncipe Lucian Kiggs — filho bastardo da Princesa Laurel, noivo da

Princesa Glisselda, Capitão da Guarda da Rainha, possuidor de títulos demais.

NA CORTE

Viridius — o irascível compositor da corte

Guntard — um músico profissional

sacabuxista magricela, um — exatamente o que você imagina

Lady Miliphrene — a dama de companhia predileta da Princesa Glisselda, chamada de Millie

Lady Corongi — a governanta da Princesa Glisselda, uma velhota despótica

Dama Okra Carmine — a Embaixadora ninish, uma velhota adorável

Josef, o Conde de Apsig — um fidalgo samsamese

Regente de Samsam — o regente de Samsam

Conde Pesavolta — o soberano de Ninys

NOSSOS AMIGOS DRAGÕES

Ardmagar Comonot — o líder do mundo dos dragões

Embaixador Fulda — o dragão mais bem-educado

Subsecretária Eskar — a vice-comandante lacônica de Fulda

Basind — um pelenova estrábico

NOBRES CAVALEIROS BANIDOS

Sir Karal Halfholder — obedece à lei, mesmo que os demônios infernais não obedçam

Sir Cuthberte Pettybone — seu camarada até certo ponto com menos senso de humor

Sir James Peascod — antigamente distinguia o General Gann do General Gonn

Escudeiro Maurizio Foughfaugh — um dos últimos praticantes da dracomauquia

Escudeiro Pender — o outro.

NA CIDADE

Filhos de São Ogdo — descontentes com o Tratado

Lars — o gênio atrás do relógio

Thomas Broadwick — um comerciante de roupas

Silas Broadwick — a razão de eles serem chamados de Irmãos Broadwick - Comerciantes de Roupas

Abdo — um dançarino de uma trupe pipegíria

Uma trupe pipegíria — eis o resto deles.

NA CABEÇA DE PHINA

Morcego das Frutas — o escalador

Homem Pelicano — o grotesco apresentando “os grotescos”

Miserere — o emplumado
Salamandra — a que chafurda
Sujeito Barulhento — o ruidoso
Jannoula — curiosa demais para seu próprio bem
Senhorita Exigente — a enjoada
Pastelão — a coisa do pântano
Nag e Nagini — os gêmeos velozes
Gargoyella e Finch — mencionados de passagem
Mais cinco — a serem nomeados em futuras publicações

NAS LENDAS E NA FÉ

Rainha Belondweg — a primeira Rainha de Goredd unida, tema de
épico nacional
Pau-Henoa — companheiro dela, coelho malandro, também chamado
de Coelho Maluco e Hen-Wee
Santa Capiti — representante da vida mental, padroeira de Phina
Santa Yirtrudis — a herética fantasmagórica
Santa Clara — senhora da perspicácia, padroeira do Príncipe Lucian
Kiggs

GLOSSÁRIO

Abside — parte de uma catedral atrás do coro e do altar (e Casa Dourada, nas catedrais goreddi), às vezes com capelas radiantes

alaúde — instrumento comum na Idade Média, muitas vezes tocado com uma palheta ou um plectro

ard — palavra mootya que quer dizer “ordem, correção”; pode também indicar um batalhão de dragões

Ardmagar — título ostentado pelo líder da espécie dos dragões; traduzido livremente por “general supremo”

auroque — bovino enorme e selvagem; extinto em nosso mundo, mas existente na Europa até a Renascença

binou — tipo de gaita de foles, usado na tradicional música bretã no nosso mundo

Buraco dos Quigs — gueto dos dragões e quigutls em Lavondaville

Casa Dourada — modelo do Céu encontrado no centro das catedrais de Goredd e nas igrejas maiores

Céu — os goreddi não creem numa divindade única, mas acreditam numa vida após a morte, a morada de Todos os Santos

charamela — instrumento medieval semelhante ao oboé

claustro — jardim tranquilo cercado por uma colunata, onde os monges se dedicavam a meditações peripatéticas

Colégio de São Bert — antigamente chamado de Abadia de São Jobertus, agora é uma escola no Buraco dos Quigs onde os eruditos saarantrai dão aulas de matemática, ciências e medicina àqueles que têm coragem suficiente para assisti-las

daanita — homossexual; o nome vem de São Daan, que foi martirizado por essa condição específica, juntamente com seu amante, Santo Masha

dracomaquia — arte marcial desenvolvida especificamente para combater os dragões; de acordo com a lenda, foi inventada por São Ogdo

Goredd — lar de Seraphina (gentílico: goreddi)

houpellande — traje de tecido suntuoso com mangas volumosas,

comumente usado com cinto; o feminino é comprido até o chão; o masculino pode ser à altura do joelho

ityasaari — palavra porfiriana para “meio-dragão”

Ker — conselho de dragões gerais que prestam aconselhamento ao Ardmagar

Lavondaville — cidade natal de Seraphina e a maior metrópole de Goredd, cujo nome foi conferido em homenagem à Rainha Lavonda

mootya — linguagem dos dragões, reproduzida nos sons que a voz humana pode emitir

nave — corpo principal de uma catedral, onde a congregação se reúne para as cerimônias religiosas

Ninys — país ao sudeste de Goredd (gentílico: ninysh)

Peças Douradas — dramas que retratam as vidas dos Santos, representadas pelas guildas de Lavondaville durante a Semana Dourada

pelenova — dragão que não tem experiência em assumir forma humana e viver no meio dos humanos

pigegíria — palavra porfiriana que significa “ginga dos quadris”; uma variação acrobática da dança do ventre

píria — substância viscosa e inflamável usada na dracomauia para incendiar os dragões; também chamada de fogo de São Ogdo

Porfíria — pequeno país, quase uma cidade-estado, a noroeste das Terras do Sul; originalmente uma colônia de pessoas de pele escura ainda mais além ao norte

Quigutl — subespécie de dragão, que não consegue se transformar em humanos. Os quigutls não podem voar; têm um par a mais de braços e um bafo horrível. Palavra muitas vezes abreviada para “qui.”

saar — palavra porfiriana para designar “dragão”; muitas vezes usada pelos goreddi como forma abreviada de “Saarantras”

saarantras — palavra porfiriana para “dragão em forma humana” (plural: saarantrai)

sacabuxa — ancestral medieval do trombone

saltério — livro de orações religiosas, comumente ilustrado; nos saltérios de Goredd, há um poema para cada um dos Santos principais

Samsam — país ao sul de Goredd (gentílico: samsamese)

Santa Capiti — padroeira dos eruditos; carrega a cabeça numa bandeja

Santa Clara — padroeira dos perceptivos

Santa Ida, de — conservatório de música em Lavondaville; Santa Ida é a padroeira dos músicos e artistas

Santa Yirtrudis — a herética; é uma questão aberta a discussão como pode haver uma santa herética

São Masha e São Daan — os amantes; frequentemente invocados em momentos de raiva, talvez porque seja mais seguro — é difícil imaginar modelos de amor romântico atacando quem quer que seja

São Ogdo — fundador da dracomaquia; padroeiro dos cavaleiros e de toda Goredd

São Vitt — defensor da fé; este pode atacar as pessoas, especialmente os descrentes

São Willibald, de — mercado coberto em Lavondaville;

São Willibald é o padroeiro dos lugares mercantis e da notícia

Semana Dourada — agrupamento de dias de Santos no solstício de inverno, rematados pelo Speculus e pela Véspera do Tratado. É costume tradicional assistir às Peças Douradas, fazer peregrinações em volta da Casa Dourada, pendurar lanternas de Speculus, organizar festas, dar presentes aos amigos, fazer caridade, fazer pronunciamentos grandiosos para o ano vindouro

Speculus — feriado goreddi no solstício de inverno, cuja intenção é ser uma longa noite de reflexão

Tanamoot — o país dos dragões

Terras do Sul — três nações agrupadas no extremo sul do mundo: Goredd, Ninys e Samsam

Todos os Santos — todos os Santos do Céu, invocados como uma unidade. Não uma divindade, propriamente; mais como um coletivo

transepto — naves secundárias de uma catedral

construídas de maneira perpendicular à nave principal

Tratado de Comonot — acordo que estabeleceu a paz entre Goredd e a espécie dos dragões

Véspera do Tratado — celebração que comemora a assinatura do Tratado de Comonot, simultânea à Véspera de ano-novo

Ziziba — terra muitíssimo distante, lá pelos lados do norte; lar de origem de diversos animais como crocodilos ou camelopardos (gentílico: zibou)

CAPÍTULO BÔNUS

A AUDIÇÃO

É perfeitamente normal — humano, até — querer apoio moral durante uma audição difícil. Eu não poderia ter levado meu pai. Se ele pressentisse que eu queria me tornar assistente do compositor da corte, teria tentado me fazer mudar de ideia, e as audições já me pareciam suficientemente difíceis sem que eu tivesse de escalar a janela do meu quarto primeiro, antes de sair.

Minhas meias-irmãs teriam contado ao meu pai, e eu não tinha amigos a quem pedir que me acompanhassem. Então, se eu queria um rosto simpático no meio da multidão, minha única alternativa era meu professor de música, o dragão Orma.

Ele é melhor do que nada, eu disse a mim mesma, mas isso era discutível.

Orma tinha passado anos na forma humana, mas por dentro ainda era um dragão: um ser sem emoções e hiperracional que, por mais que tentasse, não conseguia dominar completamente as regras de boas maneiras ou entender por que deixar escapar críticas durante minha apresentação de flauta não me ajudava em nada. No final do último dia de audições, eu já tinha me arrependido de tê-lo convidado.

Enquanto subíamos a Colina do Castelo naquela tarde amena de outono, decidi enviá-lo de volta. Era impossível ferir os sentimentos de um dragão, mas ainda assim eu me sentia culpada. Ele se vestira com esmero para visitar o palácio, um gibão escuro e calças justas, e tinha até mesmo alisado a juba, embora ela estivesse lentamente voltando a armar enquanto secava. Orma passeou debaixo das tílias douradas, alheio à minha ansiedade, provavelmente resolvendo equações de cabeça.

Quando chegamos à sombra austera do portão da barbacã, eu o detive e disse:

— Obrigada por me acompanhar a estas audições tão difíceis, Orma. Hoje tenho apenas que dar uma aula de música à Princesa Glisselda. Isso não vai interessar a você. Caso ande negligenciando seu trabalho no conservatório por minha causa, peço que se despeça aqui.

— Você é um dos três finalistas — disse ele, ajeitando os óculos no nariz adunco. — Você era a mais inexperiente e a única fêmea num grupo de 27. Inicialmente achei que suas chances eram de uma em 1500. O mestre de alaúde e o trovador ainda estão no páreo, no entanto...

— Vá direto ao ponto — eu disse, olhando por cima do ombro para os guardas de capacete na portaria. Eles nos observavam com um interesse distante. Orma estava dispensado de usar o sino que a maioria dos dragões era obrigada a usar, por isso ele mais parecia um intelectual alto e desengonçado. Ainda assim, eu sempre me preocupava com a possibilidade de homens armados com espadas o atacarem para se defender se descobrissem a verdade.

— Você tem doze por cento de chance de se tornar assistente do mestre Viridius — Orma disse em voz alta.

Meus ombros caíram.

— Doze por cento? Tudo isso? Obrigada.

— Não tem de quê.

Sua incompreensão do meu tom irônico me irritou.

— E você ainda quer vir?

— É claro. — Ele coçou a barba. — Estas são as suas melhores probabilidades até hoje.

Continuamos a caminhar. O sorriso que dei aos guardas da barbacã era inteiramente falso, mas eu estava usando meu melhor vestido, de lã de carneiro azul-escuro, e Orma conseguiu ficar quieto. Parecíamos bastante respeitáveis.

Os guardas não nos questionaram, ainda que seus olhos seguissem Orma. Eles provavelmente pensaram que ele estava me incomodando; não estavam errados.

Fui a última finalista a chegar ao escritório do Mestre Viridius. O compositor envelhecido não estava sentado à sua mesa, mas deitado num sofá por causa da gota, com as pernas apoiadas para mantê-las confortáveis. Suas mãos em garra estavam envoltas em ataduras; os joelhos e pés, toscamente inchados.

A visão dele me encheu de horror no primeiro dia de audições e de piedade no segundo, mas não havia diminuído minha determinação de ser sua assistente. Há muito tempo eu admirava a obra do velho compositor. Sua *Fantasia*s foi a primeira peça de piano que Orma me ensinou, e instantaneamente adorei sua força e vivacidade.

Mestre Viridius franziu a testa quando entrei.

— Donzela Dombegh! Dignou-se a se juntar a nós? — perguntou, do seu jeito arrastado. — A senhorita será a terceira, por ser retardatária.

Fiz uma reverência, envergonhada.

Ele acenou com a mão, irritado.

— Espere sua vez na antecâmara. Estou com uma dor de cabeça terrível e não suporto chilikues de nervosismo.

O mestre do alaúde, o primeiro a ser avaliado, seguiu um pajem para onde quer que a Princesa Glisselda o aguardasse para sua aula. O resto de nós esperou na antecâmara estreita. Ali havia um banco ao longo de cada parede; Orma e eu nos sentamos em frente ao trovador. Orma colocou os pés em cima do banco do trovador, bloqueando rudemente a passagem até eu bater nos joelhos dele. Eu me mantinha ocupada compondo motetos mentalmente e observando o trovador. Ele usava meias de seda pelas quais provavelmente não podia pagar, segurava seu chapéu de uma pluma no colo e parecia ansioso.

Ao meu lado, Orma tomava notas num livreto. Dei uma olhada. Ele tinha escrito: *Livros para procurar na biblioteca particular da Rainha*.

— Você não pode ir à biblioteca particular da Rainha — sussurrei severamente para ele.

— Então esta lista é para você — disse ele, sem se preocupar em sussurrar. — Você vai ter acesso, certamente, quando conseguir o trabalho. Vou listar os livros na ordem em que eu gostaria de lê-los.

— *Quando* eu conseguir o trabalho? Doze por cento, Orma!

Ele deu de ombros.

— Doze por cento, se você não fizer nada imprevisível. Há sessenta e oito por cento de chance de que você vá me surpreender. Posso lhe mostrar meus cálculos.

Ele virou uma página e começou a calcular. Fechei os olhos, exasperada.

Uma hora e seis páginas de álgebra depois, o mestre do alaúde voltou,

furioso, agitando os braços, sujo de carvão da cabeça aos pés. Esbarrou no joelho do trovador ao passar, deixando ali uma mancha escura, e marchou para o gabinete do Mestre Viridius, batendo a porta ao fechá-la. Mesmo assim, ouvimos claramente:

— Não vou ser humilhado desse jeito! Retiro meu nome da sua consideração, senhor!

Ele abriu a porta com violência e saiu, lançando uma nuvem de pó de carvão atrás de si. O trovador, espanando sua seda manchada com um lenço, encontrou meu olhar e sorriu fracamente. Éramos só nós dois agora.

O pajem voltou com as próximas convocações. O trovador endireitou o gibão, fez o sinal de Santa Ida e deixou a antecâmara. A porta do gabinete do Mestre Viridius se abriu; eu me virei para ver o homem idoso ali de pé, apoiado em duas bengalas, olhando o trovador se afastar. Ele me viu olhando para ele e franziu as sobrancelhas espessas.

— O mestre do alaúde é um idiota — disse o velho compositor, carrancudo. — Não chegou nem a dar aula à pirralha, porque se perdeu e caiu na rampa de carvão. Tenho certeza de que você não precisa se preocupar.

Eu não estava preocupada até que ele disse isso, é claro. Ele retraiu a cabeça para trás, na direção do seu gabinete, como uma tartaruga excêntrica e cheia de manchas marrons, e fechou a porta.

Virei-me para meu apoio moral, de repente precisando de algum, mas Orma tinha ido embora.

Qualquer pessoa pode receber um chamado da natureza, até mesmo um dragão; eu não exigia uma explicação detalhada de onde ele ia cada vez que saía da sala. De qualquer *outra* pessoa, no entanto, podia-se esperar que voltasse logo. Os minutos se arrastaram, e eu ficava cada vez mais convencida de que ele tinha ido a um lugar que não deveria ir.

O pajem entrou novamente no cômodo. Achei que ele iria me convocar para a aula da Princesa, mas ele disse despidoradamente:

— A senhorita está aqui com aquele patife barbudo?

Aquele do nariz?

— Sim — eu disse, já de pé.

— Ele se encontra numa situação um pouco embaraçosa; disse que a senhorita poderia ajudá-lo.

— Onde ele está? — perguntei.

O rapaz me deu as instruções — subindo as escadas, à direita — mas não mostrou nenhuma intenção de me acompanhar. Corri pelo corredor tão rápido quanto me atrevi; o Conselho da Rainha tinha acabado de ser dispensado e vários superiores meus estavam no corredor. Quando cheguei à grande escadaria de mármore, levantei as saias e subi os degraus de dois em dois, ganhando olhares de desaprovação das damas de companhia que vinham no sentido contrário. Meu rosto ficou quente pelo esforço e o constrangimento, mas não diminuí o ritmo. No topo, entrei à direita no corredor e corri diretamente para uma menina em pé sobre uma cadeira.

Ela gritou, mas não caiu nem deixou cair o balde que segurava, cujo conteúdo espirrou de forma alarmante.

— São Daan na caçarola! Você é cega? — ela gritou.

Levei um segundo para recuperar o fôlego.

— Desculpe — disse eu.

— Você evidentemente é uma imbecil — disse ela, zombando de mim, do alto do seu poleiro. — Suponho que não possa evitar.

Ela era pequena, mas não muito mais jovem do que eu. Imaginei que tivesse uns 15 anos. Cachos dourados emolduravam o rosto dela como um sol nascente acima do vestido de seda azul-celeste. Ela tinha plantado a cadeira diante de um conjunto de portas duplas. Bateu o pé no assento de madeira, agitando o líquido espesso em seu balde. Fosse o que fosse, o cheiro era desagradável.

— Pegue isso. — Ela empurrou o balde fedido para mim. — Você também pode muito bem ajudar. Você é alta; eu não consigo alcançar, mesmo em cima da cadeira.

— Sinto muito, não posso ficar — eu disse, recuando ao sentir o fedor. — Meu professor de música...

— Aquele erudito varapau? — perguntou. — Ele está bem. Tropeçou em mim, também, mas recuperamos o equilíbrio e mandei que seguisse seu caminho.

Olhei além dela, para o corredor.

— Onde ele está?

Ela fez uma careta e empurrou o balde na minha cara.

— Ele está *bem*. Sua ajuda, imbecil.

Minhas mãos aceitaram o balde sob os protestos do meu nariz, que tinha captado um cheiro insuportável de peixe. Olhei a lama marrom.

Escamas prateadas cintilaram alegremente na escuridão; os botões escuros escondidos nas profundezas eram certamente os olhos. Engoli minha repulsa.

— O que eu faço com isso?

— O que eu faço com isso, *Sua Alteza* — ela corrigiu, dobrando as mãos na frente do estômago. Pássaros bordados com pérolas brincavam entre nuvens douradas no seu corpete.

Fiz minha mais profunda reverência, executada desajeitadamente por causa do balde em minhas mãos. “Sua Alteza” somada à idade dela só poderia significar que se tratava da neta da Rainha, a Princesa Glisselda, embora eu não visse como isso era possível. Pelo que eu sabia, ela deveria estar numa aula de música com o trovador neste mesmo instante.

— Levante-se — mandou ela. — Não sei o seu nome.

— Seraphina Dombegh, Alteza. — Endireitei-me, segurando o fermento de peixe longe do meu corpo. O cheiro persistia, nem um pouco amenizado pela distância.

A Princesa pulou da cadeira, leve como um passarinho. Ela mal chegava ao meu ombro.

— Bem, Donzela Dombegh — disse ela, — estamos armando uma armadilha para meu último candidato a tutor de música.

Meu queixo caiu. Este balde de gosma era para mim!

Claramente, a Princesa não sabia quem eu era. Minha voz tremeu um pouco quando eu disse:

— Há algum problema em particular com esse tutor para que Vossa Alteza sinta a necessidade de...?

— Oh, não — disse ela, despreocupadamente. — Não conheço nenhum dos finalistas de Viridius. Desprezo a todos igualmente, por princípio. Enviei o primeiro — aquele mestre de alaúde magricela — para uma perseguição a gansos selvagens pelas adegas, que terminou num passeio especial pela calha de carvão.

Santos do Céu!

Eu temia perguntar, mas tinha que saber:

— O que fez ao trovador?

Os olhos dela se iluminaram; ela ficou na ponta dos pés.

— Vou lhe mostrar!

Ela abriu as portas duplas e levou-me através de um pequeno estúdio,

ou talvez uma sala de aula, mobiliada com duas mesas e uma estante. Um mapa aberto sobre uma escrivaninha tinha sido muito rabiscado; canetas, livros e marcadores de madeira estavam espalhados sobre ele. Ela foi até as janelas, que davam para um jardim fechado, com um labirinto numa das extremidades. A Princesa desabou no banco no vão da janela e abriu o caixilho. Deu um tapinha na almofada bordada ao seu lado. Eu me equilibrei em sua borda, o balde nos joelhos.

— Observe: a pluma do seu chapéu idiota — disse ela, apontando. Uma pulseira de pérolas de rio pendia de seu pulso delgado.

Na verdade, eu poderia dizer onde meu companheiroem-armas-musicais estava no labirinto. Sua pena sacudia-se indecisa à luz do sol de outono, como se ele estivesse tentando se decidir entre duas direções.

Ele escolheu o caminho da esquerda.

— Não está muito longe agora! — exclamou a Princesa Glisselda, batendo na janela com o punho.

— Princesa — eu disse, a boca quase seca demais para falar —, ele canta como um anjo. Deveria ter ouvido suas audições. Seria um assistente soberbo para o Mestre Viridius, e um tutor excelente para Vossa Alteza, se apenas...

— Eu lhe desse uma chance? — disse ela, olhando-me de soslaio. — Estou dando. O mestre de música e eu estamos em guerra; estou lhe dando esse aviso justo da nossa vingança, uma chance para que saiba em que atoleiro está entrando antes de topar com ele. Na verdade, eu tinha um atoleiro de verdade preparado só para ele. Achei que uma abordagem literal tornaria as coisas mais claras. Lá vai ele.

A pena desapareceu abruptamente. Gritos se elevaram vindos do centro do labirinto. Olhei para ela, horrorizada.

— Ele não merecia isso — eu disse.

— Todas as guerras têm baixas — disse ela, com os olhos fixos na cena abaixo.

Olhei para o lodo marrom a mim destinado.

— O que pretende fazer com essa, hum, substância? — perguntei, inclinando-o e observando que o conteúdo se agarrava à lateral do balde.

— Não é gloriosamente nojento? — ela exclamou, afastando-se da janela e batendo palmas. — São cabeças de peixe fermentadas. Simbolizam o quanto acho intragável a ideia de aulas de música. Vamos derramar sobre

esse último vilão e nos livrar de duas coisas nocivas ao mesmo tempo.

— Temos que nos apressar, no entanto — ela disse, preocupada — ou não vai estar pronto quando ele chegar.

Ele. Olhei para o fermento hipnotizante e tive uma ideia. Talvez eu ainda pudesse salvar a pátria, dando à Princesa uma aula em segredo e revelando minha identidade só quando a coisa estivesse feita.

Levantei-me e sorri para ela.

— Se quer posicionar o balde de modo que caia na cabeça dele quando abrir as portas, Vossa Alteza está fazendo isso do lado errado.

Ela foi buscar a cadeira no corredor; subi nela e mostrei como era possível equilibrar o balde em cima das portas duplas, ligeiramente entreabertas. A Princesa riu e deu um pulinho, encantada comigo, e eu mesma não pude evitar a sensação de uma satisfação sóbria. Eu me sentia mais segura com o balde onde ela não podia alcançá-lo.

— É claro, qualquer um pode ver a armadilha através da fresta — eu disse, descendo e estudando o arranjo de outro ângulo. — Sua Alteza precisa desviar a atenção da sua vítima para outra coisa. Que tal se sentar em sua linha de visão, tocando seu instrumento?

Ela fez uma careta.

— Não acho uma boa ideia.

— O instrumento não está aí com Vossa Alteza? — Será que eu tinha nos colocado numa armadilha sem que houvesse um instrumento?

Ela não se dignou a responder, mas virou-se para uma tapeçaria pendurada e puxou-a para o lado, revelando uma porta. Saiu da sala de aula; eu hesitei, e depois a segui para um salão muito maior, com janelas altas e cadeiras agrupadas em semicírculos para facilitar a conversação.

Na frente das janelas havia um cravo, coberto para evitar a poeira.

— Esse é seu instrumento? — perguntei.

Ela bufou, um som inesperado partindo de uma menina tão bem-nascida.

— É de Viridius. Ele não me deixa tocá-lo. Não me perdoou por enchê-lo de rãs. — Quando pisquei para ela sem compreender, ela disse: — Tem sido uma *guerra*, Seraphina.

Ela se virou e se voltou para as janelas. Eu a segui com os olhos.

Eu estava começando a temer a possibilidade de conseguir esse emprego, mas envergonhava-me pensar que poderia ser derrotada pelo

medo nessa prova final, que não tinha nada a ver com minhas habilidades musicais. Respirei fundo e abri o cravo.

A Princesa Glisselda virou-se ao ouvir o barulho e levantou uma sobancelha para mim. Sentei-me ao teclado e deixei meus dedos dizerem olá, vibrando ao sentir a textura das notas.

— Que instrumento Viridius quer que Vossa Alteza toque? — perguntei. — O *dulcimer*?

— Como sabe? — ela perguntou.

— Esse costuma ser o primeiro instrumento para jovens elegantes — disse eu, entregando-me a alguns arpejos.

— Mas há uma razão para que ele também seja chamado de “dullcimer”.

— Foi isso que eu disse! Fiz exatamente essa piada! — ela exclamou. — E o velho tirano rosnou para mim, dizendo que era o instrumento mais fácil de aprender e que eu tinha tanto talento para música quanto uma beterraba cozida.

Ui! Era evidente que os dois lados tinham disparado saraivadas nessa guerra.

Glisselda atravessou a sala, com os braços cruzados e uma carranca deformando o rosto delicado.

— Sei o que você está pretendendo fazer, e não vai dar certo — disse ela.

Tirei os olhos das teclas e olhei para ela.

— Sinto muito, não...

— Você é como todos os outros — ela choramingou. — Minha avó e minha mãe, e todo mundo. A música supostamente vai me ensinar disciplina, eles dizem! A apatia do *dulcimer* me fará ser suave, discreta e controlada!

Coloquei as mãos sobre os joelhos, de frente para ela.

— Você não se interessa nem um pouco pela música.

— De jeito nenhum — disse ela, ferozmente.

Tentei sorrir, mas meu coração estava afundando.

— Então pelo que se interessa?

Eu tinha a resposta reduzida a três possibilidades antes mesmo de ela abrir a boca rosada. Ela iria dizer vestidos ou bailes ou rapazes. Já estava pensando nas maneiras de relacionar qualquer uma dessas três

possibilidades com a música — os vestidos eram a mais difícil — e por isso não ouvi direito a resposta.

— Perdão, o que disse? — perguntei, estupidamente.

Ela olhou para mim com um olhar venenoso, mas repetiu a resposta:

— Pela arte de governar.

Olhamos uma para a outra por um longo momento, a boca da Princesa contraída numa linha rígida, os dedos agarrados numa conta do corpete. Senti que ela tinha me entregado uma pérola de verdade e que estava esperando para ver o que eu faria com ela.

Arte de governar. *Arte de governar.*

— Sabe — comentei, falando lentamente para que meus pensamentos tivessem uma vantagem sobre o ritmo da fala —, a música não é tão irrelevante para a arte de governar como se poderia supor.

Ela revirou os olhos teatralmente.

Eu insisti.

— Não, não é mesmo. A música ensina harmonia, ensina como resolver a tensão e encontrar o equilíbrio, e isso são apenas as notas. O tipo de negociação que se deve fazer com o próprio instrumento, bem... Um diplomata não consegue ouvir com tanta argúcia e responder com tanta sensibilidade quanto um músico.

Desviei os olhos dela e toquei alguns acordes a esmo.

— Se você for muito tímida com seu instrumento, ele leva vantagem. As notas soarão inadequadas mesmo se tocálas direito. Se for muito dura — esse parecia um problema mais provável para a nossa Princesa; golpeei algumas teclas para mostrar — ele demonstra uma vingança sutil em seu timbre. Às vezes, não tão sutil, dependendo do instrumento.

Olhei para a Princesa de soslaio; ela fitava a tampa do cravo, o olhar desfocado.

— O que todo instrumento gostaria é que falassem com ele com respeito — ela disse calmamente.

Assenti com a cabeça.

— E com autoridade. É um equilíbrio. Felizmente para o iniciante, o cravo é um parceiro afável e generoso na hora de perdoar. Você pode tocar a tecla errada, mas ela não estará fora do tom, e o timbre é razoavelmente constante, não importa com quanta força se pressione a tecla.

A Princesa sentou-se ao meu lado no banco, assistindo às minhas mãos

trabalharem, as sobrancelhas franzidas, refletindo.

— *Afabilidade e generosidade* são qualidades que faltam em Viridius — disse ela, por fim. — E... muito possivelmente em mim mesma.

Os acordes foram se transpondo na direção de uma peça que eu sabia, embora não tivesse certeza disso ainda. A Princesa Glisselda continuava observando minhas mãos enquanto a música revelava-se a *Suíte Infanta*, de Viridius, que ele havia escrito em homenagem a ela, quando ela era apenas uma criança. Sempre achei aquela peça estranha, toda aquela alegria ruidosa na superfície e por baixo uma aspereza escondida, como uma faca enrolada em fitas, mas enquanto eu a tocava agora começava a entender. A Princesa Glisselda reconheceu-a, é claro, e sentou-se um pouco mais ereta.

Por fim, ela me interrompeu:

— Mostre-me o que você está fazendo.

— É claro — eu disse, e comecei a lhe mostrar a melodia básica com a mão direita. Ela não pegou imediatamente, mas pareceu se esforçar, a testa franzida e a pontinha da língua para fora em concentração.

Nem sei quanto tempo ficamos ali, repassando as mesmas notas, mas quando ela aprendeu a música, olhou para mim, triunfante. E então, incongruentemente, disse:

— Aí vem ele.

Ouviu-se um estrondo e um grito no cômodo ao lado. A Princesa ficou de pé num salto e correu através da tapeçaria para a salinha de aula; eu a segui de perto. Eu ficara tão absorta na aula que tinha me esquecido totalmente de Orma.

É claro que não era Orma. Era o Mestre Viridius, com o rosto vermelho e gritando. O peixe fermentado tinha caído sobre sua cabeça calva, ensopando a barriga protuberante e as bandagens das mãos. Desnortado com o ataque vindo de cima, ele caiu com força no chão. A Princesa Glisselda estava estendendo sua mão delgada para ele, tentando ajudá-lo, os lábios apertados bem juntos numa vã tentativa de disfarçar o riso. Ele a atacava com suas bengalas sempre que ela chegava perto dele. Corri por trás dele e ajudei-o a se sentar.

— E então? — ele gaguejou, afastando-me. — Como ela foi?

Eu gaguejei:

— Ela, ela foi...

— Superior a você, sua morsa velha — interrompeu a Princesa

Glisselda, como se a pergunta tivesse sido dirigida a ela.

Do jeito como estavam olhando um para o outro, de repente percebi que a pergunta de fato tinha sido para ela.

— Seus exigentes padrões foram atendidos, espero — ele zombou, aceitando meu lenço silenciosamente oferecido e enxugando o gibão com ele.

— Ela me deixou tocar seu cravo — disse ela docemente, piscando os olhos para ele.

Ele fez uma pausa em sua tarefa de se enxugar e franziu o cenho para mim. A princesinha contornou a poça de lama de peixe no chão, seguindo em direção à porta.

— Você sabia! — eu disse antes que ela desaparecesse completamente. — Você sabia o tempo todo que eu era a candidata.

Ela parou na porta e sorriu.

— Ora, é claro que eu sabia. A diplomacia é apenas uma parte da arte de governar, Seraphina. Há também a espionagem. Além disso — ela disse, fazendo um arabesco no molho de peixe com a ponta da sapatilha — eu por acaso disse o contrário explicitamente? — Ela piscou para mim com um sorriso travesso e saiu pelo corredor, dando um pulinho de prazer.

Ajudei Mestre Viridius a se sentar numa cadeira, minha mente dando voltas. Ele me olhou nos olhos, parecendo inesperadamente envergonhado.

— Ela me contou esta manhã — disse. — Você seria a única a quem daria uma chance, e mesmo assim não fez promessas. Eu não tinha ideia das idiotices que reservou aos outros, ou que joguinhos ela faria com você, e sinto muito. Infelizmente — ele suspirou profundamente — ela é parte do trabalho. Não posso mais lhe dar aulas; isso acelera o meu pulso e me dá palpitações.

— Ela é espirituosa — eu disse, medindo as palavras no caso de ela ter voltado na ponta dos pés e estar nos ouvindo atrás da porta. Eu não teria nada para convencê-la nesse momento.

Mestre Viridius estava tentando se levantar; eu o ajudei a ficar de pé. Ele se apoiou em suas bengalas e disse:

— Parabéns, Donzela Dombegh. Procure-me dentro de três dias. Providenciarei seus aposentos esta noite; mude-se quando quiser. Vamos nos certificar de que a porta tenha uma chave. — Ele sorriu tristemente. — Aquela pirralha uma vez encheu meu cravo com sapos. Nunca se sabe do

que ela é capaz.

Capaz era uma descrição apropriada para essa Princesa. Eu não iria me esquecer.

Tentei ajudá-lo a descer as escadas, mas ele me dispensou com um aceno. Enquanto eu o observava se afastar mancando, ouvi passos atrás de mim e me virei para ver um pajem — o mesmo patife insolente que tinha me feito subir as escadas — trazendo Orma em minha direção.

— Aqui está, senhor — disse o rapaz, estendendo um braço como se o apresentasse formalmente para mim. — Sua aluna, intacta e sem ferimentos.

— Eu não estava preocupado — disse Orma.

O menino riu.

— Então é mais tolo do que eu pensava! — disse ele, virando nos calcanhares e se afastando rapidamente.

Encontrei o olhar de Orma.

— A Princesa Glisselda enviou o pajem para chamá-lo e fazê-lo se afastar, não foi? E então ela me atraiu até aqui atrás de você.

Ele ergueu as sobrancelhas.

— Não sei do que você está falando. Recebi um convite pessoal para ir à biblioteca particular da Rainha. Foi uma coincidência fortuita.

Fortuita? A Princesa devia ter ouvido a nossa conversa na antecâmara.

As narinas de Orma se dilataram; ele tinha um olfato apurado.

— Será que sua audição envolveu molho de peixe fermentado? Essa é uma iguaria bem cara em...

— Sim — eu disse, rindo dele. — A Princesa aprendeu tanto comigo que precisou de um lanche leve.

— Você conseguiu o emprego, então?

Encontrei seu olhar. Ele não estava feliz — os dragões não funcionam desse jeito —, mas havia algo ali, algo que eu não estava imaginando. Alguma satisfação, talvez, ao pensar que ele tinha me ensinado muito bem.

— Consegui o emprego — eu disse, minha voz fraquejando um pouco. Se ele ficou surpreso com a emoção, não deu nenhum sinal.

— Estou perplexo que meus cálculos tenham sido tão pouco precisos. Estou sentindo falta de algo óbvio. Se eu puder prever que você vai me surpreender com tamanha constância, então certamente...

Senti um impulso inexplicável de afeto pelo velho dragão, então joguei

os braços em torno dele, mesmo sabendo que ele odiava ser tocado. Orma não conseguia se acostumar com a pele sem escamas. Ele se empertigou e ficou ali muito quieto, esperando que eu o libertasse.

— Falando em surpresas — eu disse, batendo no peito dele onde senti um estranho achatamento sob o gibão —, você está inesperadamente retangular aqui.

Um ser humano podia ter ficado tímido nesse momento, mas Orma simplesmente encolheu os ombros.

— Não tive chance de terminar o livro que comecei. Mas isso não é problema, você conseguiu o emprego. Pode trazê-lo de volta por mim, quando eu tiver terminado.

Eu ri, pouco disposta a contrariá-lo, e juntos deixamos o castelo. Folhas douradas se espalhavam ao nosso redor colina abaixo, em direção à cidade, e nossas sombras se alongavam diante de nós na superfície do mundo.

{} Tipo de sobreveste usada por homens e mulheres em fins do século XIV e até o século XV. (N. da T.)